

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLin)

GILSILEIDE CRISTINA BARROS LIMA

**EUFEMISMOS E DISFEMISMOS EM *O VELHO DA HORTA* (1512), DE GIL
VICENTE: UMA ANÁLISE À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2024

GILSILEIDE CRISTINA BARROS LIMA

EUFEMISMOS E DISFEMISMOS EM *O VELHO DA HORTA* (1512), DE GIL VICENTE: UMA ANÁLISE À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito à obtenção do título de Doutora.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientador: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva

Coorientadora: Profª. Dra. Vera Pacheco

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2024

L698e LIMA, Gilsileide Cristina Barros.
Eufemismos e disfemismos em *O Velho da Horta* (1512), de Gil Vicente: uma análise à luz da sociolinguística histórica. / Gilsileide Cristina Barros Lima; orientador: Jorge Augusto Alves da Silva; coorientadora: Vera Pacheco. – Vitória da Conquista, 2024.
189f.

Tese (doutorado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2024.

Inclui referência F. 183 – 189.

1. Eufemismos. 2. Disfemismos. 3. Sociolinguística Histórica. 4. *O velho da horta* (1512). I. Silva, Jorge Augusto Alves da (orientador). II. Pacheco, Vera. III. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III.

CDD: 410

Catálogo na fonte: *Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890*
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Euphemisms and dysphemisms in *The old man of the orchard* (1512), by Gil Vicente: an analysis out in the light of Historical Sociolinguistics.

Palavras-chave em inglês: Euphemisms; Dysphemisms; Historical Sociolinguistics; *The old man of the orchard* (1512).

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutora em Linguística

Banca examinadora: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB) – Presidente-Orientador; Profa. Dra. Vera Pacheco (UESB) – Coorientadora; Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB) – Membro titular; Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (UESB) – Membro titular; Profa. Dra. Janaína de Jesus Santos (UNEB) - Membro titular ; Profa. Dra. Natália Cristine Prado (UNIR) – Membro titular

Data da defesa: 23 de fevereiro de 2024.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5908-4355>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2590855236637597>

GILSILEIDE CRISTINA BARROS LIMA

EUFEMISMOS E DISFEMISMOS EM *O VELHO DA HORTA* (1512), DE GIL VICENTE: UMA ANÁLISE À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Data da aprovação: 23 de fevereiro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva
Instituição: UESB – Presidente-Orientador

Ass.: _____

Profa. Dra. Vera Pacheco
Instituição: UESB – Coorientadora

Ass.: _____

Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.: _____

Profa. Dra. Valéria Viana Sousa
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.: _____

Profa. Dra. Janaina de Jesus Santos
Instituição: UNEB – Membro Titular

Ass.: _____

Profa. Dra. Natália Cristine Prado
Instituição: UNIR – Membro Titular

Ass.: _____

Ao meu pai, Gildete (*in memoriam*), e à minha mãe, Delzuina, por serem a base da minha existência.

Aos meus irmãos e sobrinho, grandes companheiros, alegrias da minha vida.

A Catarina e Jorge, as velas do meu barco.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva, nosso *Magíster*, seus sábios ensinamentos vão além do acadêmico, suas orientações e dicas foram cruciais neste curso. Tenha a certeza de que aprendi a lição: *Nulla dies sine linea*. Muito obrigada, Jorge!

À minha orientadora, Profa. Dra. Vera Pacheco, nossa Mestre, pelo exemplo profissional, pela generosidade e dedicação, por tudo o que vem me ensinando sabiamente ao longo desses anos. A sua paciência e confiança depositadas em mim foram decisivas para este doutorado. Muito obrigada, Vera!

À professora Dra. Janaína de Jesus Santos, pela dedicação e presteza em aceitar participar da banca de defesa.

À professora Dra. Natália Cristine Prado, pela disposição em participar das bancas de qualificação e de defesa e por ter contribuído de maneira tão rica para este estudo.

À professora Dra. Valéria Viana Sousa, pela disposição em participar das bancas de qualificação e de defesa e por ter contribuído de maneira tão rica para este estudo.

À professora Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio, pela dedicação e presteza em aceitar participar da banca de defesa.

Aos colegas da Biblioteca Central de Vitória da Conquista, em especial, Cher, Simone, Marli, Rafael, Juliana, Gerle e Piu, sempre tão cordiais, pela ajuda no empréstimo dos livros.

Ao colega Jacinto Braz David Filho, pela leitura dedicada do meu texto.

Aos colegas do Doutorado em Linguística, turma 2019, em especial, Cida e Lécio, pelo companheirismo e colaboração em disponibilizar materiais para leitura.

Aos colegas do grupo lapefi, por terem feito dos nossos encontros um momento acolhedor.

Às amigas Alcione e Virgínia, pela linda amizade e parceria de todas as horas. Vocês contribuíram para o meu trabalho muito mais do que imaginam.

A Deus, sempre tão generoso comigo, por ter me abençoado e colocado todas essas pessoas no meu caminho!

[...] Gil Vicente foi o seu gênio, mais a terra e o tempo em que viveu. Desta conjugação se alimentou uma obra – a obra possível. A terra não mudou muito e não temos nenhum outro Gil Vicente aqui à mão, nem demos pelo sismo que forçosamente anunciaria às populações remansosas o nascimento dele... Paciência... [...]. Foram os autos feitos a el-rei, porque assim tinha de ser – e ainda bem que el-rei os queria. Hoje, são nossos. Mas estarão eles em boas mãos, em mãos que os mereçam? Ou faremos como o avaro, que enterra a panela das libras e morre da sua fome e da inveja do jantar alheio? (Saramago, 1971, p. 169).

RESUMO

Este trabalho resulta de uma pesquisa realizada à luz da Sociolinguística Histórica (Faraco, 2005; Paixão de Sousa, 2006; Conde Silvestre, 2007; Mattos e Silva, 2008; Romaine, 2009; Meillet, 2016), na qual estudamos eufemismos e disfemismos com base em dois *corpora*, a peça teatral *O velho da horta*, de Gil Vicente, texto representativo do século XVI, e dicionários monolíngues da língua portuguesa, do século XVIII ao XXI. A análise pautou-se na perspectiva da mudança linguística por meio dos processos eufemísticos e disfemísticos. Discutimos o conceito de eufemismo e disfemismo e também a relação entre eufemismo e sinônimo, eufemismo e tabu, eufemismo e o politicamente correto e a visão de outros estudiosos ao longo do tempo. Nos dicionários, verificamos etimologia, entradas, sentido prototípico, estrutura, classificação gramatical, significados e marcas de uso que caracterizam as palavras consultadas. Na peça, analisamos variáveis linguísticas e extralinguísticas e verificamos que os disfemismos ocorrem com maior frequência do que os eufemismos. Quanto à variável *eufemismos*, encontramos os seguintes resultados: as personagens homens, faixa III são as que mais empregam eufemismos; da mesma forma, as personagens homens, faixa III lideram na criação de *processos eufemísticos* com a variável *campo estilístico*; a análise da variável *campo semântico* mostra que os eufemismos do campo *rejeição à velhice/delicadeza* ocorrem mais frequentemente entre as personagens mulheres, faixa I. Na análise da variável *disfemismos*, obtivemos os resultados: ao contrário do que ocorre com os eufemismos, as personagens mulheres são as que mais empregam disfemismos; a análise da categoria *processos disfemísticos* mostrou que as personagens da faixa III criam um número maior de disfemismos por meio da deformação linguística; a quantidade do mecanismo (deformação) foi igual entre as personagens homens e mulheres, faixa III. Na observação da variável *campo semântico*, a categoria ofensa lidera entre as mulheres. O estudo dos eufemismos e disfemismos em *O velho da horta* (1512) remeteu-nos a um contexto sócio-histórico em que predomina, nas falas das personagens, um tema antigo e atual, a *velhice* e seus desdobramentos, *rejeição*, *caducidade* e proximidade da *morte*.

PALAVRAS-CHAVE

Eufemismos; Disfemismos; Sociolinguística Histórica; *O velho da horta* (1512).

ABSTRACT

This work is the result of research carried out in the light of Historical Sociolinguistics (Faraco, 2005; Sousa's Passion, 2006; Count Silvestre, 2007; Mattos and Silva, 2008; Romaine, 2009; Meillet, 2016), in which we studied euphemisms and dysphemisms based on two *corpora*, the play *O velho da horta* (*The old man of the orchard*) by Gil Vicente, a representative text of the 16th century, and monolingual dictionaries of the Portuguese language, from the 18th to the 21st centuries. The analysis was based on the perspective of linguistic change through euphemistic and dysphemistic processes. We discuss the concept of euphemism and dysphemism, as well as the relationship between euphemism and synonym, euphemism and taboo, euphemism and political correctness, and the views of other scholars over time. In the dictionaries, we checked the etymology, entries, prototypical meaning, structure, grammatical classification, meanings and usage marks that characterize the words consulted. In the play, we analyzed linguistic and extralinguistic variables and found that dysphemisms occur more frequently than euphemisms. Regarding the variable euphemisms, we found the following results: male characters, age group III are the ones who use euphemisms the most; similarly, male characters, age group III lead in the creation of euphemistic processes with the variable stylistic field; the analysis of the variable semantic field shows that euphemisms of the field rejection of old age/delicacy occur more frequently among female characters, age group I. In the analysis of the variable dysphemisms, we obtained the following results: contrary to what happens with euphemisms, female characters are the ones who use dysphemisms the most; the analysis of the dysphemistic processes category showed that characters in age group III create a greater number of dysphemisms through linguistic deformation; the amount of the mechanism (deformation) was equal between male and female characters, age group III. In the observation of the semantic field variable, the category offense leads among women. The study of euphemisms and dysphemisms in *The old man of the orchard* (1512) referred us to a socio-historical context in which an old and current theme predominates among the characters, old age and its ramifications, rejection, caducity and proximity to death.

KEYWORDS

Euphemisms; Dysphemisms; Historical Sociolinguistics; *O velho da horta* (*The old man of the orchard*), 1512.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação esquemática da relação entre figuras, retórica e eufemismo	34
Figura 2 – Imagem ilustrativa de eufemismo	44
Figura 3 – A farsa <i>O velho da horta</i> (1512)	110
Figura 4 – Os cumprimentos	111
Figura 5 – Que cousa é essa? A paixão do velho pela moça.....	111
Figura 6 – A rejeição da moça aos galanteios do velho	113
Figura 7 – A certeza do desvario	116
Figura 8 – A perda da razão	117
Figura 9 – O apego à vida na hora da morte.....	119
Figura 10 – Entre a paixão e a presença da morte.....	120
Figura 11 – A “última idade” da vida.....	121
Figura 12 – A figura (próxima) da morte	123
Figura 13 – A paixão destrói	124
Figura 14 – A morte insiste em reaparecer.....	125
Figura 15 – O desalento.....	126
Figura 16 – A compaixão da mocinha.....	127
Figura 17 – A constatação da realidade.....	129
Figura 18 – O velho consciente da sua condição	130
Figura 19 – Eufemismos em <i>O velho da horta</i> (1512): a velhice e seus estigmas.....	134
Figura 20 – A velhice e suas perdas	137
Figura 21 – Ainda o tema morte.....	139
Figura 22 - Entre o <i>fogo</i> , o <i>amor</i> e a <i>tosse</i>	140
Figura 23 – O menosprezo	141
Figura 24 – O juízo (fraco).....	142
Figura 25 – A mudança no tom da conversa	144
Figura 26 – O velho enlouqueceu.....	145
Figura 27 – Os primeiros xingamentos dirigidos à velha.....	146
Figura 28 – Mais um xingamento.....	148
Figura 29 – A maldição no verso rimado	149
Figura 30 – A intenção de extorquir dinheiro do velho.....	159
Figura 31 – A solução: rezar para o demo.....	160
Figura 32 – A punição para Branca Gil.....	161

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – O eufemismo em gramáticas normativas da língua portuguesa.....	42
Quadro 2 – Dinâmica do processo eufemístico em gramáticas da língua portuguesa	46
Quadro 3 – Dinâmica do processo disfemístico.....	77
Quadro 4 – Perfis sociais das personagens de <i>O velho da horta</i> (1512)	107
Quadro 5 – Causa e seus significados nos dicionários.....	111
Quadro 6 – <i>Averso</i> e seus significados nos dicionários	113
Quadro 7 – <i>Razão</i> e seus significados nos dicionários.....	115
Quadro 8 – Posse e seus significados nos dicionários	117
Quadro 9 – <i>Às escuras</i> e seus significados nos dicionários	118
Quadro 10 – Partida e seus significados nos dicionários	119
Quadro 11 – <i>Tirar</i> e seus significados nos dicionários	120
Quadro 12 – Idade e seus significados nos dicionários.....	121
Quadro 13 – <i>Conselho</i> e seus significados nos dicionários	122
Quadro 14 – <i>Sepultura</i> e seus significados nos dicionários.....	123
Quadro 15 – Pássaro e seus significados nos dicionários	124
Quadro 16 – <i>Perecer</i> e seus significados nos dicionários.....	126
Quadro 17 – Fim e seus significados nos dicionários	128
Quadro 18 – <i>Sorte</i> e seus significados nos dicionários	129
Quadro 19 – Eufemismos em <i>O velho da horta</i> (1512)	130
Quadro 20 – <i>Siso</i> e seus significados nos dicionários.....	138
Quadro 21 – <i>Despedir</i> e seus significados nos dicionários.....	139
Quadro 22 – <i>Sobreposse</i> e seus significados nos dicionários	140
Quadro 23 – <i>Desastrada</i> e seus significados nos dicionários	142
Quadro 24 – Miolo e seus significados nos dicionários.....	143
Quadro 25 – Açoutar e seus significados nos dicionários.....	144
Quadro 26 – Anticristo e seus significados nos dicionários.....	146
Quadro 27 – <i>Destemperado</i> e seus significados nos dicionários	147
Quadro 28 – <i>Guloso</i> e seus significados nos dicionários	148
Quadro 29 – <i>Enforçar</i> e seus significados nos dicionários	150
Quadro 30 – <i>Garanhão</i> e seus significados nos dicionários	151
Quadro 31 – <i>Peçonha</i> e seus significados nos dicionários.....	152
Quadro 32 – <i>Carantonha</i> e seus significados nos dicionários	153

Quadro 33 – Dona e seus significados nos dicionários	155
Quadro 34 – <i>Torta</i> e seus significados nos dicionários.....	155
Quadro 35 – <i>Mal-aventurada</i> e seus significados nos dicionários.....	157
Quadro 36 – <i>Espancar</i> e seus significados nos dicionários	157
Quadro 37 – <i>Endiabradas</i> e seus significados nos dicionários.....	158
Quadro 38 – <i>Demo</i> e seus significados nos dicionários	160
Quadro 39 – <i>Malfadado</i> e seus significados nos dicionários	162
Quadro 40 – Treva e seus significados nos dicionários	163
Quadro 41 – <i>Enleado</i> e seus significados nos dicionários	164
Quadro 42 – Disfemismos em <i>O velho da horta</i> (1512).....	165
Quadro 43 – Eufemismos <i>versus</i> disfemismos	175

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FIGURAS, RETÓRICA E EUFEMISMO	17
2.1 Genette (1966)	17
2.2 Dubois <i>et al.</i> (1974).....	20
2.3 Fiorin (1988).....	23
2.4 Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999).....	25
2.5 Halliday (1999).....	27
2.7 Fiorin (2019).....	30
3 CONCEITO DE EUFEMISMO	36
3.1 O que dizem os dicionários – do Século XVIII ao Século XXI	36
3.2 O que dizem as gramáticas normativas e outras obras da Língua Portuguesa – do Século XIV ao Século XXI	39
3.3 Eufemismo e Sinônimo	46
3.4 Eufemismo e o politicamente correto.....	50
3.5 O estudo do Eufemismo ao longo do tempo: a visão de outros estudiosos.....	54
3.5.1 João da Silva Correia (1927).....	54
3.5.2 Silveira Bueno (1965).....	58
3.5.3 Heinz Kröll (1984)	59
3.5.4 Chamizo Domínguez (2004).....	60
3.5.5 Stumpf (2017).....	62
3.5.6 Stumpf (2020).....	63
3.6 Eufemismo e Tabu	66
4 CONCEITO DE DISFEMISMO.....	73
5 A PESQUISA: PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS ADOTADOS	79
5.1 A Linguística Histórica	80
5.2 A Sociolinguística Variacionista.....	82
5.3 Sociolinguística Histórica: “A arte de fazer o melhor uso dos maus dados”	86
5.4 A Literatura como fonte histórica de pesquisa	90
5.4.1 A linguagem do teatro como fonte histórica.....	91
5.5 Os dicionários como fontes históricas para o estudo da língua.....	93
5.6 “À barca, à barca, venham lá!” (Gil Vicente).....	99
5.7 “Um velho honrado e muito rico, já velho”: perfis sociais das personagens	103

6 O VELHO DA HORTA (1512) – ENTRE O ZELO E A AGRESSÃO: ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA DOS EUFEMISMOS E DISFEMISMOS	109
6.1 Eufemismos em <i>O velho da horta</i> (1512).....	110
6.1.1 <i>O velho e a moça (parte 1)</i>	110
6.1.2 <i>O velho e a alcoviteira Branca Gil</i>	125
6.1.3 <i>O velho e a mocinha (parte 1)</i>	127
6.2 <i>O velho da horta</i> (1512): eufemismos e as variáveis linguísticas.....	132
6.3 <i>O velho da horta</i> (1512): eufemismos e as variáveis extralinguísticas.....	135
6.4 Disfemismos em <i>O velho da horta</i> (1512)	136
6.4.1 <i>O velho e a moça (parte 2)</i>	137
6.4.2 <i>O velho e o parvo</i>	144
6.4.3 <i>O velho e a velha</i>	146
6.4.4 <i>O velho e a mocinha (parte 2)</i>	161
6.5 <i>O Velho da Horta</i> (1512): disfemismos e as variáveis linguísticas	167
6.6 <i>O Velho da Horta</i> (1512): disfemismos e as variáveis extralinguísticas	169
6.7 Da cordialidade à agressividade: eufemismos versus disfemismos em <i>O Velho da Horta</i> (1512).....	172
6.8 Dicionários: <i>há homens tão avessos, que se accendem com o que se devião apagar, apagam-se com o que se devião de acender</i>	175
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	178
REFERÊNCIAS.....	183

1 INTRODUÇÃO

Eufemismos e disfemismos são recursos de linguagem que coexistem, em tese, um em sentido contrário ao outro e, apesar dos sentidos, intenções e efeitos exatamente opostos, cumprem um papel importante na língua. O eufemismo é antigo e originou-se, por misticismo ou religiosidade, diante de superstições, da crença (e do temor) em seres/coisas sobrenaturais. Hoje, esse fenômeno não se reserva aos povos antigos nem surge da hesitação diante de uma possível manifestação divina, mas tornou-se um dos alicerces importantes da argumentação em campanhas publicitárias, mensagens midiáticas e nas diversas relações da vida social (política, econômica etc.).

O eufemismo, do grego *euphemismós*, significa “bem dizer” (Moisés, 1978) e tem o propósito de substituir uma ideia ou sentimentos ruins e incômodos por meio das consideradas boas palavras: “*Já não existe Pedro, não pertence mais aos vivos, isto é, Pedro morreu*” (Ribeiro, 1919, p. 238). O disfemismo é uma prática oposta ao eufemismo e outorga ao enunciador uma postura de enfrentamento, já que o objetivo é pôr deliberadamente à vista uma expressão grosseira. Significa “retirar o véu” de palavras mais nobres e neutras e ser agressivo, desagradavelmente direto por meio da linguagem, do emprego de termos depreciativos, ridículos, sarcásticos ou chulos: “*Ficar puto por ficar com raiva*” (Houaiss e Villar, 2009, p. 694).

Essa atitude emocional, que se manifesta na substituição de uma expressão por outra, seja por meio da diplomacia, seja do enfrentamento, tem pontos em comum. Tanto no eufemismo quanto no disfemismo, a força motriz concentra-se no domínio da semântica e evoca os meios sociais. Em outros termos, a escolha de determinadas palavras no lugar de outras passou a ser, ao longo dos séculos, uma estratégia retórica que inclui, entre outros fatores, a correção social, o politicamente correto. O comportamento linguístico depende, pois, do contexto cultural, situacional, social etc.

O eufemismo e o disfemismo não têm estado com muita frequência entre os estudos linguísticos no Brasil, apesar da intensa ocorrência desses fenômenos em diferentes contextos comunicativos. Nosso primeiro objetivo é, à luz da Sociolinguística Histórica, identificar os eufemismos e os disfemismos na farsa *O velho da horta* (1512), de Gil Vicente, destacando cada uma das personagens que participam dos diálogos e quem é responsável pelas expressões analisadas. Nossa hipótese é que, na peça em questão, o número de eufemismos seja maior do que o de disfemismos; ademais, acreditamos que as mulheres e a faixa III, os mais velhos, usam um vocabulário mais eufêmico.

Genette (1966) afirma que a figura de linguagem se efetiva por meio da natureza dupla presença e ausência ou, conforme Dubois *et al.*, (1974), da supressão-adjunção ou, ainda, da substituição de palavras e expressões por outras (Rocha Lima, 1962, 2011; Abaurre *et al.*, 2010; Cegalla, 2008; Pascoalini; Spadoto, 2014). Dubois *et al.* (1974) e Fiorin (1988) propõem que o eufemismo e o disfemismo se realizam por meio de uma ou mais figuras. Correia (1927) defende a existência de processos eufemizantes no campo dos auxiliares da linguagem e nos campos lexical (elipse, substituição, termos genéricos etc.), fonético (deformação), gramatical (classes gramaticais, flexões, alianças vocabulares), sematológico (figuras de linguagem, trocadilho, etimologia popular) e estilístico (circunlocução, hipersemia, hipossemia). Leão Nunes (1606) e Meillet (2016) também identificam mudanças na forma ou no emprego de palavras, motivadas por fatores sociais (tabu, decência).

Nosso segundo objetivo é verificar os processos eufemísticos e disfemísticos, ou seja, o que caracteriza a organização interna do eufemismo (campos lexical, fonético, gramatical, trocadilho, etimologia popular, estilístico, figuras de linguagem) e do disfemismo (substituição, deformação, antífrase, ordem vocabular, antonímia, prefixação negativa da palavra, ordem vocabular, sucessão de palavras para obter sons de significado contundente, rima, trocadilho, regresso ao sentido etimológico da expressão, figuras de linguagem) (Correia, 1927; Dubois *et al.* 1974; Fiorin, 1988) e quais seus efeitos linguísticos no texto. A hipótese é que o eufemismo e o disfemismo sejam constituídos, na maior parte das ocorrências, de outras figuras de linguagem.

Vários autores (Ribeiro, 1919; Pereira, 1935; Guérios, 1956; Aulete, 1964; Bueno, 1968; Abraham, 1981; Camara Jr., 1986; Faraco e Moura, 1997; Moisés, 2007; Faraco; Cegalla, 2008; Houaiss e Villar, 2009; Bechara, 2010; Azeredo, 2010; Cereja e Magalhães, 2013) exemplificam o evento *morte* para justificar o emprego do eufemismo. Bem menos que *morte*, mas citada com frequência para ser substituída é a palavra *diabo* (Abraham, 1981; Moisés, 2007; Houaiss e Villar, 2009; Bechara, 2010). Nossa terceira questão diz respeito às categorias semânticas de eufemismos e disfemismos que mais aparecem nos diálogos de *O velho da horta* (1512). A hipótese é que os contextos que exercem maior influência na decisão das personagens em empregar eufemismo são *morte*, *doenças*, principalmente as incuráveis e perigosas. Quanto aos disfemismos, acreditamos que comportamentos relacionados à classe social das personagens e/ou à familiaridade entre elas definem o emprego desses recursos.

Existe uma discordância acerca do emprego dos eufemismos e disfemismos entre as classes sociais. Bueno (1965, p. 227) sustenta a tese de que “quanto mais educado for o meio social em que vivemos, maior o número de expressões e dizeres de cortesia que diminuem

bastante a impressão desagradável do caso se fosse dito com o seu nome simples e direto”. Correia (1927) discorda dessa teoria e diz que quem mais emprega os disfemismos são as classes mais cultas. Tal divergência de opiniões nos levou à outra questão de pesquisa: na farsa *O velho da horta* (1512), a condição social das personagens é, de fato, referência para o emprego de um ou de outro recurso? Nossa hipótese é que as classes privilegiadas socialmente também utilizam formas consideradas disfêmicas, a depender do contexto, do interlocutor.

Para alcançarmos os objetivos estabelecidos, além desta introdução, dividimos este estudo em sete seções. Na segunda seção, “figuras, retórica e eufemismo”, mostramos o conceito, a natureza, o trânsito da figura de linguagem, sua relação com a retórica e de que maneira os eufemismos e disfemismos se incluem nessa discussão. Partimos do conceito de figura com base em autores que defendem o desvio da linguagem com finalidade poética até chegarmos àqueles que adotam a tese do sentido figurado com finalidade argumentativa e/ou persuasiva.

A terceira seção “conceito de eufemismo” visa discutir o eufemismo sob diferentes perspectivas e relações: o que dizem os dicionários – do século XVIII ao XXI; o que dizem as gramáticas normativas tradicionais e outras obras que prescrevem o uso da língua portuguesa, do século XIV ao século XXI; eufemismo e sinônimo; eufemismo e o politicamente correto; o estudo do eufemismo ao longo do tempo e a visão de outros estudiosos; eufemismo e tabu. Na quarta seção, “conceito de disfemismo”, tal como fizemos na seção destinada aos eufemismos, procedemos a análise sobre o disfemismo com base nos conceitos de dicionários – do século XVIII ao século XXI - gramáticas normativas tradicionais e outras obras que discutem o tema.

Na quinta seção, “a pesquisa: procedimentos teórico-metodológicos adotados”, apresentamos a linha teórica que fundamenta o estudo, descrevemos os critérios de escolha da peça, os procedimentos de coleta e tratamento dos dados. Na sexta seção, “*O velho da horta* (1512) entre o zelo e a agressão: análise dos eufemismos e disfemismos”, analisamos os dados, identificamos as falas, as personagens e, com base em dicionários da língua portuguesa, dos séculos XVIII ao XXI, os termos nos dicionários, etimologia, significado, abonações, mudanças de sentido e em que momento eles passaram ou deixaram de ser eufemismo ou disfemismo. Discutimos também as variáveis linguísticas e extralinguísticas encontradas nas falas das personagens e os fatores que favorecem o emprego do eufemismo e do disfemismo. Na sétima seção, “considerações finais”, trazemos um resumo dos resultados e destacamos a importância desta pesquisa.

2 FIGURAS, RETÓRICA E EUFEMISMO

Entre linguistas e tratadistas retóricos (Aulete, 1964; Dubois *et al.*, 1974; Lausberg, 2004; Fiorin, 2019), o eufemismo goza do status de figura de linguagem a serviço da retórica. Para compreendermos o estatuto do eufemismo nessa categoria, antes, é preciso expor e analisar conceitos, como o que são figuras de linguagem, o que é retórica, de que maneira as figuras atuam na criação de efeitos de sentido, seus resultados no texto e a função do eufemismo nos contextos dos quais faz parte. Apresentaremos o que dizem os seguintes autores sobre esse tema, por ordem cronológica: Genette (1966); Dubois *et al.* (1974); Fiorin (1988); Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999); Halliday (1999); Lausberg (2004); Fiorin (2019).

2.1 Genette (1966)

Na obra *Figures*, Gérard Genette (1966), crítico literário francês, um dos responsáveis pela reintrodução do vocabulário em uma retórica crítica literária, dedica um capítulo, *Figuras*, para tratar das figuras de linguagem. Inicia com a citação de um verso de La Fontaine (*Sobre as asas do tempo a tristeza voa*) e outro de Domairon (*o sofrimento não dura sempre*) para explicar a distância entre o que o poeta escreveu, o significante (*a tristeza voa*), e o que ele pensou, o significado (*o sofrimento não dura*). Nesse processo, se estabelece uma separação, um espaço que possui uma forma. Esta forma se denomina figura (Genette, 1966, p. 199).

Dizer *o sofrimento não dura* é empregar as palavras em seu sentido comum, aquele do cotidiano. Dizer *sobre as asas do tempo a tristeza voa* é utilizar a linguagem de uma maneira poética, acrescentando às palavras outros sentidos. Atribuem-se ao tempo e à tristeza características que não lhes são comuns. Esse exemplo mostra efeitos da expressividade para “dar asas à imaginação do leitor” e possibilidades de variação nas formas de relacionamento entre significante e significado.

O espírito da retórica, segundo o teórico francês,

está inteirinho nessa consciência de um hiato possível entre a linguagem real (a do poeta) e uma linguagem virtual (a que teria empregado a *expressão simples e comum*). Basta restabelecer esse hiato pelo pensamento para delimitar um espaço de figura. Esse espaço não é vazio: contém cada vez uma certa característica da eloquência ou da poesia. A arte do escritor está

no modo como desenha os limites desse espaço, que é o corpo visível da literatura (Genette, 1966, p. 200).

Se, por um lado, esse raciocínio, aparentemente bem fundamentado e coerente, ajuda-nos a entender que a figura “é um desvio em relação ao uso”, por outro, aponta uma contradição dentro da retórica, já que “esse desvio está em uso”¹, ou seja, a forma particular de exprimir o pensamento “coloca o ser da figura no fato de ter uma figura, isto é, uma forma”, já que “a expressão simples e comum não tem forma, a figura, sim” (Genette, 1966, p. 201).

O processo retórico ocorre quando uma palavra ou uma frase puder ser comparada à outra palavra ou frase (uma no sentido próprio, comum, simples, a outra no sentido figurado) e ambas serem consideradas equivalentes em termos semânticos². Assim, ao definir-se figura como desvio em relação ao uso, cria-se uma “confusão entre o uso e a literalidade”, pois “o simples não é necessariamente comum, e reciprocamente, a figura pode ser comum, mas não pode ser simples, visto que traz ao mesmo tempo presença e ausência” (Genette, 1966, p. 202). Essa natureza dupla associada à figura põe em ação sentidos cuja percepção não ocorre de maneira isolada, mas dentro de um contexto, de uma cultura, de uma história etc.

Com base nesse entendimento, se a figura obedece a certa convenção e pode entrar no uso corrente sem perder seu caráter figurado, dificultando, portanto, os limites entre o estético e o normativo, significa que “a retórica está ligada à duplicidade da linguagem”³ (Genette, 1966, p. 202-203). Essa ligação faz surgir um contraste na lógica do sentido figurado e divergências na classificação de algumas figuras de linguagem⁴. Mais do que escolha, combinação de palavras, giro do pensamento, a determinação de uma figura condiciona-se a dois princípios: primeiro, à “presença de dois termos a comparar, duas palavras a combinar, um espaço onde o pensamento possa girar”; segundo, à possibilidade de “o leitor traduzir

¹ Genette (1966, p. 201) refere-se à clássica analogia de Du Marsais “criam-se mais figuras num dia no mercado central do que em muitos dias de assembleias acadêmicas”. Com base nesse entendimento, a produção de figuras não estaria restrita à academia, aos seus membros, mas ao alcance de todos os falantes, indistintamente.

² O autor cita *nau* e *eu te amo* e as correspondentes *vela* e *não te odeio* para mostrar que as expressões não possuem forma retórica em si mesmas. Complementa o seu raciocínio dizendo que a forma retórica – a figura – está no emprego de *vela* para designar uma nau, ou de *não te odeio* para significar o amor (Genette, 1966, p. 202).

³ Quer dizer que, mesmo sendo traduzível, a figura não pode ser traduzida sem perder sua qualidade de figura. Garante-se o status de figurado, desde que se conserve o mesmo estado, ou seja, o duplo sentido.

⁴ Genette (1966, p. 203) cita Fontanier que, ao contrário de Dumarsais, não considera a catacrese uma figura de linguagem. Já que não resulta de uma opção expressiva, a catacrese não obedeceria aos princípios estabelecidos para as figuras: relações de sentido entre dois termos e a possibilidade de tradução.

implicitamente uma expressão por outra, e avaliar o desvio entre elas, o ângulo, a distância” (Genette, 1966, p. 204). Estabelecem-se, portanto, os limites sobre os quais se apoia o estatuto da figura.

As afirmações “a figura não é, pois, nada mais que a sensação de figura” e “o que marca a sua existência é a consciência que o leitor toma ou não da ambiguidade do discurso que lhe é proposto” permitem-nos concluir o que Genette (1966) entende exatamente por figura. O autor completa o pensamento anterior dizendo “o valor de uma figura não é dado pelas palavras que a compõem, pois ela depende de um desvio entre essas palavras e as que o leitor, mentalmente, percebe além delas” (Genette, 1966, p. 209). Nesses dois parágrafos, verificamos, pois, que a figura não se realiza por si, pois está sujeita ao processo de consciência do leitor da natureza dupla que ela encerra.

Para Genette (1966), uma questão essencial é “por que a figura significa mais que a expressão literal? De onde vem esse acréscimo de sentido e por que pode ela, por exemplo, designar além de além dos objetos, dos fatos, dos pensamentos, o valor afetivo deles ou sua dignidade literária?” (Genette, 1966, p. 209-210). O próprio autor responde “a técnica de tais imposições de sentido pode-se reduzir àquilo que a semiologia moderna chama de conotação” (p. 210). Em seguida, volta a utilizar a palavra *vela* para explicar a diferença entre denotação e conotação. A denotação manifesta-se:

Quando emprego a palavra *vela* para designar uma *vela*, a significação é arbitrária (nenhuma relação natural existe entre a palavra e a coisa, ligados por uma pura convenção social), abstrata (a palavra designa não uma coisa, mas um conceito) e inequívoca (o conceito é designado sem ambiguidade) (Genette, 1966, p. 210).

A conotação,

Quando emprego a mesma palavra *vela* para designar, por sinédoque, (a parte pelo todo), uma nau, a significação é muito mais rica e mais complexa: é ambígua porque visa ao mesmo tempo, literalmente, a vela, e como figura, a nau, portanto, o todo *através* da parte; é concreta e motivada pois decide designar a nau por um elemento material, uma “ideia acessória”, e não pela ideia principal e também porque escolhe determinado elemento (a vela) em vez de um ou outro (o casco ou o mastro) (Genette, 1966, p. 210).

Essa motivação, que, na sinédoque, pode se basear em um elemento, no caso em questão, na relação entre a parte (vela) e o todo (nau), é diferente em cada tipo de figura e constitui “a própria alma da figura”, explica Genette (1966). Desse modo, continua o teórico, a motivação na metáfora é a semelhança; na hipérbole, o exagero; na lítotes, a atenuação por

meio da negação do contrário etc. Assim, ao empregar *vela* em lugar de *nau*, diz o teórico, “denoto a nau, mas ao mesmo tempo conoto a motivação pelo elemento escolhido, pelo desvio sensível imprimido à significação, e assim por uma certa modalidade de visão ou de intenção” (Genette, 1966, p. 209-210).

Dentro da retórica, essa modalidade sensível é a qualidade inerente da expressão poética, com a ressalva “o valor conotativo não se evapora por causa disso, pois a figura conserva, unicamente pela presença e por uma força tornada inteiramente convencional, a missão de significar a poesia”. Nesse ponto, continua o autor, “entra o código da retórica encarregado de inventariar o repertório das figuras e atribuir a cada uma seu valor de conotação” (Genette, 1966, p. 210-211). Conclui:

Uma vez isolada da palavra viva da invenção pessoal e introduzida no código da tradição, cada figura passa a ter por função apenas designar, à sua maneira especial, a qualidade poética do discurso que a contém. A vela da nau clássica não é mais, há muito tempo, a marca de uma visão concreta; tornou-se um puro emblema: um estandarte, flutuando acima do aglomerado de palavras e de frases, onde se pode ler ao mesmo tempo: *aquí, nau e aquí, poesia* (Genette, 1966, p. 210-211).

Destacadas as considerações de Genette (1966), prosseguimos com as anotações formuladas por Dubois *et al.* (1974) em *Retórica geral*.

2.2 Dubois *et al.* (1974)

Retórica geral é uma obra importante no movimento de redescoberta da retórica pela linguística estrutural, que vê na figura de Roman Jakobson uma grande influência para investigar os processos da arte da palavra. Interessados nos problemas da expressão, professores da Universidade de Liège, Bélgica, (J. Dubois, F. Edeline, J. M. Klinkenberg, P. Minguet, F. Pire e H. Trignon), se juntaram e propuseram estudar a retórica enquanto teoria das figuras. Os autores afirmam que a finalidade (declarada) da retórica sempre foi ensinar técnicas de persuasão, condição que fez surgir uma retórica nova, definida de teoria da argumentação. Se a literatura caracteriza-se pelo uso singular da linguagem, o objetivo é “analisar as técnicas de transformação da linguagem, distinguindo-lhes cuidadosamente⁵ as espécies e os objetos” (Dubois *et al.*, 1974, p. 36-37).

⁵ O advérbio “cuidadosamente” chama atenção para o que Genette (1966) denominou “fúria de nomear”, conforme Fiorin (1988, p. 57), referindo-se à exaustiva lista de figuras apresentada pela retórica antiga.

O grupo de Liège, como é conhecido, enfatiza a relação entre as disciplinas antigas poética e retórica e substitui aquilo que Jakobson denomina função “poética” por função “retórica”, com o argumento de que a função retórica transcende as outras funções da linguagem. A excelência da função retórica recairia na distinção considerada mais importante: “determinar os aspectos fundamentais da linguagem, entendendo-se que a intenção retórica pode visar a cada um deles” (Dubois *et al.*, 1974, p. 37).

Os autores afirmam que a linguagem retórica interfere no funcionamento dos diferentes aspectos do processo linguístico (morfológico, sintático e semântico) porque age radicalmente sobre o código, transformando as convenções linguísticas. Ao operar sobre a linguagem, incluem-se, no campo do ensino retórico, “a gramática, como explicação dos textos, e a dialética, como técnica de argumentação” (Dubois *et al.*, 1974, p. 38).

Nessa teoria, surge o conceito de metábole, a mudança de um aspecto qualquer da linguagem que acontece em quatro diferentes espécies de domínios: metaplasmos (domínio das figuras que agem sobre o aspecto sonoro ou gráfico das palavras); metataxes (domínio das figuras que agem sobre a estrutura da frase); metassememas (figura que substitui um semema por outro, isto é, que modifica o conteúdo/significado) e metalogismos (domínio das antigas figuras de pensamento, que modificam o valor lógico da frase). Os três primeiros (metaplasmos, metataxes e metassememas) dividem entre si o campo dos desvios do código⁶. Os metalogismos “abrangem os fatos mais de imediato determináveis no domínio das transformações do conteúdo referencial” (Dubois *et al.*, 1974, p. 39). Nesse grupo se incluem os eufemismos.

Em *Retórica Geral*, a figura também é um desvio, ou grau zero, que pode ocorrer sobre a palavra, a frase ou o discurso (e abrange a ortografia, a gramática, o sentido das palavras). Dubois *et al.* (1974) dizem que a retórica resulta do conjunto de operações⁷ sobre a linguagem. Essas operações se classificam em substanciais (supressão, adjunção, supressão-

⁶ O próprio grupo admite certa dificuldade em indicar o verdadeiro sentido, a significação precisa de *desvio* e lhe oferece o que denomina “definição aceitável” ou “intuitiva”: “discurso ‘ingênuo’ e sem artifícios, desnudado de subentendidos, para o qual ‘um gato é um gato’”. Tal dificuldade estaria relacionada ao tipo de texto (figurado ou não), já que a palavra pertence àquele que emite a mensagem e não pode simplesmente ser considerada inocente. Mais adiante, traz uma definição mais precisa: *desvio* seria uma alteração notada do grau zero (Dubois *et al.*, 1974, p. 62), o que faz intervir uma norma, ou grau zero.

⁷ Os atos em que se combinam os meios para obtenção das figuras seriam quatro e formariam a *quadripartita ratio*: *adiectio*, *detractio*, *immutatio* e *transmutatio* (Dubois *et al.*, 1974; Lausberg, 2004; Fiorin, 1988).

adjunção⁸), as quais suprimem e acrescentam unidades e, dessa forma, alteram a própria substância das unidades que atingem; relacionais (permutação de qualquer tipo, ou inversão), limitam-se a modificar as relações de posição que existem entre essas unidades (Dubois *et al.*, 1974).

Os mecanismos linguísticos para a formação das figuras indicados em *Retórica Geral* são variados. O eufemismo representa a figura-tipo de metalogismo que resulta da supressão-adjunção, operação substancial mista que

Pode dizer mais ou menos, mas frequentemente diz mais e menos ao mesmo tempo, ou seja, suprime, de um enunciado tido como objetivo, semas julgados embaraçosos ou supérfluos, para substituí-los por semas novos. Subsiste uma invariante que ajuda a adivinhar o eufemismo, mas acrescentam-se semas acidentais que não lhe impedem o reconhecimento, e que parcialmente o desfiguram (Dubois *et al.*, 1974, p. 192).

Na definição dos processos, uma figura pode ser formada de outra ou de outras figuras. A criação de eufemismos, por exemplo, (em que ocorre uma operação mista, supressão-adjunção), varia de técnica, isto é, uma expressão eufêmica pode tornar-se próxima da lítotes, de uma hipérbole ou mesmo da ironia⁹. O contexto (linguístico ou extralinguístico) permitirá perceber se existe ou não essa relação.

Vimos que, em *Retórica Geral*, o grupo de Liège, tal como o fez Genette (1966), considera as figuras um desvio. Ademais, sistematiza os diferentes domínios das figuras, as operações ocorridas sobre a linguagem e aponta para a possibilidade da realização concomitante de mais de uma figura. Seguimos, portanto, com a análise de uma obra de José Luiz Fiorin (1988), autor que também tem contribuído com estudos de real importância sobre figuras e retórica.

⁸ O grupo ilustra esse entendimento por meio de um enunciado que, segundo ele, ocupa o lugar de grau zero em relação a seus eufemismos, já que são variados em sua formulação, mas idênticos em sua função e em seu funcionamento: “consideremos três pessoas à saída de um espetáculo julgado sofrível. Para atender às regras do decoro, uma dirá: ‘não estava mal’; a outra, ‘estava magnífico’; a terceira, ‘não era desprovido de qualidades’. Mas não sabemos que era desprovido de qualidades. Posto de lado todo decoro, elas poderiam, pois, concordar em dizer: ‘estava sofrível’” (Dubois *et al.*, 1974, p. 192).

⁹ Nesse caso, o eufemismo ocorre por meio da ironia “quando a substituição se opera em proveito da negativa. Dir-se-á, por ironia, de um autor medíocre que é muito estimável. Pode-se assim dizê-lo seriamente por eufemismo. Formalmente, os dois metalogismos podem-se confundir, mas a ironia demonstra melhor que distância se pode tomar a respeito dos fatos, porque quase sempre os nega” (Dubois *et al.*, 1974, p. 195).

2.3 Fiorin (1988)

No artigo *As figuras de pensamento: estratégia do enunciador para persuadir o enunciatário*, Fiorin (1988), linguista, pesquisador e professor universitário brasileiro, reconhecido por suas pesquisas em pragmática, semiótica e análise do discurso, parte do princípio de que, na comunicação, as figuras de pensamento da retórica clássica representam estratégias para convencer, fazer o outro crer no discurso. O autor divide as figuras retóricas em dois grupos, de acordo com as suas relações: as que se constroem com base em procedimentos da sintaxe discursiva e as que se produzem por meio de mecanismos da semântica discursiva. O primeiro grupo origina-se de um “desacordo entre as instâncias do enunciado e da enunciação” (afirma algo no enunciado e nega na enunciação); o segundo, “de uma combinação, na sucessividade do sintagma, de figuras do discurso em disjunção” (Fiorin, 1988, p. 53).

Segundo Fiorin (1988),

com as figuras de pensamento, o enunciador diz sem ter dito, simula moderação para dizer de maneira enfática, finge ênfase para afirmar de maneira atenuada, apresenta uma nova combinação de figuras do discurso para levar o enunciatário a assumir o que lhe está sendo comunicado (Fiorin, 1988, p. 53).

O linguista afirma que as figuras constituem procedimentos retóricos empregados para persuadir, já que “o querer fazer-crer do enunciador determina a produção discursiva e impõe o estabelecimento de um dado contrato enunciativo” (Fiorin, 1988, p. 56). Com base nisso, parece haver um acordo entre enunciatário e enunciador, ou seja, na estratégia de persuasão, no ato cuja finalidade é “fazer crer”, ambas as partes se obrigam uma para com a outra. Tal como Genette (1966), Fiorin (1988) acredita que a figura não se realiza por si, pois depende da percepção do leitor sobre a natureza dupla que ela possui.

Fiorin (1988) concorda que a retórica abrigou um elenco extremamente grande e exaustivo de figuras, criando dificuldades para organizá-las em um sistema, já que uma figura pode ser composta de outra ou de outras figuras, conforme defendem Dubois *et al.* (1974)¹⁰, no entanto, argumenta que é preciso estudá-la “à luz de uma teoria da geração do sentido, para

¹⁰ Fiorin (1988) chama atenção para a dificuldade de sistematizar as figuras de pensamento.

descobrir as operações básicas de produção de efeitos de sentido, de que as figuras ou tropos são casos particulares”¹¹ (Fiorin, 1988, p. 57).

Ao estudar os metalogismos (ou figuras de pensamentos), aqueles que se instauram com base nas relações entre o enunciado e a enunciação, Fiorin (1988) cita o grupo de Liège para referenciar duas condições: conhecer o referente, ou seja, fazer a correspondência entre o signo e o referente, já que

os metalogismos são sempre particular, estão sempre ligados a um circunstancial egocêntrico e, por isso, nunca aparecem dicionarizados, já que pertencem à performance discursiva, estando ligados, portanto, ao *ego-hic-nunc* da enunciação. Não alteram o conteúdo sêmico de uma figura do discurso, como a metáfora e a metonímia, mas se afirmam como uma maneira de construir o discurso (Fiorin, 1988, p. 57-58).

A outra condição é a possibilidade de haver desacordo entre enunciado e enunciação. Esse conflito pode acontecer de forma gradual, “quando a oposição entre as duas instâncias consistir numa diferença que se expressa como mais ou menos”, ou categórica, “quando a oposição se fizer com dois termos polares de uma categoria sêmica” (Fiorin, 1988, p. 59). No primeiro grupo estão os eufemismos; no segundo, as lítotes. A essa primeira distinção, o linguista acrescenta outra, pertencente ao domínio das oposições graduais, e chega a duas figuras assim denominadas pela retórica: o eufemismo, que ocorre “quando se atenua no enunciado e se intensifica na enunciação”¹²; a hipérbole, “quando se intensifica no enunciado e se atenua na enunciação” (Fiorin, 1988, p. 62). Embora atuem em posição contrária, eufemismo e hipérbole não são antônimos.

No fazer persuasivo, prossegue Fiorin (1988, p. 66), são procedimentos retóricos: dizer sem ter dito, simular moderação para enfatizar, ou, de outro modo, fingir ênfase para atenuar. Para “apresentar uma nova combinação de figuras”, o enunciador “mostra outras maneiras de ver o mundo e deixa de trabalhar no campo da verdade ou da falsidade enunciativas para manipular o segredo ou a mentira”. Os efeitos são, portanto, a simulação ou a dissimulação, ficando a cargo do enunciatário “perceber o segredo ou a mentira no seu fazer interpretativo” (Fiorin, 1988, p. 66).

¹¹ Fiorin (1988) reconhece os trabalhos de Lausberg e do grupo de Liège, os quais classificam as figuras de pensamento com base na *quadripartita ratio* (*adiectio*, *detractio*, *immutatio* e *transmutatio*).

¹² “Essa figura ocorre quando se afirma, por exemplo, em determinado contexto, que alguém é pouco delicado para dizer que é francamente grosseiro” (Fiorin, 1988, p. 62).

Os mecanismos retóricos no ato comunicativo, conforme Fiorin (1988, p. 66), não são ornatos ou algo desnecessário, mas derivam de “uma maneira insubstituível de dizer”. Para fazer o enunciatário crer no enunciado produzido, “instauram-se o segredo e a mentira no discurso, desvela-se uma nova verdade, produz-se um novo saber, descobrem-se significados, encobrindo-os”. Conclui que “a finalidade do ato comunicativo não é outra, senão fazer que o enunciatário sobremodalize esse saber, essa verdade, esses significados com a certeza, que ele creia no enunciado produzido”. Certamente, assim, de acordo com o autor, o discurso terá cumprido o seu papel: persuadir.

No artigo em questão, Fiorin (1988) analisa as figuras de pensamento da retórica clássica na condição de estratégia do enunciador para persuadir o enunciatário. Utilizando-se de uma linguagem sem rodeios, considera o processo de comunicação um contrato enunciativo. Explica que os metalogismos não estão registrados em dicionários, já que vão depender do “aqui e agora”, com os argumentos “são efeitos de sentido gerados pelo discurso” e “cada discurso constrói sua verdade”.

Passemos a outra obra importante para o nosso estudo, *Tratado da argumentação*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999). Os autores versam sobre o discurso argumentativo no âmbito das figuras de retórica.

2.4 Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999)

Tratado da argumentação – a nova Retórica – é um trabalho conjunto, de Chaïm Perelman, polonês e filósofo do direito, um dos mais importantes teóricos da retórica no século XX, e Lucie Olbrechts-Tyteca, acadêmica belga e socióloga. Os autores alertam para o fato de a linguagem ser, além de meio de comunicação, “instrumento de ação sobre as mentes, meio de persuasão”, por isso, o orador deve ater-se aos “inconvenientes” que o modo intuitivo de se exprimir pode causar. Declaram que alguns escritores preferem “noções mais abstratas que lhes permitem escapar mais facilmente as objeções”, porque a escolha das formas verbais e da argumentação “raramente deixa de ter alcance argumentativo” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1999, p. 168-169).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999) ressaltam que, em princípio, indica-se a existência da intenção argumentativa no emprego de um termo inabitual, mas não descartam a possibilidade de um termo comum ter em si valor de argumento. Habitual significa o “termo que passa despercebido”. Ademais, “não existe escolha neutra”, mas “há uma escolha que parece neutra e é a partir dela que se podem estudar as modificações argumentativas”. Os

autores acrescentam que “o termo neutro depende evidentemente do meio”¹³ (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1999, p. 169), ou seja, do grupo social, da família, profissão, classe econômica, contexto geográfico etc.

Os autores de *Tratado da argumentação* fazem menção às figuras de retórica e à argumentação, retomando um conceito que se aproxima daquele utilizado por Genette (1966, p. 189), “modos de expressão que não se enquadram no comum”, e consideram importante verificar “*em que e como o emprego de algumas figuras determinadas se explica pelas necessidades da argumentação*” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1999, p. 190, grifo dos autores). A figura se estabelece em razão de duas qualidades distintivas fundamentais: uma “estrutura discernível” e um emprego em que se percebe algo diferente, que “chama atenção”. Em outras palavras, “uma expressão pela qual o andamento do discurso difere do hábito direto e simples” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1999, p. 191).

Segundo os teóricos de *Tratado da Argumentação*, algumas formas poderão parecer, de imediato, figuras; outras, ao contrário, poderão parecer normais. Se toda estrutura pode adquirir a qualidade de figura, a depender do seu uso, não basta ser incomum para tornar-se figura. Para ser submetida a estudo, a estrutura, uma vez isolada, deve ser reconhecida como tal. É necessário também saber em que circunstância um uso deve ser considerado incomum. Assim,

[...] só há figura quando se pode operar uma dissolução entre o uso normal de uma estrutura e seu uso no discurso, quando o ouvinte faz uma distinção entre a forma e o fundo, que lhe parece impor-se. Mas é quando essa distinção, percebida logo de início, se extingue em virtude do efeito mesmo do discurso, que as figuras assumem todo o seu significado argumentativo (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1999, p. 191).

Os autores adotam um meio para definir figuras e chegam à seguinte fórmula para interpretar uma figura como argumentativa ou figura de estilo:

¹³ Citam, para ilustrar essa afirmação, um exemplo: sob a ocupação alemã, na Bélgica, em certos meios era sem dúvida normal designar o alemão pelo termo “boche”. Por conseguinte, o emprego do termo “alemão” podia indicar seja uma atenuação genérica da atitude hostil para com o inimigo, seja uma estima particular por um determinado alemão que merecesse essa consideração. Assim também o uso da perífrase “pessoa com uma disposição para induzir em erro” para designar “o mentiroso” pode ter o objetivo de despojar tanto quanto possível esse termo do elemento desvalorizador para assimilá-lo a um termo descritivo e conferir ao juízo no qual ele intervém a aparência de um juízo de fato, donde o significado argumentativo dessa perífrase, que não possui o termo “mentiroso” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1999, p. 169).

Consideramos uma figura argumentativa se, acarretando uma mudança de perspectiva, seu emprego parecer normal em relação à nova situação sugerida. Se, em contrapartida, o discurso não acarretar a adesão do ouvinte a essa forma argumentativa, a figura será percebida como ornamento ou figura de estilo. Ela poderá suscitar a admiração, mas no plano estético (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1999, p. 192).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999) destacam duas características que consideram indispensáveis à ocorrência de uma figura, já que, conforme ressaltam, é o efeito produzido no auditório que vai definir se uma figura é argumentativa ou de estilo.

Uma estrutura discernível, independente do conteúdo, ou seja, uma forma (seja ela, conforme a distinção dos lógicos modernos, sintática, semântica ou pragmática), e um emprego que se afasta do modo normal de expressar-se e, com isso, chama atenção. Uma dessas exigências, pelo menos, encontra-se na maioria das definições das figuras propostas no curso do século, a outra se introduziu por algum viés (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1999, p. 190).

Apresentadas as considerações de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999), passamos à análise de *O que é retórica*, de Tereza Lúcia Halliday (1999), uma pesquisa minuciosa sobre o funcionamento da retórica nas situações de comunicação.

2.5 Halliday (1999)

No estudo *O que é retórica*, Tereza Lúcia Halliday (1999), então docente da área de jornalismo e pesquisadora, adota uma linguagem mais simples e direta para explicar sobre a presença da retórica em diferentes situações (linguagem do governo, do comércio, da oposição, dos médicos etc.). Halliday (1999, p. 8) propõe considerá-la de três maneiras: primeiro, “uso da comunicação para definir as coisas da maneira como desejamos que os outros as vejam”; segundo, disciplina da área de comunicação humana; terceiro, matéria de ensino e de pesquisa, que prevê o “estudo do discurso enquanto conjunto de práticas comunicativas de uma pessoa ou grupo”, e de interesse de especialistas de diferentes áreas.

A autora assegura “todos nós agimos retoricamente”, com a justificativa de que temos a capacidade de usar a linguagem para influenciar os outros e de sermos influenciados. Agir retoricamente significa fazer as pessoas entenderem o que desejamos que elas entendam e também convencê-las a fazer o que queremos, uma prática denominada “comunicação persuasiva” (Halliday, 1999, p. 26-28).

Com base na origem latina do verbo persuadir, “apresentar de maneira agradável”, “recomendar”, “advogar uma posição”, Halliday (1999) registra uma concepção de retórica que, segundo ela, é a mais moderna: “caminho para exercer influência sobre situações, com a apresentação ou defesa de uma visão da realidade”. Complementa: “a retórica serve para influenciar situações. Essa influência é mais ou menos exercida na medida em que o público aceite a definição da realidade que lhe é proposta” (Halliday, 1999, p. 30). Podemos dizer que existe, pois, o concurso de vontades, ponto de vista que coincide com o “contrato enunciativo” citado por Fiorin (1988).

A “retórica de manutenção”, uma face (necessária) da retórica, é empregada não para convencer alguém, mas para “reafirmar crenças e opiniões, fortalecer posições já existentes” (Halliday, 1999, p. 36-38). Constituem materiais de construção dessa modalidade de retórica: pronunciamento do chefe no quinquagésimo aniversário da empresa, hinos, campanhas de saúde, *slogans*, declarações de princípios etc.

O que é retórica traz um capítulo intitulado “materiais da construção retórica”, no qual a autora, por meio de metáforas e da relação de semelhança estabelecida entre termos, emprega: “caminhada” ou “viagem” para designar a vida; “passagem” ou “estação final”, para referir-se à morte; “febre”, à paixão; “abismo” ou “precipício”, à desgraça (Halliday, 1999, p. 49). Alguns termos minimizam o peso de outros, “passagem” ou “estação final”, em vez de morte; “abismo” ou “precipício”, em vez de desgraça etc. Nesses exemplos, a realização de uma figura por meio de outra (metáfora/eufemismo), proposição de Dubois *et al.* (1974) e Fiorin (1988).

Halliday (1999, p. 50) explica que, tal qual a metáfora, outro “alicerce importante” da retórica para “construir eufemisticamente a realidade” são os eufemismos, classificados de “redefinições da realidade sob certa ótica, são respostas retóricas a assuntos ou situações sobre os quais a sociedade se sente ambivalente”¹⁴. Esses assuntos, segundo a autora, estariam relacionados a situações passíveis de medo, vergonha, ofensa ou crítica. Alguns temas (morte, sexo, os males da sociedade e os atos do governo) são eleitos para tratamento eufemístico.

¹⁴ A lista de eufemismos citados nos diferentes âmbitos é extensa (Halliday, 1999, p. 52-53): a) *sociais*: menino de rua, que passa fome e assalta, é chamado de “menor carente”. Um projeto de lazer para os velhos é “programa para a terceira idade”. A empregada doméstica é “secretária”. Para designar os pobres, os economistas e jornalistas preferem a expressão “população de baixa renda”. Nos recintos públicos, o lugar da bacia sanitária não é latrina nem urinol, mas sim “toilette” ou “banheiro”. b) *político/econômico*: um imposto adicional repentino é batizado pelo governo de “empréstimo compulsório”. Prejuízo no mercado financeiro é “rendimento negativo”; c) *linguagem popular*: dizer que uma pessoa “não vale o que o gato enterra” é classificá-la com um valor mais baixo que excremento.

A autora chama atenção para os diferentes papéis do eufemismo na construção retórica: compassivo (chamar uma mulher gorda de “cheinha”) ou deletério (batizar um golpe militar com o nome de “revolução redentora”). O emprego de um ou de outro estaria relacionado ao objetivo do comunicador, ou seja, à maneira por meio da qual se pretende (re)definir a realidade. Assim, o argumento seria a “argamassa” e o vocabulário (as figuras de linguagem, a metáfora, a metonímia), os recursos linguísticos da construção.

A seguir, apresentaremos *Elementos de retórica literária*, de Heinrich Lausberg (2004), outra obra que discute sobre retórica e figuras de linguagem.

2.6 Lausberg (2004)

Com uma linguagem mais técnica, em *Elementos de retórica literária*, Heinrich Lausberg (2004), linguista alemão, filólogo, professor universitário, define retórica como a *ars bene dicendi*, “um sistema mais ou menos bem elaborado de formas de pensamento e de linguagem, que pode servir à finalidade de quem discursa para obter, em determinada situação, o efeito que pretende” (Lausberg, 2004, p. 75). O sucesso do discurso e, consequentemente, da persuasão, depende, além da gramática¹⁵, da retórica.

De maneira geral, as figuras são “a alteração artística da situação normal do pensamento e da linguagem”, um “fenômeno da *dispositio*, que dá forma à matéria-prima da *inventio* e da *elocutio*”. Dividem-se em figuras de pensamento (*inventio*) e figuras de palavra (*elocutio*) (Lausberg, 2004, p. 164). Assim, as figuras de pensamento (*figurae sententiae*) dizem respeito aos pensamentos (auxiliares), encontrados pelo sujeito falante para a elaboração da matéria. Institui-se, pois, a relação entre retórica (que quer dizer “falar bem”), arte e figuras.

As qualidades da elocução (*virtutes elocutionis*) são *puritas*, *perspicuitas*, *ornatus* e *aptum*¹⁶. *Puritas* é “a correção idiomática do discurso”; *perspicuitas*, a compreensibilidade intelectual do discurso; *ornatus*¹⁷ é uma necessidade tanto do falante quanto do ouvinte de “embelezar as expressões humanas da vida e na apresentação do próprio homem em geral” (Lausberg, 2004, p. 138) e classifica-se em *ornatus* de pensamento e *ornatus* de palavra. O

¹⁵ Sistema de regras que regulamentam a pureza linguística e idiomática (Lausberg, 2004, p. 115).

¹⁶ Pela ordem: correção idiomática do discurso, compreensibilidade do discurso, tem a intenção criadora e atinge o domínio das artes elevadas (Lausberg, 2004, p. 119).

¹⁷ O *ornatus* são as “flores do discurso, as luzes do discurso e as cores do discurso” (Lausberg, 2004, p. 141).

primeiro está relacionado aos pensamentos, à *inventio* e à *dispositio*, tradicionalmente inscrito na *elocutio*, sob a rubrica figuras de pensamento.

O *aptum* é a *virtus dispositionis* e também uma *virtus elocutions*. Diz respeito à situação “aos matizes dos conteúdos de palavra, como abrandamento ou como intenção partidária” e “aos corpos de palavra, como adaptação ao ritmo do discurso, o qual, por meio dessa adaptação, se torna estranho ou é polido, por meio da eufonia” (Lausberg, 2004, p. 296).

Muitas vezes, a depender do costume da comunidade linguística em geral, a substituição de um termo torna-se necessária, porque o *aptum social* (decoro) bane certos *verba própria* do uso (tabu)¹⁸. A substituição de uma palavra proibida por tabu chama-se “eufemismo”¹⁹ (Lausberg, 2004, p. 296). As figuras são um fenômeno da *dispositio*, a qual dá forma à matéria-prima da *inventio* e da *elocutio*, separando, de um lado, as figuras de pensamento, “que originariamente pertencem à *inventio*”, das figuras de palavra, “que essencialmente pertencem à *elocutio*” (Lausberg, (2004, p. 164).

Elementos de retórica literária resume as *virtutes elocutionis*, em que a virtude central, a obrigação mais importante é o *aptum* (o decoro); as *virtutes retóricas*, a *perspicuitas* (clareza, compreensibilidade intelectual do discurso) e o *ornatus* (conforme o nome sugere), “um luxo do discurso”, cuja finalidade é tornar bela a expressão linguística; a *virtus gramatical*, a *puritas* (conformidade com o sistema linguístico em questão). Lausberg (2004) faz uma ligeira passagem pela noção de tabu e pelo seu substituto, o eufemismo²⁰. Ao distinguir *aptum* de *ornatus*, aproxima o eufemismo da ideia de compostura do falante em relação ao que se diz e não ao ato de ornamentar o discurso.

A seguir, apresentamos outro estudo de José Luiz Fiorin (2019). *Figuras de retórica* é a sétima e última obra analisada nesta seção.

2.7 Fiorin (2019)

Em *Figuras de retórica*, José Luiz Fiorin (2019) explica os significados e papéis da retórica. Do grego *rhéseis*, “ação de falar”, a retórica é a disciplina que começou os estudos

¹⁸ Português *tabu* “restrição ou proibição da prática de certos atos, por motivos mais ou menos misteriosos, em ligação com a moral, com as superstições etc. Por causa do tabu podem ser normalmente tiradas palavras do vocabulário vivo, ou seja, “inutilizadas”.

¹⁹ A resposta à pergunta *onde é que posso lavar as mãos?* pode ser considerada tabu (LAUSBERG, 2004, p. 296).

²⁰ *Elementos de retórica literária* (Lausberg, 2004, p. 253) cita o termo *eufemismo* em dois momentos: primeiro, em uma nota de rodapé (p. 145), na condição de substituto do tabu; depois, em uma associação com a ironia, referindo-se à necessidade de ser cortês em determinadas situações de linguagem nas quais a tática da ironia aparece.

do discurso. *Rhetoriké* significa a arte oratória de convencer pelo discurso – do latim *ars*, que se desdobra do grego *tchné* – um conjunto de habilidades (uma técnica) cujo objetivo é transformar o discurso e torná-lo eficaz, capaz de persuadir.

No prefácio do livro, a justificativa de que, ao longo dos séculos, a retórica foi sendo considerada uma técnica de ornamentação do discurso com a finalidade de embelezar a expressão linguística. Assim, uma vez que a palavra ornamentação era entendida como enfeite, a retórica foi perdendo sua dimensão argumentativa, reduzindo-se a um catálogo de figuras e considerada inútil. O linguista argumenta:

Nosso aprendizado das figuras de retórica está preso ainda a um período em que a retórica era essa relação de figuras. Em todas as gramáticas mais tradicionais, temos uma parte dedicada às figuras de retórica. Em geral, apresenta-se uma definição, na maior parte das vezes, extremamente imprecisa, e em seguida um ou alguns exemplos [...] O problema é que a figura era apresentada como uma operação formal, sem que se mostrasse que sentido ela criava. As formas da língua existem para produzir sentidos (Fiorin, 2019, p. 10).

Fiorin (2019) define figuras: “são operações enunciativas para intensificar o sentido de algum elemento do discurso. São, assim, mecanismos de construção do discurso” (p. 10). Defende, portanto a ideia de que é preciso ver as figuras dentro de um contexto mais amplo. Por isso, propõe detalhar na sua obra as operações enunciativas de intensificação e de atenuação dos significados apresentados no discurso. Com um tom menos incisivo do que o demonstrado no artigo de 1988, afirma que “as figuras têm sempre uma dimensão argumentativa, pois elas estão a serviço da persuasão, que constitui a base de toda a relação entre enunciador e enunciatário” (Fiorin, 2019, p. 10).

Ao discutir sobre a dimensão figurativa na retórica, Fiorin (2019, p. 27) chama atenção para o sentido inicial da expressão *ornatus*: “bem argumentado”, “bem equipado para exercer sua função”, o que quer dizer “não há uma cisão entre argumentação e figuras, pois estas exercem sempre um papel argumentativo”. O linguista cita Vieira para dizer que o *ornatus* é a ordem das estrelas, “mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça labor”, no caso, “enfeite”. Conclui seu raciocínio:

A *Retórica a Herênio* diz que a ornamentação serve para realçar, enriquecer aquilo que se expõe. Não podemos esquecer-nos de que a palavra *argumento* é formada com a raiz *argu-*, que significa “fazer brilhar, cintilar” e que está presente nas palavras portuguesas *argênteo*, *argentário*, *argento*, *argentar*, *argentaria*, *argentífero*, todas provindas do latim *argentum*, “prata”. O

argumento é o que realça, o que faz brilhar uma ideia” (Fiorin, 2019, p. 27, grifos do autor).

As figuras²¹, na perspectiva de Fiorin (2019), dividem-se em dois grupos: *tropos* e *figuras não trópicas*. Os tropos subdividem-se em tropos lexicais e tropos gramaticais. Os tropos lexicais definem-se por concentração semântica e realizam-se por meio da metáfora, prosopopeia, apóstrofe, oximoro, sinestesia etc. O eufemismo inclui-se nos tropos por expansão semântica ao lado de outras figuras, como metonímia, ironia, lítotes, hipérbole, perífrase etc.

Fiorin (2019) abre a seção destinada ao eufemismo com um trecho do conto “Missa do galo”, de Machado de Assis, e emprega a expressão “ir ao teatro”, para mostrar aquilo que denomina “impertinência predicativa”, ou seja, uma atenuação da ação real. “Ir ao teatro” não está em seu sentido próprio, direto e, no referido contexto, significa “ir encontrar-se com a amante”, um eufemismo. Na expressão eufêmica, “diz-se menos para significar mais e, por isso alarga-se o alcance sêmico da expressão que está sendo usada, já que o mais se projeta no menos” (Fiorin, 2019, p. 78).

O autor de *Figuras de retórica* analisa o que afirmaram Fontanier e Lausberg, importantes nomes da retórica clássica. O primeiro define o eufemismo como um “pretenso tropo”; o segundo, conforme vimos anteriormente neste texto, acredita que o eufemismo funciona como um substituto do tabu e, por esse motivo, não o considera um tropo. Diante dessas opiniões discordantes, Fiorin (2019, p. 79) chega ao seguinte entendimento: o eufemismo pode ou não ser um tropo, a circunstância que indicaria a existência do fenômeno eufemístico é a pertinência predicativa. O eufemismo, nesse caso, “é o tropo em que se estabelece uma compatibilidade predicativa, quando se determina o abrandamento da expressão”. É o que ocorre, continua o autor, no trecho do conto “Missa do galo”.

O eufemismo é um tropo, explica Fiorin (2019), quando se mantém diretamente associado à ideia que se propõe, ou seja, quando não se torna um modo de dizer codificado, gerando “uma não pertinência sêmica”. O verso *Tirar Inês ao mundo determina* adquire pertinência semântica no contexto de *Os Lusíadas* porque é entendido como uma atenuação de “matar” (Fiorin, 2019, p. 79).

O eufemismo não será um tropo, segundo Fiorin (2019) em situações nas quais se emprega, por exemplo, *falecer* em vez de *morrer* ou *toalete* em lugar de *privada*. Essas substituições não causam nenhuma ampliação de sentido, uma vez que os respectivos

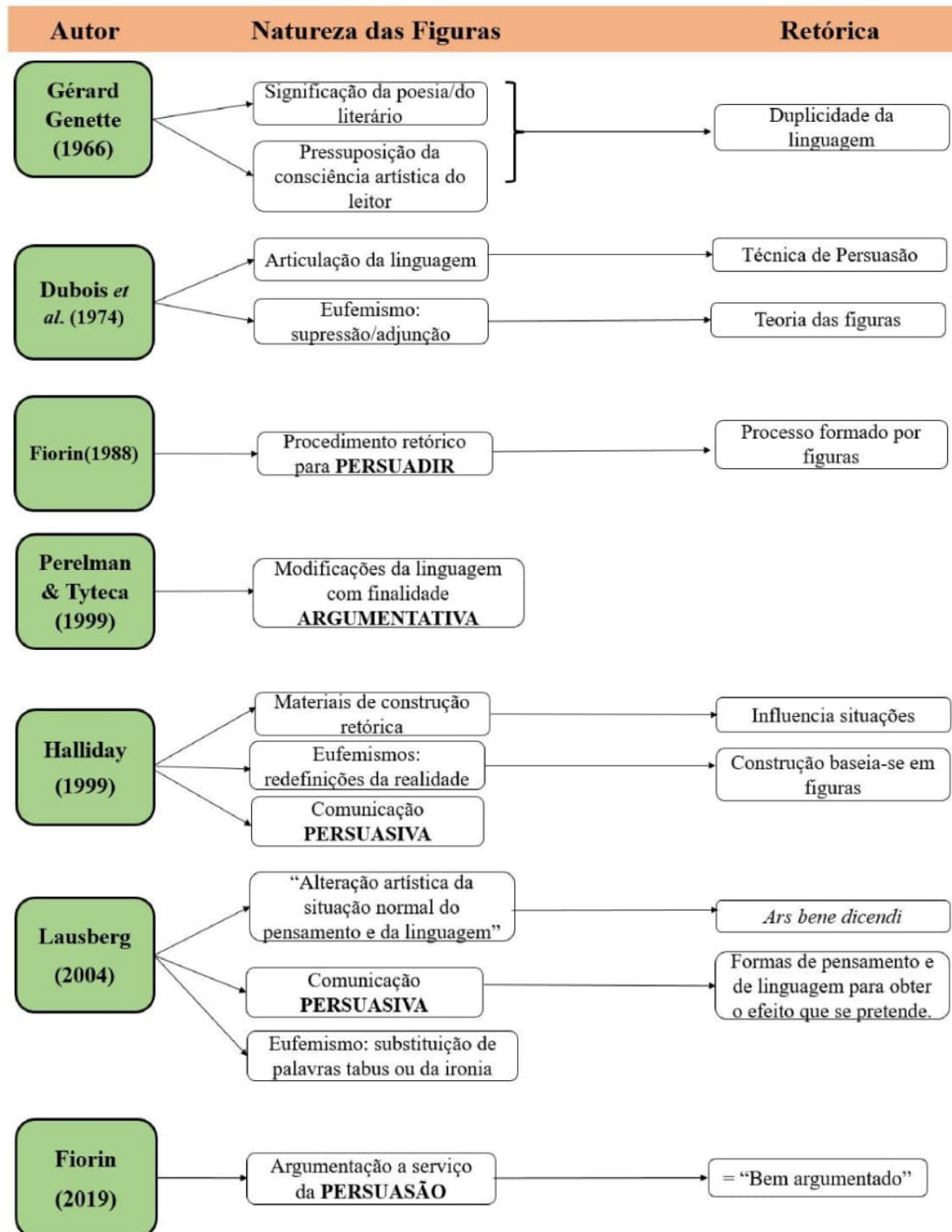
²¹ O elenco das figuras de pensamento trazido por Fiorin (2019) é extenso, por isso, vamos ater-nos ao eufemismo, objeto do nosso estudo.

sinônimos estão codificados na língua, não havendo, pois, o abrandamento da expressão. *Falecer* e *toalete*, durante muito tempo considerados eufemismos, desgastaram-se e deixaram de funcionar como tal²².

A figura 1, a seguir, traz uma representação esquemática da relação entre figuras de linguagem, retórica e eufemismo com base na visão dos autores citados.

²² Essa é uma questão aventada também por Kröll (1984), que argumenta: “As palavras costumam gastar-se, como as medalhas, pelo uso”. Ullmann (1970, p. 261) diz que esse fenômeno resulta de “uma depreciação permanente de seu significado”, fator que explica também a deterioração de muitas palavras antes consideradas tabus.

Figura 1 – Representação esquemática da relação entre figuras, retórica e eufemismo



Fonte: Elaborado pela autora com base nos autores consultados.

Conforme a figura 1, o sentido figurado percorre uma trajetória que se inicia no compromisso com a literatura, no desvio da linguagem comum, cuja finalidade é “significar a

poesia” e obter a “sensação de figura” (Genette, 1966), passa pela função de articulador da linguagem, concretizado em operações (Dubois *et al.*, 1974), constitui as bases de um modelo de argumentação que visa a provocar ou a incrementar a adesão dos espíritos (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1999), até chegar à condição de recurso de persuasão (Fiorin, 1988; 2019; Halliday, 1999; Lausberg, 2004).

A retórica segue um trajeto que se inicia com as operações *inventio*, *dispositivo* e *elocutio* (Dubois *et al.*, 1974), passa pelo estudo das figuras (Genette, 1966) pelo “bem argumentado”, a “arte do bem dizer” para influenciar o outro e as situações, com a ressalva de que não se trata de uma persuasão forçada, mas de um “contrato enunciativo” (Fiorin, 1988) e chega à teoria da argumentação, que visa a tornar o discurso eficaz, capaz de persuadir (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1999; Fiorin, 2019).

O eufemismo percorre o seguinte movimento, segundo os autores citados: na busca pela virtude central, “a obrigação mais importante”, é o *aptum*, o decoro no falar, em substituição ao tabu (Lausberg, 2004). Da fórmula supressão-adjunção, estabelecida por Dubois *et al.* (1974), base substitutiva que permite “inutilizar” a palavra proibida por tabu (Lausberg, 2004) e trocá-la por outra considerada de natureza especial, também constitui material retórico na “redefinição da realidade sob determinada ótica” (Halliday, 1999, p. 50). É figura de linguagem na condição de estratégia para aquilo que se pretende “bem argumentado” (Fiorin, 2019).

Vistas algumas teorias sobre figuras, retórica e eufemismos de maneira mais geral (Genette, 1966; Dubois *et al.*, 1974; Fiorin, 1988; Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1999; Halliday, 1999; Lausberg, 2004; Fiorin, 2019), passemos a uma análise mais específica: o conceito de *eufemismo* em dicionários da língua portuguesa, em gramáticas e na visão de outros estudiosos.

3 CONCEITO DE EUFEMISMO

Nosso objetivo no início deste estudo foi discutir o eufemismo em simultâneo com o disfemismo para fazer o confronto entre os dois, partindo do pressuposto de que se trata de recursos opostos. Os autores pesquisados, no entanto, dedicam-se mais aos eufemismos. Essa atitude é comum inclusive entre aqueles cuja obra tem, no título, o nome dos dois fenômenos, como João da Silva Correia (1927), *O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa*; Silveira Bueno (1965), *Tratado de Semântica Brasileira* (capítulo intitulado *tabus, eufemismo e disfemismo*); Heinz Kröll (1984), *O eufemismo e o disfemismo no português moderno*; Chamizo Domínguez (2004), *A função social e cognitiva do eufemismo e do disfemismo*.

No momento em que verificamos que não seria possível conduzir a discussão percorrendo de um fenômeno a outro e, assim, sistematizar de maneira satisfatória as informações, tivemos de destinar uma seção para o eufemismo e outra para o disfemismo. A seguir, mostraremos o conceito de *eufemismo* em dicionários da língua portuguesa, do século XVIII ao século XXI, em gramáticas e obras que prescrevem o uso da língua portuguesa, do século XIV ao século XXI, bem como na visão de outros estudiosos.

3.1 O que dizem os dicionários – do Século XVIII ao Século XXI

Historicamente, o termo eufemismo apareceu na língua portuguesa no século XIX. Procede da forma francesa *eufemisme* e esta do grego *eufemismos*, com o sentido um pouco mais restrito “emprego de palavra favorável em vez de outra de mau agouro” do que se pode encontrar hoje em português²³, pelo latim tardio *euphemismus* (em vez de *euphēmīa*, mais vulgar), e, depois, pelo francês *Euphémisme*. Em 1873, D. V. (Machado, 1967, p. 981).

Iniciamos nossa investigação com o *Vocabulario Portuguez e Latino*²⁴, um dicionário setecentista, oferecido ao rei D. João V e o primeiro da Língua Portuguesa, de Raphael Bluteau (1728), padre londrino radicado em Portugal. Bluteau (1712-1728, p. 2.539, vol. 3) traz a forma *euphonia*, palavra grega (*Eu + phonī*), que significa “boa voz” e “entre os

²³ No passado, empregavam-se eufemismos geralmente para evitar expressões relacionadas a desgraças, superstição ou religião.

²⁴ O *Vocabulário Portuguez e Latino* (1712-1728), de Raphael Bluteau, é o primeiro dicionário da Língua Portuguesa. A digitalização de seus dez volumes integra a construção da biblioteca digital da Brasileira USP. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/en/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/>

gramáticos, o mesmo que agradável, e suave pronúncia das palavras”. Bluteau menciona a interposição de letras em determinadas palavras, com a intenção de eliminar ou mascarar as consideradas deformidades para obter um som agradável.

Silva²⁵ (1789, p. 790) segue a linha de Bluteau (1712-1728) e mantém o sentido de *Euphonia*. Substantivo feminino, quer dizer “bom som, suavidade da voz, ou palavra, só, ou no concurso de outros”. A novidade nesse dicionário é que, além da palavra, a preocupação se estende também para o conjunto, para o resultado do som de duas ou mais palavras pronunciadas juntas.

Mais curta do que a de Bluteau (1712-1728) e a de Silva (1789) é a definição adotada por Pinto²⁶ (1832, p. 482, vol. único). *Euphonia*, substantivo feminino, significa “bom som, suavidade do som”. Embora sem diferença significativa em relação aos dois primeiros lexicógrafos, consideramos necessário mencionar essa obra devido à grande lacuna temporal entre aqueles dicionários e os que os seguem.

Mais de um século depois de Pinto, Caldas Aulete (1964, p. 1650) apresenta entradas compostas das variações *eu + pheme* e *eu + phonia*: *eufemia* (s. m. nome de oração); *eufemicamente* (adv. de maneira eufêmica); *eufemisticamente* (adv. de uma maneira eufemística); *eufemístico* (adj. o mesmo que eufêmico); *eufemizante* (adj. dado a eufemizar); *eufemizar* (v. tr. e intr. tornar eufêmico); *eufonia* (s. f. som agradável); *eufonicamente* (adv. com eufonia); *eufônico* (adj. que tem eufonia); *eufonizar* (v. tr. tornar eufônico); *êufono* (adj. que tem uma bela voz); *eufêmico* (adj. pertencente ao eufemismo ou da natureza do eufemismo). Além do *-ismo*, variações na classe gramatical caracterizam a palavra *eufonia* nesse dicionário.

Em Caldas Aulete (1964), o termo *eufemismo*, propriamente dito, derivado da forma grega *Eu* (bem) *phemia* (falar), classifica-se como substantivo masculino, espécie de perífrase, referindo-se à retórica, e significa expressar “idéias tristes, desagradáveis ou inconvenientes, por meio de palavras brandas e suaves, como quando dizemos de alguém que está na eternidade, está na terra da verdade, está no reino da glória (em lugar de dizermos que já morreu)” (Caldas Aulete, 1964, p. 1650).

²⁵ Por questão acadêmica, somos obrigados a referenciar o autor como Silva, no entanto, ele é mais conhecido por Moraes, tendo até sido criada metonímia, o Moraes, isto é, o dicionário de Moraes, para se referir à obra. A digitalização do Dicionário da Língua Portuguesa também integra a construção da biblioteca digital da Brasileira USP. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/en/dicionarios/diccionario-da-lingua-portuguesa-recompilado-dos-vocabularios-impressos-ate-agora-e-nesta-segunda-edi%C3%A7%C3%A3o-novamente-emendado-e-muito-acrescentado-por-antonio-de-moraes-silva/>

²⁶ Dicionário da Língua Brasileira. Essa obra também compõe a biblioteca digital da Brasileira USP. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/en/dicionarios/diccionario-da-lingua-brasileira/>

Silveira Bueno (1972, p. 452) emprega o critério social para definir eufemismo: “recurso linguístico pelo qual substituem por palavras e expressões mais elevadas outras mais plebeias ou mal significantes”. São exemplos: “Dormir no Senhor” por “morrer”; “neurastênico” por “malcriado”. Na definição, o oposto do eufemismo é o disfemismo.

Moisés (1978, p. 217) traz a etimologia e depois o significado da expressão. Do grego “*Euphemismós*, atenuação de uma ideia por meio de boas palavras; *eu*, boas, *phemi*, dizer”; depois, uma exposição mais detalhada das razões do eufemismo: “Espécie de perífrase mediante a qual, por motivos religiosos, éticos, supersticiosos ou emocionais, se atenua o sentido rude ou desagradável de uma palavra ou expressão, através da substituição por outra de sentido agradável ou menos chocante” (p. 217). Os primeiros exemplos são o que o autor denomina “eufemismos populares” e que servem para “dissimular o nome do Diabo”: arrenegado, canhoto, cão, coisa-ruim, diacho, mofino, tihoso, etc.; outro é a passagem que mostra o modo indireto de Camões se referir à sentença de morte contra Inês de Castro: “Tirar Inês ao mundo determina” (*Os Lusíadas*, c. III, est. 123)” (p. 217).

Abraham (1981, p. 182) também usa o princípio social na conceituação do eufemismo: “Expressão para disfarçar, para evitar uma palavra socialmente chocante ou marcada com um tabu – Deformação de uma palavra por eufemismo”. Ilustra o fenômeno com um tabu ligado ao sobrenatural: em alemão (bávaro) Deixl = Teufel “diablo”. O exemplo em questão refere-se, pois, à crença de diferentes povos, antigos e modernos, de que pronunciar o nome do diabo é uma infração linguística que pode trazer infelicidade ou desgraça.

Camara Jr. (1986, p. 113) traz uma acepção para eufemismo: “enunciação atenuada do que é desagradável, grosseiro ou indecoroso”. Ademais, associa o emprego do eufemismo à busca de uma linguagem mais neutra: “por eufemismo, substituem-se as palavras exatas por sinônimos de significação mais vaga ou apenas aproximada ou por uma perífrase”. *Falecer*, *ir-se*, *entregar a alma a Deus*, *dormir o último sono* são opções citadas em lugar de *morrer*. O linguista finaliza com a informação de que o eufemismo é também um processo de evolução linguística: “causa de evolução semântica, porque a palavra, assim empregada sistematicamente, acaba adquirindo a significação exata daquela a que se substituiu” (Camara Jr., 1986, p. 113).

Houaiss e Villar (2009, p. 849) definem: eufemismo é a “palavra, locução ou acepção mais agradável, de que se lança mão para suavizar ou minimizar o peso conotador de outra palavra, locução ou acepção menos agradável, mais grosseira ou mesmo tabuística”. Dianho (por ‘diabo’, palavra que o povo procura evitar), a interjeição caramba (por ‘caralho’, tabuismo) etc. A advertência “palavra que o povo procura evitar”, referindo-se a *diabo*, parece

atribuir um peso maior a essa expressão em comparação com *caralho*. Nesse dicionário, o oposto de eufemismo é disfemismo.

No dicionário de Ferreira²⁷ (2009, p. 845), não encontramos informação nova no conceito nem nos exemplos de eufemismos: “Ato de suavizar a expressão duma ideia substituindo a palavra ou expressão própria por outra mais agradável, mais polida: *Dianho é um eufemismo de diabo; empregou o eufemismo ‘descuidado’ para não chamá-lo ‘grosseiro’*”. Do mesmo modo que Silveira Bueno (1972) e Houaiss e Villar (2009), Ferreira (2009) faz referência ao disfemismo na condição de antônimo do eufemismo.

Com base na análise dos dicionários em questão, vemos, já em um passado remoto, atenção para a articulação de determinados sons. A euphonia, representada em Bluteau (1712-1728), Silva (1789) e Pinto (1832), passou à *eufemia*, preocupação com o sentido da palavra, transformou-se em fenômeno e instituiu-se na língua. À exceção dos dicionários mais recentes, Houaiss e Villar (2009) e Ferreira (2009), que trazem os termos *caramba* (por *caralho*) e *descuidado* (por *grosseiro*), respectivamente, os autores de outrora reproduzem o tema *morte* e fazem alusão a figuras como o *diabo* para ilustrar o eufemismo.

Da mesma forma que fizemos com os dicionários, apresentaremos o eufemismo em gramáticas normativas e em outras obras que prescrevem o uso da língua portuguesa. Esses manuais sempre empregam recursos estilísticos ou figuras de linguagem para explicar processos (relações lexicais, construção do sentido das palavras) que caracterizam os sentidos (literal e figurado, conotação e denotação), assim como a importância do contexto no sistema linguístico. Desse modo, é importante observar também o que dizem esses materiais sobre o eufemismo.

3.2 O que dizem as gramáticas normativas e outras obras da Língua Portuguesa – do Século XIV ao Século XXI

Nesta subseção vamos examinar de que modo gramáticas normativas tradicionais e outras obras que também normatizam o(s) uso(s) da língua portuguesa tratam do eufemismo. Nosso objetivo é verificar se houve alterações na caracterização do fenômeno entre o século XIV e o século XXI. Tanto nas obras digitalizadas (mais antigas) quanto nas impressas (mais atuais), nosso interesse foi pela seção figuras de linguagem e pelo termo “eufemismo”.

²⁷ Fenômeno semelhante ao dicionário de Silva (Moraes) ocorre com o Aurélio, referenciado Ferreira.

Entre as obras pesquisadas, algumas se mantiveram em silêncio, tanto no tocante às figuras quanto ao eufemismo. Optamos, no entanto, por listar os seus nomes²⁸, visto que representam ponto de referência quanto à menção (ou não) ao tema objeto do nosso estudo. Outras versam sobre o efeito de sentido das palavras de maneira mais superficial, citam um ou outro exemplo sem, no entanto, obedecer a nenhum critério de classificação. Existem ainda aquelas que mostram todos os recursos estilísticos associados às figuras de linguagem. A seguir, apresentaremos as que se enquadram nesses dois últimos grupos.

Elucidario das palavras, termos, e frases antiquadas da Lingua Portuguesa, Tomos primeiro e segundo, do Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (1365, p. 96-214), aponta três casos de eufonia: o primeiro diz respeito ao francês, em que o termo *artelharia* surgiu para substituir *arcatirer* e depois *artelleric*; o segundo, *cono* e *conos* substituem, respectivamente, as formas *com-o*, e *com-os* consideradas mal soantes. O terceiro exemplo é a junção das partículas *o(s)* e *a(s)* a termos como *Todolas* e *todalas*, *Dardelos*, *Pagardelos*. Essas expressões suprimem o emprego das partículas empregadas separadamente para “melhor suavidade da pronúncia”.

A *Grammatica da língua portuguesa*, de João de Barros (1546), define figuras com base em Quintiliano: “uma forma de dizer por alguma arte nova” (João de Barros, 1546, p. 34). “Arte nova”, para nós, quer dizer explorar mais de um sentido das expressões. Nessa gramática, as figuras dividem-se em barbarismo e solecismo, gêneros que em gramáticas mais atuais se denominam vícios de linguagem. Aférese, síncope, epêntese e metátese estão em um grupo menor, os barbarismos. Zeugma, sinédoque, cacofonia, pleonismo, antonomásia, onomatopeia, ironia, metonímia e metáfora fazem parte da longa lista do outro grupo, os solecismos. O eufemismo não se inclui em nenhum deles.

Origem da língua portuguesa, de Leão Nunes (1606), no capítulo I, traz a seção “da mudança que as línguas fazem por decurso de tempo”. Nessa obra, as palavras que vão sendo substituídas são chamadas de “peças velhas”. “Das muitas maneiras por que se causou a corrupção da língua latina que em Espanha se falava na que se hoje fala” (Nunes, 1606, p. 23) é o título de outra seção destinada a explicar as mudanças de sentidos das palavras.

²⁸ *Grammatica da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1536); *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa*, de Pêro de Magalhães Gandavo (1981); *Orthographia da lingua portuguesa*, de Duarte Nunez de Leão (1576); *Regras geraes breves e comprehensivas da melhor ortografia*, de Bento Pereira (1666); *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar*, de Figueiredo (1722); *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de Manuel Said Ali (1931); *A língua portuguesa*, de Adolfo Coelho (1868); *Noções elementares de gramática portuguesa*, de Adolfo Coelho (1891); *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Silveira Bueno (1968).

Um exemplo de corrupção em Leão Nunes (1606) é *puta*. Inicialmente, esse “vocábulo honestíssimo”, que significava “moça puríssima e limpa, perverteu-se e passou a ser usado para encobrir a fealdade do vocábulo de *meretriz* ou outro tão feio, veio a infamar aquele nome chamando *puta* a mulher que está posta ao ganho e putaria o lugar onde ganha” (Nunes, 1606, p. 49-50). Vemos, pois, que o sentido de *puta* seguiu direção oposta. A alteração (“perverteu-se”) ocorreu, possivelmente, por convenção social.

Entre outras formas de corrupção, Leão Nunes (1606) cita a metáfora, substituição de uma significação por outra. Existem ainda os vocábulos denominados “plebeus ou idiotas”, aqueles que, segundo o autor, os homens polidos não devem usar, por isso, a recomendação:

Quanto os homens polidos devam efetuar de falar palavras insolentes e grosseiras, de que nos Julio Cesar avisava nos guardássemos, adiante faremos mais larga menção, só juntaremos aqui a sombra das palavra antigas que se também não devem usar estas que nos lembrarão (Nunes, 1606, p. 115).

Adergar (por acertar) e *batocar* (por bater) são algumas das formas citadas por Leão Nunes (1606) para ilustrar a corrupção da língua latina. Nesse caso, o autor, que se mostra contrário às mudanças, parece referir-se apenas ao aspecto linguístico (excluindo o moral, social, religioso etc.) das palavras.

Curiosas advertências da boa gramática no compêndio e exposição a Arte do padre Manoel Alves em língua portuguesa, de Bartolomeu Rodrigues Chorro (1643), na seção “Das figuras no verso”, refere-se à sinalefa, figura que “se faz quando no verso alguma dição se acaba em vogal, ou ditongo, e logo a seguinte começa também por vogal” (Chorro, 1643, p. 234). O autor registra o metaplasmo e outras figuras (sístole, elipse prótese, epêntese, paragoge, aférese, síncope, apócope e antítese), mas não o eufemismo.

Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina, de Argote (1725), trata da sintaxe figurada e da primeira figura. Menciona o pleonismo, sinalepse, sístole, elipse prótese, epêntese, paragoge, aférese, síncope, apócope e a antítese. Esta, longe do conceito que vigora hoje nos manuais de gramática e literatura, ocorre “quando alguma letra se põe por outra ou se muda no princípio da dição” (Jeronymo, 1725, p. 240). Essa obra dispõe de uma seção denominada “Dos idiotismos”. Idiotismo significa “todos os modos e termos de fala da língua portuguesa que não tem conveniência ou semelhança com a gramática latina” (Jeronymo, 1725, p. 258). As figuras de dição definem-se como o modo particular de dizer ou escrever algumas palavras contra as regras comuns.

A *Nova gramática portuguesa*, de Bento José de Oliveira (1862), dedica um capítulo à sintaxe figurada: “Costumam-se chamar-se figuras certas locuções que contrariam aparentemente as regras gerais da sintaxe; e figurada a arte da sintaxe que delas trata” (Oliveira, 1862, p. 74). O autor refere-se às figuras de acordo com cada ação: faltar palavras na oração (elipse, que se concretiza por meio do zeugma e da silepse); sobejar (pleonismo); mudar-se e transpor-se (hipérbato). As figuras de palavras nessa gramática decorrem da alteração da fórmula das palavras por acrescentamento, supressão, mudança, separação ou contração de letras, ou transposição de vozes. Tal como João de Barros (1546), Oliveira (1862) considera figuras o barbarismo (também um vício), o solecismo, a anfibologia e cacofonia.

A *Gramática portuguesa*, de Júlio Ribeiro (1881), possui uma seção denominada estilo, em que as alterações de sintaxe aceitas pelo uso chamam-se figuras de sintaxe. A omissão se faz pela elipse (zeugma), silepse, pleonismo, hipérbato. Ao final, a citação: “os retóricos têm regras e figuras para fazer de todos esses vícios primores de linguagem” (Ribeiro, 1881, p. 285). Desse trecho, duas conclusões: o que hoje é um vício amanhã pode tomar direção contrária e tornar-se figura; essa prerrogativa é válida apenas entre um grupo seletivo, os retóricos. Significa dizer que os “mestres em retórica” criam figuras por meio de alterações na sintaxe. Ao que parece, trata-se de pessoas dotadas de forte inspiração, aos quais se reserva-se a excelência do trabalho com a língua.

No quadro 1, temos as gramáticas normativas da língua portuguesa que apresentam o eufemismo.

Quadro 1 – O eufemismo em gramáticas normativas da língua portuguesa

Gramáticas	Autor(es)	Ano
1) Serões grammaticaes ou Nova Gramatica portugueza	Ernesto Carneiro Ribeiro	1919
2) <i>Gramática histórica</i>	Eduardo Carlos Pereira	1919
3) <i>Gramática</i>	Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura	1997
4) <i>Novíssima Gramática da Língua Portuguesa</i>	Domingos Paschoal Cegalla	2008
5) <i>Gramática: texto: análise e construção de sentido</i>	Abauere <i>et al.</i>	2010
6) <i>Gramática escolar da Língua Portuguesa</i>	Evanildo Bechara	2010
7) <i>Gramática Houaiss da Língua Portuguesa</i>	José Carlos de Azeredo	2010
8) <i>Gramática normativa da língua portuguesa</i>	Rocha Lima	2011
9) <i>Gramática em textos</i>	Leila Lauer Sarmiento	2012
10) <i>Gramática reflexiva: texto, semântica e interação</i>	William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães	2013
11) <i>Gramática: teoria e exercícios</i>	Paschoalin e Spadoto	2014

Fonte: Elaborado pela autora.

A primeira menção ao eufemismo nas gramáticas da língua portuguesa data de mais de um século atrás: 1919. Em *Serões grammicaes ou Nova Gramatica portuguesa*, de Ernesto Carneiro Ribeiro (1919), eufemismo “é o tropo pelo qual, para evitarmos palavras de significação obscena, triste, desagradável ou odiosa, empregamos outras de significação decente, menos triste, menos desagradável” (Ribeiro, 1919, p. 238). O primeiro exemplo escolhido pelo autor ensina-nos como esquivar da tarefa de ajudar alguém: “Assim a um mendigo que nos pede esmola, dizemos: *Deus te ajude, Deus te favoreça*, isto é, *nada tenho para te dar*”; o segundo refere-se ao tema morte: “anunciando a morte de Pedro, assim nos exprimimos. *Já não existe Pedro, não pertence mais aos vivos*, isto é, *Pedro morreu*”; o terceiro compõe-se de versos de Camões: “E pagarão seus anos deste jeito/A’ triste Libifina seus direitos”. A partir dessa gramática, conceitos e exemplos de eufemismo tornam-se um lugar-comum nos manuais de gramática normativa.

Na *Gramática histórica*, de Eduardo Carlos Pereira (1919), eufemismo é a “figura com que amenizamos ou disfarçamos a expressão e uma ideia desagradável ou torpe por um termo ou termos que a dão a conhecer menos diretamente”. *Passamento por morte, dormir por morrer, verter água, cheirar mal, dar à luz* são passagens empregadas pelo autor e já demonstram uma tendência mais atual no emprego dos eufemismos.

Na *Gramática normativa da língua portuguesa*, Rocha Lima (1962)²⁹ inclui o eufemismo entre as figuras de pensamento e explica: “É meio pelo qual se evita uma palavra ou expressão molesta, odiosa ou triste, substituindo-a por outra palavra ou expressão menos desagradável” (Rocha Lima, 1962, p. 573-574). Da linguagem cotidiana, *faltar à verdade* é a opção para mostrar um substituto de *mentir*; *êle não vê*, em lugar de *êle é cego*; da literária, o gramático escolhe um trecho de *Os Lusíadas*, em que Camões cria o verso *Tirar Inês ao mundo* para substituir o verbo *matar*.

Em *Gramática*, Faraco e Moura (1997) afirmam “eufemismo é a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis, imorais, obscenas ou ofensivas”. Os exemplos citados passam por alguns temas: a) *morte* (Ele **entregou a alma a Deus**, em lugar de Ele **morreu**); b) *excreções do corpo*, com uma abonação de João Cabral de Melo Neto (Nos fizeram varrer calçadas, limpar **o que faz todo cão**, em lugar de **fezes**); c) *correção social*, uma passagem da revista *Veja* (É revoltante a atitude do ministro [...] Em vez de defender o interesse da Petrobras, que é patrimônio do povo, por conveniência, **lavou as mãos**, em lugar de **não assumiu a responsabilidade**); d) *diabo* (“o cão”, “o cujo”, “o

²⁹ Consideramos desnecessário apresentar a gramática de Rocha Lima (2011). Comparada à de 1962, essa obra não apresenta nenhuma diferença significativa na abordagem sobre os eufemismos.

dianho”, “o demo”, “mofino”, “tinhoso” e “coisa ruim”) (Faraco e Moura, 1997, p. 439, grifos dos autores).

Gramática: texto: análise e construção de sentido, de Abaurre *et al.* (2010, p. 108), atribui ao eufemismo um caráter habitual, prático: “Quando desejamos evitar o uso de palavras ou expressões desagradáveis ou excessivamente fortes, podemos substituí-las por termos que atenuam a ideia original”. A opinião das autoras é que o recurso eufemístico é uma figura de pensamento cujo emprego é recomendável aos considerados falantes mais educados no trato com a linguagem. A figura 2 ilustra esse conceito.

Figura 2 – Imagem ilustrativa de eufemismo



Fonte: Abaurre *et al.* (2010, p. 108).

As autoras inovam porque utilizam um quadrinho para ilustrar o eufemismo e explicam o sentido desse recurso por meio de outra figura, a ironia. A imagem alerta sobre a possibilidade de o cidadão enfrentar uma situação difícil (pisar em “material bovino”), caso não tenha cuidado (obsessivo) com o que diz, donde, “terra do eufemismo”, possivelmente referindo-se à quantidade (abusiva) de eufemismos empregados pelos falantes atualmente.

Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, de Cegalla (2008), indica o eufemismo como figura na qual “intervêm fortemente a emoção, o sentimento, a paixão” em um processo estilístico: “Consiste em suavizar a expressão de uma ideia triste, molesta ou desagradável, substituindo o termo contundente por palavras ou circunlocuções amenas ou polidas” (Cegalla, 2008, p. 626-627). Cita três exemplos: Fulano *foi desta para melhor* [=morreu]; na cidade há escolas para crianças *excepcionais* [=retardadas, anormais] e “A senhora é moça, é normal, e se estiver *em estado interessante*, o seu filho pode correr um perigo terrível” (Luís Jardim [=grávida]).

Gramática escolar da Língua Portuguesa, de Bechara (2010, p. 549), traz um conceito sucinto: “mudança de sentido pela suavização da ideia”. Para ilustrar a realização dessa figura o gramático elege dois temas. O primeiro, a *morte*, que pode figurar, tanto na linguagem literária (substituída pelos verbos *finar-se*, *falecer*, *entregar a alma a Deus*, *dar o último suspiro*), quanto na linguagem popular (por meio das expressões *passar desta a melhor*, *ir para a cidade dos pés juntos*, *dizer adeus ao mundo*, *esticar as canelas*, *desocupar o beco*, *bater as botas* etc.). O segundo, a *bebida*, que pode ceder lugar às formas *abrideira*, *água que gato* (passarinho) *não bebe*, *januária*. Bechara (2010) procura demonstrar que as expressões eufemísticas também podem surgir mediante deformação das palavras e utiliza exemplos como *diabo*, *demônio* e *satanás*, desfiguradas por *diacho*, *diogo*, *demo* e *satã*.

Gramática Houaiss da Língua Portuguesa, de Azeredo (2010, p. 496-500), define eufemismo como “atenuação de um fato trágico, grosseiro ou desagradável por meio de expressões consideradas mais amenas”. O autor traz duas abonações que mostram o emprego desse recurso na literatura: “E, mais três passos, pernibambo, tapava o caminho a uma senhora, de *paupérrimas feições...*” [“Nós, os temulentos”. Rosa, 1967, p. 101]; “*Quando em meu peito rebentar-se a fibra / Que o espírito enlaça à dor vivente, / Não derramem por mim nenhuma lágrima / Em pálpebra demente*” [Azevedo *apud* Bandeira, 1937, p. 141].

A *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*, de Cereja e Magalhães (2013), não inova nem no conceito nem nos exemplos. O eufemismo “consiste no emprego de uma palavra ou expressão no lugar de outra palavra ou expressão considerada desagradável ou chocante”. *Morrer* é um verbo “desagradável ou chocante” e o falante pode substituí-lo por *falecer*, *entregar a alma a Deus*, *descansar*), bem como por *partir*, como o fez Camões: “Alma minha gentil que te *partiste*/tão cedo desta vida” (Cereja; Magalhães, 2013, p. 394).

Gramática em textos, de Sarmiento (2012), explica: os eufemismos “consistem em suavizar a linguagem, evitando-se o emprego de palavras ou expressões consideradas desagradáveis por quem enuncia o discurso” (Sarmiento, 2012, p. 546). Existem diferenças nessa gramática em relação às outras: a ausência de exemplos, a inclusão dos sujeitos do discurso e a preocupação com as formas linguísticas por parte de quem as enuncia.

Na *Gramática: teoria e exercícios*, de Paschoalin e Spadoto (2014), o eufemismo “consiste em atenuar o sentido da frase, substituindo uma expressão por outra”. Há pessoas que se apropriam de coisas alheias (apropriar-se de coisas alheias = roubar) e o prisioneiro faltou com a verdade (faltou com a verdade = mentiu) são substitutos empregados pelos autores para evitar situações que possam causar algum embaraço.

Algumas das gramáticas consultadas incluem o eufemismo no rol das figuras de pensamento (Rocha Lima, 1962; Caldas Aulete, 1964; Cegalla, 2008; Abaurre *et al.*, 2010; Azeredo, 2010; Sarmiento, 2012). Observamos ainda que as funções desempenhadas pelos verbos *evitar/suavizar/mudar/atenuar* e *substituir* na concepção das gramáticas, remetem à supressão-adjunção, operação formulada por Dubois *et al.* (1974), conforme mostra o quadro 2:

Quadro 2 – Dinâmica do processo eufemístico em gramáticas da língua portuguesa

Autor(es)	Ordenação sequencial do processo eufemístico
Ernesto Carneiro Ribeiro (1919)	Evita/substituindo
Eduardo Carlos Pereira (1919)	Ameniza/disfarça
Rocha Lima (1962 e 2011)	Evita/substituindo
Faraco e Moura (1997)	Atenua/suaviza
Abaurre <i>et al.</i> (2010)	Evita/substituindo
Cegalla (2008)	Suaviza/substituindo
Bechara (2010)	Muda o sentido/suavizando-deforma/desfigurando
Azeredo (2010)	Atenua/substituindo
Cereja e Magalhães (2013)	Uma expressão no lugar de outra
Sarmiento (2012)	Suaviza/evitando
Pascoalim; Spadoto (2014)	Atenua/substituindo

Fonte: Elaborado pela autora.

As definições de eufemismo encontradas nas gramáticas normativas não têm diferença significativa entre si. Em todas, esse recurso aparece na mesma proporção, o objetivo é exatamente igual: substituir palavras, ideias tristes e desagradáveis, por outras. Pelo olhar das gramáticas, o eufemismo ordena-se na sequência *evitar/substituir*. O objetivo da próxima subseção é, com base nessa relação de sentidos, em que se usa uma palavra ou expressão no lugar de outra, investigar se os meios utilizados para obter o resultado eufemístico são os mesmos empregados no uso de sinônimos, em outras palavras, verificar se o eufemismo é um processo sinonímico.

3.3 Eufemismo e Sinônimo

Esses que pensam que existem sinônimos.
Desconfio que não sabem distinguir as diferentes
nuanças de uma cor (Mário Quintana).

Para aventar a possibilidade de o eufemismo definir-se como sinônimo, é preciso analisar o que é sinônimo. Dubois (1973, p. 556) introduz uma definição *lato sensu*: “palavras com o mesmo sentido, ou aproximadamente o mesmo sentido, e com formas diferentes”. Esta

é uma significação mais geral e refere-se à função básica dos dicionários de línguas, fornecer lista de palavras que substituem outras. Dubois (1973) toma em separado o termo *sinonímia*, do qual faz uma descrição mais minuciosa. Ao sentido mais amplo de sinônimos, acrescenta a sinonímia absoluta, quando os termos são “intercambiáveis em todos os contextos”. Conclui que “não existem verdadeiros sinônimos senão entre duas línguas funcionais” (Dubois, 1973, p. 555) e chama atenção para a interferência dos fatores ou aspectos sociais e culturais de um dado grupo no emprego de sinônimos. O autor serve-se de *copo de pinga* e *copo de aguardente* para exemplificar a importância do contexto no aparecimento de uma ou de outra expressão.

Dubois (1973, p. 555) adverte para a questão do grau no emprego da sinonímia e diz que esta “pode ser completa ou não, total ou não”. A sinonímia completa está relacionada à distinção entre “senso cognitivo” e “senso afetivo”. O primeiro diz respeito ao entendimento; o segundo, à imaginação e às emoções. A sinonímia completa ocorreria “quando o sentido afetivo e o sentido cognitivo dos dois termos forem equivalentes”, condição que, conforme foi dito, depende do contexto.

Lyons (1981, p. 143-145) admite a validade da distinção entre sentido cognitivo ou referencial (ao qual denomina significado descritivo) e cita a série ‘pai’, ‘papai’, ‘papaizinho’, ‘paizão’ etc.; ‘banheiro’, ‘toalete’, ‘sanitário’, ‘WC’, para dizer, primeiro, que “nem todos os falantes de uma língua usam necessariamente, embora possam perfeitamente compreender, todos os elementos de uma série de sinônimos”; segundo, que os últimos exemplos podem estar circunscritos aos denominados **tabus** sociais de determinada comunidade linguística. Na opinião do linguista, “o uso de determinadas palavras indica o grupo específico a que o falante pertence dentro da comunidade” (Lyons, 1981, p. 146, grifo do autor). Além do descritivo, cita os significados expressivos “têm um caráter não propositivo e não se pode explicar em termos de verdade” e social “relaciona-se ao uso da língua para estabelecer e manter os papéis e relações sociais” (Lyons, 1981, p. 138-139) dos termos. O linguista argumenta:

Os lexemas são *completamente sinônimos* (em uma certa faixa de contextos) se, e somente se, tiverem o mesmo significado descritivo, expressivo e social (na faixa de contextos em questão). Poderão ser descritos como *absolutamente sinônimos* se, e somente se, tiverem a mesma distribuição e forem completamente sinônimos em todos os seus significados e contextos de ocorrência (Lyons, 1981, p. 143, grifos do autor).

Lyons (1981) reforça a ideia de que nem sempre é fácil dizer se duas palavras têm o mesmo valor afetivo, já que, muitas vezes os tabus sociais interferem nos significados expressivo e social dos termos. Faz referência a termos como *pica*, *peru* (pênis) e *seio*, *mama* (peito), para mostrar diferenças no significado expressivo e social, e à investigação diacrônica, para destacar a importância do eufemismo e evitar o uso de palavras condenadas pelo tabu na mudança de significado descritivo dos vocábulos.

Camara Jr. (1986, p. 222) diz que sinonímia é “a propriedade de dois ou mais termos poderem ser empregados um pelo outro sem prejuízo do que se pretende comunicar” e baseia-se em Ullmann para dizer que duas são as circunstâncias responsáveis pela distinção dos sinônimos: primeiro, a significação, vinculada ao âmbito da denotação, que pode ser mais ampla ou mais restrita (*ave* e *pássaro*), mais simples ou mais complexa (*sofrer* e *padecer*); depois, o efeito estético do termo, do âmbito da conotação e de fundo estilístico, que pode ser delicado ou grosseiro (*narina* e *venta*); nobre ou vulgar (*enfado* e *cacete*); poético ou usual (*pulcro* e *belo*) e usual ou científico (*queda* e *ptose*).

Na opinião desse linguista, a sinonímia depende essencialmente do contexto em que está a palavra, ademais, “uma língua com uma cultura muito refinada caracteriza-se pela riqueza sinonímica, tanto “pela preocupação de não repetir os termos num texto dado” quanto pelo “esforço para criar cambiantes de significação e valor estético e estabelecê-los firmemente por meio de termos distintos” (Camara Jr., 1986, p. 222).

Crystal (1988, p. 240) vincula sinônimos aos “itens lexicais que têm a mesma significação” e descarta a necessidade de significações idênticas para classificar as palavras de sinônimos totais, embora considere esse fato improvável às vezes. Ressalta a importância do contexto para que se decida se um conjunto de itens lexicais são sinônimos, como ocorre em *Ele vai ganhar o jogo* (vencer), que é diferente de *ganhar a vida* (=ganhar dinheiro para sustento próprio), em que não se admite outro verbo.

Greimas e Courtés (2012) definem sinonímia como “a identidade de conteúdo entre duas ou mais grandezas”, em que estas “seriam substituíveis em todos os contextos”. Os autores manifestam-se em favor apenas da sinonímia parcial, visto que termos como “temer” e “recear”, por exemplo, “são substituíveis em certos contextos, mas não em outros” (Greimas; Courtés, 2012, p. 468).

Tomando os exemplos de Greimas e Courtés (2012), acreditamos, em princípio, que os verbos “temer” e “recear”, um pouco mais formais do que “ter medo”, podem ser usados sem quase nenhuma diferença, mas “recear” não assume o sentido de “temer” em “temer as leis de Deus”, que quer dizer “dedicar profundo respeito e obediência a” (Houaiss e Villar,

2009, p. 1825); ao contrário, “temer” não quer dizer “recear” em “ele receia que estejas certo”, ou seja, recear no sentido de “estar quase convencido de; achar, crer, acreditar” (Houaiss e Villar, 2009, p. 1621).

Vemos, segundo os autores citados, dificuldade em se verificar a “sinonímia completa” ou a “sinonímia total”, pois a relação de sentidos entre os termos dependerá do contexto de uso. Para investigar a relação de sentido entre duas ou mais palavras, não é suficiente analisá-las isoladamente, já que, além do contexto (conforme consenso entre os linguistas citados), outros aspectos também estão em jogo, sociais e culturais (Dubois, 1973), tabus (Lyons, 1981), denotação e conotação (Camara Jr., 1986). Lyons (1981) faz referência aos tabus e inclui o adjetivo “sociais”, não fazendo alusão a seres sagrados e poderes sobrenaturais do passado, mas à importância do eufemismo para evitar o uso de palavras condenadas pelo tabu na mudança de significado descritivo dos vocábulos.

Essas opiniões nos mostram que tanto no emprego de sinônimos quanto no de eufemismos está em jogo o fator semântico. Nos dois fenômenos vigora uma ordem substitutiva que pressupõe: contexto; princípios sociais, afetivos, culturais etc.; restrição aos tabus (com base em um quadro de valores determinados socialmente); vinculação à denotação e à conotação, ao estilo, à argumentação e à persuasão.

Se a realização dos sinônimos está cercada por determinados fatores, e sua equivalência só pode ser garantida levando em conta o contexto, na mesma proporção do que sucede com o eufemismo, podemos inferir que o eufemismo é um sinônimo social. Eufemismo e sinônimo possuem a mesma natureza (paradigmática), ambos têm uma lógica fundada no caráter duplo, que separa o que se pensa do que se diz, e no contraste, em que o emprego de um termo pressupõe outro (mais ou menos polido, mais ou menos eufêmico, mais ou menos honesto) que, embora “oculto”, insiste em aparecer.

Outra questão relacionada ao nosso objeto de estudo é o “politicamente correto”, comportamento que atingiu também a língua, guiado pelo propósito de substituir expressões consideradas mais inclusivas para minimizar o peso de outras que possam denotar preconceito e desigualdade. Na próxima subseção, apresentaremos a opinião de Possenti (1995), Rajagopalan (2002) e Fiorin (2008) sobre o que é considerado politicamente correto na língua e a relação do eufemismo com esse movimento.

3.4 Eufemismo e o politicamente correto

Agir de modo “politicamente correto” significa estar “isento do que possa ofender ou prejudicar um grupo social, no que se refere a questões como raça, classe, sexo ou orientação sexual (diz-se de discurso, atitude etc.)” (Houaiss e Villar, 2009, p. 556). No tocante ao uso da língua, essa ação visa tornar não marcado o vocabulário e propor neutralidade na linguagem, em defesa de um vocabulário dirigido a grupos discriminados socialmente. No artigo *A linguagem politicamente correta e a análise do discurso*, Sírio Possenti (1995), professor, pesquisador e escritor, um dos linguistas brasileiros mais conhecidos e respeitados da atualidade, trata do que é e do que não é considerado politicamente correto. Mostra situações em que algumas formas linguísticas³⁰, cujo sentido conota desvalorização de outrem, ganharam espaço no debate sobre o tema.

Possenti (1995, p. 127) reconhece que, embora existam “muitas palavras que podem ser analisadas como politicamente incorretas”, trata-se de um movimento confuso, com algumas consequências (censura, interferência na liberdade de expressão e em campos de manifestação cultural, empobrecimento das línguas, perda da história da língua e, por conseguinte, de itens lexicais). Ao afirmar “o que se passa fora da língua é frequentemente relevante para a própria linguagem”, o autor refere-se, em outras palavras, ao que constatamos na seção anterior, o contexto interfere no significado da palavra. Na sua opinião, a “significação depende dos discursos em que as palavras e enunciados ocorrem”, além disso, “é ela em parte que faz com que textos sejam considerados racistas, machistas etc.”, pois, “o sentido independe (das intenções) dos sujeitos que produzem os enunciados” (Possenti, 1995, p. 128). O linguista cita Bakhtin (1981), que argumenta “um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e *refrata* uma realidade” (Bakhtin, 1981, p. 37, grifo do autor). O signo torna-se, por consequência, “uma arena da luta de classes” (Possenti, 1995, p. 128).

A divergência de sentidos e os diferentes lugares sociais podem isentar o falante, segundo Possenti (1995). Ademais, prossegue o linguista, muitas vezes, aqueles em cuja prática discursiva inclui-se a análise do discurso são chamados de racistas e machistas,

³⁰ Termos como “negro”, “denegrir” e outros associados a preconceito e que, conforme defende Possenti (1995), a depender do contexto em que são empregados, a conotação negativa inexistente. O linguista faz também uma crítica ao que denomina “etimologismo”, utilizando-se do argumento de que a etimologia não é um bom método para analisar palavras. Cita, entre outros (*his/history*, *mula/mulato*), o caso de *seminário* (palavra recusada por muitos falantes porque é, supostamente, originária de *sêmen* e deve ser substituída por *ovulários*), com o argumento de que *sêmen* não se origina do masculino.

mesmo que não saibam o efeito das próprias palavras e/ou não pretendam produzir determinados efeitos ao usarem certos termos marcados. Alguns têm consciência e outros não da carga negativa ou positiva de certos termos; outros tomam conhecimento da repulsa somente depois. É nesse esforço para empregar ou evitar certas palavras que a concepção de discurso como prática social e histórica se materializa. Esse é um cenário favorável para “ver e viver disputas de sentidos” no qual “forças sociais que agem com e sobre a linguagem explicitam suas posições, apelam para argumentos de várias ordens” (Possenti, 1995, p. 130) e mostra a relevância do problema em questão.

A atividade em favor de comportamentos politicamente corretos, declara Possenti (1995), caracteriza-se por buscar a neutralidade das palavras, hipótese que a Análise do Discurso (AD) rejeita, já que defende a tese de que “a palavra produz os efeitos de sentido que produz em decorrência do discurso a que pertence tipicamente (um discurso racista, por exemplo)”. Exatamente o oposto do que se quer demonstrar, o cuidado excessivo com a linguagem é uma atitude racista, “a denegação pareceria sintoma do preconceito” (Possenti, 1995, p. 133).

Apesar de reconhecer a importância do comportamento politicamente correto em relação à linguagem, Possenti (1995, p. 138) mostra o que considera “equivocos relativamente banais” na substituição: a tese é simplista; não existem palavras puras; a etimologia não consegue responder a todos os casos (ao que parece, esse é o problema mais grave); o surgimento de eufemismos cômicos ou, de outro modo, verdadeiras definições. Sobre estes dois últimos aspectos, o autor diz que são exatamente tais atitudes as responsáveis pela condenação, pelo desprezo.

Possenti (1995, p. 139) conclui o artigo com a afirmativa, “no tocante ao uso ideológico ou retórico da linguagem”, determinados pontos de vista podem ser justificados pelo método da etimologia. Segundo ele, uma vez que inexistente “uma linguagem com sentidos verdadeiros e puros”, nem sempre, de acordo com as explicações etimológicas, é possível comprovar e, conseqüentemente, sustentar o significado negativo da palavra.

Kanavillil Rajagopalan (2002), linguista indiano naturalizado brasileiro, professor e pesquisador, que tem contribuído para as renomadas publicações nas áreas de semântica e pragmática, discute as razões do desprezo à linguagem politicamente correta no artigo *Sobre o porquê de tanto ódio contra a linguagem ‘politicamente correta’*. Inicia fazendo alusão ao artigo de Possenti (1995), harmonizando-se com as críticas feitas por esse autor (o problema não está na linguagem, pois, a troca de palavras marcadas por palavras não marcadas é uma tese simplista) ao referido movimento. O argumento utilizado é a necessidade de pensar o

papel da linguagem e seu funcionamento. Manifesta opinião segundo a qual “a linguagem serve como ‘roupagem’ do pensamento” (Rajagopalan, 2002, p. 96, grifo do autor) e, por esse motivo, adverte que é preciso estar atento à linguagem figurada. Com a tese de que “o pensamento é a alma que move e dá vida à linguagem” e de que esta não tem condições de modificar aquele, declara: “os que argumentam a favor de uma linguagem politicamente correta estão querendo se refugiar atrás de uma cortina de fumaça, recusando-se a enfrentar o verdadeiro problema” (Rajagopalan, 2002, p. 96-97).

O eufemismo é recurso linguístico que serve para amenizar, ser menos agressivo em relação a determinado objeto “é preciso ter cuidado de não confundir a forma tradicional de pensar o eufemismo com o fenômeno em si, já que é difícil desprender a ‘coisa’ em si da forma como tal coisa vem sendo contemplada e descrita ao longo dos tempos” (Rajagopalan, 2002, p. 98, grifo do autor). O autor comenta a situação do *marketing*, que adota um conjunto de ações, estrategicamente formuladas, para “nomear” determinado produto, “mudar a imagem de um produto”, e, principalmente, “transformar o produto”, com vistas a influenciar o público quanto à determinada ideia, produto, serviço, pessoa, marca etc.³¹ Seu objetivo é mostrar que a linguagem exerce um grande impacto sobre as coisas e os acontecimentos. Trata-se de uma “poderosa arma”, já que “mexendo na linguagem consegue-se interferir no mundo”. Ademais, “ao trocar palavras estamos trocando também as coisas” (Rajagopalan, 2002, p. 100-101).

Rajagopalan (2002) alega que a linguagem politicamente correta não serve para aplacar os preconceitos sociais, visto que essa luta não pode se restringir a uma reforma linguística. Admite a importância de eliminarmos certas práticas da nossa linguagem, e conclui que não se trata de uma tarefa fácil e rápida, pois requer o monitoramento contínuo da linguagem, controle sobre a fala, já que “intervir na linguagem significa intervir no mundo” (Rajagopalan, 2002, p. 102).

Fiorin (2008) inicia o artigo *A linguagem politicamente correta* com trechos nos quais Monteiro Lobato emprega “judiar” e Lima Barreto e Machado de Assis, “denegrir”. Em seguida, questiona se podemos acusar esses escritores de racistas, já que os dois últimos eram descendentes de negros e o primeiro, antirracista declarado. Sobre a linguagem politicamente correta, resume: a) definição “é a expressão do aparecimento da cena pública de identidades que eram reprimidas e recalçadas: mulheres, negros, homossexuais etc.”; b) o que ela revela:

³¹ “O que eu chamo de um objeto *x* é, em última análise, o objeto tal qual ele se apresenta para mim. E a grande maioria dos objetos – ou quem sabe, a totalidade deles – está presente em nossa consciência junto com a imagem que cada um deles adquiriu ao longo dos tempos” (Rajagopalan, 2002, p. 100-101).

“a força dessas “minorias”, que eram discriminadas, ridicularizadas, desconsideradas”; c) objetivo: “combater o preconceito, proscrevendo-se um vocabulário que é fortemente negativo em relação a esses grupos sociais”; d) crença: “alterando-se a linguagem, mudam-se as atitudes discriminatórias” (Fiorin, 2008, p. 1).

Fiorin (2008, p. 1) também concorda com os argumentos de Possenti (1995) acerca do funcionamento da linguagem. Seu primeiro raciocínio baseia-se no que defendeu Aristóteles em *A Retórica*: “aquele que fala ou escreve cria, ao produzir um texto, uma imagem de si mesmo”. Questiona: o movimento em torno do discurso que “patenteia a discriminação é um instrumento eficaz de luta contra ela”? Reconhece que, de um lado, “a linguagem modela sentimentos e emoções” (p. 3). Chama atenção, no entanto, para dois aspectos: o exagero, ou seja, a busca frenética por eufemismos para adequar a linguagem dirigida a certos grupos sociais manifesta preconceitos arraigados na vida social; a inutilidade da busca por termos neutros ou objetivos. Com base em Bakhtin (1981), esclarece que todas as palavras “são assinaladas por uma apreciação social” (Fiorin, 2009, p. 3). O linguista continua afirmando que propagar uma linguagem dita mais neutra não elimina a discriminação, mas faz a ressalva: “como a conotação negativa é uma questão de grau, não é irrelevante deixar de usar os termos mais fortemente identificados com atitudes racistas, machistas etc.” (Fiorin, 2009, p. 3).

Sobre as ações dos defensores da linguagem politicamente correta que contrariam a natureza do funcionamento da linguagem, Fiorin (2008) destaca duas que considera irrelevantes para a causa em questão: acreditar que a palavra isolada “carrega sentido e apreciação social”. Isso quer dizer que o sentido da palavra materializa-se no contexto em que é empregada (o autor reporta-se ao vocábulo “negro” que, em princípio, demonstra racismo); insistir no etimologismo. O uso de eufemismos cômicos para substituir um termo considerado preconceituoso é outro comportamento visto com descrédito por Fiorin (2008), tal como ocorre com Possenti (1995).

Fiorin (2008) conclui o artigo dizendo “as palavras ferem” e, em referência ao poeta Pepe, complementa “as lágrimas não cicatrizam”, por isso, observa, “para criar um mundo melhor, é importante usar uma linguagem que não machuque os outros, que não revele preconceitos, que não produza discriminações”. Essa afirmativa vem seguida de outra: “É necessário, porém que, para ter eficácia, esse trabalho sobre a palavra respeite a natureza e o funcionamento da linguagem” (Fiorin, 2008, p. 5).

Vemos, pois, que existe uma interlocução entre Possenti (1995), Rajagopalan (2002) e Fiorin (2008), os quais, sem se desobrigarem da defesa de grupos discriminados socialmente,

veem com ressalvas a atitude de desprezar expressões que não são consideradas politicamente corretas. Os três apontam distorções linguísticas surgidas em razão do cuidado (obsessivo) no emprego de expressões, tidas como eufemísticas, mas que podem acentuar o preconceito (descrições cômicas, por exemplo) ou não respeitar o funcionamento e a história da língua.

Na próxima subseção, vamos mostrar a visão de estudiosos que se debruçaram com afinco sobre conceitos e origens do eufemismo. Pretendemos verificar de que maneira ocorre a interlocução desses autores com o que apresentamos até aqui.

3.5 O estudo do Eufemismo ao longo do tempo: a visão de outros estudiosos

Não é numerosa a quantidade de estudos mais sistemáticos sobre eufemismo na língua portuguesa, porém, alguns se destacam e têm caráter essencial para a compreensão do assunto. A apresentação desses autores (Correia, 1927; Bueno, 1965; Kröll, 1984; Domínguez, 2004; Stumpf, 2017; 2020) segue a ordem cronológica de publicação das obras.

3.5.1 João da Silva Correia (1927)

Nosso ponto de partida é a referência mais antiga da língua portuguesa³². Pelo que pudemos verificar, a tese de doutorado *O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa*, do professor e jornalista português João da Silva Correia, foi o primeiro trabalho em língua portuguesa a tratar desse tema. Na pesquisa, publicada pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o professor e catedrático inicia explicando o que é eufemismo “termo ou expressão de bom agoiro”. Segundo o filólogo, desde a antiguidade clássica, percorrendo entre os significados “empregar palavras de bom augúrio – *bona verba*, para os romanos – e evitar expressões nefastas ou malfazejas”, *eufemismo* adquiriu também o sentido de “guardar silêncio solene perante os sacrifícios e outros actos ou cerimônias religiosas” (Correia, 1927, p. 446-447).

Correia (1927) afirma que, já naquela época, o termo designava também o conjunto dos meios linguísticos para disfarçar ou atenuar uma ideia desagradável, odiosa ou imprudente, com a ressalva de que nem sempre o homem se esquivava da franqueza, podendo recorrer, em alguns momentos a palavras menos eufêmicas. O autor faz duas observações

³² *O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa*, de João da Silva Correia (1927), é um trabalho de conclusão de doutorado que se transformou em livro e faz parte do acervo de obras raras de Portugal.

dignas de nota: o emprego de eufemismos não faz distinções³³ de caráter social, econômico ou intelectual; as classes mais cultas são as que menos usam tais recursos.

A classificação das causas eufêmicas, comenta Correia (1927, p. 454), resulta de duas ordens: psíquica e social. Na categoria psíquica, existe a convicção de que algumas palavras podem trazer felicidade; outras, desgraça. Acredita-se que, mesmo quando pronunciadas por animais, as palavras não perdem o seu valor mágico. A orientação é que devem ser evitadas as “misteriosas”, aquelas que pressagiam morte ou trazem desventuras, desgraças. Nesse grupo de expressões relacionadas ao espírito, à alma e que, segundo a crença, possuem “mecanismo de mal ou de bem fazer”, incluem-se divindades, sejam elas consideradas boas ou más. No lugar de *por Deus*, para evitar proferir “blasfêma”, diz-se, por exemplo, *pardelhas* ou *par Dieu*.

Na categoria de palavras de ordem social, aquelas que, conforme julgam, podem trazer sentimentos, como piedade ou megalomania, estão profissões cujas denominações devem ser evitadas. “Barbeiro” (substituída por termos estrangeiros *coiffeur*, *hair-dresser*), “engraxate” (que passa a ser *professor of boot blacking*) e nomes próprios “Sardinha” (Sardenha). Correia (1927) afirma que as causas eufêmicas de ordem social mais importantes são a decência, a delicadeza e a prudência. Por decência, excrementos do corpo (*mingere*, por exemplo) devem ceder lugar a *urinar*, *verter água*, *fazer uma necessidade*. Em vez de *latrina*, opta-se por *water-close*, *cabinet*, *toilette*, *bath-room*. Marido enganado é *um coitadinho, da confraria*. Tudo isso, declara o autor português, “fixado por circunstâncias meramente convencionais, o mesmo vocábulo muda de caráter apenas passa a fronteira”³⁴. A fronteira citada por Correia (1927), para nós, pode referir-se ao contexto do discurso, ao passar do tempo, ao interlocutor.

O meio social (ou a época) pode ser mais ou menos exigente. Para ilustrar essa afirmação, Correia (1927) cita: por delicadeza, *servente* passa a ser *contínuo*, varredor de rua, *gentleman*, lavadeira, *lady*. Por prudência (para conseguir vantagem ou benefício), muitas vezes sobe-se o posto ou grau da pessoa. Criados de restaurantes passam a ser *maître*, negro, *coloured gentleman*. O sentido dos exemplos utilizados em ambas as situações (delicadeza e prudência) é muito tênue e se aproxima das expressões denominadas politicamente corretas.

³³ Segundo João da Silva (1927), ninguém passava sem o que ele denomina “para-raios”: “Os próprios que dizem não ser para rodeios, gente de pão-pão, queijo-queijo, reconhecem a impossibilidade de realizar o seu princípio, e, nos momentos críticos, escondem-se prudentemente por trás da cortina eufêmica” (Correia, 1927, p. 451).

³⁴ A locução *filho da puta*. Em “Como é filho da puta (considerada ácida). O filho da puta do rapaz como ele sobe aquele pinheiro!” (Correia, 1927, p. 461).

Na parte seguinte da pesquisa, Correia (1927) oferece-nos um catálogo minucioso da ocorrência dos processos eufemizantes em vários campos: auxiliares da linguagem, lexical, fonético, gramatical, sematológico e estilístico. No campo auxiliares da linguagem, são três os recursos eufemísticos: tom de voz, popismas e gestos. Por meio do tom de voz, atribui-se ao enunciado um julgamento que pode expressar um estado de cólera ou de calma sobre a realidade. Os popismas podem ser também eufêmicos. Os gestos exprimem juízo de valor e são usados em algumas situações. Encolher os ombros, posicionar o antebraço em forma de cruz, manter as mãos cerradas etc. são movimentos atenuadores em algumas situações, tais como o tom de voz.

No campo lexical, a lista de exemplos é mais extensa:

- elipse (diz-se *fazer uma*, *dar lhe duas* para referir-se ao ato sexual ou *cornel* para o coronel corno);
- substituição (*vá à missa*, em vez de *vá à merda*);
- versão (opção por palavras estrangeiras, *water close (WC)* para referir-se à latrina);
- termo científico³⁵ (*dejeto* ou *excremento* para excreções do corpo);
- arcaísmo (*punha-lhe as cornas*, conforme Fernão Lopes);
- onomatopeia (bastante atribuída às mães. *Pum* para ventosidade);
- vocábulos da linguagem infantil (*chi-chi*, *tutu*);
- interpretação vocabular (*chamar pelo Gregório*, *deitar a carga ao mar* para vômito);
- formas primitivas (*Panelas* para inversão sexual, *o Pilulas* para quem tem desequilíbrio mental);
- formas derivadas (*diabinho*, *ceguinho*, *caquinha*);
- formas compostas (*cu-de-Judas* para beco sujo ou *cu-de-chumbo* para indivíduo gordo e pesado);
- denominações afectuosas (*doninha*, *donasinha*, *pequena senhora*);
- termos genéricos (*o inimigo* em vez de diabo, *estabelecimento* para casa de meretrizes, *continuar o comércio* para a prática sexual frequente, *entregar-se* para o ato sexual, *coisa* para órgão sexual, *desavença*, *excentricidades*, *fazer uma coisa* para urinar ou evacuar, *isso* para morte ou doenças graves ou sujas).

No campo fonético, o processo de eufemizar palavras reduz-se à deformação. Esta pode ocorrer por:

- redução (*se fu...* por *estar futricado*, *T.B.C.* por tuberculose, *ela é uma p...*, *m...*);
- encorpamento (acréscimo de fonemas *luzecuco* por *luzecu*);
- deslocamento prosódico (*cornú*);

³⁵ Em 2020 a OMS cuidou logo de substituir “coronavírus” por COVID-19; com a mesma rapidez, o vírus causador da doença foi classificado tecnicamente de SARS-CoV-2.

- mutação de fonemas (*dialho, o menino leva no tu!*);
- inversão dos sons (*noc* por *con* e *luc* por *cul*);
- cruzamentos vocabulares (*demo* + *decho* = *dechemo*).

No campo gramatical, as mudanças abrangem substantivos, verbos e outras classes:

- gênero (*bacio* por *bacia*);
- número (*peito* é considerado mais delicado que *peitos*);
- modos (em vez de *arranja tu isso, tu arranhas isso*);
- Tempos (em vez de *peço-lhe o favor de voltar amanhã, pedia-lhe o favor de voltar amanhã*);
- forma proposicional (em vez de *peça um livro desses para mim, usa-se era capaz de pedir um livro desses para mim?*);
- alianças vocabulares (*minha amiga* por *amiga*).

O campo sematológico inclui outras figuras de linguagem e recursos:

- metonímia (*Madanela* em vez de *Madalena*, *visitar as Marias* por *entrar nos bordéis*);
- metáfora (*gaita, berimbau, minhoca* e *grilo* por *pênis*);
- alegoria (*Rosa* por *mulher*);
- antífrase (*casa de senhoras honestas* por *bordel*, *casa de saúde* por estabelecimentos onde se tratam doenças);
- trocadilho (*alto cargo de procurador geral da coroa* para referir-se àquele que pede dinheiro emprestado);
- etimologia popular (*este tem vivido na venda do porco* por indivíduo sujo).

No campo estilístico, os mecanismos são:

- circunlocução (*filho daquela que salta e berra* em vez de *filho de uma cabra*);
- hipersemia (consiste na hipóbole, em que se emprega *Grande Hotel* por *estalagens percevejentas*);
- hipossemeia (*inverdade* por *mentira*, *fiquei menos contente com a sua ação* em vez de *fiquei descontente com a sua ação*);
- expressão negativa (*Sou tudo o que V. Exa diz, mas o que com certeza não sou é parvo*);
- frase paradoxal (*Ora vá lá fora ver se eu lá estou!*);
- repetição (*ora, os namorados são... os namorados!*);
- os complemento desculpadores (*Ele já está bêbado?... ou será da minha vista!*)

Correia (1927) é minucioso ao explicar as causas, processos e domínios dos fenômenos linguísticos denominados eufemismos. Entre os exemplos citados, nos diferentes campos, o sentido de alguns confunde: *chamar pelo Gregório*, *deitar a carga ao mar*, para vômito; *cu-de-chumbo*, para indivíduo gordo e pesado; *se fu...* por *estar futricado*; *este tem vivido na venda do porco*, por indivíduo sujo; *filho daquela que salta e berra*, em vez de *filho*

de uma cabra. Esses termos mostram que o eufemismo varia de técnica e é também inspiração para sarcasmo, hipérbole, depreciação, conforme constataram Dubois *et al.* (1974). Seguimos com a análise.

3.5.2 Silveira Bueno (1965)

Silveira Bueno (1965), jornalista, lexicógrafo e filólogo brasileiro, destina o penúltimo dos dezoito capítulos de *Tratado de Semântica Brasileira* aos tabus, eufemismos e disfemismos. Inicia com a definição de tabu e a distinção entre este e os eufemismos. Prossegue descrevendo aquilo que chama de tabuização das palavras, uma necessidade que surge da crença de que a palavra possui força para produzir concretamente aquilo que significa. Argumenta que, se voltada para o bem, a expressão traz felicidade. Se, ao contrário, é julgada maléfica, é portadora de azar. Nessa mudança de sentidos (favorável ou desfavorável) que, conforme supõe, as palavras têm, o autor inclui nomes próprios considerados maldição, os verdadeiros “nomes-tabus”.

Bueno (1965) assevera que os eufemismos surgiram, no primeiro momento, “na razão inversa dos tabus”, para responder, em termos linguísticos, ao temor supersticioso. À medida que desapareceram os tabus convencionais, aumentaram os eufemismos de decência e pudor, dessa vez, para suavizar ou minimizar o peso conotador de palavras menos agradável, mais grosseira, os denominados disfemismos que, segundo o autor, cujo ponto de vista difere do de Correia (1927), são empregados por pessoas das classes sociais mais baixas.

Bueno (1965, p. 196) descreve os recursos de que se valem os escritores para substituir o termo indesejado e afirma que a supressão da palavra e a substituição pelas “reticências salvadoras” é o processo eufêmico mais comum, seguido de outros (também citados por Correia, 1927): alusão, deformação fonética, substituição por termo estrangeiro, linguagem infantil, substituição, formação de locuções, emprego de termos genéricos.

São tipos e causas de eufemismos, segundo Bueno (1965): superstição; doenças e calamidades; amuletos e talismãs; a morte, a outra vida – o inferno; a mão esquerda; pragas, eufemismos de polidez; crimes e violências; eufemismos de decência; o corpo humano; necessidades naturais; relações amorosas; eufemismos de delicadeza social; eufemismos hipócritas.

Da explicação de Bueno (1965), extraímos outra observação importante, a possibilidade de diminuir o valor estimativo das coisas e construir disfemismos por meio de recursos gramaticais: diminutivos (*testinha*); aumentativos (*dramalhão*); sufixos (*padreco*,

velhote, faladeira); gênero (*cadela, porca*); verbos (*escrevinhar*); deformação fonética (*Chato-briand* para se referir ao jornalista *Chateaubriand*); cacofonia (*disputa*).

Podemos afirmar que, longe do que acontece com Correia (1927), Bueno (1965) não apresenta o tema de forma muito didática. Um dos pontos em que constatamos falta de clareza é a diferença/limite entre tabu, eufemismo e disfemismo. O autor faz tenção de dizer, mas não se decide quanto à ação do eufemismo, se na razão inversa dos tabus ou dos disfemismos.

3.5.3 Heinz Kröll (1984)

Heinz Kröll (1984), autor alemão, elegeu uma afirmação de Correia³⁶ para iniciar a publicação de *O eufemismo e o disfemismo no português moderno* e faz três comentários sobre a pesquisa desse autor, na tentativa de justificar a necessidade de um novo estudo sobre o tema: primeiro, o fato de não ter reconhecido o valor de que é dotada; segundo, a ausência de um índice de palavras e expressões, condição que dificulta o trabalho do consulente; terceiro, os mais de cinquenta anos da publicação da primeira obra sobre eufemismo e disfemismo no português moderno.

Kröll (1984) afirma que não vai se ocupar da definição de eufemismo e disfemismo nem da explicação das causas e processos desses fenômenos, com a justificativa de que Correia (1927), Bueno (1965) e outros autores já o fizeram. Seu propósito é “apresentar um corpus de material linguístico classificado que possa documentar as tendências eufemísticas do português moderno” (Kröll, 1984, p. 12). Para esse fim, divide o estudo em sete capítulos que abrangem amplamente os temas: superstição; delicadeza/respeito; defeitos morais e mentais; situação financeira; ofensas e consequências; decência: o corpo; decência: amor.

Kröll (1984) baseou-se no trabalho de Correia (1927) e tratou da questão dos eufemismos e disfemismos de forma semelhante, sem, no entanto, apresentar uma separação nítida dos dois fenômenos, já que considera quase impossível determinar os limites entre um e outro mecanismo, pois, “O que hoje ainda é um eufemismo, amanhã já pode ser um disfemismo” (Kröll, 1984, p. 12). O autor esmera-se por discutir o material linguístico com base nas causas dos eufemismos, opção que, segundo ele, é a que mais atende aos interesses dos leitores.

A necessidade de indicar variações e diferenças em relação aos fatores ou aspectos sociais e culturais dos povos e a conveniência de trazer um corpus com abonações de autores

³⁶ “O estudo do eufemismo tem o mais alto interesse linguístico” (Kröll, 1984, p. 11).

que se servem das possibilidades são duas características importantes do estudo para “disfarçar termos desagradáveis ou que têm pendor para a linguagem mais violenta, ou seja, para o desbragamento linguístico” (Kröll, 1984, p. 13).

O estudo de Kröll (1984) atinge o objetivo proposto, pois traz um *corpus* variado e uma ampla discussão em cada capítulo/tema. Trata-se de um material rico, tanto para quem deseja conhecer eufemismos mais antigos quanto para quem quer realizar uma análise acadêmica sobre causas e categorias desses fenômenos. A divisão por temas, a forma de explorar cada um deles e o detalhamento do índice são procedimentos adotados que facilitam o trabalho do leitor no acesso às expressões empregadas pelo povo e por autoridades da literatura portuguesa.

3.5.4 Chamizo Domínguez (2004)

No artigo *A função social e cognitiva do eufemismo e disfemismo*, Pedro J. Chamizo Domínguez (2004), professor de filosofia da linguagem na Universidade de Málaga, Espanha, discute os papéis desempenhados por esses recursos na formação de redes conceptuais e, conseqüentemente, na estruturação do pensamento. O estudioso advoga a necessidade de se elevar eufemismos e disfemismos à categoria de metáfora ou de considerá-los um caso especial de metáfora, já que características inerentes a esta³⁷ também se podem aplicar aos eufemismos e disfemismos. Tal proposição parte, entre outros, de dois princípios: primeiro, “considerar determinada palavra um eufemismo ou disfemismo não depende da palavra em si, mas do contexto, do uso que se faz dessa palavra ou das intenções dos falantes”³⁸; segundo, “as fronteiras entre os eufemismos e os disfemismos são às vezes muito tênues”³⁹ (Domínguez, 2004, p. 45, tradução nossa).

Na segunda parte do texto, Domínguez (2004) mostra outra diretriz do campo do eufemismo: ambiguidade, polissemia e sinonímia. Assim, “uma palavra só pode funcionar

³⁷ “Dar a una cosa el nombre que pertenece a outra, que conlleva caracteristicamente una falsedad categorial, que se define como la transferencia de una estructura desde un dominio conceptual (el dominio fuente) a otro (el dominio término)” (Domínguez, 2004, p. 45).

³⁸ “El que una palabra dada sea sentida por los hablantes como un eufemismo o como un disfemismo no depende de la palabra en sí, sino del contexto, del uso que se haya hecho de dicha palabra o de las intenciones de los hablantes” (Domínguez, 2004, p. 45).

³⁹ “Las fronteras entre los eufemismos y los disfemismos son a veces muy borrosas” (Domínguez, 2004, p. 45-46).

como um eufemismo se sua interpretação permanece ambígua”⁴⁰ (Domínguez, 2004, p. 45-46, tradução nossa). Acrescenta:

- Um eufemismo não pode ser substituído por nenhuma outra palavra e seguir surtindo os mesmos efeitos cognitivos, estilísticos, sociais etc;
- Os eufemismos só podem ser identificados no contexto de um enunciado e sua compreensão depende dos conhecimentos, gestos, usos sociais ou crenças dos interlocutores no intercâmbio linguístico;
- A depender do contexto do enunciado, referente a crenças ou conhecimentos dos participantes no intercâmbio linguístico, gestos etc., determinado enunciado pode ser entendido literal, metafórica, eufemística, disfemística ou ironicamente;
- Quando o ouvinte não é cooperativo (ou não quer sê-lo), desaparece o efeito eufemístico dos enunciados⁴¹ (Domínguez, 2004, p. 45-46, tradução nossa).

Domínguez (2004, p. 46) classifica três condições na lexicalização do eufemismo: “novo”, aquele criado no “aqui e agora” e que não pertence a nenhuma rede conceptual prévia, mas é compreendido imediatamente pelos que conhecem o contexto em questão. Exemplo: “Non à la Busherie” (em vez de boucherie), uma alusão ao então presidente dos Estados Unidos, diante da possibilidade de uma segunda Guerra do Golfo, em 2003; “semilexicalizado”, aquele que passou a fazer parte do acervo de uma língua e é compreendido como tal: fazer amor (copular); “lexicalizados ou mortos”, aqueles em que os falantes perderam a consciência do sentido para o qual foram criados: criada (por servente).

Outro argumento de Domínguez (2004, p. 47), apesar de podermos estudar os eufemismos e disfemismos da mesma maneira que as metáforas, já que todos, segundo ele, formam redes conceituais, diferentemente daquela, considerada a figura maior, os eufemismos assumem funções sociais: i) ser cortês ou respeitoso; ii) elevar a dignidade de uma profissão ou ofício; iii) dignificar uma pessoa que sofre alguma enfermidade, desvantagem ou situação dolorosa; iv) atenuar uma situação dolorosa; v) ser politicamente correto; vi) permitir

⁴⁰ una palabra sólo puede funcionar como eufemismo si su interpretación permanece ambigua” (Domínguez, 2004, p. 45-46).

⁴¹ - Un eufemismo no puede ser reemplazado por ninguna otra palabra y seguir surtiendo los mismos efectos cognitivos, estilísticos, sociales etc. ” (Domínguez, 2004, p. 45-46).
 - Los eufemismos sólo pueden ser detectados en el contexto de una preferencia, y su comprensión depende de los conocimientos, gestos, usos sociales o creencias de los interlocutores en el intercambio linguístico” (Domínguez, 2004, p. 45-46).
 - En función del contexto de la preferencia, las creencias o los conocimientos de los participantes em el intercambio linguístico, los gestos, los gestos etc., una determinada preferencia puede ser entendida literal, metafórica, eufemística, disfemística o ironicamente” (Domínguez, 2004, p. 45-46).
 - Cuando el oyente no es cooperativo (o no quiere serlo) desaparece el efecto eufemístico de las preferencias (Domínguez, 2004, p. 45-46).

manipular os objetos ideologicamente; vii) evitar insultos étnicos ou sexuais; viii) nomear um objeto ou uma ação tabu. Essas funções sociais coincidem com as citadas no estudo de Correia (1927).

Tal como fizeram Fiorin (1988) e Dubois *et al.* (1974), Domínguez (2004) ressalta que muitos eufemismos e disfemismos se originam em uma figura de linguagem ou em mais de uma concomitantemente e, também, por meio de múltiplos mecanismos linguísticos: circunlocução; hipérbole; metonímia/sinédoque; metáfora; antonomásia; ironia; meiosis; aliteração; diminutivo; alusão; personificação; siglas/abreviaturas.

Domínguez (2004, p. 48) cita um fator importante na análise dos processos. As perguntas *como* e *por que* se criam e se usam esses fenômenos linguísticos podem revelar características sobre a imaginação dos falantes em seu contexto social, bem como aspectos culturais dos usuários de determinada língua. Outro ponto positivo da criação e do uso dos eufemismos é “manter viva uma língua e adaptá-la a mudanças das circunstâncias sociais e históricas” (Domínguez, 2004, p. 49).

No final do artigo, o autor propõe mais uma vez o que fundamenta o princípio básico do texto: incluir o estudo dos eufemismos e disfemismos na área da linguística cognitiva e da análise do discurso com a mesma intensidade da metáfora, da metonímia e demais figuras de linguagem.

3.5.5 Stumpf (2017)

Elisa Marchioro Stumpf, professora e pesquisadora da área de linguística e linguística aplicada, eufemismos, interculturalidade, empreendeu, em 2017, o estudo *No limite do diálogo: eufemismo e enunciação em Émile Benveniste* (tese de doutorado), para formular, com base na teoria enunciativa de Émile Benveniste, uma concepção de eufemismo. A pesquisa também teve outros objetivos: analisar de que maneira a problemática do eufemismo está presente na obra de Benveniste e relacioná-la às reflexões levantadas por esse linguista sobre enunciação e diálogo; demonstrar de que forma o eufemismo serve para tratar da relação entre língua e cultura pelo viés da interdição; propor uma possibilidade de interpretação do eufemismo com base na teoria de Benveniste.

Stumpf (2017) constatou que o eufemismo “é um mecanismo complexo que consiste em dizer X ao mesmo tempo em que aponta para como X atenua Y, sendo este o conteúdo sobre o qual recai a interdição”. Desse modo, o eufemismo pode ser “considerado um ato

performativo, pois eufemizar é justamente enunciar uma expressão que contenha tal mecanismo” (Stumpf, 2017, p.111).

Com base nas leituras e discussões, Stumpf (2017, p. 111) declara que, para ser considerado “comunhão fática”⁴², “o diálogo deve contar com a implicação subjetiva daquele que enuncia, o que implica fazer da situação de discurso uma referência”. Sem esse requisito, resta apenas “a aparência de um diálogo”. A autora afirma que “a blasfemia é descrita de forma a ressaltar que sua enunciação não faz referência a uma situação particular, não comunica uma mensagem e, portanto, não abre para diálogo”.

Outras constatações da autora: “por poder ser empregado em qualquer situação, o mecanismo utilizado para o eufemismo também não toma a situação como objeto de discurso”. Ademais, “o fato de o eufemismo trazer simultaneamente o conteúdo interdito e a sua atenuação enquadra-no em um tipo de enunciação que se volta sobre ela mesma, impedindo que se comunique uma mensagem e instaure um diálogo”(Stumpf, 2017, p. 111).

Após refletir sobre eufemismo e blasfemia, Stumpf (2017, p. 110-111) conclui que esses dois fenômenos podem contribuir para discutir a relação entre língua, sociedade/cultura e homem. De um lado, a blasfemia, atitude que se caracteriza por usar o nome de Deus em vão e que “constitui uma transgressão ao tabu e uma ofensa”. Tal violação mostra que “a língua pode ser usada para agredir, a depender das diferentes culturas (o que evidenciaria a “mal-dição”). De outro, o eufemismo, “uma tentativa de conter o potencial agressivo da língua, o que revela como o homem se depara com as interdições da sua cultura e as interpreta por meio da língua”.

A autora mostra o modo como Benveniste traz a subjetividade na condição de interdição, pois, “profanar o sagrado” faz parte do desejo do homem. Reforça a ideia de que o homem “se depara com as interdições da sua cultura e as interpreta por meio da língua”. Se, de um lado, pratica a eufemia, de outro, por meio dessa reação, consegue manifestar a sua transgressão (a blasfemia).

3.5.6 Stumpf (2020)

No artigo *Eufemismo: um fenômeno multifacetado no cruzamento entre língua e cultura*, Stumpf (2020) faz um resumo dos estudos sobre eufemismos, passando pelas gramáticas até chegar às perspectivas linguísticas que tratam do funcionamento discursivo

⁴² Tipo de troca verbal, conforme denominou Malinowski (STUMPF, 2017, p. 111).

desse recurso. Na análise, inclui os tabus/interdições e sua representação verbal, o disfemismo. Ao eleger essa dupla abordagem, a autora trata da questão considerando outras: im(polidez), agressão verbal e linguagem politicamente correta. Seu objetivo é contribuir para “a compreensão da relação entre língua e cultura com base em perspectivas que descrevam seu funcionamento linguístico-discursivo nas atividades significantes dos sujeitos” (Stumpf, 2020, p.1).

Stumpf (2020, p. 2) afirma que a matéria de decisão é “o papel e a importância da língua e das representações de grupos sociais”, ou seja, conforme a proposição do doutorado, defende “a relação entre língua e cultura”. A autora ressalta que, no conjunto de ações para diminuir ou acabar com o preconceito, está o eufemismo, usado para substituir palavras preconceituosas e não ofender o alocutário. Ademais, distingue o caráter “multifacetado” do eufemismo.

Para definir e analisar esse fenômeno, Stumpf (2020, p. 2) pauta-se nos estudos que destacam o papel do contexto e dos interlocutores. Uma atitude fundamental da autora é confrontar diretamente a ideia de que o eufemismo é apenas uma figura de linguagem. Segundo ela, o eufemismo não se restringe a usos mais rebuscados da língua, condição que facilitaria a sua explicação por meio das gramáticas, e mostra a presença desse fenômeno “nas enunciações comuns dos falantes em diversas situações”. Aceita, portanto, a relação entre língua, cultura e pensamento, estabelecida por diversas pesquisas, e que a faz considerar o eufemismo “um testemunho de como o locutor experiencia a relação entre língua e cultura”.

Stumpf (2020, p. 3-4) parte do que defenderam outros autores (alguns, mencionados no nosso estudo, Correia, 1927; Fiorin, 1988; 2019; Benveniste, 1988). Da proposta de Bonhome (1998), adota os seguintes pontos de vista: primeiro, os atos de fala presentes no eufemismo: “um ato moderador, que borra a realidade à qual se faz referência; um ato melhorativo, que minimiza essa realidade”; depois, a ideia do eufemismo como uma figura derivada, que recobre alguns tropos (metáfora), figuras sintáticas (perífrase) e figuras morfológicas (apócope e epêntese). Também com base em Bonhome, cita duas situações a que se refere o emprego de eufemismos: a atenuação de tabus por interdições culturais (doenças, morte, atos fisiológicos e sexuais) e problemas sociais (eufemismos usados na mídia e na linguagem administrativa).

A autora analisa o eufemismo nas gramáticas brasileiras e mostra um traço comum entre elas “todas as definições de eufemismo dizem respeito ao fenômeno enquanto processo, e não enquanto produto” (Stumpf, 2020, p. 5), donde se conclui que, segundo esse material, “o eufemismo é o ato de empregar uma expressão eufemística, e não a expressão em si”.

Conforme Stumpf (2020, p. 5-6), as gramáticas da língua portuguesa deixam a desejar nos seguintes aspectos: a) não fazem menções sobre motivação, funcionamento e uso de eufemismo; b) deixam de fora a ideia de que o eufemismo não é um mecanismo em si e pode se realizar por meio de outros; c) não delimitam nem diferenciam alguns mecanismos; d) mantêm silêncio quanto à possibilidade (frequente) de presença simultânea de mais de um mecanismo na formação do eufemismo; e) apresentam classificações (exaustivas) que não ajudam a compreender o fenômeno.

Ao tratar do eufemismo na visão da linguística, Stumpf (2020, p. 7) diz que o defeito de muitas pesquisas é concentrar-se apenas no mecanismo linguístico de produção dos eufemismos. Ressalta, no entanto, que outros estudos não se enveredam por esse caminho e consideram situações reais de uso, a produção (papel do locutor) e a recepção (papel do alocutário), perspectiva que se relaciona à pragmática e traz à tona fatores relevantes sobre o eufemismo: características discursivas, elementos do processo de comunicação, papel do ouvinte e efeito do que foi dito.

Stumpf (2020) declara seu interesse em desenvolver uma explicação do eufemismo segundo uma perspectiva enunciativa, como propõe Émile Benveniste. Para tanto, assume dois pontos de vista: o primeiro, baseado no texto “Eufemismos antigos e modernos”, no qual se vê “manifestada a relação de interpretância”, condição que expõe a excelência da língua na sociedade. O mérito dessas análises, explica a pesquisadora, está no fato de Benveniste mostrar de que maneira “a língua interpreta a sociedade e determinados aspectos culturais, trazendo um testemunho das suas interdições nas formas de que ela dispõe para contorná-las” (Stumpf, 2020, p. 9-10).

O segundo ponto de vista também se pauta na discussão levantada pelo linguista francês em *A blasfemia e a eufemia*, artigo que “trata da relação entre língua e locutor sob o viés das interdições culturalmente impostas”. A questão central do texto é analisar conjuntamente a blasfemia e a eufemia para “mostrar as consequências linguísticas das interdições na constituição do sujeito e o que isso diz do funcionamento da língua no meio social” (Stumpf, 2020, p. 10)

Nas considerações finais, Stumpf (2020) sintetiza sobre o eufemismo: a) não se trata de uma forma mais rebuscada de falar e está presente na linguagem comum; b) sua causa são os tabus e as interdições sociais, daí a importância das expressões consideradas disfemísticas; c) não se trata de substituição por termo sinônimo, mas de atenuação de uma ideia desagradável, portanto, de outra forma de conceituar a realidade; d) não se limita ao nível lexical, ampliando-se para outros níveis linguísticos e até para recursos extralinguísticos; e)

para sua realização, submete-se também a outros recursos linguísticos e figuras (metáforas, siglas, transformações fonéticas).

Por fim, Stumpf (2020, p. 10) reforça a ideia de que compreender os eufemismos significa compreender também os aspectos culturais e intersubjetivos que os envolvem, tendo em vista as diferentes culturas, interdições e tabus. Na condição de “fenômeno complexo e multifacetado, que está no cerne da relação língua e cultura”, o eufemismo pode ser analisado considerando aquilo que lhe é inerente, ou seja, a interdição. Esse ponto de vista é essencial para descrever o funcionamento social da língua. Assim como o fez Domínguez (2004), Stumpf (2020, p. 11) pleiteia um lugar de destaque para o eufemismo na literatura, não apenas na condição de figura de linguagem, e sim para entendermos “o seu funcionamento nas atividades significantes dos sujeitos que, constantemente, marcam e constroem sua relação com a sociedade e com a cultura na e pela língua”.

Stumpf (2017; 2020) empreende um estudo produtivo, já que incursiona por variados aspectos do eufemismo, desde a teoria da enunciação, em Benveniste, pelo modo como o linguista francês traz a subjetividade para discutir a relação entre língua e cultura, pelo viés da interdição, até a atualidade, quando o eufemismo amplia a sua interface e passa a um “fenômeno multifacetado”.

Alguns autores (Bueno, 1965; Abraham, 1981; Lyons, 1981; Lausberg, 2004; Houaiss e Villar, 2009; Stumpf, 2017; 2020) ressaltam que o eufemismo é também um recurso empregado para substituir termos-tabus. O tabu linguístico é pouco estudado no Brasil, apesar de ter chamado a atenção de linguistas em meados do século XX. A próxima subseção tem o objetivo de situar, de modo geral, a condição do eufemismo na substituição de termos-tabus. Para tanto, analisamos o tabu na perspectiva de Guérios (1956), Bueno (1965), Blickstein (1973), Preti (1983), Coseriu (1987) e Viaro (2017).

3.6 Eufemismo e Tabu

Por ordem cronológica, a nossa primeira referência é *Tabus linguísticos*, de Mansur Guérios (1956)⁴³, lexicógrafo brasileiro, linguista e professor universitário. Para definir tabu, o autor cita três teóricos. Inicia com uma síntese do que traduziu de Freud: “sagrado-proibido” ou “proibido-sagrado”, que significa “abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver,

⁴³ Um dos poucos autores a estudar amplamente os tabus linguísticos em português. Bueno (1965, p. 190) considera essa a mais completa obra que se publicou no Brasil. Portanto, vamos nos ater mais demoradamente a ela pelo fato de encontrarmos muitas das informações de que precisamos para explicar a relação entre eufemismo e tabu.

dizer qualquer coisa sagrada ou temida”. Nessa perspectiva, existem os objetos-tabus, os lugares-tabus, as ações-tabus, as palavras-tabus, as pessoas-tabus e situações ou estados-tabus. Desrespeitar qualquer um deles seria correr o risco de arruinar a coletividade, a família ou o indivíduo.

A segunda definição apresentada por Guérios (1956, p. 7) é a de Willems, cuja ideia é de que o tabu é uma “proibição ligada a certas representações mágicas ou religiosas” e sua desobediência culminaria em aplicação de sanções sobrenaturais. O Dicionário de Sociologia mexicano, editado por Henry Pratt Fairchild, em 1949, é a terceira fonte de Guérios (1965) para explorar o sentido de *tabu*. A novidade desse dicionário em relação às definições de Freud e Willems é a expressão “regulação social”, do que se pode concluir, ao fazer parte das leis que regem o comportamento dos indivíduos, o tabu passa a ser também um tema de interesse da sociologia.

Guérios (1965, p. 12) classifica o tabu linguístico em próprio e impróprio: o primeiro significa a “proibição de dizer certo nome ou certa palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural, e cuja infração causa infelicidade ou desgraça”. É o que ocorre quando se substitui *diabo*, *demônio*, *satanás* por *diacho*, *demo*, *satã*. Nessa concepção, o tabu não seria conhecido senão pela fé ou pela própria religião. O segundo “é a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira”, aquela considerada agressiva à moral ou ao sentimento.

O tabu linguístico tem um alcance e, para se verificar a proibição de nomear determinada coisa, é preciso, antes, conhecer as características culturais da sociedade em questão. Outra questão fundamental é a vigência dos tabus linguísticos. O substituto do tabu vigora no mesmo passo deste, ou seja, o tabu pode ser temporário e a expressão a qual se lhe refere também⁴⁴, (Guérios, 1965).

Uma informação que se verifica na publicação de Guérios (1965), mas não na dos demais autores consultados, diz respeito aos meios de substituição dos vocábulos tabus. Para velar o “ser sagrado-proibido”, Guérios (1965, p. 20) cita o metalexismo, mas considera “noa” o antônimo de tabu, a expressão ideal, “neutra, permitida”, “aquela com a qual não se está ou não se é atingido pela desgraça”. Esclarece que “noa” não equivale a eufemismo, já que este substitui ou atenua uma ideia triste ou desagradável pertencente ao domínio moral ou do sentimento; “noa” faz parte do domínio mágico-religioso. Ressalta, no entanto, que o sentido de “noa” pode abranger os eufemismos, tal como ocorre com o termo tabu (que pode incluir, além dos fatos mágico-religiosos, os de natureza moral) e vice-versa (Guérios, 1965, p. 20).

⁴⁴ Guérios (1956, p. 13) chama atenção para o fato de “uma palavra ser tabuizada num povo, numa comunidade, numa família e não sê-lo em outra”.

Em *Tratado de Semântica Brasileira*, Bueno (1965) afirma que a palavra *tabu* provém da língua falada na Polinésia e chegou até nós por meio do inglês *taboo*, trazida por James Cook, em 1784. Bueno (1956, p. 190)⁴⁵ registra que esse fenômeno “tem tanta força proibitiva que falar dos tabus já é tabu” e torna público o seu interesse por aquilo que considera o seu substituto, os eufemismos. A tabuização ocorre pela impressão desagradável que, se supõe, as palavras tenham, devido ao som ou ao temido e evitado sentido, e é solucionada com a transformação, a substituição por termos que expressam mais delicadeza. Essa necessidade de estar em harmonia com o elemento sonoro ou com o significado aproxima o tabu do eufemismo.

No *Dictionnaire de Linguistique*, Blikstein (1973), professor, linguista e semiótico brasileiro, destaca as palavras tabus, cuja inobservância poderia ocasionar a reprovação ou o desprezo do falante no grupo social, e traz um exemplo comum a certos povos, em que às mulheres não é permitido usar a palavra que significa “marido”⁴⁶. A interdição vocabular, nesse caso, ocorre não por superstição ou imoralidade, mas, possivelmente, pelo respeito que essa sociedade atribui à figura do marido.

Em *A linguagem proibida – um estudo sobre a linguagem erótica*, Preti (1983), professor e linguista brasileiro, um dos precursores da Sociolinguística no Brasil e pioneiro dos estudos sobre oralidade e análise da conversação, apresenta-nos um campo pouco estudado da cultura popular daquela época: a linguagem erótica e suas várias manifestações por meio dos denominados vocábulos obscenos. O linguista traz palavras extraídas do *Dicionário moderno*, publicação carioca anônima datada de 1903, que fazem parte do rol dos “palavrões” (destaque do autor), das blasfêmias, gírias e do discurso malicioso, “todas elas sob o nome genérico de ‘linguagem proibida’, porque quase todas se apresentam como formas linguísticas estigmatizadas e de baixo prestígio, condenadas pelos padrões culturais, o que as transformou, com poucas exceções, em tabus linguísticos” (Preti, 1983, p. 3, destaque do autor).

Para responder a questões que o vocabulário lhe impunha, Preti (1983) desloca a pesquisa para outros domínios (lexicologia, semântica, história, sociologia, filologia, psicologia social etc.), apoiando-se nas mais variadas teorias com o intuito de explicar a relação entre língua e fatos sociais ou culturais, dentro dos limites da Sociolinguística e da Sociologia da Linguagem, propondo uma “perspectiva de interação entre língua e sociedade,

⁴⁵ Na introdução de “Tabus linguísticos”, Guérios (1956) afirma: “[...] esforcei-me, contudo, por não ser arrastado pelo que se poderia qualificar – o tabuísmo”.

⁴⁶ A frase *A mulher diz: meu marido chegará logo*, é inaceitável, mas permitida no discurso indireto: *A mulher diz que seu marido chegará logo* (Blikstein, 1973).

em que aquela constitui um reflexo desta”. O linguista reconhece “o vocabulário como um expressivo índice linguístico de muitos fatos e costumes sociais” (Preti, 1983, p. 4-5), responsável por mostrar, na língua, a dinâmica das relações na sociedade.

Do *Dicionário moderno*, Preti (1983) extraiu e agrupou termos referentes a adultério, prostituição, órgãos genitais femininos, menstruação, órgãos genitais masculinos, impotência, relações sexuais, partes anais, masturbação, virgindade, gravidez, todos, segundo o autor, do campo lexical do erotismo, característicos da cultura e da mentalidade popular brasileira no início do século. O objetivo foi ressaltar, de um lado, “a tradicional verve e malícia carioca, o humorismo boêmio, o espírito lúdico etc.; de outro, a própria ideologia sexual de uma época, de valores marcadamente masculinos, a subestimação da mulher e a sua marginalidade social” (Preti, 1983, p. 27).

As categorias explicam, direta ou indiretamente, comportamentos: “os tipos, a situação econômica, as atividades intelectuais e artísticas, a estrutura familiar, o conceito de lazer, os meios de transporte e sua participação na vida social, a imprensa, a moda etc.” (Preti, 1983, p. 29). Por meio do tema relações amorosas, o linguista mostra, conforme diz, a oposição “*antigo x moderno*, os contrastes morais de uma sociedade dividida entre o provinciano e o progressista, ou seja, entre o ‘moral’ e o ‘depravado’” e a existência de aspectos importantes quanto ao papel da mulher na vida social e familiar (Preti, 1983, p. 33).

O desafio do linguista em trabalhar com o léxico ocorre porque este acompanha a vida social, portanto, se modifica e evolui continuamente. Assim, “proíbem-se ou liberam-se palavras”, julgam-se os termos (bons ou maus, adequados ou inadequados) e “cria-se a barreira do eufemismo para evitar o emprego de tais termos-tabus” (Preti, 1983, p. 61). O léxico passa a ser encarado como uma autêntica “linguagem proibida”. A menção ao fenômeno do tabu linguístico é significativa porque envolve o problema sociolinguístico dos vocabulários, já que o uso de um ou de outro termo pressupõe conveniências, prestígio de natureza social, classe e situação dos falantes etc. Analisar o problema da obscenidade na linguagem é ingressar no “controvertido campo da ‘moral’ das palavras” (Preti, 1983, p. 61).

Salientando que é costume atribuir a linguagem grosseira ou obscena exclusivamente ao povo inculto, o linguista adverte:

[...] o gosto pela obscenidade, porém, não foi, através dos tempos, privilégio exclusivo da massa ignorante. Também a classe nobre, em certos momentos históricos, fez largo uso da linguagem obscena, como ocorreu na França, no século XVIII, durante o período da regência, quando, nas reuniões da corte, era costume dar até aos mais ingênuos vocábulos, sentidos equívocos e maliciosos (Preti, 1983, p. 62).

A exceção, nesse caso, é o emprego da injúria ou blasfêmia que, de acordo com Preti (1983), não está relacionado aos falantes menos cultos, já que a expressão é mais emotiva e, em geral, não diz respeito à comunicação. Outro fator é a desmitificação do sexo, condição que ampliou o uso da linguagem obscena não só em contextos mais informais (sem conotação injuriosa, em situações nas quais se pretende forçar uma intimidade maior com o ouvinte, por exemplo), mas também em dicionários modernos da língua.

O fato é que o “palavrão”, relata Preti (1983), foi responsável por uma mudança de atitude na sociedade e passou a ter efeito catártico, muitos que o rejeitavam passaram a empregá-lo para aliviar (possíveis) pressões sociais. Palavras grosseiras e/ou obscenas saíram das chamadas classes “baixas” e se disseminaram por todas as camadas sociais, nos meios de comunicação de massa e até na propaganda⁴⁷.

Preti (1983) observa que o principal problema na análise e classificação da denominada linguagem grosseira ou obscena é definir o que é grosseiro/obsceno, já que, via de regra, os conceitos se sujeitam a determinadas época e cultura. Cita Guiraud, cuja opinião é de que a linguagem obscena se classifica em grosseira (define-se pelo *conteúdo*, pelas coisas as quais se refere, sexualidade, defecação, digestão, por exemplo) e baixa (define-se pelo *uso*, ou seja, pelas classes sociais que comumente a empregam, populares, vulgares, baixas).

Embora reconheça que o critério social (no caso, econômico, ou seja, a classe “baixa”) não é parâmetro para classificar termos obscenos, visto que eles já extrapolaram para outros níveis da comunidade, Preti (1983, p. 64-65) opina, quanto ao conteúdo “é grosseira toda palavra que tende a descrever, a pôr em relevo o corpo e suas funções, e em particular, as mais baixas”. Tal ‘grosseira’, prossegue, “é tanto mais ‘grosseira’ quando ela se exprime por meio de termos de origem e uso popular”. Referências à vida sexual, quase sempre deformada, fundamentada nos comportamentos de exceção, nos vícios e exageros eróticos, seriam também, para o autor, um dos índices do vocábulo grosseiro e obsceno.

Preti (1983) vê na situação a variável mais segura para avaliar as palavras. Segundo ele, as condições extraverbais do ato de fala permitirão ao pesquisador distinguir o que vulgarmente costuma se chamar de “palavrão”, utilizado como blasfêmia ou injúria. Nesse caso, segundo o linguista, podemos falar de uma *linguagem obscena propriamente dita*, com um rol de vocábulos mais ou menos fixos através dos tempos e que, por constituírem tabus linguísticos, se vêm mantendo quase sem alteração.

⁴⁷ Alguns exemplos: “Copa de ouro: *ou dá ou desce*”; “As novas máquinas de escrever ‘Facit’ vão provocar o maior *troca-troca* nos escritórios deste país” (Preti, 1983, p. 64).

No capítulo *A expressão metafórica do erotismo*, Preti (1983, p. 130) destaca o conteúdo eufêmico⁴⁸ das metáforas e admite que aquilo que ele denomina “metáfora eufemística”⁴⁹ (termo que substitui o indesejado) pode ter uma forma atenuante ou até hiperbólica, já que o objetivo é “trocar um vocábulo grosseiro ou obsceno, de baixo prestígio por outro”. Usados com frequência, esses e outros eufemismos adquirem, com o tempo, o mesmo significado do termo que substituem, em decorrência de um processo normal de evolução semântica, conforme destacaram Camara Jr. (1986) e Kröll (1984). Preti (1983, p. 130) cita vocábulos que se referem às partes pudendas e que ganharam, com sua popularização, caráter disfêmico: *padaria, rosca, botão, pacote* etc., “termos que já se estigmatizaram, razão pela qual foi necessário, ao longo do tempo, substituir por outros eufemismos, retirando semas e acrescentando outros”.

Além de Guérios (1956), Bueno (1965), Blikstein (1973) e Preti (1983), outros linguistas estabelecem a relação entre eufemismo e tabu. Eugenio Coseriu (1987), linguista romeno, filólogo, professor universitário, romanista e filósofo da linguagem, afirma que o tabu linguístico integra um fenômeno mais amplo, a interdição de vocabulário, que está relacionada a superstições e credences e também a razões de índole emotiva ou social: educação, cortesia, boas maneiras, decência, amabilidade, etc. Assim, evitam-se expressões e palavras que se consideram demasiadamente cruas, descorteses ou indecentes.

A “força proibitiva” do tabu a que se referem os autores pode alcançar um grau tão alto a ponto de fazer desaparecer ou modificar uma palavra. Mário Eduardo Viaro (2017, p. 292), professor, linguista e tradutor brasileiro, declara que nem mesmo os padrões de correção impostos aos usuários da língua têm “poder tão grande quanto o tabu quando se trata de ocultar ou destruir um étimo” e mostra algumas alterações. A primeira é o exemplo registrado por Bluteau (1728, p. 529) que, no seu dicionário, propõe substituir o nome do inseto, vulgarmente chamado de cagalume, por *pirilampo*, considerado “mais decoroso”. O vocábulo *cagalume*, prossegue Viaro (2017, p. 293), também denominado *luzecu, abre-cu, caga-fogo* e *cu-de-lume*, perdeu força, “contudo, sobreviveu, e, por eufemismo, tornou-se vagalume”.

A transformação *c->v*, explica Viaro (2017, p. 293), não se deve a regras fonéticas nem à analogia, mas acontece, propositadamente, para evitar “associações com algo inadequado, obsceno ou indecoroso, como em *alho-porro* > *alho-poró*”. Esse processo de difundir termos cultos, exemplo de *pirilampo*, sucedeu exatamente igual com *libélula* < latim

⁴⁸ *Mulher inédita: donzela que ainda não sabe como é que... se come uma maçã* não nos parece uma expressão que se possa denominar eufemismo, devido à comicidade presente na descrição.

⁴⁹ Conforme previsto por Dubois *et al.* (1974), segundo os quais, uma figura pode ser constituída de outra ou de outras figuras.

libellula “pequena balança”, que substituiu os populares “*lava-bunda, lava-cu, cavalinho-do-diabo, cavalo-do-demo, pito-do-demo*, nos quais há tabuísmo” (Viaro, 2017, p. 293).

Com base no que foi apresentado nesta subseção, verificamos que existe uma relação próxima do eufemismo com o tabu linguístico, visto que aquele serve de barreira para este nas situações do discurso em que se evita empregar determinados termos. Esse entendimento está em Guérios (1956), Bueno (1965), Preti (1983), Coseriu (1987) e Viaro (2017). Ao referir-se à análise do discurso da malícia, Preti (1983, p. 107) avalia: “em muitas ocasiões, temos necessidade de, ao mesmo tempo, dizer certas coisas e de poder fazer como se não as tivéssemos dito; de dizê-las, mas de tal forma que possamos recursar a responsabilidade de tê-las dito”. Essa necessidade, segundo o autor, deriva da existência dos tabus linguísticos. Ademais, aponta a “existência de temas inteiros proibidos e protegidos por uma espécie de lei do silêncio (há formas de atividade, sentimentos, acontecimentos, de que não se fala)”. Por isso, o falante deve “ter à disposição modos implícitos de expressão, que permitam deixar entender sem acarretar a responsabilidade de ter dito” (Preti, 1983, p. 107).

Com base nos autores pesquisados, chegamos a algumas conclusões parciais sobre o tabu. O nosso sentimento inicial era de que o tabu linguístico representasse uma estrutura mágica, mística, religiosa, privilegiada, que existiu outrora, e que não só impunha força sobre a língua, mas também situasse o homem diante dela. Verificamos, no entanto, que o tabu linguístico não é mais do que uma face da interdição de vocabulário (Coseriu, 1987), um fenômeno bem mais amplo que faz parte da “regulação social” a que o *Dicionário de Sociologia* mexicano editado por Fairchild, em 1949, citado por Guérios (1956), se refere. É a sociedade que, por costume, correção social, crença, respeito, pudor etc., define o que é e o que não é tabu, o que deve ou não ser dito, de acordo com a época, a cultura, por isso, palavras proibidas (tabus) e seu substituto, o eufemismo, sempre existiram e sempre existirão.

4 CONCEITO DE DISFEMISMO

Conforme dissemos anteriormente, nosso objetivo foi cotejar eufemismo e disfemismo simultaneamente, com o propósito de procurar relações de semelhança ou de disparidade entre os dois fenômenos, no entanto, não pudemos realizar essa tarefa nem repetir a metodologia adotada na seção 3 (“Conceito de eufemismo”), já que encontramos uma pequena quantidade de material sobre disfemismo. Durante a pesquisa, observamos que a maioria dos autores tem preferência pelo eufemismo, relegando o disfemismo ao esquecimento. Diante disso, nesta seção, vamos reunir todos os conceitos de disfemismos encontrados em estudos, dicionários e gramáticas.

A palavra *disfemismo*, nos dicionários da língua portuguesa, data da segunda metade do século XX, registro um tanto tardio, comparado ao do termo *eufemismo*, que apareceu na língua portuguesa no século XIX. No dicionário de Caldas Aulete (1964, p. 1250), encontramos o verbete *disfemia*, que quer dizer “alteração da faculdade de pronunciar sem que haja lesão do aparelho fonador”. Forma grega *Dys* (mal) + *pheme* (divulgação) + *ia*.

No estudo *O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa*, Correia (1927) trata do disfemismo (ou, conforme denomina, cacofemismo) como causa do eufemismo, o reverso deste. O autor afirma que os fenômenos têm naturezas distintas, o eufemismo é o sedativo diante das reações sentimentais das ideias, das coisas feias e desgraçadas; o disfemismo, o estimulante, a manifestação de crueza diante do pudor e da delicadeza e uma simpatia: “encher de alacridade e de pitoresco as próprias coisas enxabidas e tristonhas” (Correia, 1927, p. 758).

O desejo de ser enérgico ou agressivo, condição que obviamente demanda o emprego de palavras e expressões desejadas ou contundentes é uma das justificativas do disfemismo segundo Correia (1927). Usado por todos – gente culta e inculta– na literatura, nas profissões, pelo povo da contraeufemização, o disfemismo funciona como um antieufêmico ideal. Seu objetivo é dar energia à expressão, torná-la mais vigorosa. Outro fator do emprego desmedido de expressões contraeufêmicas é a cólera. A cólera conduz à injúria, ao insulto à afronta, “o homem se torna primitivo e desce a animalidade” (Correia, 1927, p. 777)

Os principais meios disfêmicos, segundo Correia (1927), são: substituição, deformação, antífrase e ordem vocabular. A substituição disfêmica é comum tanto na literatura culta quanto na popular. *Focinho* em vez de *cara*, *tirar a pata* em vez de *tirar a mão*, *polidores de calçada*, referindo-se aos que *não trabalham*, seriam exemplos de substituição contraeufêmica. A deformação consiste em acrescentar, eliminar ou trocar sons

de forma que uma palavra dita inocente evoque outra degradante, obscena, *merdiocre*, *merdalhão*. Pode ocorrer também com nomes próprios, *Melro* em vez de *Melo*, *Leviana* em vez de *Viana*.

Outros meios disfêmicos: a antonímia, prefixação negativa da palavra de valor positivo, como ocorre em *desgoverno*, *desordem*; ordem vocabular, sucessão de determinadas palavras umas às outras para obter sons de significado contundente ou pornográfico, *A gente de Nelas vai confessar-se a Canas*; rima (arredondamento rítmico), *fale claro e mijei direito*; trocadilho; regresso ao sentido etimológico da expressão (Correia, 1927).

O emprego de uma palavra como injúria muda com frequência o seu significado, resultado similar ao que acontece com o eufemismo. Não obstante essa modificação, o disfemismo tem consequências linguísticas opostas às do eufemismo. Enquanto este provoca degradações de significação, em algumas situações, aquele pode enobrecer. Um exemplo é quando se torna habitual designar uma pessoa com o emprego de determinado termo que, com o passar do tempo, se normaliza e perde a conotação inicial, sentimental ou depreciativa. Correia (1927) cita *Boche* (termo que continua irritando os alemães) e *Yankee* (normalizado entre os norte-americanos).

Existem pontos de interseção entre o eufemismo e o disfemismo. Uma expressão, em tese, eufemística, pode adquirir valor agressivo e tornar-se disfemismo. Assim, é possível determinar o peso do quê e do como se diz e tornar um eufemismo disfêmico em situações: *V. Ex.^a* é mais ofensivo que *senhor*; *és uma besta* é menos afrontoso que *o senhor é uma besta*; e *o senhor é uma besta* menos que *Vossa Excia. é uma besta*. A frase *Faz favor de cá vir*, dita pelos pais aos filhos, em vez de *vem cá* significa *vem imediatamente e na contingência de apanharem dois bofetões* (Correia, 1927, p. 780).

A contrapartida, ou seja, o disfemismo também pode ser eufêmico: no meio político (quando se diminui para se elevar); em situações de superstição (quando se pergunta pela saúde que se está bem e se diz *vai-se arrastando a cruz*, *vai-se como Deus é servido*, *passa-se como se pode e não como se quer*); por modéstia (quando se diz que mora em uma *choupana* para demonstrar humildade); carinho e/ou admiração (às crianças também se diz *mijado*, *porquinho* ou dizer injúrias como *o filho da puta joga bem* a uma pessoa muito íntima ou admirada). Circunstâncias há em que a palavra *diabo* pode ser eufêmica. Chamar o outro de *animal* nem sempre traduz um significado indesejado. Denominar alguém ou uma situação por meio do superlativo *podre de chique* pode indicar admiração (Correia, 1927, p. 781-783).

Silveira Bueno (1972, p. 357) afirma que disfemismo é o antônimo de eufemismo, mas não diz, de modo claro e preciso, em que o disfemismo se fundamenta. Nesse dicionário,

disfemia significa “distante da fala”. Observa-se novamente uma hesitação para definir disfemismo, possivelmente em razão de, naquele momento, essa palavra apresentar-se na língua ainda sem características bem definidas.

Ferreira (2009, p. 687) explica a formação [De *dis-* + *femismo*, como em *eufemismo*], o significado “expressão grosseira ou desagradavelmente direta, em vez de outra, indireta ou neutral” e traz um exemplo de disfemismo: *Esse horroroso porco imundo*. [c.f. *eufemismo*]. Vê-se que, nesse dicionário, o eufemismo serve de apoio para esclarecer o que é disfemismo, mas a relação entre ambos não equivale à oposição.

Houaiss e Villar (2009) indicam duas definições para disfemismo.

1 emprego de palavra ou expressão depreciativa, ridícula, sarcástica ou chula, em lugar de outra palavra ou expressão neutra (p. ex.: *ficar puto* por *ficar com raiva*) 2 palavra ou expressão agressiva, blasfema ou pejorativa (por exemplo: *poetaastro*, *politicoide*, *reaça*) mesmo que *disfemia*. Etimologia *disfemia* + *ismo*. Antônimo: eufemismo (Houaiss e Villar, 2009, p. 694).

Entre as gramáticas consultadas, duas fazem menção ao disfemismo: *Gramática*, de Faraco e Moura (1997) e *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, de Azeredo (2010). Em Faraco e Moura (1997), o disfemismo integra a lista das figuras de estilo dentro da seção “Estilística” e significa “a expressão de uma ideia de forma brutal, rude, violenta”. Os autores ilustram o fenômeno com um fragmento de Fernando Sabino, em que o narrador refere-se ao filho que o acorda de manhã na cama: “... recebo uma **patada** no ombro e reconheço que perdi a luta”. Esclarecem que o disfemismo tem, às vezes, a função de ironizar e citam o exemplo: “Seu **calhambeque** (por “carro”) não funciona mesmo, hein!” (Faraco e Moura, 1997, p. 438, grifos dos autores). Nos dois exemplos, fica evidente que a intenção de ser descortês é deliberada.

Azeredo (2010) classifica o disfemismo de figura de pensamento e descreve-o “uso de palavra ou expressão considerada grosseira, grotesca, nauseante ou simplesmente desagradável em lugar de outra mais branda ou neutra”. Ilustra o fenômeno com uma passagem de *O Mulato* (1881), romance naturalista, de Aluísio de Azevedo: “O quitandeiro, assentado sobre o balcão, cochilava a sua preguiça morrinhenta, acariciando o seu imenso e espalmado pé descalço [...] as peixeiras, quase todas negras, muito gordas, o tabuleiro na cabeça, rebolando os grossos quadris trêmulos e as tetas opulentas” (Azeredo, 2010, p. 500). Nesse trecho, o escritor parece ter um grande interesse em descrever as personagens cujas características apresentam dimensões consideradas além do normal.

Vemos, pois, que a quase totalidade de lexicógrafos (Bluteau, 1712-1728; Aulete, 1964; Bueno, 1972), linguistas (Abraham, 1981; Camara Jr., 1986) e gramáticos (Cegalla, 2008; Abaurre *et al.*, 2008; Bechara, 2010; Cereja e Magalhães, 2013; Sarmiento, 2012; Paschoalin; Spadoto, 2014) mantém-se em silêncio em relação ao disfemismo. Essa observação não vale para a gramática de Rocha Lima (1962), cuja data de publicação praticamente coincide com a entrada da referida palavra na língua, fato que pode justificar a sua ausência nessa obra.

Encontramos na seção “visões” a expressão disfemismo nos títulos de obras: *O eufemismo e o disfemismo no português moderno*, de Kröll (1984); *La función social y cognitiva del eufemismo y del disfemismo*, de Domínguez (2004). Na discussão, os autores não se ocuparam de demonstrar a(s) diferença(s) entre os dois fenômenos.

Em *Tabus* linguísticos, o disfemismo inclui-se entre os quatorze meios de substituição dos tabus. “Disfemismo é uma expressão agravante”, afirma Guérios (1956, p. 24-25), que se diz “civilizado”, e continua: “se o emprego de expressão disfêmica revela clara manifestação de coragem, esta é, na verdade, imperfeita, porquanto o não pronunciar diretamente a palavra tabu é indício de fraqueza”. O autor afirma que decidir entre o tabu e o disfemismo é um fenômeno complexo, mas “a palavra tabu é que é para temer e não outra, embora se agrave a expressão”. Cita termos disfêmicos da língua portuguesa referentes ao demônio: *coisa-ruim*, *malvado*, *maldito*. *Maldita*, em vez de erisipela, *mal-bruto* para lepra, *doença-ruim* para tuberculose, são outros termos empregados no Brasil e mencionados pelo autor.

Silveira Bueno (1965) trata conjuntamente de tabus, eufemismos e disfemismos e afirma que os disfemismos são empregados por pessoas das classes sociais mais baixas, abdicando-se, no entanto, de citar aqueles referentes à moral. Na opinião desse autor, disfemismo “é o rebaixamento dos termos nobres e comuns e quando o termo já é de si inconveniente, então aumenta-lhe ainda mais a rudez da significação por uma substituição procurada, voluntariamente, empregada em que avulte o lado mau, desagradável, imoral, sujo” (Bueno, 1965, p. 230-231).

Stumpf (2020) considera o disfemismo a representação verbal dos tabus e interdições e essa definição coincide com o que defende Guérios (1956) sobre o emprego de tabus no lugar de nomes de entidades sobrenaturais (*demônio*, por exemplo) e de doenças. Preti (1983, p. 130) refere-se aos disfemismos apenas quando cita vocábulos cujo sentido, com o passar do tempo, adquire natureza disfêmica e se estigmatiza, sendo necessário substituí-los por outros eufemismos, segundo o autor.

Faraco e Moura (1997) e Azeredo (2010) incluem o disfemismo entre as figuras de estilo e figuras de pensamento, respectivamente. Assim, o disfemismo, da mesma forma que o eufemismo, também tem natureza figurada, uma forma elaborada de exprimir o pensamento para torná-lo mais incisivo. Do ponto de vista semântico, é usado para conter e substituir um enunciado tido como embaraçoso (negativo) por outro (positivo), como mostra o quadro 3, de acordo com os autores consultados:

Quadro 3 – Dinâmica do processo disfemístico

Autor(es)	Processo disfemístico
Guérios (1956)	Substituto do tabu Expressão agravante
Silveira Bueno (1965)	Rebaixamento dos termos nobres e comuns/substituição que avulte o lado mau, desagradável, imoral, sujo
Preti (1983)	Vocábulos que se estigmatizam, sendo necessário substituí-los por eufemismos
Faraco e Moura (1997)	Expressão de uma ideia de forma brutal, rude, violenta Função de ironizar
Ferreira (2009)	Expressão X/em vez de outra
Houaiss e Villar (2009)	Expressão X/em lugar de outra Palavra agressiva, blasfema ou pejorativa
Azeredo (2010)	Expressão X/em lugar de outra
Stumpf (2020)	Representação verbal dos tabus e interdições

Fonte: Elaborada pela autora com base nos autores pesquisados.

O quadro 3 demonstra que o disfemismo percorre um caminho um pouco diverso do eufemismo e pende para o sentido negativo, devendo ser substituído (expressão X/em lugar de outra). Vimos, anteriormente, que Preti (1983), em *A linguagem proibida*, encontrou dificuldades para distinguir grosseiro e obsceno, bem como para delimitar o campo da gíria dentro da linguagem popular. Nesse caso, podemos afirmar que o disfemismo, tal como ocorre com o eufemismo (Stumpf, 2020), possui muitas faces. O disfemismo pode ser uma “expressão agravante” (Guérios, 1956), “grosseira” (Ferreira, 2009; Azeredo, 2010), “depreciativa, ridícula, sarcástica ou chula, agressiva, blasfema ou pejorativa” (Houaiss e Villar, 2009), no entanto, não existe um parâmetro para estabelecer em que consiste os termos agravante/depreciativo/sarcástico/grosseiro/chulo/pejorativo quando se trata de disfemismos.

Voltando novamente à observação de Stumpf (2020), sobre os autores que analisam o eufemismo apenas na condição de processo e não na de produto, verificamos que, em relação ao disfemismo, as opiniões se dividem. Uma parte dos autores considera disfemismo o uso, o emprego (Bueno, 1965; Houaiss e Villar, 2009; Azeredo, 2010), ou seja, processo; outra parte, afirma que o disfemismo é a expressão em si (Guérios, 1956; Faraco e Moura, 1997; Ferreira, 2009), ou seja, produto.

Vistos os conceitos de disfemismos, na seção 5, a seguir, apresentaremos os procedimentos teórico-metodológicos adotados nesta pesquisa.

5 A PESQUISA: PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS ADOTADOS

Neste estudo, utilizamos dois *corpora*, a farsa *O velho da horta* (1512), de Gil Vicente, e dicionários monolíngues⁵⁰ da língua portuguesa do século XVIII ao XXI. Na análise da peça, identificamos a presença de eufemismos e disfemismos e as características linguísticas e não linguísticas desses fenômenos; nos dicionários, a origem, significados, usos contextos de marcas de uso das formas encontradas. A perspectiva teórica adotada é a Sociolinguística Histórica, disciplina inaugurada por Suzanne Romaine, linguista americana, conhecida pelos trabalhos realizados em Linguística Histórica e Sociolinguística. Romaine (2009) propõe a união dos métodos de análise da Sociolinguística Variacionista aos da Linguística Histórica na investigação de processos de variação e mudança em tempos mais remotos. Sobre essas duas disciplinas trataremos a seguir.

Enquanto as línguas permanecem vivas, elas evoluem continuamente, ou seja, não deixam de se transformar, de se adaptar às necessidades de uma comunidade, que também evolui, bem como de refletir uma visão das coisas que se renovam continuamente. Exemplo de transformação linguística, quando lemos as peças de Gil Vicente, encontramos formas antigas, como as presentes em *Tam depreffa vindes vos minha condeffa meu amor, meu coraçam*. Representativas do século XVI, essas formas têm uma explicação e provam que toda língua tem uma história, da mesma forma que os grupos que as usam. Se existem mudanças linguísticas e se a história social e a história da língua são indissociáveis, a linguística tem obrigatoriamente uma dimensão histórica (Martin, 2003).

Da mesma maneira que sucede com as línguas, as mudanças são inerentes a qualquer área do conhecimento, por isso, na análise de qualquer fenômeno, a abordagem histórica é imprescindível, caso contrário, não conheceríamos ou teríamos uma visão incompleta dos fatos, já que estes ficaram de fora da história. Para tratar das mudanças na língua, é indiscutível a importância da Linguística Histórica. Prosseguimos com a discussão sobre os pressupostos teórico-metodológicos dessa disciplina.

⁵⁰ Paixão de Sousa (2014, p. 7) esclarece sobre o Vocabulário Portuguez e Latino, de Bluteau (1712-1728), “ainda que se denomine Portuguez e Latino, tem sido considerado pela lexicografia portuguesa essencialmente como um dicionário monolíngue, o que se mostra claro no exame do detalhamento do tratamento conferido ao português na obra, em contraste com a brevidade e o caráter acessório das definições latinas”.

5.1 A Linguística Histórica

A Linguística Histórica originou-se no fim do século XVIII com o objetivo de descrever e explicar processos históricos de mudança linguística utilizando-se dos métodos da análise variacionista. É uma disciplina independente dentro da linguística que

trata de interpretar mudanças – fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais – ao longo do tempo histórico, em que uma língua ou uma família de línguas é utilizada por seus utentes em determinável espaço geográfico e em determinável território, não necessariamente contínuo (Mattos e Silva, 2008, p. 8).

Rosa Virgínia Mattos e Silva (2008), linguista baiana, pioneira no estudo da história da Língua Portuguesa no Brasil e uma das autoridades em Linguística Histórica, ressalta que, tal como a história dos homens, não há uma duração única na história de uma língua, mas uma multiplicidade de tempos que se misturam, já que uns se colocam entre os outros. Desse modo, destaca que “a linearidade temporal das mudanças nas línguas deve ser revista e a multiplicidade de tempos que se emaranham deve ser levada na devida conta por aquele que faz linguística histórica” (Mattos e Silva, 2008, p. 8).

Maria Clara Paixão de Sousa (2006, p. 17-20), linguista brasileira conhecida por suas pesquisas sobre Linguística Histórica, sintaxe, filologia e humanidades digitais, não tem dúvidas de que as línguas mudam com o tempo, “qualquer língua, em qualquer contexto (espacial, temporal, social) sofre e sofrerá mudanças”, mas vê problemas em definir exatamente o que é Linguística Histórica, por isso, trata dessa disciplina como um campo de reflexão em que se articulam diferentes concepções de língua e diferentes concepções de história. Para a autora, na língua, “os estados e transições não são claramente destacáveis entre si como num jogo de tabuleiro”⁵¹ e o que é importante comparar é a abordagem dos fatos em cada caso, voltando ao jogo, “a visão do curioso que vem espiar o estado do jogo e a do que acompanhou toda a partida”. A pesquisadora explica: aquele que vê e se ocupa apenas do estado do tabuleiro no momento “x” toma a perspectiva sincrônica; o que observa a sequência de movimentos entre as posições das peças ao longo do tempo de jogo, toma a perspectiva diacrônica. O essencial e determinante, nesse processo, no entanto, é o fato de o observador “que vê e se ocupa de toda a coleção de momentos ‘x’ subsequentes no jogo, mas

⁵¹ Paixão de Sousa (2006) refere-se à metáfora do jogo de xadrez utilizada por Saussure para distinguir sincronia de diacronia.

isoladamente entre si ainda assim está na perspectiva sincrônica” (Paixão de Sousa, 2006, p. 20). A abordagem diacrônica supõe o conhecimento das sincronias sucessivas.

Ao discutir sobre Linguística Histórica, Faraco (2005), professor e linguista brasileiro, também reconhece as duas dimensões dos estudos linguísticos, estabelecidas por Saussure: o eixo das sucessões (diacronia) e o eixo das simultaneidades (sincronia). Na diacronia, importam as mudanças da língua no decorrer do tempo; na sincronia, as características da língua como um sistema estável em um espaço de tempo aparentemente fixo. Com base no binômio sincronia-diacronia, define a tarefa da Linguística Histórica “estuda as mudanças por que passam as línguas no eixo do tempo” (Faraco, 2005, p. 13).

Mattos e Silva (2008, p. 8-9) afirma, com base em Coseriu (1979, p. 236), “a descrição e a história da língua situam-se no nível histórico da linguagem e constituem juntas a Linguística Histórica”. A autora chega à seguinte conclusão: “não se trata apenas das mudanças na língua ao longo do seu tempo de uso. É algo mais” (Mattos e Silva, 2008, p. 8). Com base nisso, divide a disciplina em duas vertentes: a Linguística Histórica *lato sensu* e a Linguística Histórica *stricto sensu*. A primeira “trabalha com dados datados e localizados e baseiam-se em *corpora*”; a segunda “debruça-se sobre o que muda e como muda nas línguas ao longo do tempo em que tais línguas são usadas” (Mattos e Silva, 2008, p. 9). A Linguística Histórica “no sentido estrito depende, diretamente, da filologia, uma vez que tem como base de análise inscrições, manuscritos e textos impressos no passado, que, recuperados pelo trabalho filológico, tornam-se os *corpora* indispensáveis às análises das mudanças linguísticas de longa duração” (Mattos e Silva, 2008, p. 10).

Neste estudo, em que nossos *corpora* são constituídos de uma peça de teatro do século XVI (língua literária) e de dicionários da língua portuguesa dos séculos XVIII, XIX e XX (textos oficiais), entramos no campo da filologia que “hoje parece integrar-se melhor como uma das formas de abordar a documentação escrita, tanto literária como documental em sentido amplo, enriquecida pelas vias da crítica textual, tanto de textos antigos como modernos” (Mattos e Silva, 2008, p. 14). Ao estudar uma “documentação remanescente do passado”, nosso trabalho alicerça-se, por conseguinte, nos pressupostos da Linguística Histórica *stricto sensu*, tal como descreve a autora.

Apresentados os fundamentos teóricos da Linguística Histórica, disciplina que embasa esta pesquisa, e algumas definições propostas por Martin (2003), Faraco (2005), Paixão de Sousa (2006), Mattos e Silva (2008), passamos à discussão sobre Sociolinguística, também denominada Sociolinguística Variacionista. Depois disso, estreitaremos os laços entre a

Sociolinguística Variacionista Laboviana e a Linguística Histórica, chegando à discussão sobre Sociolinguística Histórica. Vamos aos fundamentos:

5.2 A Sociolinguística Variacionista

Conforme vimos, a linguística histórica *stricto sensu* estuda o que muda e como muda nas línguas ao longo do tempo. Nesse sentido, importam as mudanças em razão de fatores sócio-históricos, em que se analisam questões extralinguísticas ou sociais. Esses são os propósitos da sócio-história, de Suzanne Romaine, e das sociolinguísticas, como é o caso da Sociolinguística Variacionista ou Teoria laboviana da Variação e mudança. Sobre esta última, discutiremos nesta subseção.

A Sociolinguística Variacionista ou Teoria da variação, disciplina que se desenvolveu na década de 1960, nos Estados Unidos, especialmente em razão das pesquisas de William Labov adota o princípio de que o fenômeno da variação e mudança requer do pesquisador a atitude de analisar a língua considerando a sua realidade heterogênea e que esta decorre dos componentes em que acontecem os atos de fala (espaço físico, social, tempo etc.).

Labov foi pioneiro na liderança para firmar as raízes da ciência sociolinguística, cujo objetivo primeiro foi descrever a variação e os fenômenos em processo de mudança, mas, antes de 1960, Antoine Meillet, Bakhtin e membros do Círculo Linguístico de Praga já cuidavam do assunto, tendo em vista um princípio considerado básico, o caráter social e evolutivo da língua. Esses autores consideravam em suas pesquisas o contexto sociocultural e a comunidade de fala porque julgavam relevante examinar as condições de produção da fala (Bortoni-Ricardo, 2014).

Além de Bortoni-Ricardo (2014), outros autores (Melo, 1951; Bueno, 1954; Silva Neto, 1986; Calvet, 2002; Conde Silvestre, 2007; Faraco, 2005; 2016) destacam o estudo traçado por Meillet. Considerado discípulo de Saussure, Meillet é comparado ao mestre porque distingue na ciência da linguagem, a linguística geral e a linguística histórica, em que cabe àquela estabelecer as leis gerais da linguagem e a esta investigar os fatos linguísticos particulares. Faraco (2005, p. 155) declara que Meillet “foi dos primeiros a tentar formular uma orientação teórica para o estudo da história linguística que incorporasse a sempre heterogênea realidade sociocultural das línguas”. Em outro momento, complementa:

Ao reconhecer a realidade ao mesmo tempo estrutural e social da língua, Meillet introduzia não só uma dimensão sociológica no estudo da história das línguas, como também a necessidade de buscar uma investigação

histórica capaz de correlacionar de forma adequada o especificamente linguístico e o especificamente social. Entendia ele que é precisamente no léxico, nas inovações provocadas no sentido das palavras, que essa correlação é mais bem percebida e determinada com precisão (Faraco, 2016, p. 126).

O mérito atribuído a Meillet deve-se, além do reconhecimento da realidade estrutural e social da língua, ao seu esforço para descobrir princípios que explicam fatos semânticos. Desse modo, uma vez que o nosso estudo versa sobre o sentido das palavras, eufemismos e disfemismos, consideramos importante registrar questões apresentadas pelo linguista francês sobre o desafio que é objeto especial da semântica. Meillet (2016, p. 29) inicia o ensaio *Como as palavras mudam de sentido*⁵², publicado no início do século XX, com a definição: “a linguagem é eminentemente um fato social”. Na opinião do linguista, é curioso o fato de sabermos como as línguas se desenvolvem e ignorarmos “o que determinam as inovações e conservações, conjunto que constitui a história da linguagem” (Meillet, 2016, p. 33). O objetivo é propor uma linguística social, por isso, a importância de mostrar a mudança semântica como um fenômeno social, uma reinterpretação dos sentidos das palavras devido às transformações da sociedade.

A semântica passa a ter um objeto especial, já que, no aspecto social está a explicação para determinados fatos linguísticos:

É preciso lembrar que os fenômenos linguísticos têm uma especificidade característica, que as causas eficientes que serão examinadas não atuam sozinhas, e que elas intervêm somente no interior de grupos de fatos de uma natureza especial, qual seja, os fatos linguísticos” (Meillet, 2016, p. 37).

Os sentimentos (tabu, decência) de determinados grupos sociais também ocasionam mudanças, cujo efeito é substituir ou eliminar alguma palavra considerada inconveniente. Meillet (2016) cita situações em que os nomes próprios da prostituta são evitados por conveniência e passa-se a associar à prostituta o nome da mulher casada: “é assim que *garce* [moça] e, depois, *fille* [moça] foram acionadas sucessivamente para fornecer a designação da meretriz” (p. 51). Vemos, nesse caso, uma situação em que ocorre uma mudança linguística devido a uma causa de natureza social e uma mudança de realidade ocasionada pela mudança linguística.

⁵² Edição bilíngue traduzida e organizada por Rafael Faraco Benthien e Miguel Soares Palmeira (2016).

Os grupos que mantêm algum tipo de relação especial dentro da sociedade também produzem alteração no vocabulário e, conseqüentemente, na semântica. Assim, “cada grupo de homens utiliza de uma maneira particular os recursos gerais da língua”, afirma Meillet (2016, p. 55) e o significado de uma palavra “é definido pelo conjunto de noções ao qual ela está associada, sendo que as associações evidentemente diferem de acordo com o grupo ou com a palavra empregada” (p. 55). O vocabulário das mulheres não é idêntico ao dos homens, seja em razão das distintas ações exercidas, seja por conveniência⁵³. Desse modo, existe uma terminologia especial na caserna, entre grupos de estudantes, desportistas etc., e o que vai definir a variação no sentido das palavras não são as circunstâncias especiais que determinam cada um desses grupos, mas o fato de “tratar-se de um grupo mais ou menos isolado do resto da sociedade, mais ou menos fechado, mais ou menos autônomo” (Meillet, 2016, p. 57).

Se, por um lado, a ação da sociedade geral tende a uniformizar a língua, por outro, a ação dos grupos particulares tende a diferenciar ao menos o vocabulário dos indivíduos que deles participam, ainda que a pronúncia e a gramática permaneçam sensivelmente unas⁵⁴. Por fim, “torna-se claro que o princípio essencial da mudança de sentido está na existência de grupos sociais no interior do meio em que se fala uma língua, ou seja, em um fato de estrutura social” (Meillet, 2016, p. 75). Ao estabelecer a relação entre sociedade e linguagem como um dos principais mecanismos de mudanças linguísticas, Meillet (2016) consegue exercer grande influência na Sociolinguística Variacionista Laboviana. Faraco (2016) afirma sobre Meillet:

Para ele, a condição principal da mudança linguística é a realidade descontínua (isto é, heterogênea) das línguas: a história dos seres humanos não é linear nem homogênea, logo, as sociedades são heterogêneas, e essa heterogeneidade do social é determinante da heterogeneidade linguística e condicionante da mudança (Faraco, 2016, p. 127).

Faraco (2016, p. 129) conclui: “Meillet foi, portanto, o pensador que, na virada do século XIX para o XX, mais claramente estabeleceu as bases gerais de uma linguística que integrasse fatos estruturais (puramente linguísticos) e fatos sociais”. Por certo, a heterogeneidade dos diferentes grupos sociais toma a língua e a acomoda de acordo com a especialização de cada um, restringindo, ampliando, ou seja, modificando a significação.

Labov retoma as ideias de Meillet e toma como objeto de estudo a estrutura e a evolução linguística. Com isso, rompe com a relação estabelecida por Saussure que prevê

⁵³ Em determinado dialeto sérvio, as mulheres não empregam *kurjak*, nome utilizado para “boi”, que significa “pênis” (Meillet, 2016).

⁵⁴ “As línguas dos grupos particulares tornam-se assim ‘gírias’ e estas formam por vezes, línguas artificiais, por alterações sistemáticas, como ocorrem com os jargões” (Meillet, 2016, p. 57).

estrutura e sincronia de um lado e história evolutiva e diacronia de outro. O objetivo da Sociolinguística passa a ser estudar o fenômeno da variação e descrever, com base no contexto social da comunidade linguística, a relação entre os fatos linguísticos, as variáveis internas da língua (estruturais) e os fatos extralinguísticos (sociais), variáveis externas à língua e referentes ao falante, como sexo, idade, nível de escolaridade, classe social, contexto etc.

Labov defende a investigação do “vernáculo”, compreendido como “[...] a língua que é usada na vida diária por membros da sociedade, o veículo de comunicação com que discutem com suas esposas, trocam piadas com seus amigos e ludibriam seus inimigos” (Labov, 1972, p. xiii). A fala a ser investigada, nessa perspectiva, deve ser a mais espontânea possível, a que apresenta mais variação linguística.

Weinreich, Labov e Herzog (1968) também adotam uma visão da Sociolinguística na perspectiva da mudança e propõem, conforme vimos, um modelo de língua que contenha, no mesmo lapso temporal, a heterogeneidade sincrônica e diacrônica, ou seja, o passado e o presente da língua, bem como os fatos de uso variável e seus condicionadores internos e externos (sociais e estilísticos). O objetivo é verificar aspectos sociais que contribuíram para a ocorrência de determinadas mudanças. Trata-se, pois, de sistematizar princípios que explicam as condições da mudança linguística e que pertencem a um complexo jogo de valores essencialmente sociais.

Suzanne Romaine (2009) toma a iniciativa de sugerir a investigação de indícios de variação e de mudança linguística em diferentes tipos/gêneros de textos do passado, com o objetivo de verificar de que forma o modelo quantitativo da Sociolinguística Variacionista poderia ser aplicado a dados históricos. Em *Socio-Historical Linguistics*, propõe o desenvolvimento de estudos dessa documentação com base na relação fala/escrita. Seu argumento é “fala e escrita são instâncias da mesma linguagem incorporada em diferentes meios” e, uma vez que a sociolinguística sempre priorizou a língua oral, faltava um estudo sociolinguístico da língua escrita (Romaine, 2009, p. 14). Para justificar a sua defesa, esclarece:

A língua escrita sempre foi objeto de estudo, mas as técnicas sociolinguísticas (ou pelo menos técnicas que são reconhecidas como especificamente sociolinguísticas) não foram empregadas e aqueles que se autodenominam sociolinguistas não estão engajados nessa tarefa (Romaine, 2009, p. 20).

Romaine (2009) afirma que a Sociolinguística possibilita a qualquer falante observar diferenças entre duas amostras de fala ou de escrita. Segundo a linguista americana,

é possível mostrar que essas diferenças são objetivamente mensuráveis e que existem padrões nas escolhas do falante/escritor. As escolhas não são totalmente livres, já que determinadas condições ou fatores podem influenciá-las; nesse ponto a metodologia sociolinguística é aplicável (Romaine, 2009, p. 13).

A respeito dos procedimentos de análise em Sociolinguística Histórica, Rosa (2015) argumenta:

pode-se dizer que o procedimento de análise sociolinguística-histórica segue as mesmas etapas de uma análise sociolinguística: a) delimitação da variável dependente; b) descrição das variáveis independentes linguísticas e/ou extralinguísticas; c) coleta de dados; d) transcrição e codificação dos dados coletados; e) quantificação dos dados por meio de um programa de regra variável (Rosa, 2015, p. 9).

Essa discussão evidencia que, embora a Sociolinguística esteja mais voltada para a língua falada, *corpora* da língua escrita também apresentam variação, portanto, tanto a língua falada quanto a língua escrita devem ser consideradas fontes de pesquisa da Sociolinguística Variacionista, conforme defende Romaine (2009). Com isso, a investigação de processos de variação e mudança linguística com dados de língua escrita por meio dos métodos de análise variacionista ganhou espaço nos estudos de cunho histórico.

5.3 Sociolinguística Histórica: “A arte de fazer o melhor uso dos maus dados”

A Sociolinguística Histórica surgiu na década de 1980 com estudos que propuseram a união dos métodos da Sociolinguística Laboviana da variação e mudança aos da Linguística Histórica nos processos de investigação de fenômenos linguísticos do passado. Conde Silvestre (2007), importante nome da Linguística Histórica e da Sociolinguística, avalia sua importância:

A sociolinguística histórica, cujo objetivo é construir uma teoria global para explicar a natureza da mudança linguística ao longo do tempo, preocupa-se tanto com os fundamentos gerais e históricos da mudança quanto com a compreensão e explicação de processos concretos de mudança, com base em correlações entre fatores linguísticos e sociais (Conde Silvestre, 2007, p. 34, tradução nossa).

Romaine (2009), conforme vimos na subseção anterior, é reconhecida como pioneira no desenvolvimento metodológico e prático dessa linha de pesquisa. Seu trabalho é considerado fundamental para as pesquisas que adotam tal abordagem:

Desde o momento em que a sociolinguística sincrônica trata das relações entre as estruturas linguísticas e sociais e sua particular inserção em determinadas comunidades linguísticas em certos períodos, seu objetivo é a descrição e explicação de sistemas simbólicos situados historicamente (Conde Silvestre, 2007, p. 34, tradução nossa).

Pesquisadores da Sociolinguística Histórica encontram desafios no tocante às fontes históricas de análise linguística. Além de escassos, os materiais utilizados, por vezes, estão fragmentados, condições que dificultam a realização e/ou continuidade das pesquisas. Conde Silvestre (2007) opina sobre essa limitação na investigação de material linguístico histórico: “A sociolinguística histórica depende da possibilidade de recuperar os fatos linguísticos do passado com base nos textos que sobreviveram até os dias atuais” (Conde Silvestre, 2007, p. 35, tradução nossa) e justifica:

Em comparação com a diversidade, a quantidade e a autenticidade de dados da sociolinguística sincrônica ou em linguística descritiva, o material à disposição do investigador da sociolinguística histórica é fragmentário, escasso e dificilmente vinculável com a produção real de seus falantes (Conde Silvestre, 2007, p. 35, tradução nossa).

Conde Silvestre (2007) lembra que dificuldades como essa remetem à conhecida antítese elaborada por Labov para determinar a natureza da tarefa do pesquisador na área de Sociolinguística Histórica “a arte de fazer uso dos maus dados”. Reforça que “os dados linguísticos do passado são insatisfatórios para a investigação empírica” porque “foram preservados no meio escrito” e “são meros fragmentos de corpus textuais mais amplos” (Conde Silvestre, 2007, p. 35, tradução nossa).

Sobre a investigação de dados e o movimento do pesquisador de ida e volta ao passado para compreender os mecanismos da mudança linguística, Conde Silvestre (2007) alerta para a necessidade de se fazer um estudo com atenção observando as limitações, já que a descrição linguística e social de épocas distintas pode incidir em anacronismos. Adverte o autor:

Sem chegar ao extremo de negar a possibilidade de existência da disciplina, todos os que investigaram em sociolinguística diacrônica são conscientes de que a projeção direta de padrões e resultados obtidos no âmbito atual para o

passado pode cair em anacronismo (Conde Silvestre, 2007, p. 40, tradução nossa).

Diante disso, Conde Silvestre (2007) cita princípios metodológicos que ajudam o investigador a proceder com certa segurança no âmbito da pesquisa em Sociolinguística Histórica. Esses princípios baseiam-se na uniformidade linguística, condição necessária ao pesquisador para proceder à reconstrução do material linguístico histórico e à reconstrução do contexto social dos *corpora* da investigação em Sociolinguística Histórica. O princípio da uniformidade surgiu na área da Geologia e foi aplicado aos estudos linguísticos. Seus formuladores defendem a seguinte tese: “a explicação e a compreensão dos processos que afetaram historicamente as línguas devem assumir a influência de (alguns) fatores observáveis nos quais é possível observar em seus desenvolvimentos atuais” (Conde Silvestre, 2007, p. 41, tradução nossa).

Segundo Conde Silvestre (2007), em sua formulação sociolinguística contemporânea, esse princípio supõe mover a variação como característica inerente da linguagem, desde o presente ao passado e entender que, do mesmo modo que a língua é estruturada e apresenta variação com fatores internos e externos no presente, mudanças ocorridas no passado podem vir a acontecer no presente. Outra interpretação referente a esse princípio é que fatores que atuam no presente devem ser os mesmos que atuaram no passado. Igualmente, não há razões para duvidar de que a variação linguística se manifestava no passado da mesma forma que faz (se manifesta) no presente.

Diante do exposto, se, nesta pesquisa, em que analisamos variáveis linguísticas e extralinguísticas em um texto do século XVI, podemos levantar algum problema de ordem teórico-metodológica, se o reconhecimento de formas modernas de relações sociais, sentimentos e percepções na farsa *O velho da horta* (1512) pode incorrer em análise anacrônica, propomos equacionar essa (possível) dificuldade de uma maneira que nos parece produtiva. Ao analisarmos os contextos linguísticos e extralinguísticos da realização de eufemismos e disfemismos em um texto do período medieval, não pretendemos sugerir que as personagens construídas naquele período sejam representantes fieis de homens e mulheres de hoje, mas observar as relações sociais estabelecidas no texto literário em questão e verificar se as falas, sentimentos e percepções podem nos fornecer pistas sobre relações sociais de períodos subsequentes ou, ainda, se os dados encontrados se aproximam de pesquisas realizadas posteriormente, como os estudos linguísticos de Correia (1927), Preti (1982), Cardoso (2010), por exemplo.

Na realização desta pesquisa, serviu-nos de fonte primeira (e principal) a edição de 1586⁵⁵ da *Compilação de todas as obras de Gil Vicente*⁵⁶. A preferência por essa obra justifica-se porque, do material disponível, essa é a coleção mais antiga da obra do autor, portanto, a mais próxima da versão original. Dela, fizemos todos os recortes necessários para mostrar as ocorrências do nosso objeto de estudo. As fontes auxiliares foram o texto *Obras de Gil Vicente*, Edição de Lello, Porto, de 1965, e os volumes 1 e 2 da *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente*, introduzidas e normalizadas por Maria Leonor Carvalho Buescu, publicação da Imprensa Nacional, Casa da moeda, de 1983.

No artigo *A classificação das lições no cotejo da edição de 1586 da Compilação de todas as obras de Gil Vicente: a diferenciação entre erros de cópia e as emendas do censor*, Ferreira (2017) distingue, na segunda edição, variantes de responsabilidade do censor e do tipógrafo responsável pela impressão e discute a tipologia de erros comumente adotada na colação entre testemunhos prevista pelo método lachmanniano. Discute, ademais, a distinção entre erro de cópia do tipógrafo e as variantes inseridas pelo censor inquisitorial, Frei Bartolomeu Ferreira, na edição de 1586 da Compilação.

Ferreira (2017) cita a transmissão da obra de Gil Vicente como exemplo da censura inquisitorial instaurada em Portugal em 1536. A autora afirma que as duas edições da Compilação, a de 1536 e a de 1586, foram vistoriadas pela Inquisição, mas, “pelo fato de a primeira gozar de privilégios de encomenda (foi requisitada pelo rei D. João III) e de impressão (o privilégio foi concedido por D. Catarina), a segunda sofreu mais mutilações no seu texto” (Ferreira, 2017, p. 89). A autora identifica na sua análise “duas mãos envolvidas no processo editorial da edição de 1586 da Compilação: a do censor incumbido, Frei Bartolomeu Ferreira, e a do tipógrafo” (Ferreira, 2017, p. 89). A edição de 1586 apresenta, segundo Ferreira (2017, p. 89), “dois grupos de variantes: as orientadas ideológica e/ ou religiosamente e as relacionadas aos erros ou escolhas triviais do processo de cópia e montagem tipográfica”.

O artigo trata de duas ações efetivadas em material histórico, uma, habitual, relativa ao ofício de transcrição/digitalização; a outra, uma interdição intencional (violação) de

⁵⁵ Copilaçam – BNP – cópia pública – Vicente, Gil, ca 1465-ca 1536 - Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente a qual se reparte em cinco liuros. O primeyro he de todas suas cousas de deuaçam. O segundo as Comedias. O terceyro as Tragicomedias. No quarto as Farsas. No quinto às obras meudas. - Vam emmendadas polo Sancto Officio como se manda no cathalogo deste Regno. - Lixboa : por Andres Lobato, 1586. - [2], 280 [i.e. 276], [1] f. : il. ; 4º (18 cm). Disponível em <http://purl.pt/15106>.

⁵⁶ A obra de Gil Vicente, dramaturgo português do século XVI, foi transmitida por meio de folhas volantes e duas edições, uma de 1562 e outra de 1586, da intitulada Compilação de todas as obras de Gil Vicente, ambas objeto da censura inquisitorial. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/440>. Acesso em janeiro de 2023.

personagens/temas, com pleno conhecimento do que se está fazendo e um objetivo específico, a defesa dos interesses da Igreja. Ainda que se tratasse de obras literárias, o clero determinou o que deveria desaparecer na compilação. Assim, uma vez que estamos discutindo também a interdição de conteúdo, a literatura como fonte de pesquisa sócio-histórica é o tema da nossa próxima subseção, pois, ainda que de forma artificial, o literário nos oferece uma imagem da realidade.

5.4 A Literatura como fonte histórica de pesquisa

De acordo com Silva K. V. e Silva, M. H. (2010), na tradição clássica, o termo mais utilizado para definir fonte histórica é documento. Com o decorrer do tempo, essa palavra passou a não significar apenas o registro escrito, mas principalmente o registro oficial. Conforme esses autores, “vestígio” é hoje a palavra eleita pelos historiadores segundo os quais a fonte histórica é mais do que o documento oficial. Em *A fonte fecunda*, Ferreira (2013, p. 68) explicita: “A pesquisa histórica tem contribuído justamente para a compreensão dos modos como a literatura foi concebida, particularizada em relação a outras expressões orais ou escritas, transmitida, lida, compartilhada ou apropriada pelos diferentes grupos sociais das diversas épocas e sociedades”. Guiado por esse movimento e por “determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais, o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem” (Ferreira, 2013, p. 69).

Ferreira (2013) declara que, tal como os mitos, a fala, o cinema e outros produtos humanos, a literatura passou a integrar o repertório das fontes para o conhecimento da história, “especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo” (Ferreira, 2013, p. 61).

Em *Sociolinguística – os níveis de fala*, Preti (1992, p. 51-61) também considera a literatura fonte histórica e afirma que muitos escritores “têm procurado aproximar a língua literária da língua falada, no sentido de descobrir-lhe valores expressivos e originais” e, dessa forma, “em todas as épocas, a língua literária, de uma forma ou de outra, com maior ou menor intensidade, não perdeu sua ligação com a realidade falada”. O linguista argumenta:

Em todas as épocas, muitos literatos aproveitaram em suas obras a linguagem popular e, se não o fizeram com mais frequência, no plano narrativo, onde a identificação entre o escritor e o narrador é mais imediata,

pelo menos o tentaram na fala de suas personagens, criando um diálogo mais próximos da realidade oral (Preti, 1992, p. 62).

A obra de Gil Vicente é, na opinião de Preti (1992), o exemplo mais importante em língua portuguesa para utilizar a linguagem popular e tentar, por meio das falas das personagens, criar um diálogo mais próximo da realidade oral, já que:

[...] os diálogos de suas personagens ajudaram a reconstituição da língua falada da época (século XV), servindo à Filologia e à Linguística Histórica como documento para reconstituição das fases da língua. Gil Vicente foi um grande observador dos tipos humanos de seu tempo e dos dialetos sociais que os representavam. Praticamente nada lhe escapou. Em suas peças, o criado fala como criado, o fidalgo como fidalgo, a criança como criança. Há uma linguagem do padre, outra do advogado, outra do judeu (Preti, 1992, p. 63).

Paul Teyssier (2005, p. 15), linguista, lusitanista e tradutor francês, introduz *A língua de Gil Vicente*, anunciando “O teatro de Gil Vicente é sem dúvida o documento linguístico mais rico e mais variado de todos os que nos deixou o Portugal do século XVI”. Assim, o teatro vicentino tem muito a nos revelar, principalmente pelo fato de elevar à categoria de linguagem literária o falar comum. Concordamos com a declaração de Ferreira (2013, p. 75): “Algumas obras literárias moldaram mais poderosamente que os historiadores, as representações coletivas do passado”. Motivados pelo desejo de estudar a obra de Gil Vicente, lançamos o desafio e deixemos “os documentos falarem”. Desde a feição popular dos diálogos, até a história das personagens que interagem por meio dos textos, podemos estudar a cultura, a língua e conhecer o contexto sócio-histórico em que se produziram as referidas peças teatrais. A linguagem de peças de teatro em estudos sócio-históricos é o tema da nossa próxima subseção.

5.4.1 A linguagem do teatro como fonte histórica

Pesquisadores do ramo da sócio-história (Berlinck; Barbosa; Marine, 2017; Borges e Keller, 2020), críticos literários (Candido *et al.*, 2009) emitem opiniões que indicam uniformidade acerca da utilização de peças teatrais para investigar processos de variação e mudança linguísticas no decorrer do tempo. Apesar do alerta laboviano sobre fatores que circundam documentos históricos (hipercorreção, mistura de dialetos e erros de escribas) e que podem comprometer a análise, bem como de considerarem a seleção de fontes de diferentes épocas um desafio do linguista, Berlinck, Barbosa e Marine (2017), por exemplo,

ressaltam a importância do gênero textual no processo de construção de *corpora* e elegem cartas e peças de teatro fontes apropriadas para o estudo da variação, devido à natureza e características desses textos: interação verbal (diálogo), proximidade da oralidade, informalidade.

Outro fator que beneficia a análise linguística nas peças teatrais, comentam as autoras, é a possibilidade de se identificar relações entre usos linguísticos e papéis sociais. A hipótese é de que se a peça teatral é construída para representar várias vozes, a linguagem é utilizada para definir os diversos personagens. Tal condição permite relacionar características linguísticas (aspectos fonéticos-fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais) e não linguísticas (idade, sexo, ocupação, grau de escolaridade) de cada personagem.

Entre os aspectos extralinguísticos, Berlinck, Barbosa e Marine (2017) destacam a relação entre os interlocutores, já que o grau de formalidade influencia o uso de determinadas formas linguísticas. Desse modo, quem são os interlocutores, qual é o assunto, o lugar, as personagens, o tipo de texto dramático (comédia, drama) são aspectos que devem ser considerados pelo pesquisador.

Borges e Keller (2020) também veem no discurso direto de textos ficcionais teatrais do passado um *corpus* ideal e revelador de características da língua falada, variações sociais, estilísticas e da relação entre língua e sociedade, desde que observados alguns fatores em relação aos textos: período histórico, informações histórico-sociais, região de origem, autor, padrões sociais de língua. Na análise de peças teatrais de escritores gaúchos – de 1896 a 1995 – os autores observaram variáveis extralinguísticas: faixa etária, sexo e classe social.

Quanto à variável classe social, Borges e Keller (2020) verificaram, na descrição das personagens, classe baixa, classe média e classe alta, pautando-se nos aspectos renda, ocupação profissional, escolaridade e local de moradia. Os autores concluíram que é possível explicar o presente com base em dados sociolinguísticos do passado, desde que se considerem os preceitos da linguística histórica para a análise dos fenômenos de mudança linguística e suas correlações com os fatores sociais.

Apesar de afirmar que “nem todos os documentos do passado são igualmente úteis para a pesquisa sociolinguística, pois nem todos apresentam o mesmo grau de variabilidade”, Conde Silvestre (2007) não diverge da opinião dos demais autores citados e também indica:

Sem dúvida, os textos mais úteis para o pesquisador são aqueles que transferem para o meio escrito as trocas comunicativas que ocorreram ou poderiam ter ocorrido no meio oral, pois, em princípio, por um lado, esse tipo de texto apresenta maior grau de variação, por outro, facilita a

correlação de variáveis linguísticas com as circunstâncias pessoais de seus emissores e receptores (Conde Silvestre, 2007, p. 45, tradução nossa).

Candido *et al.* (2009, p. 86-92) argumentam que se o teatro for concebido como “a arte do conflito”, “somente o “choque entre dois temperamentos, duas ambições, duas concepções de vida, empenhando a fundo a sensibilidade e o caráter, obrigaria todas as personalidades submetidas ao confronto a se determinarem totalmente”. Isso significa dizer que, além de verificar se cada personagem deve falar de acordo com a sua classe, teríamos a impressão de uma sobre a outra e o mais importante: o olhar da personagem sobre ela mesma.

Outra importante questão na análise de peças teatrais:

Os verdadeiros dramaturgos, os nomes que realmente contam, mostram-se sempre capazes de elaborar um estilo pessoal e artístico a partir das sugestões oferecidas pela palavra falada, aproveitando não somente a gíria, as incorreções saborosas da linguagem popular, mas também a sua vitalidade quase física, a sua vivacidade, a sua irreverência e a sua acidez, as suas metáforas cheias de invenção poética (Candido *et al.*, 2009, p. 100).

Diante do exposto e da especificidade da linguagem teatral (modalidade escrita mais próxima da oral), seguimos na missão de analisar os diálogos em *O velho da horta* (1512). Esse gênero textual foi escolhido para identificar e classificar as tendências eufemísticas e/ou disfemísticas em um material linguístico que traz um retrato da fala de diferentes camadas sociais. A censura da edição de 1586 da *Compilação de todas as obras de Gil Vicente* não impediu o nosso propósito, ao contrário, ajusta-se perfeitamente ao objeto de estudo: a interdição de vocabulário, a censura na língua. Tal condição nos permite fazer inferências, tirar conclusões, formar nosso ponto de vista e, por que não, “fazer bom uso dos maus dados”.

5.5 Os dicionários como fontes históricas para o estudo da língua

[...] Para todas as coisas, dicionário
Para que fiquem prontas, paciência [...]
Nando Reis

Para a análise das palavras formadoras dos eufemismos e disfemismos em *O velho da horta* (1512), outra fonte histórica utilizada foram dicionários monolíngues da Língua Portuguesa. Nos dicionários, faremos uma abordagem diacrônica por meio de diferentes sincronias, tal como descreve Mattos e Silva (2008, p. 8) sobre “a multiplicidade de tempos que se emaranham”. Selecionamos um dicionário de etimologia, porque acreditamos que

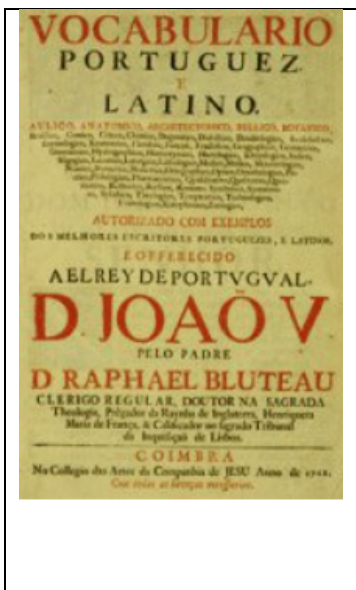
verificar a origem de cada termo, quer na forma mais antiga, quer em algum momento de sua evolução, tem papel importante neste estudo. Depois, consultamos dicionários do século XVIII ao século XXI, com o objetivo de acompanhar a trajetória das acepções e verificar se, de uma obra para a outra, houve mudança significativa nos sentidos e/ou na estrutura dos verbetes analisados.

Além da etimologia, entradas, sentido prototípico, estrutura, classificação gramatical e significados de cada verbete, verificamos a possibilidade de existência de marcas de uso nas palavras. A divisão de Herbert Andreas Welker (2004), alemão radicado no Brasil, pesquisador da área de lexicografia e do uso de dicionários, ajudou-nos em uma questão essencial, a caracterização das palavras. Fizemos um resumo e citaremos aquelas que nos serviram de fonte: a) diacrônicas (antiquado, envelhecido, neologismo); b) diatópicas (restritas a regiões ou países); c) diastráticas (chulo, familiar, coloquial, elevado); d) diatextuais (poético, literário); e) diaevaluativas (pejorativo, eufemismo). Desse modo, encontrar marcas como *chulo*, *pejorativo* ou mesmo *eufemismo* na caracterização de alguma palavra foi essencial para a pesquisa.

Outros dados que podem acompanhar as palavras nos dicionários e que foram igualmente importantes: marcas como *figurado* ou *por extensão*, denominados *operadores semânticos* e *indicadores de transferência semântica* (Welker, 2004); combinações dos termos, ou seja, se se trata de locução, frase feita ou expressão idiomática; exemplos (frase ou texto de frase que serve para exemplificar) e abonações (frase ou trecho de frase encontrada em um texto autêntico), conforme definição de Welker (2004).

A análise dos enunciados nos dicionários partiu do seu componente lexical básico. Por exemplo, para aqueles que continham verbo, iniciamos a consulta pelo verbo-base da expressão, sem, contudo, deixarmos de verificar as outras palavras constituintes, como substantivos, adjetivos, locuções. Consultamos os seguintes dicionários da Língua Portuguesa, em ordem cronológica:

1712-1728: *Vocabulario Portuguez e Latino* – Raphael Bluteau

	O <i>Vocabulário Portuguez e Latino</i> de Rafael Bluteau (1712-1728), padre londrino radicado em Portugal, foi oferecido ao rei D. João V e o primeiro da Língua Portuguesa. O título conta com cerca de sessenta palavras: “<i>Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, ...</i>”;⁵⁷ etc. Não obstante o nome “Vocabulário”⁵⁸, as entradas vêm acompanhadas das respectivas definições, como ocorre nos dicionários. Bluteau (1712-1728) traz todas as entradas em português, as definições também em português e a tradução em latim e assim define: <i>Autorizada com exemplos dos considerados melhores escritores portugueses e latinos</i>. O título <i>Vocabulário portuguez e latino</i> e os comentários etimológicos sugerem um dicionário que poderia demandar um esforço intelectual maior para ser entendido, mas é exatamente por meio de citações e estruturas dos melhores escritores portugueses e latinos que Bluteau (1728) mostra a língua em atividade. A digitalização de seus dez volumes integra a construção da biblioteca digital da Brasileira USP. Trata-se de um projeto da Reitoria da Universidade de São Paulo desenvolvido em parceria pelo IEB e Biblioteca Guita e José Mindlin. Disponível em: http://www.brasiliana.usp.br
---	--

⁵⁷ O *Vocabulário Portuguez e Latino* (1712-1728), de Raphael Bluteau, é o primeiro dicionário da Língua Portuguesa. A digitalização de seus dez volumes integra a construção da biblioteca digital da Brasileira USP. Trata-se de um projeto da Reitoria da Universidade de São Paulo desenvolvido em parceria pelo IEB e Biblioteca Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/en/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/>

⁵⁸ Etimologicamente, o termo vocabulário deveria se referir simplesmente ao “conjunto de vocábulos de uma língua” como ocorre com os vocabulários ortográficos, ortoépicas, de nomes próprios; no entanto, por vezes, o termo vocabulário foi tomado por extensão “muito natural” aos compêndios que traziam definições, como costuma ocorrer com os dicionários, conforme testemunho de Zélio dos Santos Jota (1976, p. 345).

1789: *Diccionario da Lingua Portuguesa* – Antonio de Moraes Silva

 DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA COMPOSTO PELO PADRE D. RAFAEL BLUTEAU, REFORNADO, E ACCRESCENTADO POR ANTONIO DE MORAES SILVA NATURAL DO RIO DE JANEIRO. TOMO PRIMEIRO. A—K LISBOA, NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA. ANNO MDCCLXXXIX. Com Licença da Real Mesa da Censura Geral, Jfres e Exame, e Custodia dos Livros.	O <i>Diccionario da Lingua Portuguesa</i>, de Antonio de Moraes Silva (1789)⁵⁹, é oferecido ao príncipe de Portugal e reduz, de oito para dois, os volumes do dicionário de Bluteau (1728). A ideia de reformulação é explícita no texto preliminar, em que Silva (1789) lamenta a falta de um dicionário que “abrangesse e explicasse os vocábulos portugueses com a energia e propriedade de cada um” (Silva⁶⁰, 1789, s. p.), bem como mostrasse “o uso que dele fizeram os escritores clássicos, segundo o gênio e idiotismo da língua”. Silva faz mudanças na forma de apresentar as definições, deixa de mostrar os significados em latim e traz todas as entradas em português, as definições também em português e deixa de demonstrar a tradução em latim, como o fez Bluteau. A sistematização implementada por Silva (1789) parece ter sido uma necessidade de adequação da obra de Bluteau (1728) às mudanças sociais, históricas e, talvez, linguísticas, “o que permitiu uma circulação mais ampla, inclusive nas escolas” (Nunes; Seligman, 2003, p. 37). Se naquela época essas mudanças foram necessárias, sentimos, hoje, a ausência de obras que nos remetam à língua falada pelos antigos romanos, como faz a produção de Bluteau (1728).
--	---

1832: *Diccionario da Lingua Brasileira* – Luís Maria da Silva Pinto

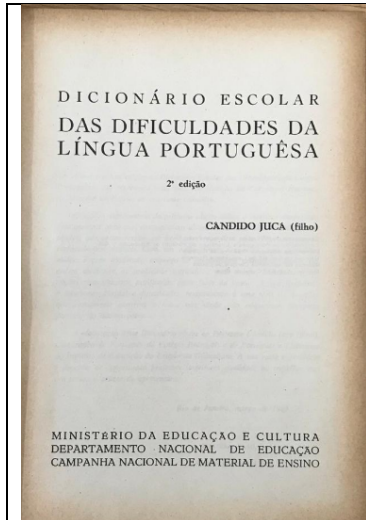
 DICCIONARIO DA Lingua Brasileira POR LUIS MARIA DA SILVA PINTO Natural da Província de Goias. OURO PRETO NA TYPOGRAPHIA DE SILVA. 1832.	Luiz Maria da Silva Pinto, brasileiro e tipógrafo, julgando ser o dicionário do nosso idioma uma raridade, apresenta-nos o <i>Diccionario da Lingua Brasileira</i>⁶¹, publicação a que ele denomina “esforço patriótico” e “auxillante da Grammatica, e da Orthographia”. O propósito inicial seria produzir um dicionário por meio do qual se compreendessem “as palavras e frases adotadas pelos brasileiros e não apenas as proferidas pelos índios, como se presumira” (Pinto, 1832). No entanto, ao comparar o considerado “insignificante retorno financeiro” com o também considerado “árido e longo trabalho”, Pinto (1832) afirma ter limitado o seu plano e lança o que denomina “Diccionario portátil”, cujo objetivo é ser um suporte para uma edição mais ampla e regular, desde que acolhido pelos leitores e caso os “amantes da Literatura Nacional” se prontificassem a enviar “notas sobre os vocábulos omissos e definições inexatas”. Com efeito, merecedor da qualificação “Diccionario portátil”, apresentamo-lo com base em duas justificativas: a primeira é de caráter temporo-espacial, já que teóricos como John Lyons denunciam que estudos históricos muitas vezes apresentam hiatos de períodos, causando instabilidade na argumentação; a segunda de caráter político, já que resgata a tentativa de dar cor e tom nacionais às obras consagradas de cunho lusitano, ou seja, a reivindicação de que caráter nacional à língua portuguesa falada no Brasil, o que já se justifica pela intenção do título primeiro da obra “<i>da Lingua Brasileira</i>”. Seu caráter sintático (ou portátil) muito explica do formato de apresentação das entradas lexicais.
---	--

⁵⁹ A digitalização dessa obra também integra a construção da biblioteca digital da Brasileira USP. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/en/dicionarios/>.

⁶⁰ Por questão acadêmica, somos obrigados a referenciar o autor como Silva; no entanto, ele é mais conhecido por Moraes, tendo até sido criada metonímia, o Moraes, isto é, o dicionário de Moraes, para se referir à obra. Fenômeno semelhante ocorre com o Aurélio, referenciado Ferreira.

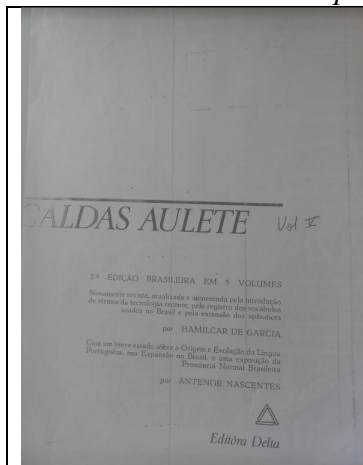
⁶¹ A digitalização dessa obra também integra a construção da biblioteca digital da Brasileira USP. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/en/dicionarios/>

1963: *Dicionário escolar das dificuldades da Língua Portuguesa* – Cândido Jucá Filho



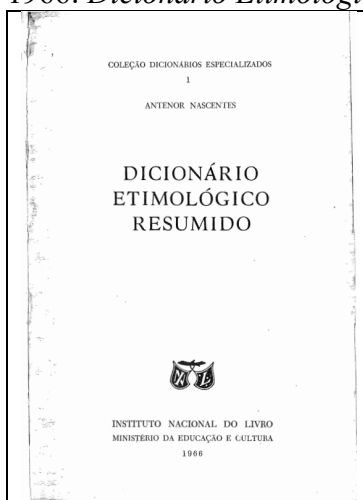
A primeira obra escolhida do século XX foi a de Cândido Jucá Filho (1963), brasileiro, catedrático de Português do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro e membro da Academia Brasileira de Filologia. O responsável pelo *Dicionário escolar das dificuldades da Língua Portuguesa* explicita a intenção de priorizar a “língua viva” ou “corrente” com “poucas abreviaturas e digressões e sem nomenclatura científica, longas e eruditas justificações filológicas” (Jucá Filho, 1963). Na apresentação dessa obra, à qual denomina “prática”, faz um alerta aos consulentes e observa que os casos mais comuns serão referendados por ele e os controversos serão apresentados com aprovação dos mais recomendáveis escritores, brasileiros ou portugueses.

1964: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* – Francisco Júlio de Caldas Aulete



O *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Francisco Júlio de Caldas Aulete (1964), professor e lexicógrafo português. Os editores desse Dicionário afirmam que sempre se dedicaram para que a Língua Portuguesa recebesse a contribuição dos melhores filólogos e alcançasse o índice mais elevado no que se refere à técnica de feitura de dicionários, na opinião deles, “como um todo luso-brasileiro”, essa é a obra “mais completa no gênero”. A seção “O que vale o Dicionário Contemporâneo de Caldas Aulete” cuida de exaltar as qualidades do impresso: *A língua portuguesa tem dois dicionários: o de Moraes e o de Caldas Aulete. O de Moraes serve principalmente para tudo que antecede o século XIX. Com o progresso, tornou-se deficiente e mesmo inexato em alguns pontos. Mas isso é sina a que os dicionários não podem escapar. No correr do século XIX apareceram dicionários para substituí-lo, mas nenhum deles conseguiu seu fim*” (Aulete, 1964, prólogo).

1966: *Dicionário Etimológico resumido* – Antenor Nascentes



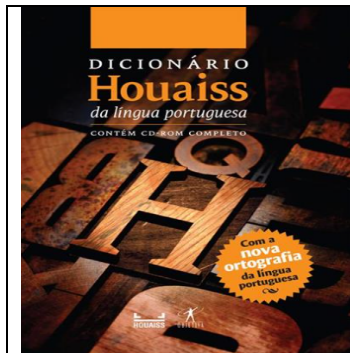
No prefácio do Dicionário Etimológico Resumido de Antenor Nascentes, Celso Cunha (1966) escreve: agora, a exemplo de outros lexicógrafos ilustres, resolveu o professor Antenor Nascentes dar-nos este dicionário resumido, de etimologia imediata, que, sem dúvida, irá prestar bons serviços não só aos filólogos, mas a todos aqueles que se preocupam com a origem das coisas, pois que, em última análise, *a história das palavras tem que ser explicada pela história dos objetos, conceitos e ideias que nelas estão expressos* (Wundt). Ao chegar a este ponto de uma vida inteiramente devotada à ciência, que dele ainda tanto deve esperar pela mostra de força que nos oferece nos seus saudáveis oitenta anos, o professor NASCENTES teria o direito de exclamar, aplicando ao seu campo de atividade a célebre frase de Herculano *Fui um homem que quis nas coisas filológicas* (Celso Cunha, 1966, p. VIII e IX).

2009: *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* – Aurélio Buarque de Holanda Ferreira



A nossa primeira obra de consulta do século XXI é o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2009). No prefácio à primeira edição, fica evidente a pretensão de considerar a língua dos escritores modernos e clássicos, dos jornais e revistas, do teatro, do rádio e televisão, o falar do povo, os linguajares regionais, jocosos, depreciativos, profissionais, gíriescos. Com essa motivação, entre os gêneros, a preferência recai sobre as crônicas, consideradas “bons espelhos da língua viva” (Ferreira, 2009, p. XI).

2009: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* – Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar



O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009), dos filólogos Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, é a nossa segunda fonte de consulta do século XXI. No prefácio, Mauro de Salles Villar afirma que pretende preencher um hiato na própria família desse Dicionário. O objetivo é criar uma obra ágil e prática, mas com um número de informações maior do que se costuma encontrar em dicionários de extensão similar. Villar afirma: *Computando o resultado final desse trabalho, parece-nos haveremos atingido, com esta obra de cerca de 146 mil entradas, o escopo inicial proposto. O fruto desse novo esforço será agora julgado por você, leitor, de quem esperamos ganhar mais uma vez a aprovação e a confiança* (2009, p. XI).

2011: *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*⁶² - Carlos Alberto de Macedo Rocha e Carlos Eduardo Penna de M. Rocha



O *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa* resulta de um trabalho realizado durante uma década e reúne frases feitas, locuções e expressões idiomáticas que fazem parte do nosso vocabulário diário. Os autores destacam as limitações na elaboração desse volume, já que, segundo eles, as expressões ficam muito limitadas a estudos regionalistas e não aparecem nos dicionários monolíngues. O objetivo do Dicionário é exatamente preencher uma lacuna nas referências do português do Brasil.

⁶² Nesse Dicionário, não encontramos dados suficientes que justificassem a sua presença ao longo da análise. Entre os outros, ele funcionaria como detalhe, um complemento e certamente contribuiria para deixar a análise sem energia, já que, na maior parte das vezes, os espaços iriam permanecer vazios. Assim, optamos por citá-lo para evidenciar a realização da pesquisa nessa obra. De qualquer forma, citamos aqui algumas das expressões encontradas referentes aos verbetes consultados: *às escuras*; *coisa de louco*; *cair na razão*; *chegar à razão*; *fora da razão*; *pôr-se de partida*; *idade da razão*; *ser de bom conselho*; *levar à sepultura*; *livre como pássaro*; *má sorte*; *sem rima na razão*; *de miolo mole*; *miolo de galinha*; *estar enleado*.

Consideramos que os dicionários indicam transformações históricas, culturais, são discursivos e constituem uma forma de interpretar o termo linguístico. Com isso, na análise da farsa *O velho da horta* (1512), é possível observar variações das formas linguísticas dos enunciados, bem como fazer inferências sobre crenças, valores e atitudes dos autores.

5.6 “À barca, à barca, venham lá!” (Gil Vicente)

O interesse pela obra de Gil Vicente mantém-se vivo durante épocas sucessivas. No século passado, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos legou-nos as *Notas Vicentinas*, em que ilustra a vida e a obra do escritor português. Nesse mesmo período, Leite de Vasconcelos também examinou e descreveu atenta e minuciosamente a produção do dramaturgo. Deste século, *A língua de Gil Vicente*, do professor francês Paul Teyssier (2005), é outro trabalho respeitável. Nas quase setecentas páginas, enfatiza-se principalmente o léxico utilizado pelo dramaturgo. Nos estudos de José Augusto Cardoso Bernardes, professor da Faculdade de Letras de Coimbra, os autos do escritor português também ocupam lugar de destaque.

No Brasil, para citar alguns exemplos de pesquisas notáveis, Gil Vicente recebe atenção especial do Dr. Pedro Carlos Louzada Fonseca, professor de Literatura Portuguesa na Universidade Federal de Goiás. Fruto desse estudo, a tese de doutorado⁶³ de Leicina Alves Xavier Pires é uma publicação recente. O teatro vicentino serviu de fonte também para o Dr. Jorge Augusto Alves da Silva⁶⁴, professor de Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Vasta é a produção acadêmica sobre Gil Vicente do também professor de Literatura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Márcio Ricardo Coelho Muniz⁶⁵.

⁶³ *Alcoviteira e a misoginia na literatura ocidental: contribuições ao teatro de Gil Vicente*, Universidade Federal de Goiás (UFG), 2023. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tedeserver/api/core/bitstreams/b35d5770-bcd0-4a30-b954-9fb77e976cc9/content>.

⁶⁴ A concordância na “língua de preto” em Gil Vicente. *Papia*, 13(1), 136-138. <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1818>.

⁶⁵ Para citar alguns estudos: Copilaçam de todas as Obras de Gil Vicente ?1562: uma breve história de sua recepção *Signum - Revista da Abrem*, v. 22 , p. 314 - 334 , 2021; Que prática tam avessa da rezam um charivari cortesão no teatro de Gil Vicente Ângulo (FATEA. Impresso) , v. 125 , p. 21 - 29 , 2011; O teatro de Gil Vicente no contexto das cortes portuguesas do séc. XVI *Papéis (UFMS)* , v. 14 , p. 18 - 51 , 2010; Festas e diabruras em Gil Vicente e Lourdes Ramalho REEL. *Revista Eletrônica de Estudos Literários* , v. 3 , p. 1 - 21 , 2007; Como fala Gil Vicente... falares vicentinos na dramaturgia brasileira *Agalia (A Corunha)* , v. 89/90 , p. 81 - 100 , 2007; A estrutura processional e o teatro de Gil Vicente *Revista Camoniana* , v. 13 , p. 65 - 76 , 2003; Um ‘speculum’ às avessas: o episódio do Anão dentro da ‘Tragicomédia de Amadis de Gaula’, de Gil

Assim, resta-nos perguntar: por que Gil Vicente é tema para estudos de toda natureza no meio acadêmico e traz sempre a possibilidade de novas aproximações com a sua obra? Ferreira (2013, p. 68), que chama atenção para a “ideia de transcendência e atemporalidade da obra artística”, afirma: “o objetivo é responder às perguntas: o que consagra algumas obras, tornando-as clássicas e outras não? Por que alguns livros continuam a ser lidos hoje e ainda conseguem seduzir o leitor, embora tenham sido escritos em tempos remotos?” (Ferreira, 2013, p. 70). A resposta é, seja por meio da Literatura e da dramaturgia, em que se enfatizam, além da linguagem, o lirismo e a sátira presentes nos textos, seja por meio da Linguística, é possível fazer, nas peças do dramaturgo vicentino, um “verdadeiro trabalho de arqueologia verbal” (Teyssier, 2005, p. 643). Em Gil Vicente é possível encontrar diversidade no uso da língua e de classes sociais.

Embora com percursos diferenciados, os estudiosos que se ocuparam em descrever e explicar a linguagem em Gil Vicente são unânimes em dois aspectos: primeiro, o escritor é um artífice das palavras⁶⁶. É o que Teyssier (2005) denomina “particularização linguística”⁶⁷. Segundo, na sua obra encontramos o povo representado por todos os tipos de personagens: “velhos, jovens, cortesãos, frades, lavradores, judeus, pretos, ciganos, padres, criados, capelães, bruxas, juizes, marinheiros, alcoviteiras e outros” (Teyssier, 2005, p. 15). Nas peças, estão presentes “todas as condições” e, com base nelas, “todas as variantes de língua”. Outra questão, em que condições de uso da língua, Gil Vicente envolve, simultaneamente, o linguístico e o social? Vejamos um breve histórico.

No fim do século XV e início do século XVI, Portugal passa por um período de transição para o mundo moderno, “transforma-se e remodela-se: a sociedade portuguesa vai aos poucos saindo do ambiente medieval e cedendo ao novo espírito” (Silva Neto, 1976, p. 108). Outro aspecto importante do século XVI, destaca Silva Neto (1976, p. 109), “a vida social era intensa e os divertimentos, que não eram poucos, condicionavam até maneiras de dizer e novos sentidos para os vocábulos”. A produção de Gil Vicente data dessa época e coincide também com a chegada dos portugueses a terras até então por eles desconhecidas. Com as conquistas territoriais do país europeu, a língua portuguesa cultuada na literatura

Vicente Caderno Seminal (UERJ) , v. 6 , p. 187 - 197 , 1998; 1531: Gil Vicente, Judeus e a instauração da Inquisição em Portugal Contexto (Vitória) , v. 7 , p. 95 - 108 , 2000.

⁶⁶ Silva (2003, p. 138) afirma: “Embora Gil Vicente não seja um linguista nem possua treinamento específico para fazer descrições dialetais, não podemos negar que os fenômenos por ele apontados impressionaram aos falantes da época que tinham como ridículo aquele falar tosco dos negros de África ao chegarem a Portugal”.

⁶⁷ “Gil Vicente trata esta matéria como artista: os autos não são documentos filológicos recolhidos por um linguista, mas obras literárias criadas por um poeta” (Teyssier, 2005, p. 89).

lança-se para diferentes regiões e “começa a apresentar não poucos traços que a distinguem da que se usou em Portugal, nos séculos anteriores” (Coutinho, 2004, p. 65).

Em meio ao processo das grandes navegações, “que abriram aos olhos dos portugueses novos mundos e novas humanidades” (Silva Neto, 1976, p. 108), Gil Vicente representa um passo definitivo na laicização da cultura portuguesa. Desse modo, talvez influenciado por Juan del Encina e pela prosa historiográfica de Fernão Lopes, em que se atribui importância ao povo no decurso de mudanças políticas do país, ou mesmo embalado pelos temas e linguagens das cantigas medievais, Gil Vicente começa a produzir o teatro praticado fora da igreja e a explorar diferentes recursos expressivos em suas obras.

Nascido por volta de 1465 e falecido entre 1536 e 1540, Gil Vicente encenou sua primeira peça, o *Auto da Visitação*, em 1502. Se há dúvidas (Spina, 1970; Saraiva e Lopes, 2000; Moisés, 2003) em relação à biografia, à tradicional divisão da sua produção, à data de publicação de algumas de suas peças, bem como à sua profissão (ourives ou *mestre da balança* da Casa da Moeda de Lisboa), existe a certeza de que, “como poeta, seu valor manifesta-se numa fluência e elasticidade expressivas que abarcam todos os matizes, líricos, satíricos, mitológicos, alegóricos, religiosos”, condição que o torna “o mais importante autor de teatro em toda a história da Literatura Portuguesa” (Moisés, 2007, p. 43), com “um espírito altamente representativo do homem medieval” (Spina, 1970, p. 11), e sua obra o “acabamento das melhores tradições do teatro medievo europeu” (Saraiva; Lopes, 2000, p. 189).

A produção vicentina classifica-se, de forma aproximada, conforme Saraiva (2000, p. 197) em: autos pastoris (éclogas encenadas); teatro religioso (autos de moralidade); farsa (episódio cômico colhido em flagrante na vida da personagem típica); autos cavaleirescos. A estrutura cênica, também de acordo com Saraiva e Lopes (2000, p. 197-198), divide-se em três formas: a farsa, simples episódio característico de um caso ou um tipo social-moral; o auto de enredo e o auto alegórico, quer religioso, quer profano.

O teatro vicentino se distingue do teatro clássico

porque não tem o propósito de apresentar conflitos psicológicos, nem se trata de um teatro de caracteres e de contradições entre (ou dentro de) eles, mas um teatro de sátira social ou um teatro de ideias. No palco vicentino não perpassam caracteres individualizados, mas tipos sociais agindo segundo a lógica da sua condição, fixada de uma vez para sempre; e outros entes personificados (Saraiva; Lopes, 2000, p. 210).

Também em oposição ao clássico, outra particularidade do teatro de Gil Vicente é a linguagem coloquial, que evidencia, segundo Saraiva e Lopes (2000), não só a diversidade linguística advinda da diversidade das regiões, mas também a das condições sociais, a origem social das personagens. “Um homem do povo, um dramaturgo de linha popular”. É esse o aspecto (que remete ao popular) destacado por Spina (1970, p. 19), que continua: “o seu teatro não pode ser jamais entendido se analisado e concebido segundo os padrões de uma estética que não seja a estética do teatro popular”.

Cultivar um teatro primitivo, que recebeu o nome de popular, devido às suas características principais (temas, linguagem, atores), contendo o retrato satírico da sociedade daquele tempo (assim estratificada: corte, fidalguia, burguesia, clero e plebe) e representá-lo para o entretenimento da mesma realeza e fidalguia, é uma postura que demonstra, acima de tudo, coragem, qualidade exaltada por Moisés (2007, p. 42-43): “o comediógrafo não precisou comercializar seu talento para o ver frutificar”, e o mais importante, “guiado sobranceiramente por suas convicções, numa independência de caráter apenas limitada pelo bom senso e pelas naturais coerções do meio palaciano”.

A obra de Gil Vicente é farta, quase toda em português e em espanhol. São autos religiosos, cavaleirescos, alegóricos e farsas. Nesta pesquisa, analisamos os eufemismos e disfemismos presentes em *O velho da horta* (1512), peça representativa do século XVI. Reconhecemos a importância de todas as produções do dramaturgo, mas concorreu para a nossa escolha o fato de essa obra ser escrita em português. Assim, pretendemos verificar, nos diálogos entre as personagens, o que está por trás do processo de substituição (intencional) das palavras e expressões para criar efeitos de sentido, seja para o positivo (no caso dos eufemismos), seja para o negativo (no caso dos disfemismos). Ademais, identificar os temas centrais (categorias semânticas) e as variáveis linguísticas e extralinguísticas no emprego desses recursos.

Feita essa breve passagem por fatos da vida e da obra de Gil Vicente, verificada a repercussão das suas peças entre pesquisadores e justificados os critérios de escolha do texto analisado, na próxima seção, explicitaremos de que maneira construímos os perfis sociais das personagens para o estudo das variáveis extralinguísticas.

5.7 “Um velho honrado e muito rico, já velho”: perfis sociais das personagens

Na escolha da peça *O velho da horta* (1512)⁶⁸ consideramos dois critérios: o texto é escrito inteiramente em português; conteúdos temáticos distintos. A intenção nesse segundo requisito foi estratificar melhor o grupo de personagens, já que “o teatro vicentino nos interessa sobretudo pelos tipos humanos”, pela “multidão de figuras”, porque “sejam lavradores, alcoviteiras, judeus criados, artesãos, comerciantes, frades, porteiros, pajens, diabos⁶⁹, todos se fundam numa grande família mais geral: a das personagens populares” (Teyssier, 2005, p. 607).

Três fontes permitiram-nos fazer o inventário de todos os eufemismos e disfemismos presentes na peça e compuseram o nosso primeiro *corpus*: i) a cópia pública *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente*, versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa (1586); ii) a edição da *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente*, da Coleção “Biblioteca de autores portugueses” (1983); iii) a coletânea *Obras de Gil Vicente*, edição de Lello, Porto (1965). Para conferir maior fidelidade ao texto selecionado, recortamos os trechos da versão digitalizada, a edição mais próxima da original (século XVI), e transcrevemos os diálogos, com a indicação da respectiva página em que aparecem na referida edição.

As variáveis linguísticas controladas serão (i) *eufemismos* (ii) *disfemismos*, (iii) *processo eufemístico/disfemístico* e (iv) *campo semântico/motivação*. Analisaremos os eufemismos e disfemismos observando estrutura (uso de prefixos e sufixos), classe gramatical (frases feitas, expressões idiomáticas, locuções), regionalismos, brasileirismos, arcaísmos, chulo, pejorativo, tabuísmo etc. Quanto às variáveis extralinguísticas (socioculturais), observaremos com base em Correia (1927), Preti, (1992) e Cardoso, (2010):

- Faixa etária (diageracional), conforme Cardoso (2010), permite inferir se determinado uso se restringe ao falar dos mais jovens ou ao dos mais idosos e comparar possíveis divergências. Permite observar ainda se os mais jovens recorrem com maior frequência aos recursos eufemísticos e os mais velhos aos disfemísticos ou vice-versa.

⁶⁸ Os autores não são unânimes na classificação nem no agrupamento das peças de Gil Vicente. A classificação de *O velho da horta* oscila entre farsa (opiniões quase unânimes) e auto narrativo.

⁶⁹ “[...] em conformidade com a tradição, são representados como homens do povo” (Teyssier, 2005, p. 607).

- Classe social (diastrática), segundo Preti (1992), permite avaliar o nível de coesão do grupo sobre o uso particular, verificando fatores como renda, posição social, por exemplo;
- Sexo (diagenérica), conforme Cardoso (2010), permite verificar a opção de uso por influência das pressões sociais e comportamentais. Na análise do fator *sexo*, observaremos o comportamento linguístico de homens e mulheres no tocante ao emprego dos recursos linguísticos objeto deste estudo.

Antes da análise da peça, consideramos importante trazer resultados, ainda que extemporâneos, de estudos realizados, na literatura (Preti, 1992), em pesquisas sobre eufemismos e disfemismos (Correia, 1927), e geolinguísticas (Cardoso, 2010). Conforme dissemos anteriormente, não pretendemos atribuir a uma época ou a uma personagem ideias e sentimentos que são de outra época, mas verificar se as personagens, inventadas e construídas com base em uma língua e referências socioculturais de uma época, podem tornar possível uma reflexão sobre a língua e as relações socioculturais do contexto atual.

Preti (1992) empreende um estudo de dados sociolinguísticos extraídos de obras literárias brasileiras de diferentes épocas. Em *Sociolinguística: os níveis da fala*, analisa os diálogos entre as personagens com o objetivo de verificar índices de classificação social. Para o autor, as variações extralinguísticas que podem se revelar no diálogo são: geográficas, sociológicas e contextuais. Antes da análise das obras propriamente ditas, Preti (1992) sistematiza a variedade linguística, integrando-a a dois campos: *variedades geográficas (ou diatópicas)*. Nesse campo, situa a oposição entre linguagem urbana/linguagem rural, sem, contudo, eliminar outras variações decorrentes das características do falante e do grupo a que pertence ou das circunstâncias do ato de fala (situação), as *variedades socioculturais (ou diastráticas)*, conforme Preti (1992). Os principais motivos das variações socioculturais originam-se diante de fatores ligados diretamente ao falante (ou ao grupo a que pertence), ou da situação, ou de ambos simultaneamente.

As *variedades devidas ao falante (ou ao grupo a que pertence)* que influenciam a fala são, de acordo com Preti (1982): idade, sexo, raça (ou cultura), profissão, posição social, grau de escolaridade, local em que reside na comunidade; as *variedades devidas à situação* não estão relacionadas diretamente ao falante, mas às circunstâncias – lugar e tempo - em que ocorrem os atos de fala e à relação (grau de intimidade) entre falante e ouvinte. Os fatores situacionais preveem elementos emocionais e determinam os denominados níveis de fala ou registros (formal, comum, coloquial) adotados pelo falante em diferentes situações.

Cardoso (2010), linguista brasileira, conhecida especialmente por seus trabalhos nas áreas da dialetologia e da geolinguística do português brasileiro, reforça a nomenclatura apresentada por Preti (1982) no tocante às variáveis extralinguísticas ou fatores sociais – faixa etária, sexo, escolaridade, condição social. A variável idade ou faixa etária (*variação diageracional*) permite “comparar as divergências existentes entre o falar dos jovens e aquele dos idosos, e determinar o seu ponto de origem” (Cardoso, 2010, p. 50).

A variante *sexo* (*diagenérica*) é também fundamental para a Sociolinguística. Conforme Correia (1927), por questões, muitas vezes, impostas socialmente ou por assumirem papéis diferentes do ponto de vista social, homens podem optar por determinadas formas e as mulheres por outras⁷⁰. A exposição a situações e a sentimentos diversos é um fator que pode influenciar a escolha de uma ou de outra forma linguística.

A variável *escolaridade*, segundo Cardoso (2010), não se vincula diretamente à classe social, mas é relevante para mostrar diferenças no português falado pela população mais escolarizada e o falado pelas pessoas menos escolarizadas. A condição social⁷¹ (*diatrática*) é uma categoria complexa e envolve formas distintas de enfocar o aspecto social, identificando os usuários da língua segundo “fatores tais como trabalho, renda familiar, educação e habitação” (Cardoso, 2010, p. 55). Comprova-se a imprecisão na análise desse fator em estudos que apontam pessoas provenientes de classe baixa ou com ocupações sem muito prestígio exímias conhecedoras do verdadeiro falar do país (Cardoso, 2010).

Correia (1927), em *O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa*, separa a seção *vida dos eufemismos* para relacionar os eufemismos a fatores sociolinguísticos: *época* (o preciosismo do século XVIII na França se contrapõe a uma linguagem mais liberada em Portugal e na França, na Idade média); *lugar* (*casinha*, em regiões de Beira Alta, não é diminutivo de *casa* e significa *retrete*); *povos* (aglomerados político-sociais, comércio, questões culturais etc., influenciam o emprego de eufemismos); *classes sociais, profissões* (um médico foge da palavra *morte*); *vida política* (homem público é pouco franco); *vida jurídica* (legislação repleta de atenuações); *idade* (criança pronuncia palavra defeituosa, adultos não; criança não usa ironia; as mães usam *pipi*, *pum*). O adulto usa menos eufemismo

⁷⁰ Estudos mais antigos (Correia, 1927; Silva Neto, 1986) e outros mais atuais, demonstram que a linguagem da mulher é mais conservadora do que a do homem.

⁷¹ Sobre o desempenho linguístico da classe mais elevada, Silva Neto (1986, p. 25) afirma: “caracteriza-se, principalmente, pelas tendências negativas: evita tudo o que é peculiar às outras camadas da sociedade”. Essa recusa produz, na classe localizada na posição superior da pirâmide social, um efeito linguístico duplo e contraditório: “nada tendo acima de si, compraz-se em imitar os modelos do passado, ao mesmo passo que cria novas formas: eis aí o caráter ao mesmo tempo conservador e neologista das línguas literárias” (Silva Neto, 1986, p. 25).

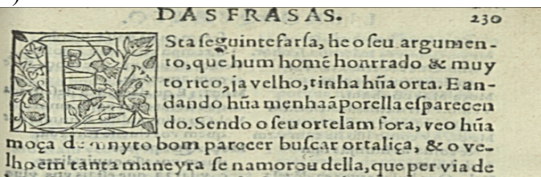
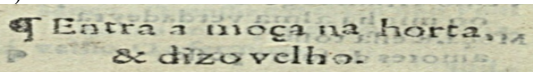
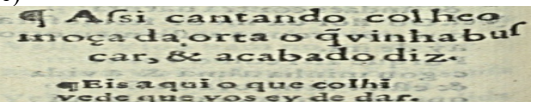
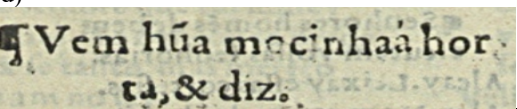
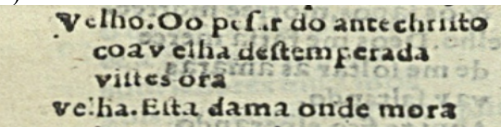
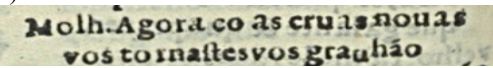
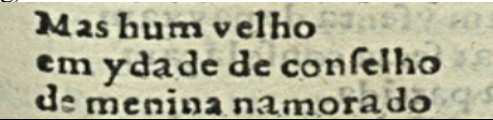
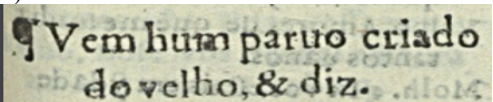
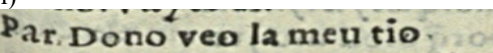
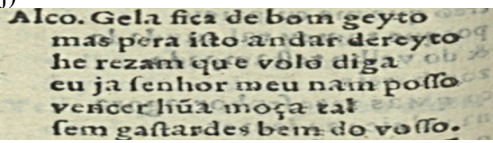
que a infância e mais que a velhice. A velhice é geralmente cheia de cruas liberdades. As velhas são mais conservadoras do que os velhos (Correia, 1927, p. 741-753).

O *sexo* é outro fator que, para Correia (1927), interfere no emprego de eufemismos. Segundo o autor, por obrigação, a mulher é nitidamente mais terna, mais supersticiosa, mais tímida e delicada com a linguagem. Apesar de pouco inovadora no domínio linguístico, é capaz de criar expressões por questões de decência. Assim, senhoras lisboetas inventaram *cuscuz* para denominar certa massa e despistar o espírito rascante do posterior *cuscós*, com acento no *u*. O homem, ao contrário, é mais despejado e violento na linguagem (Correia, 1927, p. 754).

O eufemismo depende das *circunstâncias* (Correia, 1927), quem está com boa disposição de espírito é mais atenuador do que quem está irritado. É mais fácil ser cortês na primeira parte do dia, já que o *ambiente* influi decisivamente a linguagem. Com velhos respeitáveis somos menos eufêmicos do que com velhas respeitáveis. “Com senhora íntima somos menos que com senhora com quem fazemos cerimônia. Nas salas, somos mais eufemizantes que na cozinha; no escritório, mais que nos quartos, a mesa, a comer, mais que a mesa, a jogar”. Ainda, “entre os próprios cultos, as palavras valem ainda conforme o critério filosófico de quem as emprega” (Correia, 1927, p. 756-757).

A caracterização dos perfis sociais das personagens de *O velho da horta* (1512) baseou-se nas indicações do próprio autor da peça. Berlinck, Barbosa e Marine (2017, p. 187) argumentam “se levarmos em conta a natureza potencialmente plurilíngue do texto e, em especial, do texto dramático, podemos identificar relações entre usos linguísticos e papéis sociais”, de modo que seja possível “estabelecer uma relação pertinente entre as características não linguísticas de cada personagem – idade, sexo, ocupação, grau de escolaridade – e os aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais” (Berlinck; Barbosa; Marine, 2017, p. 187-188).

Candido *et al.* (2009, p. 86-92) argumentam, uma vez que “o teatro se estabelece no diálogo”, é possível caracterizar cada personagem de acordo com o que ela diz e “revela sobre si mesma, o que faz, o que os outros dizem a seu respeito”. No prólogo da farsa em estudo, o narrador fornece, em mais de um trecho, características das personagens. A peça intitula-se *O velho da horta*, começa e termina com o diálogo entre o velho e uma moça/mocinha. Os substantivos que designam idade *velho/moça/mocinha* são repetidos diversas vezes ao longo do texto. Ressaltamos que formamos os perfis sociais das personagens com base na imagem classificatória que o narrador concebeu sobre elas.

Personagem	Trecho
O velho e a moça a) O velho (<i>já velho</i>) é <i>muito rico e uma moça de muito bom parecer</i> que vem à horta (b). Em outro trecho (c), a moça demonstra ser possuidora de recursos financeiros para pagar as compras.	a)  b)  c) 
A mocinha Esta personagem também vem à horta fazer compras (d).	d) 
A velha Nesse trecho, além do narrador, uma personagem descreve a outra (e) <i>velha destemperada</i> , com as ervas novas (f) e, ainda, a própria personagem se descreve (g), <i>um velho em idade de conselho</i> .	e)  f)  g) 
O parvo Criado do velho (h) e tem um tio (i).	h)  i) 
A alcoviteira Sem recursos financeiros (j).	j) 

Assim, com base nos indícios fornecidos pelos diálogos da peça, bem como pelas pistas do narrador, foi possível construir os perfis sociais das personagens, conforme as características especificadas no quadro 4, e analisar as variáveis extralinguísticas.

Quadro 4 – Perfis sociais das personagens de O velho da horta (1512)

Personagem	Sexo	Classe social	Faixa etária
Velho	masculino	média	III
Moça	feminino	Média	I
Mocinha	Feminino	Média	I
Velha	Feminino	Média	III

Parvo	Masculino	Escravo	I
Alcoviteira	Feminino	subalterna	III
Alcaide	feminino	Média	II
Beleguins* ⁷²	Masculino	Média	II
Noivo da moça*	masculino	média	I

Fonte: Elaborada pela autora.

Definidas as fontes e as variáveis da pesquisa, passemos à próxima seção, o estudo da peça *O velho da horta* (1512).

⁷² Esses personagens não participaram dos diálogos, são apenas citados na peça.

6 O VELHO DA HORTA (1512) – ENTRE O ZELO E A AGRESSÃO: ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA DOS EUFEMISMOS E DISFEMISMOS

[...] Gente, cês ainda são um Auto do Gil Vicente [...]
Emicida

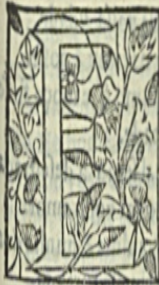
Nesta seção, analisamos os eufemismos e disfemismos encontrados em *O velho da horta* (1512), de Gil Vicente. Para tanto, utilizamos duas fontes históricas: a edição de 1586 da *Compilação de todas as obras de Gil Vicente*; dicionários da Língua Portuguesa, do século XVIII ao século XXI, com base nos quais, mostraremos a etimologia, as entradas, o sentido prototípico, a estrutura, a classificação gramatical e o(s) significado(s) de cada verbete. Observamos, quanto às expressões, se são regionalismos, brasileirismos, frases feitas, locuções, expressões idiomáticas e se existem abonações.

Ao final da apresentação dos diálogos, elaboramos um quadro que resume: a) quem usou eufemismos/disfemismos (personagem); b) como usou, de acordo com a fórmula ausência/presença – supressão/adjunção, proposta por Genette (1966) e Dubois *et al.* (1874), respectivamente; c) presença de outras figuras (Fiorin, 1988); d) processo de formação dos eufemismos de Correia (1927); e) categorização dos campos semânticos/motivação/contexto (Leão Nunes, 1606; Meillet, 2016; Kröll, 1984).

Para a classificação dos eufemismos, utilizamos os seguintes critérios: a) a *ausência/supressão* de uma expressão que remete a um sentimento ou tema desagradável ou a um tabu; b) a *presença/adjunção* de outra que atenua a realidade indesejada; c) o processo de construção (campo gramatical, lexical, semântico, sintático, estilístico) empregado na formulação das expressões; d) o *campo* semântico/categoria envolvido, ou seja, a motivação para o uso desse recurso.

A farsa *O velho da horta*, de Gil Vicente, foi representada em 1512 e conta a história de Fernand'Eanes, um velho que se perde de amores por uma moça que vem à sua horta buscar cheiros. A figura 3 descreve brevemente o enredo e cita as personagens.

Figura 3 – A farsa *O velho da horta* (1512)

DAS FRASAS. 230	DAS FARSAS
 Sta seguinte farsa, he o seu argumen- to, que hum homẽ honrrado & muy torico, ja velho, tinha hũa orta. E an- dando hũa menhaã porella esparecen- do. Sendo o seu ortelam fora, veio hũa moça de muyto bom parecer buscar ortaliça, & o ve- lho em tanta maneyra se namorou della, que per via de hũa alcoviteyra gastou toda sua fazenda. A alcoviteyra foy açoutada, & a moça casou honrradamente. Entra logo o velho rezando pola horta. Foy representada ao muy serenissimo Rey dom Manoel o primey- ro deste nome. Era do Senhor de M. D. XII.	Esta seguinte farsa é o seu argumento, que um homem honrado e muito rico, já velho, tinha uma horta; e andando uma briga por ela espaiecendo, sendo o seu hortelão fora, veio uma moça de muito bom parecer buscar hortaliça, e o velho em tanta maneira se namorou dela, que por via de uma alcoviteira gastou toda sua fazenda. A alcoviteira foi açoutada, e a moça casou honradamente. Foi representada ao mui Sereníssimo Rei Dom Manuel o primeiro deste nome, era do Senhor de 1512. Personagens: Velho Moça Parvo Mulher do velho Branca Gil (a alcoviteira) Mocinha Alcaide Beleguins Noivo da moça

Fonte: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (1586, p. 230), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Nossa análise se inicia na subseção 6.1 a seguir, com a apresentação dos eufemismos encontrados ao longo da farsa *O velho da horta* (1512). Após cada cena, o resultado da consulta aos dicionários sobre a propriedade do termo pesquisado.

6.1 Eufemismos em *O velho da horta* (1512)

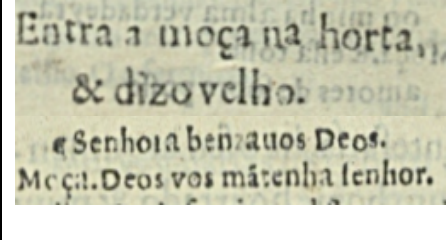
As cenas entre o velho e a moça e o velho e a mocinha foram divididas em partes 1 e 2 porque, no decorrer da conversa, ambas as personagens vão mudando o tratamento destinado ao velho. A parte 1 integra esta subseção, a dos eufemismos; a parte 2, a dos disfemismos, a subseção 6.4.

6.1.1 *O velho e a moça (parte 1)*

Na primeira cena, Gil Vicente dá voz ao velho, dono da horta, e à moça, que vai ao referido estabelecimento comprar legumes. Ambos se cumprimentam. A saudação é

cerimoniosa, com muito respeito, representada pelos “senhora” e “senhor”, como se verifica na figura 4.

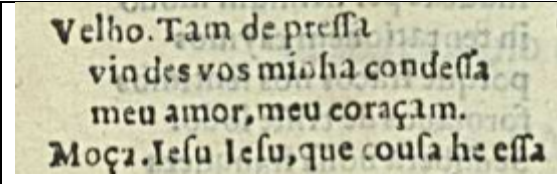
Figura 4 – Os cumprimentos

	Entra a moça na horta, e diz o velho: Senhora, benza-vos Deus. MOÇA Deus vos mantenha, Senhor.
---	---

Fonte: *Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 230-231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

O tratamento formal é momentâneo. O cortês *senhora* cede lugar ao galanteio insinuante do velho, como se verifica na figura 5.

Figura 5 – Que cousa é essa? A paixão do velho pela moça

	VELHO Tão depressa vindes vós, <i>minha</i> condessa <i>meu</i> amor, <i>meu</i> coração? MOÇA Jesu! Jesu! Que cousa é essa?
---	--

Fonte: *Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

A surpresa da moça, representada por *Jesu! Jesu! Que cousa é essa?*, mostra que ela considera pouco respeitosa a forma com que o velho a trata. No quadro 5, os sentidos da palavra *cousa* nos dicionários, séculos XVIII ao XXI.

Quadro 5 – Cosa e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 596)	-----	Nome geral de quanto há no mundo.
	Silva (1789, p. 484)	Subst. fem.	A tudo o que existe, ou pode existir e nós concebemos se pode aplicar este nome generalíssimo <i>não dizer coisa com coisa</i> : falar despropósitos, dizer razões mal atadas, sem conexão.
XIX	Pinto (1832, p. 293)	Subst. fem.	Nome geral de tudo o que há ou pode haver e nós concebemos. Não dizer coisa com coisa, dizer despropósitos, coisa inconexa.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 842)	Subst. fem.	Negócio, fato, acontecimento, caso, circunstância, condição, estado.

	Jucá Filho (1965, p. 172)	Subst. fem.	Realidade, fato, fenômeno.
XXI	Ferreira (2009, p. 494)	Subst. fem.	Não dizer coisa com coisa; falar sem nexos ou propósito, disparatar.
	Houaiss e Villar (2009, p. 490)	Subst. fem.	Algo que não se quer ou não se pode nomear.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

A forma *cousa* (século XIV) vem “do latim *causa*, através da forma *cousa*” (Nascentes, 1966, p. 186). No dicionário de Bluteau (1712-1728), um sentido amplo, impreciso. Silva (1789) classifica gramaticalmente a palavra, no entanto, apesar do “nome generalíssimo”, começa a posicionar *cousa* entre comportamentos ditos incoerentes e apresenta-nos a locução “não dizer coisa com coisa”. Pinto (1832) segue a definição de Silva (1789). Caldas Aulete (1964) recua e traz novamente uma significação mais geral para o termo. O conceito registrado em Jucá Filho (1965) é ainda mais vago que o encontrado em Caldas Aulete (1964). Ferreira (2009) retoma a locução adotada por Silva (1789) e, no rol das definições, inclui “disparatar”, verbo que decorre de ação desfavorável. Enquanto a definição de Houaiss e Villar (2009) restringe, a de Bluteau (1712-1728) franqueia o emprego de *cousa*.

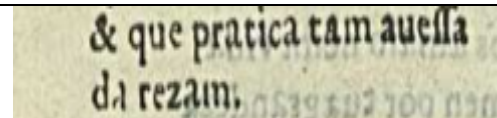
Correia (1927) inclui *coisa* no grupo dos termos genéricos que fazem parte dos processos eufemísticos. Assim, *coisa* pode substituir o órgão sexual, desavença, mistérios do sexo etc. Guérios (1956) afirma que, em português, significa *demônio* e pode assumir a forma disfêmica *o coisa*. Kröll (1984) diz que, não raro, essa expressão substitui *diabo* na forma *o coisa* (*má, ruim*). Vemos, pois, que *coisa* é produtivo e multifuncional, mas, apesar de genérico (Correia, 1927), condição que faria esse termo se aproximar do que define Bluteau (1712-1728), nesses três autores, adquire conteúdo negativo e se aproxima do que propõem Houaiss e Villar (2009).

Da análise do quadro 5, podemos dizer que, *Que coisa é essa?* significa, no texto, *Que loucura é essa? Que insanidade é essa? Está louco?* Todos esses sentidos mostram o evidente sentimento de repulsa da moça diante do comportamento do velho. *Cousa* é um termo vicário que substitui a *causa* à qual a moça não se pode referir, o “incoerente”, sentido apontado por Silva (1789), o “disparatar”, por Ferreira (2009), ou “algo que *não se quer* ou *não se pode nomear*” (grifo nosso), por Houaiss e Villar (2009).

Na peça *O velho da horta*, *cousa* é a base da frase, responsável por mostrar que a moça não está disposta a participar do jogo de sedução. Por meio desse termo, a jovem eufemiza o comportamento indesejado do velho.

Gil Vicente coloca na boca da moça *Prática (tão) avessa da razão*, conforme se observa na figura 6:

Figura 6 – A rejeição da moça aos galanteios do velho

	MOÇA <i>E que prática tão avessa da razão.</i>
---	---

Fonte: *Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Se *Que cousa é essa* traz *cousa*, uma palavra vaga, inominável, *prática tão avessa da razão* traz outra (*prática*), também genérica e que substitui o que não se pode dizer. Esse segundo trecho reforça a ciência da moça sobre a esperteza e o mau comportamento do velho na tentativa de seduzi-la e inclui um intensificador (*tão*). Vejamos, no quadro 6, o que os dicionários revelam sobre as palavras *avesso* e *razão*.

Quadro 6 – *Avesso* e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 669)	-----	Avesso (moço avesso); - Avesso (falando nas extravagâncias de alguém); - O avesso; homem avesso; ao avesso; mostrar o avesso; dar com uma coisa de avesso; - Avesso (contrário, repugnante, oposto); Ex: <i>Os costumes avessos a toda a razão.</i>
	Silva (1789, p. 240)	Subst. Masc.	-----
		Adj.	Contrário; Ao revez; Feyo; - Extravagante, que não segue a ordem comum do bom discurso, no comportamento, procedimento, índole. Ex: <i>Há homens tão avessos, que se accendem com o que se devião apagar, apagão-se com o que se devião de acender.</i> - <i>Costumes avessos a toda a razão.</i>
XIX	Pinto (1832)	Subst.	-----
		Adj.	Extravagante no modo de proceder.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 463)	Subst.	-----
		Adj.	Contrário, oposto. Fig. - O que não se mostra ou não é aparente (na índole ou caráter das pessoas); - Mau, mal intencionado.
	Jucá Filho (1965, p. 86)	Subst.	-----
		Adj.	Torto, errado, mau.
XXI	Ferreira (2009, p. 237)	Adj.	Contrário, inverso, oposto. Mau, adverso.
		Subst.	Aquilo que está oculto no caráter ou na índole das pessoas; O lado mau.
	Houaiss e Villar (2009, p. 229)	Adj.	Contrário, antagônico (ser avesso ao hábito de fumar). Não inclinado (no sentido moral); Avesso (às manifestações do espírito).

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
		Subst.	O oposto, em termos de temperamento, de caráter, de atitudes etc. <i>Ela é o avesso da irmã.</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

A palavra *avesso* (século XIII) origina-se “do latim *adversu* ‘que está voltado, virado’, “através do arcaico *averso*, *refeito*” (Nascentes, 1966, p. 78). Em Bluteau (1712-1728), encontramos oito entradas dessa palavra. Sem classificação gramatical, o termo aparece, ora de forma simples, com exemplos referindo-se ao homem, *moço avesso*, falando nas extravagâncias de alguém, ora compondo locuções, *o avesso*, *homem avesso*, *ao avesso*, *mostrar o avesso*, *dar com uma coisa de avesso*. Nesse dicionário, *avesso* funciona como adjetivo e quer dizer *contrário*, *repugnante*, *oposto*. A abonação: *Os costumes avessos a toda a razão*.

No dicionário de Silva (1789, p. 240), *avesso* adquire classificação gramatical (substantivo masculino e adjetivo) e reduz-se a duas entradas, uma, substantivo, a outra, adjetivo, esta, com o sentido de *contrário*, *ao revez*, *feyo*, *extravagante*, *que não segue a ordem comum do bom discurso, no comportamento, procedimento, índole*, seguida do trecho que parece fazer alusão a situações como a do velho da peça: *há homens tão avessos, que se accendem com o que se devião apagar, apagam-se com o que se devião de accender*. A abonação presente em Bluteau (1712-1728) aparece em Silva (1789), mas perde o artigo. O artigo em “*Os costumes*” individualiza o substantivo; “*costumes*”, sem o artigo, pode equivaler a *alguns* ou a *muitos*. De uma forma ou de outra, manter-se na língua por mais de cinquenta anos mostra que essa expressão foi produtiva no século XVIII. Mostra, ademais, que os falantes daquela época estavam diante do que Chamizo Domínguez (2004) denomina eufemismo semilexicalizado.

No século XIX, Pinto (1832) conserva as duas classificações gramaticais (substantivo e adjetivo) e, na definição *extravagante no modo de proceder* (um adjetivo), reforça a tendência, desde Bluteau (1712-1728), de associar a palavra *avesso* ao desvio das regras de boas maneiras. No século XX, em Caldas Aulete (1964, p. 463), uma inversão, *avesso* surge primeiro como adjetivo, que pode ser *contrário*, *oposto*, e uma inovação em relação aos outros lexicógrafos: a forma figurada *o que não se mostra ou não é aparente na índole ou caráter das pessoas*) e *mau*, *mal intencionado*. No dicionário de Jucá Filho (1965, p. 86), o adjetivo *avesso* significa *torto*, *errado*, *mau*.

No século XXI, nos dicionários de Ferreira (2009, p. 237), primeiro, o adjetivo, que significa *contrário*, *inverso*, *oposto* e *mau*, *adverso*. A novidade é que as definições *aquilo*

que está oculto no caráter ou na índole das pessoas e o lado mau estão no grupo dos substantivos, ao contrário das obras citadas anteriormente. No Houaiss e Villar (2009, p. 229), *avesso* é adjetivo, *contrário, antagônico (ao hábito de fumar)*. *Avesso* também significa *não inclinado (no sentido moral)*, *avesso (às manifestações do espírito)*. Entre as definições do grupo dos substantivos, a expressão figurada *o oposto, em termos de temperamento, de caráter, de atitudes etc.*

Sobre a palavra *avesso*, nos dicionários, cabe destacar: tanto em Bluteau (1712-1728), como em Silva (1789), trata-se de uma característica (negativa) atribuída ao homem⁷³: *moço avesso/homem avesso/Há homens tão avessos, que se accendem com o que se devião apagar, apagam-se com o que se devião de acender*. Caldas Aulete (1964) e Ferreira (2009) falam em “pessoas” e Houaiss e Villar (2009) trazem uma abonação com o pronome “ela”. Em Bluteau (1712-1728) e em Pinto (1832), a expressão está relacionada ao comportamento extravagante. Apenas Caldas Aulete usa “figurado”. Em Jucá Filho (1965), *avesso* tem conotação negativa. Em todos os dicionários, *avesso* tem relação com algum modo considerado inconveniente ou errado de proceder.

Vistos os sentidos de *avesso*, passemos aos de *razão*, quadro 7.

Quadro 7 – Razão e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 123)	-----	O entendimento enquanto discursiva.
	Silva (1789, p. 555)	Subst. fem.	A potência intelectual enquanto discorre e raciocina.
XIX	Pinto (1832, p. 890)	Subst. fem.	Potência da alma, que discorre. O discurso ou ação de discorrer. Equidade.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 3412-3413)	Subst. fem.	Bom senso, juízo prudencial. A razão aconselha muitas vezes que se moderem ou combatem os atos instintivos do coração.
	Jucá Filho (1965, p. 533)	Fem.	Inteligência, entendimento, raciocínio, compreensão; bom-senso, juízo, retidão
XXI	Ferreira (2009, p. 1701)	Subst. fem.	Faculdade que tem o ser humano de avaliar, julgar, ponderar ideias universais; raciocínio, juízo. Faculdade que tem o homem de estabelecer relações lógicas, de conhecer, de compreender, de raciocinar; raciocínio, inteligência. Bom senso; juízo, prudência. A razão nos obriga a ser cautelosos. A lei moral.
	Houaiss e Villar (2009, p. 1615)	Subst. fem.	Faculdade de raciocinar, apreender, compreender, ponderar, julgar; a inteligência. Ex.: o homem tem o uso da razão. Capacidade de avaliar com correção, com discernimento;

⁷³ Acreditamos que *homem* esteja se referindo, neste trecho, à espécie humana, à humanidade.

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
			bom senso, juízo. Ex.: <i>O amor intenso fê-lo perder a razão.</i>

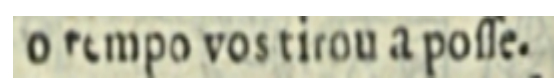
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

A palavra *razão* data do século XIII e tem origem no latim *ratione* “ação de pensar”. A ideia de “pensar” conduz à de comparar, procurar relações, “descobrir causas” (Nascentes, 1966, p. 637). Se, inicialmente, o termo *razão* relaciona-se apenas ao bom raciocínio na exposição do pensamento em um discurso (Bluteau, 1712-1728; Silva, 1789; Pinto, 1832), depois, cabe também à razão conter as emoções (Caldas Aulete, 1964). Fazer uso da razão significa, além de raciocinar, ter bom senso e juízo (Jucá Filho, 1965; Ferreira, 2009; Houaiss e Villar, 2009).

O texto versa sobre uma crença antiga e atual, a de que jovens mulheres fazem os velhos perderem a razão, o elemento motivador, nesse caso, coincide com a abonação de Houaiss e Villar (2009) “*o amor intenso fê-lo perder a razão*”. Em *prática tão avessa* (primeira parte da expressão), a intenção da moça é dizer que se trata de um comportamento “tão” contrário da *razão* (segunda parte), de uma convenção social: velhos não podem se apaixonar por mulheres mais jovens.

Na figura 7, o julgamento:

Figura 7 – A certeza do desvario

	Moça: <i>O tempo vos tirou a posse.</i>
---	---

Fonte: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

O tempo vos tirou a posse é outra fórmula de tom mais agradável empregada pela moça para se referir aos galanteios do velho. O quadro 8 traz os sentidos da palavra *posse* (base da expressão) nos dicionários. Passemos a verificar a relação do(s) seu(s) significado(s) com o contexto da peça.

Quadro 8 – Posse e seus significados nos dicionários

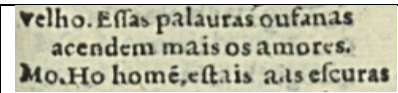
Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 642)	-----	O gozo de uma coisa, adquirida com o direito de propriedade ou outro.
	Silva (1789, p. 476)	Subst. fem.	O ato de ocupar lugar, herda de; ofício; o logro destas coisas e o tê-las em seu poder.
XIX	Pinto (1832, p. 839)	Subst. fem.	Acção de ocupar.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 3220)	Subst. fem.	Capacidade, aptidão; meios; forças; alcance.
	Jucá Filho (1965, p. 497)	Subst. fem.	Possessão, logro, gozo, fruição; o poder, direito de propriedade, propriedade.
XXI	Ferreira (2009, p. 1608)	Subst. fem.	Estatuto de quem possui uma coisa ou a tem em seu poder.
	Houaiss e Villar (2009, p. 1531)	Subst. fem.	Ato ou efeito de se apossar de alguma coisa; propriedade; estado de quem possui uma coisa, de quem a detém como sua ou tem o gozo dela.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Do latim, *posse* (século XIII) quer dizer “poder”, por via erudita (NASCENTES, 1966, p. 601). A forma latina se aproxima, mais do que as acepções dos dicionários, do sentido dessa palavra no texto. Os dicionários consultados associam *posse* ao material, ao físico, exceto Caldas Aulete (1964). Seu primeiro registro é o que mais aproxima *posse* do sentido do texto: capacidade. Com a idade distanciada vários anos da idade do velho, a moça usa outra figura, a personificação *o tempo vos tirou*, para fazer o julgamento, o passar do tempo faz os idosos perderem o juízo.

Na figura 8, o velho insiste em cortejar a moça e ela se vê obrigada a dizer que se trata de devaneio.

Figura 8 – A perda da razão

	VELHO Essas palavras ufanas acendem mais os amores. MOÇA Oh, homem! Estais <i>às escuras</i> .
---	--

Fonte: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

O quadro 9 mostra os significados de *estar às escuras*.

Quadro 9 – *Às escuras* e seus significados nos dicionários

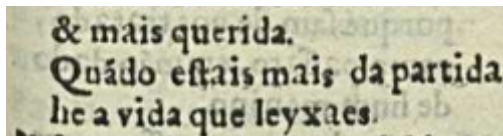
Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 235)	-----	Ficar às escuras. É usado no sentido natural e moral. <i>Neste negócio fico às escuras.</i>
	Silva (1789, p. 745)	Adv.	Ficar às escuras; sem luz; Sentido figurado ignorando ou ignorante em algum negócio. Ir às escuras, sem conhecer as condições e estado da terra para onde vai; sem saber bem os termos e meios ou fins de algum negócio; facção a que vai.
XIX	Pinto (1832, p. 448)	Adv.	Como advérbio, sem luz e figurado, sem saber.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 1519)	Loc. adv.	Sem luz; às apalpadelas (figurado) – com perfeita ignorância do assunto ou negócio. <i>O senhor está às escuras</i> (Castilho)
	Jucá Filho (1965, p. 264)	-----	Está em “escuro” – <i>às escuras</i> – as apalpadelas, tateando, na escuridão.
XXI	Ferreira (2009, p. 797)	Loc. adv.	Sem luz.
	Houaiss e Villar (2009, p. 805)	Locução	Sem conhecimento; sem nenhuma iluminação; de maneira oculta, às escondidas; com total desconhecimento ou ignorância daquilo que está em questão, do assunto; no escuro.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

O dicionário de etimologia não traz a locução *às escuras*. Por afinidade semântica, consultamos a palavra *escuro* (século XIII), que se origina “do latim *obscuru*, com troca de prefixo” (Nascentes, 1966, p. 285). À exceção de Ferreira (2009), os dicionários atribuem a *estar às escuras* dois sentidos, o comum, literal (*estar no escuro*, *estar sem luz*) e o figurado (*ignorante*, *sem saber*). Em Bluteau (1712-1728), o sentido comum é denominado “natural” e o figurado, “moral”. Em Silva (1789) e em Pinto (1832), *às escuras* é advérbio. Caldas Aulete (1964) traz uma abonação sugestiva de Castilho. Parece-nos que o sentido de *estar às escuras*, se referindo ao velho, não se trata de “falta de conhecimento”, de “ignorância”, de “não saber o que está fazendo”, mas está relacionado à rede semântica que se estabeleceu em torno de *prática avessa à razão* (figura 6) ou de *o tempo vos tirou a posse* (figura 7), e faz parte da nossa própria cultura, segundo a qual, não convém aos homens mais velhos encher-se de paixão por mulheres jovens.

No trecho da figura 9, uma atenuante para *morte*.

Figura 9 – O apego à vida na hora da morte

	MOÇA E mais querida, quando estais mais <i>de</i> <i>partida</i> , é a vida que leixais.
---	---

Fonte: *Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

No quadro 10, as definições de *partida*.

Quadro 10 – Partida e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 289)	-----	A ação de se ausentar de um lugar, com tenção de fazer alguma viagem ou jornada. <i>Estar de partida</i> . Nos homens a hora da partida é o fim do amor (Vieira)
	Silva (1789, p. 403)	Subst. Fem.	O ato de partir. <i>Estar de partida</i> , isto é, para partir, próximo a partir.
XIX	Pinto (1832, p. 786)	Subst. Fem.	Ação de partir. Apartar.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 2991)	Subst. Fem.	Saída.
	Jucá Filho (1965, p. 468)	-----	Saída. Quebrar-se, despedaçar-se, morrer. <i>Ela se partiu muito jovem</i> .
XXI	Ferreira (2009, p. 1499)	Subst. Fem.	Saída Partir: Ir-se embora, retirar-se, partir-se. O autor faz referência ao verbete <i>morrer</i> .
	Houaiss e Villar (2009, p. 1439)	Subst. Fem. Verbo	Ato de partir; saída. <i>Partir</i> : Uso: eufemismo. Perder a vida; morrer, finar-se.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

O dicionário de etimologia não traz a locução *de partida* nem o termo *partida*. Assim, buscamos *partir*, cuja definição “do lat. *partire*” (Nascentes, 1966, p. 557) não nos serve de referência para a análise. Na apresentação do verbete *partida* (século XIII), Bluteau (1712-1728) e Silva (1789) adotam a locução *estar de partida* e o primeiro traz uma abonação do padre Antônio Vieira. A relação entre *estar de partida* e *morte* aparece em Jucá Filho (1965), Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009). Neste último dicionário, o registro do uso eufemístico do termo *partir*. No texto, é a moça quem emprega *estar mais de partida*, referindo-se ao velho, para não dizer-lhe que iria morrer já, conforme sugere o advérbio *mais*.

Melancólico, o velho declara ser a moça a responsável por levá-lo à morte, ou melhor, por “tirar-lhe” a vida. É o que mostra o texto da figura 10.

Figura 10 – Entre a paixão e a presença da morte

	VELHO Tanto sois mais homicida, que quando amo mais a vida, m'a tiraes.
--	--

Fonte: *Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

No quadro 11, as definições do verbete *tirar*.

Quadro 11 – *Tirar* e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 172)	-----	Fazer sair uma coisa do lugar em que está. Tirar ou tomar alguma coisa a alguém. <i>Tirar a alguém a vida (em latim: adimere alicui animam)</i>
	Silva (1789, p. 777)	Verbo at.	Privar: tirar os bens, a vida, a honra, crédito, ofício.
XIX	Pinto (1832, p. 1040)	Verbo at.	Fazer sair ou levar alguma coisa ao lugar onde está. Apartar.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 3975-3976)	Verbo	<i>Tirar a vida</i> : matar (figurado) destruir, arruinar. Privar de: <i>O Senhor lhe tirou a vida e morreu</i> (Bernardes)
	Jucá Filho (1965, p. 620)	-----	Puxar, extrair (<i>sic</i>), sacar, retirar, levar, arrancar, fazer sair, subtrair.
XXI	Ferreira (2009, p. 1954)	Verbo	Fazer sair de algum ponto ou lugar; retirar
	Houaiss e Villar (2009, p. 1847)	Verbo	Fazer perder; privar.

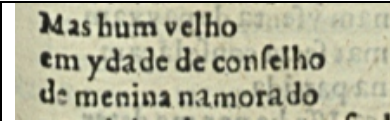
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

No dicionário de etimologia, *tirar* (século XIII) tem “origem incerta” (Nascentes, 1966, p. 733). Os outros dicionários consultados trazem mais informações sobre os sentidos desse verbo. Primeiro, a ideia de movimento brusco, que significa “fazer sair” (Bluteau, 1712-1728; Pinto, 1832; Jucá Filho, 1965; Ferreira, 2009) ou “fazer perder” (Houaiss e Villar, 2009). Em Bluteau (1712-1728), *tirar a vida de alguém* (grifo nosso) pressupõe ação que vem de fora. Em Caldas Aulete (1964), *tirar a vida* pode pressupor ação de outro, no figurado e explícito “matar”, mas a supressão pode conter a proposição não expressa formalmente *tirar a* (própria) *vida*, ou *matar-se* (grifo nosso). *Tirar Inês ao mundo determina*, foi a estratégia de Camões no conto III de *Os Lusíadas* para substituir o verbo *matar* e tornou-se uma das

abonações⁷⁴ mais utilizadas para exemplificar o eufemismo. No texto de Gil Vicente *tirar* também atenua o sentido de *matar*, novamente a condenação da moça por “matar o velho”, o que demonstra e reforça a atitude conservadora diante da situação.

A insistência com que a moça alude à velhice faz o próprio velho pensar, mais pelas falas dela do que por si, na sua condição. A figura 11 demonstra a lucidez, sentimento momentâneo.

Figura 11 – A “última idade” da vida

	VELHO Mas um velho, em idade de conselho, de menina namorado...
---	---

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

A figura 11 traz *velho em idade de conselho*. Uma vez que não encontramos *idade de conselho* nos dicionários, consultamos os verbetes *idade* e *conselho* separadamente. Os quadros 12 e 13 mostram os respectivos sentidos.

Quadro 12 – Idade e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 23)	-----	Todo o espaço e curso da vida do homem. As diversas partes que compõem esta vida. O tempo na vida passada. O tempo em geral como quando se diz nesta idade ou nesta Era, que vale tanto como dizer neste tempo.
	Silva (1789)	-----	No link não consta a página 126 desse dicionário, na qual, em tese, constaria o verbeito <i>idade</i> .
XIX	Pinto (1832, p. 586)	Subst. Fem.	O espaço de tempo da vida. Parte desse espaço dividido segundo os anos do sujeito (v.g. idade pueril, juvenil, varonil). Era ou século. Época.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 2101)	Subst. Fem.	O tempo decorrido desde o nascimento até a morte do indivíduo. Época própria da vida para a satisfação de certos atos. Cada um dos diferentes graus da vida humana.
	Jucá Filho (1965, p. 347)	Fem.	Duração, tempo, número de anos; época, a fase; era, evo, época; século; vida.
XXI	Ferreira (2009, p. 1065)	Subst. Fem.	Número de anos de alguém ou de algo. Duração ordinária da vida. Época da vida. Estádio da existência.
	Houaiss e Villar (2009, p. 1042)	Subst. Fem.	O tempo de vida decorrido desde o nascimento até uma determinada data tomada como referência. Idade avançada. Ex.: <i>um homem de idade</i> . Cada um dos períodos em que se costuma dividir a vida do homem; época, tempo. Exs.: <i>a idade juvenil, a idade madura e idade escolar</i> .

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

⁷⁴ Rocha Lima (1962); Massaud Moisés (1978); Fiorin (2019).

O termo *idade* (século XIII) provém “do latim *aevitate*, através do arcaico *idade*” (Nascentes, 1966, p. 393). Pinto (1832) tem duas definições, a segunda é coberta pela primeira: *O espaço de tempo da vida. Parte desse espaço dividido segundo os anos do sujeito*. Assim, o “espaço de tempo da vida”, nesse dicionário, divide-se em idade pueril, juvenil, varonil. Nenhuma dessas fases diz respeito à idade do velho. Tal como faz Pinto (1832), Houaiss e Villar (2009) tomam determinadas datas como referência e registram *idade avançada: um homem de idade. Homem de idade*, para nós, é uma atenuação de *homem velho*, com uma idade que vem depois de todas as demais, da mesma forma que no texto *velho em idade de conselho*. Vejamos no quadro 12 se os dicionários estabelecem alguma relação entre *conselho* e *idade*.

Quadro 13 – Conselho e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 472-474)	-----	Parecer que se toma ou que se dá. Adágios: homem apaixonado não admite conselhos; <i>se queres bom conselho, pede-o ao velho</i> .
	Silva (1789, p. 450)	s.m.	Parecer que se dá a alguém ou se recebe; parecer, intento.
XIX	Pinto (1832, p. 269)	s.m.	Parecer dado ou recebido. Intento. Resolução. Junta de conselheiros.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 909)	s.m.	Opinião; juízo; parecer. Homem de bom conselho, homem prudente. Aviso, ensino, lição.
	Jucá Filho (1965, p. 160)	-----	Aviso, o parecer, advertência, admoestação, opinião; determinação; resolução; consulta.
XXI	Ferreira (2009, p. 528)	s.m.	Parecer, juízo, opinião, Advertência que se emite; admoestação, aviso. Senso do que convém; tino, prudência, aviso.
	Houaiss e Villar (2009, p. 527)	s.m.	Opinião, ensino ou aviso quanto ao que cabe fazer; opinião, parecer. Bom senso; sabedoria; prudência. Ex.: um homem digno e de conselho. Opinião refletida ou resolução maduramente tomada Derivação: por metonímia: grupo de pessoas apontado ou eleito como corpo consultivo e/ou deliberativo e/ou administrativo, seja de atividades públicas, seja de atividades privadas.

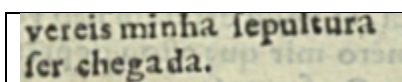
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Tal como *idade*, *conselho* (século XIII) também provém do latim “*consilius*, por via semierudita” (Nascentes, 1966, p. 200). Nos três primeiros dicionários (Bluteau, 1712-1728; Silva, 1789; Pinto, 1832), *conselho* significa um parecer, que pode ser mútuo, é possível dar ou recebê-lo. Caldas Aulete (1964) preenche uma lacuna e inclui outras duas definições: opinião e juízo. Assim, um “homem de bom conselho”, tem opinião, juízo, e é prudente, avisa, ensina, dá lições. Nos três últimos (Jucá Filho, 1965; Ferreira, 2009; Houaiss e Villar,

2009), *conselho* mantém o sentido de *parecer*, sem a característica de reciprocidade, e sim de advertência, ato unilateral. Se tomarmos por base a ideia de sensatez (ou a falta dela), sugerida nos adágios indicados por Bluteau (1712-1728), a fala, ora analisada, quer dizer, ou o velho estava apaixonado e por esse motivo, não aceitaria conselhos ou “... *um velho, em idade de (dar) conselho...*”, tudo isso para substituir *um velho, muito velho, velho demais*.

As referências à figura da morte na boca do velho são muitas. No trecho da figura 12, mais um momento em que o velho parece agir com lucidez diante da proximidade da morte.

Figura 12 – A figura (próxima) da morte

	VELHO vereis <i>minha sepultura ser chegada</i> .
---	---

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

No quadro 14, o que os dicionários registram sobre *sepultura*.

Quadro 14 – *Sepultura* e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 595-597)	-----	Sepulcro ou o modo e cerimônia com que se leva a enterrar o defunto. Adágios portugueses da sepultura: <i>cavalo corrente sepultura aberta</i> . <i>O vício da natureza até a sepultura chega</i> .
	Silva (1789, p. 689)	Subst. fem.	Enterro cova, carneiro onde se depõe para sempre o cadáver senão no caso de se trasladar.
XIX	Pinto (1832, p. 976)	Subst. fem.	O lugar onde se sepulta; jazigo; ação de sepultar.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 3707)	Subst. fem.	Ação ou efeito de sepultar um cadáver. Cova, lugar onde se sepultam os cadáveres. Jazigo que encerra o cadáver; sepulcro. Figurado: morte, fim da existência.
	Jucá Filho (1965, p. 583)	-----	Tumba, jazigo, o mausoléu, túmulo, cova, carneiro, catacumba, última morada.
XXI	Ferreira (2009, p. 1831)	Subst. fem.	Cova onde se sepultam os cadáveres. Ato de sepultar. Figurado: morte, falecimento.
	Houaiss e Villar (2009, p. 1731-1732)	Subst. fem.	Ato ou efeito de sepultar; depressão na terra onde se enterram os cadáveres; esta fossa coberta por uma laje; cova, jazigo; Sentido figurado: lugar onde morre muita gente; sepulcro.

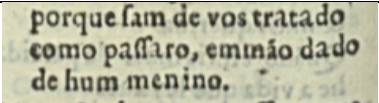
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Conforme Nascentes (1966, p. 682), *sepultura* (século XIII) vem “do latim por via erudita”. Bluteau (1712-1728), Silva (1789) e Pinto (1832) registram *sepultura* no sentido comum, mas já naquele primeiro dicionário a palavra é citada em dois adágios portugueses.

Caldas Aulete (1964) traz o figurado “morte”, “fim da existência”, entendimento mantido por Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009). *Vereis minha sepultura ser chegada* significa a morte, tema que reaparece no texto, dessa vez, por meio de uma metonímia, em que o concreto *sepultura* substitui o abstrato *morte*. Correia (1927) diz que *sepultura* é eufemismo desde a sua origem, já que mantém relação com “sepelire”, que significa *dormir*. Em Kröll (1984), o verbo *sepultar* está entre os eufemismos cultos.

Na figura 13, o eufemismo e outra figura de linguagem: a comparação.

Figura 13 – A paixão destrói

	VELHO Porque são de vos tratado <i>como pássaro em mão dado de um menino.</i>
---	--

Fonte: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Como pássaro em mão dado de um menino é a forma encontrada pelo velho apaixonado para descrever a sensação perante o desprezo da moça. Vamos verificar se essa analogia da figura 13 consta na definição de *pássaro*, conforme quadro 15.

Quadro 15 – Pássaro e seus significados nos dicionários

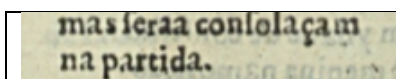
Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 305)	-----	Diz-se geralmente de toda a espécie de aves. Adágios portugueses de pássaro: <i>Tal te vejas entre inimigos como pássaro na mão de meninos.</i> <i>Mal vai ao passarinho na mão do menino</i> (p. 263)
	Silva (1789, p. 408)	Subst. masc.	O macho das aves.
XIX	Pinto (1832, p. 788)	Subst. masc.	O macho das aves.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 2999)	Subst. masc.	Nome das aves pertencentes à ordem dos pássaros. Qualquer outra ave pequena. (Popular) astuto, sagaz.
	Jucá Filho (1965, p. 470)	-----	Ave pequena.
XXI	Ferreira (2009, p. 1502)	Subst. masc.	Pequena ave. Passarinho.
	Houaiss e Villar (2009, p. 1442)	Subst. masc.	Ave pequena; passarinho. Sentido figurado: homem astuto, espertalhão; pássaro-bisnau.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Pássaro (século XIV) origina-se do latim *passer*, que quer dizer “pardal” (Nascentes, 1966, p. 557). No texto, ao comparar-se a um *pássaro em mão dado de um menino*, o velho troca um adjetivo (*prisioneiro, sufocado, morto*) pela fórmula inteira. Ao que parece, Gil Vicente empregou uma locução habitual ou que se tornou habitual, já que Bluteau 1712-1728) apresenta dois adágios cujos sentidos combinam perfeitamente com a (difícil) situação do velho. O sentido “popular” presente em Caldas Aulete (1964), reaparece na condição de figura em Houaiss e Villar (2009)

No fim da primeira parte da conversa entre o velho e a moça, outra (também sutil) referência à *morte*. É o que mostra a figura 14.

Figura 14 – A morte insiste em reaparecer

		VELHO Mas será consolação na partida.
---	--	---------------------------------------

Fonte: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

O termo *partida* foi analisado anteriormente (quadro 9), por esse motivo, consideramos desnecessário repetir as suas definições. Para nós, *na partida* tem, no texto, o sentido de *na hora da morte*. Cabe, no entanto, destacar a diferença entre *estais mais de partida* (fala da moça, figura 9) e *será consolação na partida* (fala do velho, figura 14). *Estar de partida* não quer dizer apenas que o velho “está morrendo”, mas que isso ocorre “agora”, “já”, “de imediato”, o advérbio *mais* reforça essa ideia. *Na partida*, ao contrário, não indica com precisão a distância entre a fala e a ação de morrer.

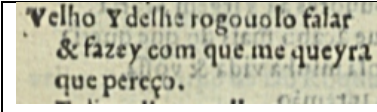
Finalizamos a análise da parte 1 da conversa entre o velho e a moça com o trecho do sermão do padre Antônio Vieira, citado por Bluteau (1712-1728, p. 289), que determina a hora da morte como o término do amor na Terra: *para os homens a hora da partida é o fim do amor*.

Continuamos com o diálogos, agora, entre o velho e a alcoviteira Branca Gil.

6.1.2 O velho e a alcoviteira Branca Gil

A alcoviteira vai ao estabelecimento e o velho implora à mulher que o ajude. Na figura 15, a proposta desafiante:

Figura 15 – O desalento

	VELHO Ide-lhe, rogo-vo-lo falar, e fazei com que me queira, que <i>pereço</i> .
---	--

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 233), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Salta à vista o desespero do velho diante do que a rejeição da moça lhe acarretará (a morte). Nesse trecho, outro termo, *perecer*. O quadro 16 diz a respeito do seu sentido nos dicionários:

Quadro 16 – *Perecer* e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 416)	-----	Perder o ser, acabar a vida, padecer a última destruição. Tudo perece tudo acaba.
	Silva (1789, p. 432)	V.n.	Acabar de existir, morrer, finar-se, findar
XIX	Pinto (1832, p. 804)	V. a.	Morrer, acabar, cessar de existir.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 3070)	V.	Ter fim, deixar de existir, acabar, ser abolido. Ser destruído, ser assolado, ser devastado. Morrer (envolve a ideia de que a morte foi prematura ou violenta). Morrer.
	Jucá Filho (1965, p. 478)	-----	Expirar, finar-se, morrer, falecer, findar, acabar, terminar.
XXI	Ferreira (2009, p. 1536)	Verbo	Do lat. “morrer”; Deixar de existir, ter fim, acabar, findar. Ser destruído, assolado ou devastado.
	Houaiss e Villar (2009, p. 1471)	Verbo	Deixar de viver; morrer (esp. de morte prematura ou violenta); ter fim; acabar-se, extinguir-se.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Perecer (século XIII) vem de um latim vulgar *periscere*, incoativo de *perire* “morrer”, ou de um arcaico *perir*, com sufixo incoativo (Nascentes, 1966, p. 571). O dicionário de Bluteau (1712-1728) é o único que não traz *morrer* como significado de *perecer*. Hoje não nos parece comum encontrar *perecer* em lugar de *morrer*, mas nos dicionários, antigos e atuais, sem distinção, *perecer* quer dizer *acabar*, sendo que, naqueles, com um tom mais poético. *Perecer* também quer dizer *destruição* em Bluteau (1712-1728), Caldas Aulete (1964) e em Ferreira (2009). Envolve a ideia de que a morte foi prematura ou violenta em Caldas Aulete (1964) e em Houaiss e Villar (2009).

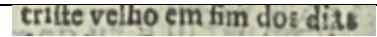
As nuances do verbo *perecer* indicam-nos que, no texto, seu sentido pode ser mais amplo do que supomos. Quando analisamos a assertiva *Que pereço*, por meio da qual o velho implora insistentemente à alcoviteira que convença a moça a voltar e que o queira, *perecer*, além de morrer, significa *estou destruído, acabado, devastado* e, por que não dizer, o sentido implícito, já que se trata da paixão (não correspondida) por uma jovem, *morte violenta, prematura*, conforme Caldas Aulete (1964) e Houaiss e Villar (2009).

Na parte final da peça, chega à hortalíça uma mocinha que conta ao velho sobre a prisão da alcoviteira e o casamento da moça. A julgar pelo diminutivo “mocinha”, essa personagem parece tratar-se de uma moça mais jovem do que a primeira. A seguir, em 6.1.3, a conversa entre os dois.

6.1.3 O velho e a mocinha (parte 1)

Ao receber a mocinha, o velho depara-se novamente com o assunto *morte*. É o que mostra o trecho da figura 16:

Figura 16 – A compaixão da mocinha

	MOÇA Triste velho, <i>em fim dos dias</i>
---	---

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 235), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Em fim dos dias, expressão que, no texto, se aproxima de uma locução, não está registrada nos dicionários. Para contextualizar a construção da figura 16, baseamo-nos nos sentidos da palavra *fim*, quadro 17.

Quadro 17 – Fim e seus significados nos dicionários

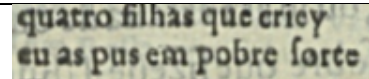
Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 122)	-----	Cabo ou extremidade de alguma coisa. Morte; limite.
	Silva (1789, p. 34)	Subst. masc.	Cabo, extremidade. O fim da rua, da regra, do dia, do discurso. Intento. Aquilo que nos propomos ou intentamos conseguir Termo, limite. Fazer fim, por termo. Acabar, fenecer, morrer.
XIX	Pinto (1832, p. 514)	Subst. masc.	Extremidade, cabo, intento. Termo. Fazer fim. Por termo, morrer.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 1777)	Subst. masc.	Termo, conclusão, remoto. Extremidade, a última parte de qualquer coisa.
	Jucá Filho (1965, p. 305-306)	m.	Termo, cabo, extremidade, o final, o limite, fecho, o [ar]remate, conclusão; a morte; causa final, desígnio, intento, alvo, fito, finalidade, motivo teleológico
XXI	Ferreira (2009, p. 900)	Subst. masc.	Momento em que se acaba ou se conclui alguma coisa; conclusão; termo final: Tudo na vida tem um fim; morte, falecimento.
	Houaiss e Villar (2009, p. 897)	Subst. masc.	Momento ou ponto em que se interrompe algo; termo. Conjunto dos últimos ou o último elemento de (obra, discurso etc.); epílogo, conclusão. Ex.: <i>o fim do filme</i> . Última instância (de algo); limite. Ex.: <i>a paciência chegou ao fim</i> . Parte extrema (de espaço): Ex.: <i>o fim da rua</i> . Último período de um espaço de tempo maior; final (também usado no plural). <i>Em fins do século XIX</i> . Fim de mês. Ponto final; término. Cessação da existência de (algo); ruína, queda. Exs.: <i>o fim do império</i> ; <i>o fim das esperanças</i> . Falecimento, morte. O que se busca atingir; finalidade, propósito. Ex.: <i>o fim não justifica os meios</i> . Explicação ou motivo (para fato, atitude); causa. Ex.: <i>tratar-se é o fim que o traz aqui</i> .

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Fim (século XIII) vem do latim *fine* (masculino e feminino). Fixou-se no masculino na língua moderna (Nascentes, 1966, p. 327). Em todos os dicionários consultados, *fim* também significa *morte, morrer*. A definição encontrada em Houaiss e Villar (2009) “Último período de um espaço de tempo maior” sinaliza a ideia de que não se trata de *fim do dia* (singular), um tempo menor. *Fim dos dias* (plural) remete à ideia de um tempo maior, aquele que se refere à duração de uma vida inteira, como no trecho bíblico *fim dos tempos*. Kröll (1984) inclui na sua obra a forma *o fim dos seus dias*, referindo-se à morte.

Na figura 17, após ter entregado todo o seu dinheiro à alcoviteira, o velho lamenta por suas filhas. Diz à mocinha:

Figura 17 – A constatação da realidade

	VELHO Quatro filhas que criei, eu as pus em <i>pobre sorte</i> .
---	---

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 235), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Tal como ocorre em *em fim dos dias, pôr em pobre sorte* não está consignada nos dicionários. Vamos verificar, com o auxílio do quadro 18, se os sentidos da palavra *sorte* auxiliam na compreensão do trecho.

Quadro 18 – Sorte e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 731)	-----	Tudo o que sucede acaso sem princípio certo, sem causa conhecida. Cuidarão muitos que Sorte era o mesmo que Fortuna.
	Silva (1789, p. 725)	Subst. masc.	Acaso, acidente. O destino, aquilo que a providência nos quer conceder. Incerteza de fortuna ou desgraça, perda ou ganho. Classe, espécie.
XIX	Pinto (1832, p. 1000)	Subst. fem.	Acaso. O dano ou engano que o toureador faz ao boi. Maneira, jeito. Espécie, classe. Destino.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 3806)	Subst. fem.	Fado, destino, força invencível à qual se atribuem os diversos acontecimentos da vida. Efeito ou resultado da ação do destino; acontecimento fortuito, bom ou mau. Acidente da fortuna ou desgraça; risco. Fortuna, dita, ventura possível e esperada. Destino, termo, fim.
	Jucá Filho (1965, p. 598-599)	f.	Destino, fado, sina, fortuna, estrela; acaso, o acidente, risco; dita, ventura; a arte, jeito, maneira, modo; a classe, a espécie; condição, posição, estado.
XXI	Ferreira (2009, p. 1877-1878)	Subst. fem.	Força que determina ou regula tudo quanto ocorre, e cuja causa se atribui ao acaso das circunstâncias ou a uma suposta predestinação. Destino, fado, sina. Destino, termo, fim. Felicidade, fortuna, dita, ventura; boa estrela, boa sorte. Adversidade, fatalidade, má sorte.
	Houaiss e Villar (2009, p. 1773)	Subst. fem.	Força invencível a que se atribuem o rumo e os diversos acontecimentos da vida; destino, fado. Modo como (algo ou alguém) termina; termo, fim, destino. Ex.: <i>era rico e generoso, mas não teve uma sorte feliz</i> . Condição social, modo de viver, condição da existência. Má fortuna; adversidade, fatalidade. Ex.: <i>não se deve atribuir tudo de mau à sorte, cada um colhe o que planta</i> .

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Do latim, *sorte* (século XIII), “ação de tirar a sorte” (Nascentes, 1966, p. 699). Do sentido etimológico, podemos concluir que, boa ou má, a sorte pode acontecer fortuitamente. A combinação *pobre* (adjetivo) + *sorte* (substantivo) equivale dizer o modo como alguém (no texto, as filhas) termina a vida, tal como preveem Houaiss e Villar (2009) ou “pobre destino”, conforme registro de Caldas Aulete (1964), ambas, formas atenuadas que o velho encontrou

para dizer *eu as pus* (voluntariamente) *na miséria*. Na figura 18, o velho afiança à mocinha que era muito rico.

Figura 18 – O velho consciente da sua condição

de quanta riqueza & auer fay sem rezam despende mal gastada.	VELHO de quanta riqueza e haver fui <i>sem razão</i> dispende <i>mal</i> gastada.
--	---

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 235), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Por meio da fórmula *de quanta riqueza e haver* (figura 18), o velho diz “quanta riqueza eu tinha”, e, *sem razão*, *gastou mal* a fortuna. O único lexicógrafo que registra a forma *sem razão* é Caldas Aulete (1964). Nesse dicionário, *sem razão* é uma locução que significa “ação desarrazoada ou destituída de fundamento: desrazão, injustiça” (Caldas Aulete, 1964, p. 3696). No caso do velho, *jogou fora toda a sua fortuna*.

Esse diálogo põe termo à primeira parte da nossa análise, os eufemismos em *O velho da horta* (1512). O quadro 19 traz uma síntese dos resultados encontrados nos diálogos entre o velho e a moça, o velho e a alcoviteira, o velho e a mocinha.

Quadro 19 – Eufemismos em *O velho da horta* (1512)

Quem usou	Presença (Genette, 1966) Adjunção (Dubois <i>et al.</i> , 1974)	Ausência (Genette, 1966) Supressão (Dubois <i>et al.</i> , 1974)	Processo eufemístico (Dubois <i>et al.</i> 1974; Fiorin, 1988; Correia, 1927)	Campo semântico Kröll (1984) Motivação (Leão Nunes, 1606; Meillet, 2016)
Moça para o velho	Que <i>cousa</i> é essa?	<i>Velhos não podem se apaixonar por meninas.</i>	Campo lexical (termo genérico)	Rejeição à velhice/delicadeza
	Prática tão <i>avessa da rezão</i> .	<i>Que ridículo!</i>	Campo estilístico (hipossemia)	
	<i>O tempo</i> vos <i>tirou a posse</i> .	Você ficou <i>louco</i> .	Campo sematológico (personificação o/perífrase)	
	Oh, homem! Estais <i>às escuras</i> .	Oh, homem! <i>Você não se enxerga!</i>	Campo sematológico (metonímia)	
	Quando estais mais <i>de partida</i> .	Você está <i>morrendo</i> .	Campo sematológico (metonímia)	
	Quando amo mais a vida, <i>m'a tiraís</i> .	Quando amo mais a vida, <i>me mataís</i> .	Campo estilístico	Morte/tabu

Quem usou	Presença (Genette, 1966) Adjunção (Dubois <i>et al.</i> , 1974)	Ausência (Genette, 1966) Supressão (Dubois <i>et al.</i> , 1974)	Processo eufemístico (Dubois <i>et al.</i> 1974; Fiorin, 1988; Correia, 1927)	Campo semântico Kröll (1984) Motivação (Leão Nunes, 1606; Meillet, 2016)
Velho para a moça			(hipossemia/perífrase)	
	vereis <i>minha sepultura</i> ser chegada.	Vereis a <i>minha morte</i> .	Campo sematológico (metonímia/perífrase)	
	Porque são de vos tratado como <i>pássaro em mão dado de um menino</i> .	Porque estou <i>morto, prisioneiro</i> .	Campo sematológico (comparação/perífrase)	
	Mas será consolação <i>na partida</i> .	Mas será consolação <i>na hora da morte</i> .	Campo sematológico (metonímia)	
	Mas um velho, <i>em idade de conselho</i> , de menina namorado...	Mas um velho, <i> muito velho</i> , de menina namorado...	Campo estilístico (hipossemia/perífrase)	Tristeza diante da velhice/delicadeza
Velho para a alcoviteira	Ide-lhe, rogo-vo-lo falar, e fazei com que me queira, <i>que pereço</i>	Ide-lhe, rogo-vo-lo falar, e fazei com que me queira, <i>que morro</i> .	Campo estilístico (hipossemia)	Morte/tabu
Velho para a mocinha	Quatro filhas que criei, eu as pus em <i>pobre sorte</i> .	Quatro filhas que criei, eu as pus <i>na miséria</i> .	Campo estilístico (hipossemia)	perdas financeiras/desviar a atenção
	... de <i>quanta riqueza e haver</i> fui <i>sem razão dispendar mal gastada</i> .	Eu era rico <i>e de maneira irresponsável joguei tudo fora</i> .	Campo estilístico (hipossemia)	
Mocinha para o velho	Triste velho, <i>em fim dos dias</i>	Triste velho, <i>está morrendo</i> .	Campo sematológico (metonímia/perífrase)	Rejeição à velhice/delicadeza

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro 19 apresenta os *eufemismos* encontrados na peça *O velho da horta* (1512) e especifica os falantes (quem usou, como usou, com quem usou), a fórmula escolhida, segundo a classificação de Genette (1966), presença/ausência, Dubois *et al.* (1974), supressão/adjunção, o processo de formação de eufemismos proposto por Correia (1927), Dubois *et al.* (1974) e Fiorin (1988), a categorização semântica, a alma da figura (Genette, 1966) e a motivação (Leão Nunes, 1606; Meillet, 2016), no caso do eufemismo, amenizar um termo, uma ideia, um sentimento.

Baseando-nos na Sociolinguística Histórica, nesta primeira parte do estudo, procedemos à análise e descrição dos eufemismos em *O velho da horta* (1512). Selecionamos três variáveis linguísticas: (i) *eufemismos*, (ii) *processos eufemísticos* e (iii) *campo*

semântico/motivação. Nossa hipótese é que, na peça, o número de eufemismos seja maior do que o de disfemismos. A seção 6.2 traz os resultados.

6.2 *O velho da horta* (1512): eufemismos e as variáveis linguísticas

No estudo de *O velho da horta* (1512), encontramos quatorze eufemismos e vinte e oito disfemismos. Nossa hipótese de que na peça em análise o número de eufemismos seria maior do que o de disfemismos não se confirmou. Os eufemismos, nossa primeira variável linguística analisada, são formados com base em substantivos, total de dez (*cousa*, *avesso*, *razão*, *posse*, *partida*, *idade*, *conselho*, *sepultura*, *pássaro*, *fim*, *dia* e *sorte*). Duas ocorrências se concentram em verbos (*tirar* e *perecer*) e duas em locuções (*às escuras* e *sem razão*). Os eufemismos iniciam-se com a fala da moça, conforme o trecho (1), a seguir.

(1) *Que cousa é essa?*

Nessa passagem, a indefinição do *que* auxilia o genérico *cousa*, que encobre a causa real, o comportamento indesejado do velho. Se o termo *cousa* disfarça a indignação da moça, a interrogação imprime força e expressividade à construção, é o pretexto para afirmar que aquela atitude não é conveniente. Em outro trecho (2), o eufemismo proferido pelo velho, que tenta exercer pressão sobre a alcoviteira para obter a moça.

(2) *Que pereço.*

Nessa construção, o *que* exerce função explicativa, *senão* (*pereço/morro*), *do contrário* (*pereço/morro*). Além dessas duas formações com o *que*, existe um padrão nas expressões eufemísticas da farsa *O velho da horta* (1512). Em algumas delas, as circunstâncias da ação são indicadas com o amparo dos verbos *estar/ser*, como ocorre nos trechos (3) a (6), a seguir.

Eufemismos	Circunstância	
(3) <i>Oh, homem! Estais</i>	<i>às escuras.</i>	Modo (Como?)
(4) <i>Quando estais mais</i>	<i>de partida.</i>	
(5) <i>Porque são de vos tratado</i>	<i>pássaro em mão dado de um menino.</i>	
(6) <i>Mas será consolação</i>	<i>na partida.</i>	Tempo (Quando?)

Fonte: Elaborado pela autora.

Em outras construções, embora implícitos, os verbos *estar/ser* exercem o mesmo papel dentro da frase: auxiliam na indicação das circunstâncias, conforme os trechos (07) a (11).

Eufemismos	Circunstância	
(07) <i>Prática (é)</i>	<i>tão avessa da rezão.</i>	Modo (Como?)
(08) <i>Mas um velho (está)</i>	<i>em idade de conselho.</i>	
(09) <i>Quatro filhas que criei, eu as pus (elas estão)</i>	<i>em pobre sorte.</i>	
(10) <i>... de quanta riqueza (foi) e haver/fui sem razão dispende</i>	<i>mal gastada.</i>	
(11) <i>Triste velho (está)</i>	<i>em fim dos dias.</i>	

Fonte: Elaborado pela autora.

A segunda variável linguística analisada nesta primeira parte da farsa foi *processos eufemísticos*. A nossa hipótese sobre essa variável linguística foi a existência de um número maior de eufemismos concomitante com/por meio de outra(s) figura(s). O processo de constituição dos eufemismos ocorreu em torno dos seguintes campos: *lexical*, um registro; *estilístico*, seis; *sematológico*, sete. Vejamos o trecho (12) a seguir.

(12) *O tempo vos tirou a posse.*

A passagem em questão traz o eufemismo por meio da personificação (ou prosopopeia), uma figura de linguagem que teve a função de atribuir ao tempo, ente abstrato, uma responsabilidade que é própria dos seres animados. Com efeito, é mais delicado dizer *O tempo vos tirou a posse* do que afirmar que o velho estava louco. Ao ouvir da moça que *está de partida*, o velho tenta comovê-la. É o que mostra o trecho (13), a seguir.

(13) *Vereis minha sepultura ser chegada.*

Sepultura (efeito) enuncia e dá uma velocidade maior ao sentido de *morte* (causa). Trata-se, primeiro, de uma metonímia, em que o concreto *sepultura* harmoniza-se com o abstrato *morte* pela proximidade de sentidos entre os dois termos; segundo, de uma perífrase, já que uma expressão (*chegada da sepultura*) alarga outra (*morte*). A indicação do sentido figurado de *sepultura* consta nos dicionários de Caldas Aulete (1964), Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009), conforme mostramos anteriormente.

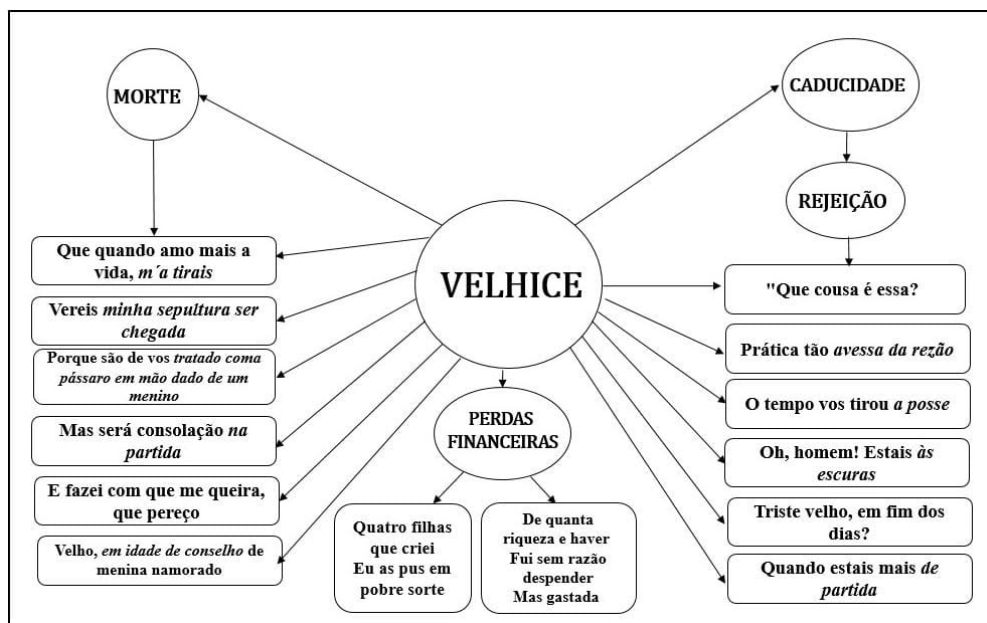
Outra passagem relativa ao campo semântico *morte* está no trecho (14).

(14) *Quando amo mais a vida, m'a tirais.*

No eufemismo expresso em (14), utiliza-se uma fórmula mais alongada, a perífrase, para atenuar o sentido do termo tabu *matar*. Da mesma forma que ocorre em (12), (13) e (14), observamos a presença concomitante de outras figuras em (3), (4) e (6), metonímia; em (5), comparação e perífrase; em (8), perífrase; em (11), metonímia e perífrase. Esse dado nos mostra que existe um padrão também nos processos de construção dos eufemismos na farsa de Gil Vicente. A nossa hipótese sobre a variável linguística *processos eufemísticos*, que prevê a realização concomitante do eufemismo com/por meio de outra(s) figura(s), se confirmou, já que predominou nos mecanismos o campo *sematológico*. Essa possibilidade é mencionada em Dubois *et al.* (1974), Fiorin (1988) e Correia (1927).

Na observação da terceira variável linguística desta parte, *campo semântico/motivação*, temos o seguinte resultado: *rejeição à velhice/delicadeza*, seis ocorrências, *morte/tabu*, cinco, *perdas financeiras*, duas, e *tristeza diante da velhice*, uma ocorrência. A nossa hipótese de que o evento *morte* predominaria entre os eufemismos, por pouco, não se confirmou. Com seis registros, o tema *rejeição à velhice* superou *morte*, com cinco. A figura 19 mostra a distribuição dos eufemismos por *campo semântico/motivação*.

Figura 19 – Eufemismos em *O velho da horta* (1512): a velhice e seus estigmas



Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados extraídos da peça *O velho da horta* (1512), de Gil Vicente.

Conforme mostra a figura 19, na farsa *O velho da horta* (1512), o fenômeno velhice/caducidade ganhou amplidão mais do que o tema *morte*. Nos séculos XX e XXI, o tema *morte* é o mais citado (Ribeiro, 1919; Pereira, 1935; Guérios, 1956; Aulete, 1964;

Bueno, 1968; Abraham, 1981; Camara Jr., 1986; Faraco e Moura, 1997; Moisés, 2007; Faraco; Cegalla, 2008; Houaiss; Villar, 2009; Bechara, 2010; Azeredo, 2010; Cereja e Magalhães, 2013). Nos exemplos apresentados por esses autores, o tema *morte* lidera entre aqueles que as pessoas sempre procuram atenuar.

Na subseção seguinte, 6.3, apresentaremos as variáveis extralinguísticas analisadas na farsa *O velho da horta* (1512): *faixa etária*, *classe social* e *sexo*.

6.3 *O velho da horta* (1512): eufemismos e as variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas controladas foram *faixa etária*, *classe social* e *sexo*. Fizemos a correlação dos fatores linguísticos e extralinguísticos, de acordo com os condicionantes internos e externos que favorecem o emprego dos eufemismos na peça *O velho da horta* (1512). O confronto da variável linguística *eufemismo* com a extralinguística *faixa etária* mostrou-nos os seguintes resultados: faixa I, seis ocorrências; faixa III, oito ocorrências. A análise da variável *eufemismo versus sexo* indicou, entre as personagens homens, oito ocorrências; entre as mulheres, seis. Nossa hipótese de que as personagens mulheres e a faixa III usariam um vocabulário mais eufêmico não se confirmou, já que a maior parte dos eufemismos ficou a cargo dos homens, faixa III. Os dados também contrariam o que aponta Correia (1927) sobre dois aspectos. O primeiro, diz respeito ao *sexo*. Na opinião desse autor, a mulher, mais do que o homem, se serve de eufemismos para evitar expressões grosseiras e cruas. O segundo aspecto refere-se à *faixa etária*. Correia (1927) afirma que a linguagem dos mais velhos é repleta de “cruas liberdades”.

Correlacionados os *processos eufemísticos* aos fatores extralinguísticos *faixa etária* e *sexo*, temos: faixa I, *mulheres*, campo *lexical*, uma ocorrência; *estilístico*, uma; *sematológico*, quatro ocorrências. Faixa III, *homens*, campos: *estilístico*, cinco registros; *sematológico*, três. Na peça, registramos a construção de eufemismos com outras figuras, tanto na *faixa I*, entre as *mulheres* *O tempo vos tirou a posse* (eufemismo e personificação), quanto na *faixa III*, entre as personagens *homens*, *como pássaro em mão dado de um menino* (eufemismo e comparação).

A observação da correspondência entre o fator *campo semântico/motivação* e a *faixa etária* mostrou: *faixa I*, seis ocorrências de *rejeição à velhice*; *faixa III*, cinco referentes à *morte/tabu*, duas a *perdas financeiras* e uma à *tristeza diante da velhice*. A análise da variável *campo semântico versus sexo* aponta o mesmo resultado, as mulheres concentram-se na

categoria *rejeição à velhice*, com um total de seis registros; entre os homens, cinco referências à *morte*, duas a *perdas financeiras* e uma à *tristeza diante da velhice*.

Os dados vão ao encontro do que afirma Cardoso (2010) em relação à variação da linguagem em função da *faixa etária* e do *sexo* (envolve papéis sociais assumidos). As falas das moças, na primeira parte do diálogo, convergem para um domínio: *rejeição à velhice*, tema que diverge dos empregados pelo velho: *morte* e *tristeza diante da velhice* (segundo o texto, pelo fato de o velho estar bastante próximo daquela); *perdas financeiras* (porque também, segundo o texto, o velho é o dono da horta, provedor da família).

Nessa primeira parte da análise – Eufemismos em *O velho da horta* (1512) – subseção 6.1, o diálogo se estabeleceu entre três personagens: as duas moças (*faixa I*) e o velho (*faixa III*). Desse modo, não existem dados sobre as variáveis extralinguísticas na faixa II. Igualmente, a correlação das variáveis *eufemismo/classe social*, *processos eupemizantes/classe social* e *campo semântico/classe social* foi improdutiva porque as três personagens pertencem à mesma classe social.

A seguir, na subseção 6.4, apresentaremos a segunda parte deste estudo, a análise dos disfemismos encontrados na peça *O velho da horta* (1512).

6.4 Disfemismos em *O velho da horta* (1512)

Nesta subseção, estabelecemos critérios para identificarmos os disfemismos. Ao final da apresentação dos diálogos, elaboramos um quadro que resume: a) quem usou disfemismos (personagem); b) como usou, de acordo com as fórmulas ausência/presença - supressão/adjunção, propostas por Genette (1966) e Dubois *et al.* (1874), respectivamente; c) presença de outras figuras (Fiorin, 1988); d) processos de formação dos disfemismos instituídos por Correia (1927)⁷⁵; e) categorização dos campos semânticos/motivação/contexto (Leão Nunes, 1606; Meillet, 2016; Kröll, 1984).

Da mesma forma que fizemos com os eufemismos na subseção 6.1, mostraremos os recortes dos disfemismos e, na sequência, a análise de cada verbete em dicionários da língua portuguesa, do século XVIII ao XXI. Após verificarmos se e como os dicionários trazem as expressões (idiomáticas, frases feitas ou locuções, presença de abonações), classificaremos os respectivos campos semânticos e verificaremos se existe um padrão nas categorias encontradas.

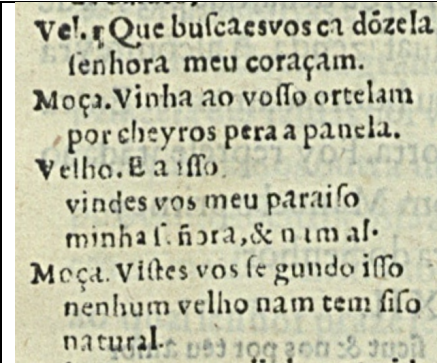
⁷⁵ Correia (1927) estabelece outros critérios para os processos disfemísticos.

Para a classificação dos disfemismos, utilizamos os critérios: a) a *presença/adjunção* de uma expressão que demonstra agressividade, enfrentamento; b) a *ausência/supressão* de uma expressão considerada desagradável; c) a construção, no caso dos disfemismos o processo é diferente dos eufemismos (deformação, prefixação negativa), mas também envolve os campos gramatical, lexical, semântico, sintático, estilístico; d) o *campo* semântico/categoria envolvido, ou seja, a motivação para o uso desse recurso.

6.4.1 O velho e a moça (parte 2)

Conforme registramos anteriormente, o diálogo entre o velho e a moça foi dividido em partes 1 e 2 porque a moça muda de atitude em relação ao velho durante a peça. Se, na primeira parte, a conversa foi permeada de zelo e delicadeza, na segunda, passa a um tom de zombaria. Ao perceber que o velho estava completamente perdido de amores, a moça tenta levá-lo à razão, conforme demonstramos na figura 20.

Figura 20 – A velhice e suas perdas

 Vel. Que buscaes vos cá d'ozela senhora meu coração. Moça. Vinha ao vosso ortelam por cheyros pera a panela. Velho. E a isso vindes vos meu paraíso minha f. ãora, & n. m. al. Moça. Vistes vos se gundo isso nenhum velho nam tem siso natural.	VELHO Que buscais vós cá donzela Senhora meu coração. Moça Vinha ao vosso hortelão Por cheiros para a panela Velho E a isso vindes vós, meu paraíso minha senhora, e não al? MOÇA Vistes vós! Segundo isso, <i>nenhum velho não tem siso natural.</i>
---	--

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

O velho apegase à busca da juventude quando tenta se igualar à jovem mediante o emprego do possessivo *minha* senhora. A moça não cede e o reprova moralmente. Podemos constatar isso no quadro 20, que traz os sentidos do termo *siso* nos dicionários.

Quadro 20 – *Siso* e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 664)	-----	Miolos ou cérebro e como nesta parte da cabeça o sentido comum e os mais sentidos interiores tem o seu assento chamarão os castelhanos ao juízo e entendimento.
	Silva (1789, p. 704)	Subst. Masc.	Juízo, prudência, sabedoria. v.g. ter siso, perder o siso. Siso são ou abalado.
XIX	Pinto (1832, p. 986)	Subst. Masc.	Juízo , prudência.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 3762)	Subst. masc.	Tino, bom senso, prudência. “O bom coração sofre e o bom siso ouve”.
	Jucá Filho (1965, p. 591)	-----	Juízo, [bom-]senso, razão, prudência, sabedoria, tino, senso comum, siso comum.
XXI	Ferreira (2009, p. 1856)	Subst. masc.	Bom senso; juízo; tino; prudência; circunspeção.
	Houaiss e Villar (2009, p. 1753)		Boa capacidade de avaliação, bom senso; juízo, tino.

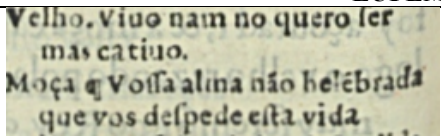
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Siso (século XIII), vem do latim *sensu* “sentido”, por meio do arcaico *seso*, que sofreu metáfora, ou por analogia com *juízo*, ou por influência do adjetivo arcaico *sesudo*, regressivamente (Nascentes, 1966, p. 693). Relacionado ao substantivo *siso*, que significa *boa capacidade de avaliação, bom senso, juízo, tino* (Houaiss; Villar, 2009, p. 1.753), o adjetivo *enleado* quer dizer *embaraçado – no sentido natural e moral, intrincado, dificultoso de acertar* (Bluteau, 1712-1728, p. 125). Desde a sua etimologia, *siso* estabelece relação com *juízo*. Observamos que, nos dicionários, repete-se a definição de *siso* no sentido de *prudência*.

Quando a moça diz *nenhum velho não tem siso natural*, a negativa dupla, formada pelo pronome indefinido e pelo advérbio de negação, ao mesmo tempo que exclui a possibilidade de algum velho ter juízo, refere-se de forma indeterminada, genérica e assertiva a todos da espécie. A fórmula *nenhum velho não tem siso natural* equivale às afirmações: *velhos não têm juízo/velhos são doidos. Nenhum* produz uma significação retórica, que consiste em dar mais força e expressividade à afirmação, e a ironia é facilmente identificada.

A figura 21 reitera o sarcasmo da moça diante do velho.

Figura 21 – Ainda o tema morte

EUFEMISMO	
	VELHO Vivo não no quero ser, mas cativo. Moça Vossa alma não é lembrada que vos <i>despede esta vida</i> ?

Fonte: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Proferida por meio de pergunta e de duas personificações, a expressão *Vossa alma não é lembrada/Que vos despede esta vida*) é claramente irônica, a moça diz cruamente que o velho vai morrer em breve e que é a vida que se despede dele e não o contrário. A seguir, no quadro 21, observamos o movimento do verbo *despedir* nos dicionários.

Quadro 21 – *Despedir* e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 162-163)	-----	Cessar; despir; dar o adeus.
	Silva (1789, p. 593-594)	Verbo at.	Pedir licença para se ir, por obrigação ou urbanidade; apartar-se.
XIX	Pinto (1832, p. 354)	Verbo at.	Pedir licença para retirar-se.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 1185)	Verbo intrans.	Cessar, terminar.
	Jucá Filho (1965, p. 204)	-----	Mandar embora, expulsar, expedir.
XXI	Ferreira (2009, p. 658)	VTD	Fazer sair; dispensar a presença de; despachar.
	Houaiss e Villar (2009, p. 664)	Verbo	Mandar (alguém) retirar-se ou retirar-se; separar-se de (companhia); ir-se, partir; acabar-se.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

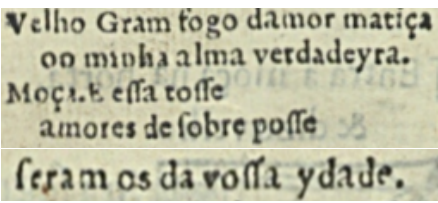
Despedir (século XV), do “antigo *espedir* com troca de prefixo por ser *des-* mais significativo do que *es-*”. *Espedir* vem do latim *expere*, de *petere* “pedir”. Pedir licença para retirar-se (Nascentes, 1966, p. 239). Se, na origem, *despedir* tem um sentido mais preciso, nos dicionários, adquire caráter mais geral. Bluteau (1712-1728) traz *cessar* e *dar o adeus*, esta última sugere uma separação longa ou definitiva. Caldas Aulete (1964) acrescenta *terminar*. As formas *despachar*, em Ferreira (2009), *mandar embora* e *expulsar*, em Jucá Filho (1965),

se relacionadas ao contexto ora analisado, atribuem-lhe sentido cômico. Houaiss e Villar (2009) registram *acabar*, outra significação vaga.

Kröll (1984, p. 25) exemplifica situações em que o verbo *despedir* é atenuante de *morrer*: “A velha mãe jaz numa tarimba do hospital, com um cancro na madre, a *despedir*”. A *despedir*, nesse trecho, significa “morrendo”. *Despedir* em *Vossa alma não é lembrada que vos despede esta vida?*, trecho da peça ora analisada, possui uma nuance diferente, uma ironia propositada, que quer dizer “a vida está dizendo fim de linha para você”. Por esse motivo, consideramos esse um exemplo de disfemismo.

Diante do galanteio acalorado do velho, a moça reage. É o que mostra a figura 22.

Figura 22 - Entre o fogo, o amor e a tosse

	VELHO Grão fogo d' amor m' atica, Oh, minha alma verdadeira! MOÇA E essa tosse Amores de sobreposse <i>serão os da vossa idade.</i>
--	--

Fonte: *Cópia de todas as obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Por meio da aliteração, Gil Vicente cria uma situação que beira a zombaria. *Tosse*⁷⁶ e *amores de sobreposse*, segundo o texto, são comuns na velhice. O termo a ser analisado no quadro 22 é *sobreposse*.

Quadro 22 – *Sobreposse* e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 679)	-----	Comer sobre posse, é comer depois do estômago cheio. Farto.
	Silva (1789, p. 710)	Adv.	Além, mais do que se pode; <i>comer, dispende, obrar, tolerar sobreposse</i> .
XIX	Pinto (1832, p. 990)	Adv.	Mais do que se pode.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 3774)	Adv.	De sobejo, nimiamente, excessivamente, por dema's.

⁷⁶ Da mesma forma que ocorre na peça, as palavras *fogo*, *amor* e *tosse* figuram juntas no dicionário de Bluteau (1712-1728, p. 221) formando o adágio português: *Amor, fogo e tosse, a seu dono descobre*.

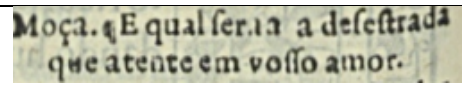
	Jucá Filho (1965, p. 593)	Adv.	Sobremaneira.
		Adj.	Contrariado.
XXI	Ferreira (2009, p. 1863)	Adv.	Por demais; demais; em excesso. “Era talvez sobreposse a variedade dos adornos” (Machado de Assis)
	Houaiss e Villar (2009, p. 1759)	Adv.	Demasiadamente, de sobejo, em excesso. Sem naturalidade, sem espontaneidade.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

A etimologia de *sobreposse* (século XVII) em Nascentes (1966, p. 601) é sucinta: De *sobre-* + *posse*. Os sentidos dos dicionários para *sobreposse*, embora breves, definem bem a palavra: *demais, em excesso*. Acerca do prefixo *sobre*, Carlos Góes (1913, p. 258) registra entre outros, o sentido de *aumento* que, no contexto em questão, quer dizer *posse em excesso*. No texto, o velho denuncia-se pela natureza fogosa, comportamento julgado inconveniente pela moça. Assim, *amores de sobreposse serão os da vossa idade*, para nós, no texto, significa *amor de velho é amor excessivo*. Talvez *amores de sobreposse* correspondesse, nos dias atuais, ao que se denomina *relação abusiva*.

Na pergunta presente na figura 23, a moça esnoba e rejeita o velho mais uma vez, agora com *desastrada*.

Figura 23 – O menosprezo

	MOÇA E qual será a desastrada, Que atente em vosso amor?
---	--

Fonte: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. último acesso em dezembro de 2022.

Novamente, por meio de uma pergunta, o diálogo revela arrogância e ironia da moça em relação ao amor do velho. Essa postura também é sugerida no substantivo/adjetivo *desastrada* (figura 23), um vocábulo que, hoje, por si, traz uma carga, de certo modo, incômoda. Os significados dessa palavra estão no quadro 23.

Quadro 23 – Desastrada e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 95)	-----	Infeliz e em certo modo, desfavorecido dos astros ou sem favorável estrela.
	Silva (1789, p. 551)	Adj.	Infelice.
XIX	Pinto (1832, p. 330)	Adj.	Que não tem boa fortuna, infeliz.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 1116)	Adj.	Funesto nas consequências, nos resultados; desajeitada, desatinada; incapaz de fazer bem qualquer coisa.
	Jucá Filho (1965, p. 194)	Adj.	Sinistro, infeliz.
XXI	Ferreira (2009, p. 630)	Adj.	Que redundou em desastre; proveniente de desastre; funesto; desgraçado.
	Houaiss e Villar (2009, p. 629)	Adj. Subst.	Que ou o que revela inabilidade, falta de destreza, de jeito. Que constitui um desastre; desastroso.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Desastrado (século XVI) não consta em Nascentes (1966). Nesse dicionário está consignado *desastre*: Do antigo provençal, trata-se de “vocábulo frequente na lírica trovadoresca” (Nascentes, 1966, p. 237). As primeiras definições (Bluteau, 1712-1728; Silva, 1789; Pinto, 1832) remetem o significado de *desastrada* à influência dos astros. Tomando por base o significado do prefixo latino *des* “privação” (Carlos Góes, 1913), *desastrado* seria alguém sem estrela, sem proteção, em condição desfavorável (referindo-se a alguma força sobrenatural). As definições *funesto* e *desgraçado*, registradas no dicionário de Ferreira (2009), também têm conotação negativa e referem-se a contexto fora das leis naturais. Na parte final dos dicionários, especificamente, em Caldas Aulete (1964) e em Houaiss e Villar (2009) o sentido de *desastrado* conduz-se para determinada forma de agir. Assim, *desastrada*, no texto, tanto pode significar moça infeliz, com má influência astral, quanto desajeitada (sem jeito, sem destreza), com tendência ao completo fracasso.

Na figura 24, a passagem em que a moça perde definitivamente a calma e humilha o velho:

Figura 24 – O juízo (fraco)

M,oo miolo de coelho mal assado	MOÇA Oh, miolo de coelho mal assado
---------------------------------	-------------------------------------

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

O quadro 24 mostra as possibilidades de definições do termo *miolo* (*de coelho mal assado*) nos dicionários.

Quadro 24 – Miolo e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 501)	-----	Mesmo que cérebro – são os miolos do homem em mais quantidade que de nenhum outro animal de igual grandeza porque necessitava o homem de mais espíritos animais em razão das operações do entendimento. No discurso familiar se toma metaforicamente por juízo. <i>Fracos miolos tem.</i>
	Silva (1789, p. 303)		Figurado: juízo. <i>Fracos miolos tem.</i>
XIX	Pinto (1832, p. 714)	Subst. masc.	A parte mole e interna de qualquer coisa; cérebro.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 2629)	Subst. masc.	A medula, o tutano; cérebro, massa encefálica. Juízo; razão.
	Jucá Filho (1965, p. 425)	-----	Parte interna; o interior; medula; tutano; cérebro; massa encefálica.
XXI	Ferreira (2009, p. 1335)	Subst. masc.	Figurado – inteligência, cabeça, juízo, razão, tino.
	Houaiss e Villar (2009, p. 1296)	Subst. masc.	Equilíbrio mental, juízo, sensatez.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Miolo (século XIV) deriva do latim *medullu*, calcado em *medula* “tutano” (Nascentes, 1966, p. 491). Em Bluteau (1712-1728), está presente a ideia de que os homens têm mais miolos do que os animais. Nesse dicionário, embora com a ressalva “no discurso familiar”, o reconhecimento do uso metafórico da expressão. Em Silva (1789), o registro da forma figurada “*fracos miolos tem*”, no sentido de “juízo”. À exceção de Pinto (1832) e de Jucá Filho (1965), o sentido metafórico predomina na definição do verbete *miolo*, referindo-se a juízo. Kröll (1984, p. 39-40) diz “a cabeça do homem, considerada a sede do juízo, desempenha um papel importante nas expressões que citam os nomes dos animais”. Metaforicamente, segundo o autor, nomes de animais como *asno*, *besta*, *burro* e outros (*cabeça de grilo*, *miolo de grilo*) são listados para designar uma pessoa estúpida com defeitos morais e mentais.

Dessa análise, concluímos que *miolo de coelho mal assado* é uma expressão popular, no texto, um disfemismo representado por uma metáfora, empregado pela moça para (des)qualificar e afrontar o velho, com o objetivo de atingi-lo, talvez depreciar uma das propriedades humanas mais expressivas do homem, o juízo.

Após horas de conversa entre o velho e a moça (conforme mostra o texto), chega à horta o parvo e questiona sobre a demora do patrão em voltar para casa. A próxima subseção, 6.4.2, traz o diálogo entre os dois.

6.4.2 O velho e o parvo

A conversa do velho com o seu criado é caracterizada por gritos e ameaças, conforme se verifica na figura 25.

Figura 25 – A mudança no tom da conversa

	Vem um parvo criado do velho e diz: PARVO Dono, dizia minha dona Que fazeis vós cá té à noite? VELHO Vai-te daí, não t' açoute. Oh! Dou ó <i>decho</i> a chaçona sem saber.
--	--

Fonte: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (1586, p. 232), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Pelo contexto, *açoutar* está associado de imediato à ideia de *castigar*, *bater*. Vejamos no quadro 25 o que dizem os dicionários sobre esse termo.

Quadro 25 – Açoutar e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 104)	-----	Castigar com açoutes.
	Silva (1789, p. 35)	V.at.	Castigar com açoute. Figurado: Fazer impressão. Disciplinar-se; castigar.
XIX	Pinto (1832, p. 21)	V. a.	Castigar com açoute. Figurado: fazer impressão.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 70)	Verbo	Bater, fustigar com açoite. Figurado: Bater, embater com força em; Açoitava os seus escravos.
	Jucá Filho (1965, p. 29)	-----	Fustigar, chicotear, [a]zarrogar, flagelar; castigar, punir, atormentar, afligir; devastar; bater; varejar; atribular, mortificar.
XXI	Ferreira (2009, p. 41)	Verbo	Fustigar com açoite; fustigar, flagelar, vergastar. Dar pancada(s) ou golpe(s) em.
	Houaiss e Villar (2009,	Verbo	Golpear(-se) com açoite ou similar. Exs.: <i>açoitar escravos</i> ; <i>os penitentes açoitavam-se sem parar</i> .

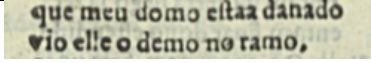
Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
	p. 40)		Metáfora: ir de encontro a, com força ou violência. Ex.: <i>ondas imensas açoitavam a embarcação</i> . Metáfora: cruzar, varar, movimentar-se rapidamente ou com violência. Ex.: <i>corria, e seus cabelos soltos açoitavam o ar</i> . Causar dor, sofrimento, aflição e/ou dano ou destruição a. Exs.: <i>a miséria açoita a população</i> . <i>Tristes lembranças açoitam-no</i> . Causar devastação; assolar, devastar. Ex.: fome e epidemias açoitam regiões inteiras do globo.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

A palavra *açoite* deriva do ár. *As-sot*, através da forma *açoute* (Nascentes, 1966, p. 10). A forma *açoutar* (século XV) sofreu variação e passou também a *açoitar*. Desde Caldas Aulete (1964), registram-se as duas variantes, mas define-se apenas a segunda. À exceção de Jucá Filho (1965), *açoutar* quer dizer *castigar com açoite*, um instrumento específico. Bluteau (1712-1728), Silva (1789), Pinto (1832) e Jucá Filho (1965) atribuem a *açoitar* o sentido de *castigar*. Caldas Aulete (1964), considerando o sentido figurado da expressão, e Houaiss e Villar (2009) explicam que *açoitar* pode significar *bater, golpear* os escravos, tomando por base a prática rotineira (castigo) dos senhores em relação aos seus escravos em épocas pretéritas. No sentido figurado, *açoitar* quer dizer *disciplinar, castigar, bater, embater com força*, e também *fazer impressão* (Silva, 1789; Pinto, 1832), ou referindo-se a deixar marcas no corpo, ou ao emprego de uma força maior na hora de bater. Considerando a relação do velho com o parvo, *açoutar* tanto pode significar *bater, castigar* ou *fazer impressão* ou ambos.

Com a ameaça do velho, o parvo conclui que o seu patrão perdeu o domínio de si. A figura 26 ilustra esse fato.

Figura 26 – O velho enlouqueceu

	PARVO que meu dono está danado. Viu ele o <i>demo</i> no ramo!
---	---

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 231), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

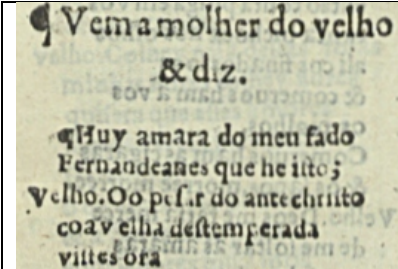
Na figura 25, temos *decho*, na 26, *demo*. Ambos os termos são deformações de *diabo*, *demônio*, classificados de tabus, conforme Guérios (1956) e Silveira Bueno (1965). Sobre eles, discutiremos mais adiante.

Eis que chega à horta a velha, mulher do velho. A próxima subseção traz a conversa entre os dois:

6.4.3 O velho e a velha

Chega à horta a velha, esposa do velho, que se assusta com a situação e chama-o pelo nome: *Fernandeanes*⁷⁷, conforme a figura 27. Os dois esbravejam.

Figura 27 – Os primeiros xingamentos dirigidos à velha

	Vem a mulher do velho e diz: VELHA Hui! Amara do meu fado! Fernandeanes, que é isto?⁷⁸ VELHO Oh, pesar do Anticristo co'a velha destemperada! vistes ora?
---	---

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 232), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Na figura 27, duas ofensas do velho para a velha: *anticristo* e *destemperada*. Vejamos primeiro o significado de *anticristo*, quadro 26.

Quadro 26 – Anticristo e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 401)	-----	Filho da perdição que no Templo de Deus se atentará para se fazer adorar como Deus.
	Silva (1789, p. 142)	Subst. masc.	O inimigo ou emulo de Cristo que depois de portentosos sinais há de vir no fim do mundo tentar meter os homens debaixo do jugo do Diabo fingindo ser o Messias.
XIX	Pinto (1832, p. 85)	Subst. masc.	O inimigo de Cristo que no fim do mundo fingirá ser o Messias.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 290)	Subst. masc.	Sedutor e taumaturgo que, segundo o Apocalipse, antes do fim do mundo, virá combater a Cristo, fazendo o gênero humano sofrer horivelmente. Diz-se dos pseudodoutores que negam a divindade de Jesus.

⁷⁷ Teyssier (2005) chama atenção para essa particularidade, segundo ele, nesse caso, “o nome é secundário e dá a impressão de que a personagem foi concebida como um ser anônimo para o qual o poeta improvisa um nome, forçado pela exigência do processo, na urgência ocasional do diálogo” (Teyssier, 2005, p. 518).

⁷⁸ A velha emprega *isso* para se referir ao sentimento do velho pela moça. Esse pronome também é um termo vicário (Correia, 1927), integra o grupo do processo eufemístico no campo lexical (termos genéricos). Na peça *O velho da horta*, a velha eufemiza o comportamento indesejado do velho perante a jovem e *isso* funciona da mesma forma que o substantivo *coisa* em *Que cousa é essa?* (figura 5), referindo-se ao fato de o velho estar apaixonado por outra.

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
	Jucá Filho (1965)	-----	Não registra.
XXI	Ferreira (2009, p. 149)	Subst. fem.	Personagem que, segundo o Apocalipse, virá antes do fim do mundo, semear a impiedade até ser afinal vencido por Cristo.
	Houaiss e Villar (2009, p. 145)	Subst. fem.	Personagem misteriosa, símbolo das forças que negam a divindade de cristo; perseguidor de cristo, falso cristo, falso profeta.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Nascentes (1966) e Jucá Filho (1965) não registram o vocábulo *Anticristo* (século XIII). Esse silêncio pode dizer muito sobre a opinião dos autores. Carlos Góes (1913, p. 29) consigna *anti Christo* (*contrário a Christo*). O termo origina-se “do grego *Anti* (contra) *Cristo*” (Bluteau, 1712-1728, p. 401). *Filho da perdição* (Bluteau, 1712-1728), *inimigo* (Silva, 1789; Pinto, 1832), *personagem* (Caldas Aulete, 1964; Ferreira, 2009; Houaiss, 2009), qualquer uma dessas definições desempenha bem a função de agredir a velha. Ao chamar a mulher de *anticristo* (fazer o contrário do que Cristo pregou), o velho refere-se a ela como a incorporação do mal.

No quadro 27, os sentidos de *destemperada*, o outro xingamento disparado pelo velho.

Quadro 27 – Destemperado e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 174)	-----	Não temperado; mal temperado.
	Silva (1789, p. 602)	p. pass.	Sem modo, nem temperança. No figurado, mal e discordemente obrigado.
XIX	Pinto (1832, p. 358)	Adj.	Relaxado.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 1199)	Adj e Subst. masc.	Imoderado, desregrado, descomedido.
	Jucá Filho (1965)	-----	-----
XXI	Ferreira (2009, p. 663)	Adj.	Imoderado, desregrado, descomedido; despropositado, disparatado, desordenado, desarranjado, dissonante, desafinado.
	Houaiss e Villar (2009, p. 670)	Adj. e Subst. masc.	Que se destemperou; sem regulagem; desconcertado, desarranjado; que não tem propósito; disparatado; que ou aquele que é descomedido, desregrado, imoderado.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Nascentes (1966) não traz a palavra *destemperado*. Ao prefixo *des-* Carlos Góes (1913) atribui, entre outros, o sentido de *privação*. No contexto em questão, significa, portanto, *sem tempero*. O adjetivo *destemperada* (século XIV), de *des* + *temperar*, “exprime o sentido de descomedimento, de disparate” (Ferreira, 2009, p. 663). Da (vaga) definição de Bluteau (1712-1728), partimos para Silva (1789) e encontramos o sentido figurado dessa palavra, *mal e discordemente obrigado*. Pela forma como se apresenta o diálogo, *destemperada* diz respeito à forma alvoroçada com que a velha chega ao estabelecimento.

A troca de ofensas continua quando a velha chama o velho para jantar. Diante do convite, ele esbraveja (figura 28):

Figura 28 – Mais um xingamento

velho. Polo corpo de Dô Roque comendo oo demo a golola.	VELHO Polo corpo de São Roque! comendo ó demo a gulosa.
--	---

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 232), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Os significados de *guloso* estão no quadro 28.

Quadro 28 – *Guloso* e seus significados nos dicionários

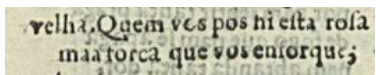
Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau Bluteau (1712-1728, p. 91)	-----	Amigo de manjares esquisitos. Chama Plauto a uma mulher golosa e amiga de bons bocados.
	Silva (1789, p. 109)	-----	Mais próprio que golos; de gula. No figurado apetitoso de outro bom sucesso, em guerra.
XIX	Pinto (1832, p. 559)	Adj.	Que gosta de boas comidas. Que excita o apetite de comer.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 2012)	Adj e Subst. masc.	Apreciador; cobiçoso.
	Jucá Filho (1965)	-----	-----
XXI	Ferreira (2009, p. 1017)	Adj e Subst. masc.	Que ou aquele que gosta de gulodices. Que ou aquele que tem gula.
	Houaiss e Villar (2009, p. 1001)	Adj e Subst. masc.	Que ou aquele que se sente atraído por gulodices; que ou aquele que tem o vício da gula; glutão; que ou aquele que deseja possuir ávida ou imoderadamente; ambicioso, cobiçoso.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

O adjetivo *gulosa* (século XIV), empregado para se referir à velha, veio do latim “*gulosu*”, por via erudita” e caracteriza “certo peixe voraz” (Nascentes, 1966, p. 371). Etimologicamente, referindo-se a determinado tipo de peixe, nos dicionários consultados, *guloso* mantém estreita relação com *destemperado*, é o antônimo de *temperança*. *Imoderadamente*, trazida por Houaiss e Villar (2009), é uma definição do verbete *destemperado* e também está relacionada a excesso. Em Bluteau (1712-1728), aparece ainda a forma *goloso*, relacionado a pessoas. Nesse dicionário, uma abonação importante: “Chama Plauto a uma mulher *golosa* e amiga de bons bocados”. Um sentido figurado surge em Silva, igualmente relacionado a exagero.

À agressão do velho, a velha responde com uma praga. É o que mostra a figura 29:

Figura 29 – A maldição no verso rimado

	VELHA Quem vos pôs i essa rosa? <i>Má força que vos enforque!</i>
---	--

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 232), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

A maldição proferida pela mulher toma por base uma ação mais violenta: *Morra!* Dessa vez, com o verbo *enforcar*, analisado no quadro 29.

Quadro 29 – Enforcar e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 2285)	-----	Suspender em uma forca.
	Silva (1789, p. 695)	v. at.	Suspender alguém pelo pescoço na forca, gênero de morte. Suspender de algum ramo, forquilha, v.g. os caxos (<i>sic</i>). Entalar.
XIX	Pinto (1832, p. 413)	v. a.	Suspender pelo pescoço o réu na forca para dar-lhe morte. Suspender de um ramo, de uma forquilha.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 1394)	v.tr.	Suspender (alguma pessoa) pelo pescoço na forca ou em qualquer objeto alto (como o lais da verga, um ramo da árvore etc.) para a estrangular: <i>O corregedor fizera isto com a prontidão e asseio com que o mais hábil algoz enforcaria o seu próximo</i> (Herculano). Fazer que fique preso colocando mal; entalar: o remador enforcou o remo. (Brasileirismo) Fazer feriado um dia que fica entre dois outros em que se não trabalha. (Figurado) enforçar esperanças ou afetos, renunciar a eles. (Figurado) Vender por preço muito baixo. (Hipérbole) Enforçar uma volta, fazê-la, com um raio demasiado curto, para o veículo que se conduz. Enforçar a mesada, o rendimento, as rendas, gastá-las de pronto, esbanjá-las. V. pr. Suicidar-se por estrangulação, suspendendo-se pelo pescoço. Enforçar-se em um negócio de venda, vender por preço muito baixo. (Familiar) Casar.
	Jucá Filho (1965)	-----	Não registra.
XXI	Ferreira (2009, p.)	v.	Supliciar na forca; suspender pelo pescoço em lugar alto, asfixiando; colgar. Estrangular; asfixiar
	Houaiss e Villar (2009, p. 757)	v.	Matar (alguém ou a si mesmo) por estrangulação, suspendendo pelo pescoço, por meio de corda pendente de forca ou qualquer local alto. Provocar asfixia, apertando o pescoço; estrangular.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

O verbo *enforcar* (século XII) não está consignado em Nascentes (1966), talvez por remeter a uma questão delicada. Bluteau (1712-1728) e Ferreira (2009) apresentam-nos, respectivamente, *suspender* e *suspender pelo pescoço*; Silva (1789) indica que se trata de uma pessoa, *suspender alguém*; Pinto (1832) personaliza, *suspender o réu*; Caldas Aulete (1964, p. 1394) especifica “Suspender (alguma pessoa) pelo pescoço [...]”. Nesse dicionário, *enforcar* é um verbo bastante produtivo. Houaiss e Villar (2009) oferecem-nos uma descrição objetiva sobre o ato de *enforcar*. Da abonação “Permita Deus que vá parar antes em uma forca” (Plauto) e dos adágios portugueses “Que muitas vezes à cadeia final é de forca”, “Vai-te à forca”, apresentados por Bluteau (1712-1728, p. 167), deduzimos que *Má forca que vos enforque*, no texto, representa mais uma expressão popular do que a real vontade da velha de que algo negativo acontecesse com o velho.

Os xingamentos mútuos continuam, conforme se verifica na figura 30.

Figura 30 – Mais uma vez, a censura

Molh. Agora co'as cruas novas vos tornastes vos granhão	VELHA Agora co'as ervas novas vos tornastes granhão.
--	---

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 232), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. último acesso em dezembro de 2022.

A velha emprega *granhão*, um insulto antigo que vigora. É o que demonstram os dicionários, no quadro 30.

Quadro 30 – *Garanhão* e seus significados nos dicionários

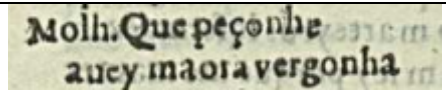
Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 29)	-----	Cavalo de lançamento ou pai e cavalo das éguas. Também se chama o homem luxurioso que se trata com muitas mulheres.
	Silva (1789, p. 78)	Subst. Masc.	Pai das éguas; Figurado: o frascário, putanheiro que requebra muitas mulheres.
XIX	Pinto (1832, p. 548)	Subst. Masc.	Cavalo de lançamento; Frascário.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 1903)	Subst. Masc.	Chulo: Homem libidinoso, concupiscenti. Femeeiro (homem dado às mulheres; bordeleiro)
	Jucá Filho (1965)	-----	-----
XXI	Ferreira (2009, p. 964)	Subst. Masc.	Cavalo destinado à reprodução; Figurado: homem femeeiro.
	Houaiss e Villar (2009, p. 953)	Adj. e subst. masc.	Diz-se de ou cavalo destinado à reprodução; por metáfora: diz-se de ou homem muito dado a mulheres; femeeiro.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Garanhão (século XVI), segundo sua etimologia, deriva “do frâncico *wrainjo*, através do francês *garagnon*” (Nascentes, 1966, p. 350). Desde Bluteau (1712-1728, p. 29), *garanham* ou *granhão* possui duas definições: a primeira, comum, designa um tipo de cavalo; a segunda, metafórica, atributo de determinados homens, cujas terminações são usadas em sentido depreciativo: *-eiro* (*putanheiro*, *femeeiro* *bordeleiro*); *-ario* (*frascário*) – *oso* (*luxurioso*; *libidinoso*); *concupiscenti*. São muitos os sentidos de *granhão*, o que demonstra ser essa uma palavra muito produtiva na língua. Em Caldas Aulete (1964), a classificação *chulo*. Jucá Filho (1965) não registra essa palavra, talvez pela definição observada em Aulete (1964), de uma forma ou de outra, novamente, o silêncio pode dizer muito sobre a postura do autor em relação a incluir determinadas palavras no seu dicionário.

A partir de garanhão, intensifica-se o tratamento áspero (e rimado) entre os cônjuges, como vemos na figura 31.

Figura 31 – Entre a traição e a rima

DISFEMISMO	
	VELHA Que peçonha! Havei, má hora, vergonha

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 232), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. último acesso em dezembro de 2022.

A ofensa dessa vez é *Que peçonha!* A seguir, no quadro 30, as ocorrências desse vocábulo nos dicionários.

Quadro 31 – *Peçonha* e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 343)	-----	Veneno.
	Silva (1789, p. 416)	Subst. fem.	Veneno. A matéria podre das feridas. Figurado: a prática branda tem sua peçonha, isto é, a boa linguagem persuade talvez a obrar mal. A peçonha da heresia. <i>Amor, peçonha doce da alma, da honra e vida.</i>
XIX	Pinto (1832, p. 795)	Subst. fem.	Veneno pus.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 3028)	Subst. fem.	Secreção venenosa de certos animais. Veneno. Figurado: maldade, malícia.
	Jucá Filho (1965, p. 473)	-----	Veneno, secreção venenosa; maldade, malícia.
XXI	Ferreira (2009, p. 1516)	Subst. fem.	Secreção venenosa de alguns animais; veneno. Figurado: malícia, maldade.
	Houaiss e Villar (2009, p. 1455)	Adj. e subst. masc.	Secreção venenosa de certos animais; substância venenosa; Figurado: inclinação para fazer o mal; maldade; malícia.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

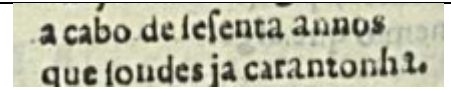
Peçonha (século XIII) origina-se do deverbais de um *poçonhar*, do latim vulgar *potionare* que aparece derivado com a forma *empoçoñar* (Nascentes, 1966, p. 563). Em todos os dicionários consultados, um consenso: *peçonha* quer dizer *veneno*. Em Silva (1789), Caldas Aulete (1964), Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009), a separação entre o sentido comum e o figurado. A ideia lançada em Bluteau “a boa linguagem persuade talvez a obrar mal” reproduz-se em Caldas Aulete (1964), Jucá Filho (1965), Ferreira (2009) e Houaiss

(2009): *malícia, maldade*, que quer dizer enganar com palavras capciosas. Guérios (1956, p. 212) diz que, do latim *potio*, *peçonha* queria dizer primitivamente “bebida”, mas veio a significar “veneno”, além de bebida mágica e “bebida medicinal”.

Que peçonha! revela a intensidade do desapontamento da velha e funciona como um desabafo diante da frustração de ver o marido caído de amores por e “tentando enganar” outra mulher mais jovem. *Peçonha* é o termo encontrado pela velha para mostrar o comportamento traiçoeiro e venenoso do marido.

Para completar o trio de rimas com *-onha*, a velha inclui *carantonha* nas ofensas. Na figura 32, a condição do velho na perspectiva da mulher.

Figura 32 – A condição de velho

	VELHA a cabo de sessenta anos, que sodes já carantonha.
---	---

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 232), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

No quadro 32, o que significa *carantonha*.

Quadro 32 – *Carantonha* e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 138)	-----	Máscara ou cara grande e muito feia.
	Silva (1789, p. 344)	Subst. fem.	Cara feia. Máscara. Fazer carantonhas: cocos, medos.
XIX	Pinto (1832, p. 194)	Subst. fem.	Cara feia. Máscara.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 697)	Subst. fem.	Cara feia. Careta. Máscara.
	Jucá Filho (1965, p. 129)	-----	Cara feia. Carranca. Caraça.
XXI	Ferreira (2009, p. 401)	Subst. fem.	Cara grande e feia. Caraça. Carão, cariz, carranca, esgar.
	Houaiss e Villar (2009, p. 400)	Adj. e subst. masc.	Cara grande, caraça, cara fechada, cara feia, carranca.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Sobre a etimologia de *carantonha* (século XIV), “Adolfo Coelho considerou uma derivação irregular de *cara*, q.v. Aulete tirou de *carão*, q.v., e um *tonha*, que não explica”

(Nascentes, 1966, p. 148). Nascentes cita José Pedro Machado, que afirma ter a palavra derivação obscura. Houaiss e Villar (2009) também concordam com a origem controversa de *carantonha*. Diferentemente de Adolfo Coelho, Carlos Góes (1913) considera – *onha* um sufixo aumentativo, de que *carantonha* é um exemplo. Com base nos sentidos, deduz-se que ao atribuir tal característica ao marido, a intenção da velha tenha sido dizer-lhe *cara grande*, *muito feia*, em razão da idade (*a cabo de sessenta anos*).

A figura 32 ilustra o trecho em que a velha insiste na idade avançada do marido.

Figura 33 – A velhice eterna

Molh. e la vos estais em ydade de mudardes os costumes.	VELHA Já vós estais em idade de mudardes os costumes.
--	--

Fonte: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (1586, p. 232), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

*Estar em idade*⁷⁹ *de mudar os costumes*, na opinião da velha, significa que o velho atingiu a idade avançada, o espaço de tempo da vida que se deve privar de determinadas ações, como cortejar mulheres jovens, por exemplo.

Na cena que se segue, figura 34, outros xingamentos.

Figura 34 – A velhice e suas feiuras

Velho. e Leixai-me far namorado porq' o sou muyto em extremo Velh. mas q' vos tome inda o demo se vos já nam tem tomado Velho. Dona torta acertar por essa porta velha. mal aventurada sair maora daorta Velh. Huy amara, aqui sou morta ou espancada.	VELHO Leixai-me ser namorado, porque o sou muito em extremo. VELHA Mas que vos tome inda o demo, se vos já não tem tomado. VELHO Dona torta, acertar por essa porta, velha mal aventurada, sair, má hora, da horta! VELHA Hui amara! Aqui sou morta, ou espancada.
---	---

Fonte: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (1586, p. 232), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Os dicionários não registram a construção *dona torta*, por esse motivo, vamos consultar o significado de *dona* e *torta* separadamente. Iniciamos por *dona*, quadro 33.

⁷⁹ Uma vez que analisamos os sentidos de *idade* (quadro 11), consideramos desnecessário repetir as informações sobre esse verbete.

Quadro 33 – Dona e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 287)	-----	Título de mulher nobre. Mulher de idade, que serve em uma casa com capelo, à diferença das donzelas.
	Silva (1789, p. 638)	s.f.	Dona propriamente é a mulher que conhece varão, não virgem. Título de mulher nobre, que tanto vale como senhora. Dona, antiquado avó. Mulher idosa, que servia nas casas com capelo à diferença das donzelas. Viúva.
XIX	Pinto (1832, p. 379)	s.f.	Em sentido próprio é a mulher que conhece o varão. Título de mulher nobre. Mulher idosa. Dona, antigamente, era a Avó.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 1278)	s.f.	Forma feminina de dono. Título honorífico ao qual costuma ser precedido o nome das rainhas, princesas, fidalgos e em geral o das senhoras de boa sociedade. (Bras. Sul) senhora solteira. (Bras. e faial) esposa. Bras. (pop.) mulher. (Bras.) Dona boa.
	Jucá Filho (1965, p. 223)	-----	Feminino de ‘dono’ e de ‘dom’.
XXI	Ferreira (2009, p. 700)	s.f.	Senhora de alguma coisa; proprietária. Título de tratamento honorífico que antecede o nome próprio das mulheres pertencentes às famílias reais de Portugal e do Brasil. Título que precede o nome próprio das senhoras. Dama, senhora. Bras. Pop. Mulher moça.
	Houaiss e Villar (2009, p. 708)	s.f.	Título concedido às senhoras de famílias nobres (abrev.: d. ou D.) [Us. como tratamento honorífico, de que era precedido o nome próprio de mulheres pertencentes às famílias reais de Portugal e do Brasil, estendeu-se a todas as mulheres distinguidas por algum título de respeito, como as casadas, viúvas, religiosas.] Regionalismo: Brasil. Mulher casada; esposa; Proprietária; senhora Regionalismo: Brasil. Uso: informal. Qualquer mulher.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

No quadro 34, o vocábulo *torta*.

Quadro 34 – Torta e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 218)	-----	Massa bem sovada e quase na forma da dos pastéis comuns em que se mete e se coze carne ou peixe ou leite ou fruta. No êxodo e em outros lugares da sagrada escritura se acha torta panis e na mais comum opinião vai o mesmo que bolo e torta se deriva do latim tortus. Adágios portugueses da torta: de taes vodas, tais tortas. À mingua de pão, boas são tortas.
	Silva (1789, p. 1599)	s.f.	Pastel de massa grossa, dentro da qual estão pombos, carne, peixe, fruta ou nata, guisados dentro dele.
XIX	Pinto (1832, p. 1047-1048)	s.f.	Pastel grande de massa recheado de carne, peixe, fruta etc. guisados dentro dele.
XX	Caldas Aulete (1964, p.	s.f.	Pastel grande feito de carne, peixe, fruta, nata etc. (Bras.) Bagaço que resulta da prensagem de sementes oleaginosas (para a extração

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
	4008)		de óleo) e serve como adubo e forragem.
	Jucá Filho (1965)	-----	Não registra.
XXI	Ferreira (2009, p. 1967-1968)	s.f.	Espécie de pastelão doce ou salgado, recheado, com a tampa de massa ou sem ela. Bolo de camadas, recheado e em geral com cobertura. Bagaço proveniente da prensagem das sementes oleaginosas e que se usa como adubo e forragem. Lusitano culto: rocambole doce.
	Houaiss e Villar (2009, p. 1859)	s.f.	Espécie de pastelão recheado de carne, camarão, palmito etc., ou de outros ingredientes como creme, frutas etc. Bagaço resultante da prensagem das sementes oleaginosas empregado como adubo ou forragem.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Vamos compreender o que significa *dona torta*. Do latim *domina* “dona”, como título de respeito diante de nome próprio. Feminino de dono, q.v. (Nascentes, 1966, p. 253). Do latim tardio *torta* “pão redondo” (Nascentes, 1966, p. 739). Nitidamente crua, com um tom humorístico, a construção *dona torta* é um insulto do velho dirigido à velha. Entre os sentidos do termo *dona*, destacamos dois, diferentes um do outro, para sustentar a discussão. ***Dona***: 1. *Título de mulher nobre*; 2. *Mulher de idade, que serve em uma casa com capelo, à diferença das donzelas*. Considerando o contexto da cena, sabemos que a intenção do velho não foi enaltecer a esposa, certamente ele não se referiu a ela no sentido da definição 1. Consideramos, portanto, parte da definição 2: *Mulher de idade [...] à diferença das donzelas*.

Passemos à palavra *torta*. O adágio português trazido por Bluteau (1712-1728) à *mingua de pão, boas são as tortas* é sugestivo, no entanto, os resultados encontrados não nos ajudaram a formular uma explicação mais convincente (não vislumbramos uma injúria como *dona massa* ou *dona bolo*, ou mesmo *dona torta*). Assim, partimos para a análise dos outros dicionários. Em Caldas Aulete (1964), Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009), além de espécie de pastelão recheado de carne, palmito, camarão etc., *torta* tem outra acepção, um brasileirismo: *bagaço resultante da prensagem das sementes oleaginosas empregada como adubo ou forragem*. Nesse caso, tendo em vista que a atitude do velho é de rejeição, acreditamos que *dona torta* significa *mulher de idade à diferença das donzelas*, um *bagaço*.

Diferentemente da forma como agiu em relação ao parvo (*Vai-te daí*), figura 25, *acertar por essa porta*, figura 34, foi a maneira que o velho encontrou para ordenar à velha que fosse embora. Ainda que no infinitivo, o verbo *acertar* adquire o sentido de *ir*, no imperativo (*vá embora*). De outra maneira, *acertar por essa porta*, para nós, pode significar ainda: *Está vendo essa porta? Saia! Está vendo aquela porta ali? Saia!* Os insultos dirigidos à velha culminam em *velha mal-aventurada*, palavra cujas definições constam no quadro 35.

Quadro 35 – *Mal-aventurada* e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 11)	-----	Malafortunado.
	Silva (1789, p. 251)	Adj.	Infeliz, desgraçado. <i>Chegou a mãe deslucada e descabelada chamando-se mal-aventurada.</i>
XIX	Pinto (1832, p. 680)	Adj.	Infeliz.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 2469)	adj. e s.m.	Infeliz, desditoso, desgraçado.
	Jucá Filho (1965, p. 403)	-----	Sinônimo de <i>mal-afortunado</i> .
XXI	Ferreira (2009, p. 1254)	s.m.	Infeliz; desgraçado. Desventurado.
	Houaiss e Villar (2009, p. 1221)	s.m.	Que ou aquele que é infeliz; infortunado, malsortado, malventuroso.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

A todos os sentidos de *velha*, conforme vimos anteriormente (*antigo, idoso, senil, caduco, decrépito, vetusto; usado, gasto; antiquado, obsoleto*), se soma a locução adjetiva *mal aventurada* (século XIII), que quer dizer, conforme os dicionários, *velha infeliz, mal-afortunada*. *Vai-te daí, não t'açoute* foi a forma encontrada pelo velho para expulsar o parvo da horta. Na fala da velha, em *aqui sou morta, ou espancada* (figura 34), parece que a ideia de *morrer* é menos grave do que a de apanhar (*ser espancada*) perante os outros.

Quadro 36 – *Espancar* e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 257)	-----	Dar com pão. Maltratar com pancadas.
	Silva (1789, p. 755)	V. at.	Dar pancadas, moer com pancadas, zurzir. Couto: <i>“espancando-o a ele e a seus parentes e criados”</i>
XIX	Pinto (1832, p. 455)	V. at.	Dar pancadas.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 1453)	Verbo	Dar pancadas em, zurzir, desancar. Figurado: afugentar, repelir, dissipar.
	Jucá Filho (1965, p. 267)	-----	Bater, desancar, sovar, surrar, maçar, zurzir; afastar, afugentar, dissipar.
XXI	Ferreira (2009, p. 804)	Verbo	Agredir com pancadas; desancar.
	Houaiss e Villar (2009, p. 812)	Verbo	Dar pancadas em; bater em, surrar.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Espancar (século XV), formado do prefixo *es-*, *panca*, q.v., e desinência *-ar*. “*Panca* é um pau grosso que serve de alavanca para levantar grandes pesos” (Nascentes, 1966, p. 288). Em Bluteau (1712-1728, p. 257), *espancar* é tomado primeiramente com o sentido de *dar com pão*, seguido de *maltratar com pancadas*. Mais tarde, em Silva (1789, p. 755), *dar com pão* desaparece, mantendo-se apenas *dar pancada*, *moer com pancadas*, *zurzir*. Discordamos de Kröll (1984), que considera *dar pancada* um eufemismo, cujo objetivo é minimizar a impressão desagradável que o castigo evoca e a vergonha de ser castigado pelos outros. Se tomarmos o sentido de *espancar*, hoje, significando *dar pancadas*, acreditamos que a expressão tem um sentido mais grave, remete à violência, sendo, portanto, um disfemismo.

O velho dirige-se novamente à velha *tanto são mais endiabradas*, conforme a figura 35.

Figura 35 – Mulheres, velhice, estigmas e o diabo

	VELHO Estas velhas são pecados, Santa Maria vale com a praga! Quanto as homem mais afaga, tanto são mais endiabradas.
--	--

Fonte: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (1586, p. 232), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

No quadro 37, os diferentes sentidos de *endiabradas*.

Quadro 37 – *Endiabradas* e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 101)	-----	Desatinado, furioso, como se tiver o diabo no corpo. Plínio: <i>Esta mulher está endiabrada</i> .
	Silva (1789, p. 691)	Adj.	Endemoninhado. Figurado: mau, furioso. O que adivinha como os endemoninhados ou conhece e sabe por meios sobrenaturais as coisas ocultas. “endiabrada, parecer que tem algum espírito familiar que lhe diz quanto eu faço.”
XIX	Pinto (1832, p. 411)	Adj.	Desatinado, furioso, como se fora possesso do diabo.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 1384)	Adj.	Diabólico, endemoninhado. Figurado: mau, terrível, furioso, infernal.
	Jucá Filho (1965, p.)	-----	-----
XXI	Ferreira (2009, p. 748)	Adj.	Endemoninhado. Mau, terrível, furioso.

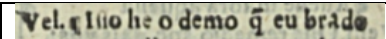
Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
	Houaiss e Villar (2009, p. 753)	Adj.	Mesmo que <i>endemoniado</i> ('diabólico' e 'travesso'); Figurado: que é mau, terrível, furioso. Figurado: que é vivo, muito esperto, extraordinário naquilo que costuma fazer ou eventualmente faz.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Do prefixo *en-*, do arcaico *diabro* “diabo” e desinência *-ado*. (Nascentes, 1966, p. 267). Carlos Góes (1913, p. 81) registra para o prefixo *en-*, entre outros, o sentido de *ação*. Associado a *diabra*, significaria *ação do diabo*. Bluteau (1712-1728) traz uma abonação (sugestiva) de Plínio: *Esta mulher está endiabrada*. Houaiss e Villar (2009, p. 678) registram *diabra*, diabo feminino. Ferreira (2009) também registra *diabra*, mesmo que *diaba*, feminino de *diabo*. Assim, em *endiabradas* (século XIII), temos *en* + *diabra* + *das*, que quer dizer *endiabrado*, *desatinado*, *furioso*, *como se tiver o diabo no corpo* (Bluteau, 1712-1728, p. 101). Silva (1789) e Caldas Aulete (1964) destacam o sentido figurado, que quer dizer *mau*, *furioso*. Houaiss e Villar (2009), além desses, oferecem-nos outro sentido figurado para *endiabrado*: *vivo*, *esperto* naquilo que faz.

Depois de *endiabradas*, repete-se *demo* nas figuras 36, 37 e 38, palavra proferida, respectivamente, pelo velho, pela alcoviteira e pelo alcaide.

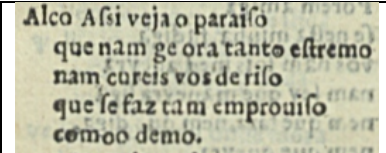
Figura 36 – A aversão do velho em relação à velha

	VELHO Isso é o demo que eu brado
---	----------------------------------

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 233), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Na figura 37, a alcoviteira quer obter vantagem e enganar o velho.

Figura 30 – A intenção de extorquir dinheiro do velho

	ALCOVITEIRA Assi veja o paraíso, que não é ora tanto extremo. Nam curedes vós de riso que se faz tão improviso como o demo:
---	---

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 233), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Diante do oficial de justiça, na figura 38, a última alternativa da alcoviteira.

Figura 31 – A solução: rezar para o demo

Alca. Levantai-vos d'í senhora; dai ao demo esse rezar; quem vos fez tão rezadora? Alco. Leixai-m'ora na má hora, aqui acabar.	ALCAIDE Levantai-vos d'í senhora; dai ao demo esse rezar; quem vos fez tão rezadora? ALCOVITEIRA Leixai-m'ora na má hora aqui acabar.
--	---

Fonte: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (1586, p. 234), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Após a sequência de *demo*, os sentidos desse termo no quadro 38.

Quadro 38 – *Demo* e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 55)	-----	Demônio. Adágios portugueses do Demo: às vezes corre mais o demo que a lebre. A criado novo pão e ovo, e depois de velho, pão e demo. Homem vergonhoso, o demo o trouxe ao paço. Viu-se o demo em focos e quer pisar nos outros. Assim anda o demo às avessas e o carro com os bois. Vem o demo de fora, enxota as galinhas de casa. Quem anda em demanda, com o demo anda. A quem o demo toma uma vez, sempre lhe fica um jeito. Bem sabe o demo cujo fragalho rompe. Quem com o demo anda, com ele acaba. Quem com o demo cava a vinha, com o demo a vindina. Quem demos compra, demos vende. Não é o demo feio como o pintam. A mulher que dá no homem, na terra do demo morre. Cantos na mão e o demo no coração.
	Silva (1789, p. 691)	s. m.	Familiar. Demônio. Sá de Miranda. Lusíada VIII. Figurado: Homem vivo, muito esperto. Eufr. Cuidar que mata a brasa de demo que se vantagem a todos na esperteza e agudeza.
XIX	Pinto (1832, p. 318)	s. m.	Contração de demônio. Muito esperto. Matar a brasa de demo. (familiar) Exceder a todos em esperteza.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 1082)	s. m.	(familiar) Demônio, diabo. Pessoa inquieta, turbulenta: Aquele rapaz é o demo. Homem de mau gênio, de caráter ríspido. Pessoa astuta, ardilosa. Forma latina <i>daemon</i> .
	Jucá Filho (1965, p. 188)	-----	Designação familiar do 'demônio'. <i>Que o leve o demo</i> (Alencar). <i>Sinal lhe mostra o demo verdadeiro</i> (Camões).
XXI	Ferreira (2009, p. 616)	s.m.	Forma reduzida de demônio. Demônio. Pessoa turbulenta ou muito astuciosa.
	Houaiss e Villar (2009, p. 612)	s.m.	Espírito maligno; demônio, diabo. Derivação: por extensão de sentido: pessoa de índole maldosa, cruel. Ex.: aquele assassino é o demo. Derivação: sentido figurado: indivíduo que age com esperteza, ardil, sagacidade. Derivação: sentido figurado: pessoa de comportamento inquieto, turbulento.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Em Nascentes (1966, p. 234) *demo* (século XIII) significa *demônio*. Forma reduzida eufêmica de demônio, q. v. O latim *daemon* não seria palavra popular. Os dicionários mostram que a forma *demo* é produtiva na língua, prova disso é a quantidade de adágios formulados com esse termo que aparece em Bluteau (1712-1728). Para Silva (1789), Pinto

(1832), Caldas Aulete (1964) e Jucá Filho (1965), é uma denominação empregada no meio familiar. Pinto (1832) esclarece que se trata de uma contração de *demônio*. Em Jucá Filho (1965), presentes duas abonações, uma de Alencar e outra de Camões. Houaiss e Villar (2009) descrevem a ampliação de sentidos e formas figuradas com o emprego dessa palavra.

Correia (1927) e Kröll (1984) incluem *demo* no domínio dos eufemismos de superstição. *Demo* seria, para o primeiro autor, uma alteração do campo fonético, uma deformação de *demônio*. Para o segundo, uma forma vulgar usada para substituir o nome que não se quer pronunciar. Guérios (1956) afirma que é uma deformação voluntária do termo tabu *demônio*. Não obstante esses autores considerarem *demo* eufemização do nome do *diabo*, para nós, neste estudo, *demo* é um disfemismo.

Quando o alcaide se dirige à alcoviteira e diz *dai ao demo esse rezar* ou quando o velho, diante da velha, esbraveja *Isso é o demo que eu brado*, não consideramos a palavra *demo* isoladamente, mas dentro de um contexto em que predomina a grosseria. Da mesma forma, a alcoviteira em *Nam curedes vós de riso/que se faz tão improviso/como o demo* dirigindo-se ao velho e o parvo afirma para si mesmo *que meu dono está danado/Viu ele o demo no ramo!*, temos a ameaça da alcoviteira, na tentativa de extorquir dinheiro do velho, e uma sátira alegórica nas palavras do parvo.

Na próxima subsecção, a segunda parte da conversa entre o velho e a mocinha.

6.4.4 O velho e a mocinha (parte 2)

A figura 39 ilustra a parte da peça em que a mocinha informa ao velho sobre o destino de Branca Gil, a alcoviteira.

Figura 32 – A punição para Branca Gil

EUFEMISMO	
Mo. Nam choreis. <i>mais malfadada vay aquella</i> Ve. Quê; Mo. Bráca gil. Ve. Como Mo. Com cent'acoutes no lombo	MOÇA Não choreis. Mais malfadada vay aquella VELHO Quem? MOÇA Branca Gil. VELHO Como? MOÇA Com cent'acoutes no lombo,

Fonte: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (1586, p. 234), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Os sentidos de *malfadado* constam no quadro 39.

Quadro 39 – *Malfadado* e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 268)	-----	Que nasceu debaixo de má estrela.
	Silva (1789, p. 251)	Adj.	Que tem mau fado ou destino; nascido para males.
XIX	Pinto (1832, p. 680)	Adj.	Que tem mau destino, que nasceu para ser infeliz.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 2472)	Adj.	Que nasceu com mau fado, desditoso, desgraçado. <i>Acudi à desgraça a uma filha malfadada</i> (Garret).
	Jucá Filho (1965, p. 404)	Adj.	Desgraçado, infeliz.
XXI	Ferreira (2009, p. 1256)	Adj.	Que tem mau fado, má sorte, desditoso, desgraçado.
	Houaiss e Villar (2009, p. 1222)	Adj. e subst. Masc.	Que ou aquele que possui mau fado; desgraçado, desventurado, mal-aventurado.

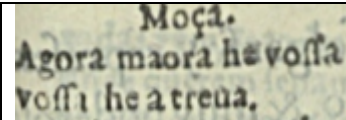
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Malfadado (século XIII) deriva do latim *male* “mal” e *fatatu* “ordenado pelo destino” (Nascentes, 1966, p. 461). De acordo com os sentidos dos dicionários, “mau fado”, *malfadado* é um adjetivo relacionado a destino, um sentido menos penoso que o apresentado na farsa, bem como nos encontrados em dicionários mais antigos “que nasceu com [...]”.

A ironia manifesta-se na fala da moça com o velho, referindo-se à condição da alcoviteira que está sendo levada à cadeia (*com cent’açoutes no lombo*). O verbo *açoutar* foi empregado duas vezes em *O velho da horta*, uma, pelo velho, ao ameaçar o parvo; a outra, pela moça em relação à Branca Gil. Deduz-se que *açoutar* (*castigar com açoites*) fosse, talvez, menos grave e mais comum que *espancar* (*moer com pancadas*), termo empregado pela velha diante da agressividade do velho. Na seção *bater/dar pancada*, Kröll (1984) introduz *aquecer o lombo*, outra expressão figurada que aproxima o sentido de *aquecer* do efeito causado por *cent’açoutes*.

Após comunicar sobre o casamento da moça, a mocinha não hesita e determina, figura 40:

Figura 40 – A punição para o velho

	MOÇA Agora má hora é vossa, vossa é a treva.
---	---

Fonte: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (1586, p. 235), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

No quadro 40, os significados de *treva*.

Quadro 40 – Treva e seus significados nos dicionários

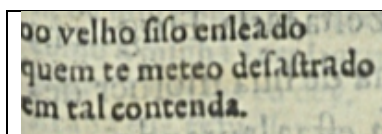
Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 276)	-----	Registra <i>trevas</i> (no plural): carência e privação total de luz.
	Silva (1789, p. 807)	s.f	Usa-se de comum no plural: a treva da noite, a escuridão. Eneida: “cobertos com a treva e noite escura”. Trevas: s.f. PL. escuridão; falta de luz. Figurado: as trevas da cegueira, da ignorância. Ofício de trevas, e o que se faz à tarde da quarta-feira da Semana Santa.
XIX	Pinto (1832, p. 1062)	s.f. pl.	<i>Trevas</i> : Escuridade.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 4055)	Subst. Fem.	<i>Treva</i> : Figurado: ignorância, escuridão moral. Compadeço-me das trevas do seu espírito. (R. da Silva)
	Jucá Filho (1965, p. 633)	-----	<i>Treva</i> : escuridão, escuridão, a noite, ausência de luz; cegueira, erro; inferno. Mais usado no plural.
XXI	Ferreira (2009, p. 1988)	Subst. Fem.	<i>Trevas</i> : Escuridão absoluta; noite; Figurado: estupidez, ignorância;
	Houaiss e Villar (2009, p. 1877)	subst.fem.	<i>Treva</i> : total ausência de luz; escuridão. <i>Trevas</i> : sentido figurado: falta de conhecimento; ignorância por falta de estudo ou esclarecimento. Figurado: o castigo do inferno. Ex.: Seus pecados o condenaram às trevas.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Na peça, encontramos *treva* (século XIII). Nascentes (1966, p. 747) registra *trevas*. Do latim *tenebras*, através da cadeia *teebras*, *teebras*, *teebras*, *treebras*”. O substantivo *treva* não relativiza a condição do velho. À primeira vista, sugere-nos a ideia de *inferno*. Registrado no plural no dicionário de Bluteau (1712-1728, p. 276), quer dizer *carência e privação total de luz*. Em Silva (1789, p. 807), surge, no singular, *a treva da noite, a escuridão, cobertos com a treva, e noite escura*, e no plural, *escuridão, falta de luz*. Houaiss e Villar (2009, p. 787): *escuridão absoluta; noite*. Aos sentidos anteriores, Jucá Filho (1965, p. 633) acrescenta outros, *cegueira, erro, inferno*, e cuida de apresentar-nos um exemplo sugestivo: *Pobre velho que vive nas trevas*. Ferreira (2013, p. 756), da mesma forma, inova e cita *ignorância, estupidez*. Esses três últimos autores fazem uma ressalva: a expressão é mais usada no plural. Com base nos sentidos que adquire tanto em Jucá Filho quanto em Ferreira, a expressão nos remete a *estais às escuras*, locução presente na fala da primeira moça da farsa, também se referindo ao velho.

A atitude do velho faz a moça lastimar e referir-se, de certo modo, à sua possível “estupidez”. É o que mostra a figura 41:

Figura 41 – A presença (insistente) da velhice/caducidade

	MOÇA Oh, velho, <i>siso enleado</i> , quem te meteu, <i>desastrado</i> , em tal contenda?
---	---

Fonte: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (1586, p. 235), versão digitalizada da Biblioteca Nacional Portuguesa. Disponível em: <http://purl.pt/15106>. Último acesso em dezembro de 2022.

Essa passagem nos remete à outra do início da farsa quando, diante da situação incômoda (abordagem do velho), a primeira moça sugere que o velho não tem juízo e afiança, *siso enleado*, conforme quadro 41:

Quadro 41 – *Enleado* e seus significados nos dicionários

Século	Dicionário	Classif. Gram.	Significado
XVIII	Bluteau (1712-1728, p. 125)	-----	Embaraçado, no sentido natural e moral. Caminho enleado, intrincado, dificultoso de acertar. Perplexo, duvidoso, suspenso. Juízo enleado.
	Silva (1789, p. 701)	Part. pass. de enleiar	Embaraçado. Caminho enleado. Intrincado. Enredado. Figurado: <i>o rico enleado na cobiça</i> . Perplexo, embaraçado enlaçado. Juízo enleado. Linguagem enleada.
XIX	Pinto (1832, p. 417)	Adj.	Perplexo, intrincado, enredado, embaraçado, acanhado.
XX	Caldas Aulete (1964, p. 1408)	Adj.	Ligado, entrelaçado, embaraçado. <i>Que ele de enleado e perturbado não atua com a razão</i> (Heitor Pinto) Linguagem enleada – a que não exprime bem o pensamento. Alma enleada, a que manifesta escrúpulos ou remorso.
	Jucá Filho (1965, p. 247)		O mesmo que enleio: atilho, o liame; enleia, corda, o cordel; travação; embaraço, enredo, confusão, intriga, labirinto, dificuldade, dúvida; perplexidade, vacilação, indeterminação, flutuação.
XXI	Ferreira (2009, p.)	Adj.	Entrelaçado, enredado, emaranhado. Figurado: perturbado, indeciso, confuso.
	Houaiss e Villar (2009, p. 763)	Adj.	Que se enleou; que está entrelaçado, enredado. Ex.: fios enleados. Figurado: perplexo, atônito, atrapalhado. Ex.: ficou enleado ao ouvir a recusa. Figurado: mal explicado; confuso. Ex.: texto enleado Figurado: que demonstra susto; assustado.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dicionários consultados.

Enlear (século XV), do lat. *illigare*, através de *illegare*, *inlegare* (Nascentes, 1966, p. 269). Bluteau (1712-1728) e Silva (1789) registram “juízo enleado”, sentido do texto. Observamos no trecho que não se trata de “perder”, mas de “não ter” juízo. Os dois exemplos provocam um sentimento análogo por parte das moças em relação ao velho, visto que uma linha tênue separa *siso enleado* de *não ter sisso natural*. Outra coincidência que confirma esse sentimento são as ocorrências: *qual será a desastrada que atente em vosso amor?* (primeira moça); *Quem te meteu desastrado?* (segunda moça). Analisados os dois casos (*siso* e

desastrado) conjuntamente, quer isso dizer que o contexto pode designar estupidez e/ou loucura.

Finalizamos a análise da segunda e última parte da peça, os disfemismos. O quadro 42 sintetiza os nossos resultados.

Quadro 42 – Disfemismos em *O velho da horta* (1512)

Quem usou	Presença (Genette, 1966) Adjunção (Dubois <i>et al.</i> , 1974)	Ausência (Genette, 1966) Supressão (Dubois <i>et al.</i> , 1974)	Mecanismos de construção – campo semântico (Dubois <i>et al.</i> 1974; Fiorin, 1988; Correia, 1927)	Categoria semântica Motivação (Leão Nunes, 1606; Meillet, 2016)
Moça para o velho	Vistes vós! Segundo isso, <i>nenhum velho não tem siso natural.</i>	Todo velho é doido	Ironia	Ofensa/Menosprezar
	Vossa alma não é lembrada que vos <i>despede esta vida?</i>	Você está morrendo	Personificação/ironia	Ofensa/Morte/Menosprezar
	E essa tosse <i>Amores de sobre posse serão os da vossa idade.</i>	<i>Amores de velhos são abusivos.</i>	Ironia/aliteração	Ofensa/Menosprezar
	<i>E qual será a desastrada, Que atente em vosso amor?</i>	<i>Nem uma doida quer você</i>	Prefixação negativa/ironia	Ofensa/Menosprezar
	<i>Oh, miolo de coelho mal assado</i>	<i>Oh, doido!</i>	Metáfora/ironia	Ofensa/ Menosprezar
Velho para o parvo	Vai-te daí, <i>não t'açoute.</i> Oh! <i>Dou ao decho</i> a chação sem saber.	Vai-te daí, <i>não t'espanco</i>	Deformação	Agressividade/intimidar
Parvo	que meu dono está danado. <i>Viu ele o demo no ramo!</i>	Meu patrão <i>enlouqueceu</i>	Deformação/Alegoria	Zombaria/menosprezar
Velho para a velha	Oh, pesar do <i>Anticristo</i>	<i>Incorporação do mal</i>	Prefixação negativa	Ofensa/ intolerância
	co'a velha <i>destemperada!</i> vistes ora?	Velha <i>louca</i>	Prefixação negativa	Ofensa/ intolerância
	Polo corpo de São Roque! comendo ao <i>demo a gulosa.</i>	<i>exagerada</i>	Deformação/hipérbole	Ofensa/ intolerância
	<i>Dona torta,</i> acertar por essa porta,	<i>Injusta</i>	Metáfora	Ofensa/ intolerância
	velha <i>mal aventurada,</i> sair, má hora, da	<i>Infeliz</i>	Prefixação negativa	Ofensa/ intolerância

Quem usou	Presença (Genette, 1966) Adjunção (Dubois <i>et al.</i> , 1974)	Ausência (Genette, 1966) Supressão (Dubois <i>et al.</i> , 1974)	Mecanismos de construção – campo semântico (Dubois <i>et al.</i> 1974; Fiorin, 1988; Correia, 1927)	Categoria semântica Motivação (Leão Nunes, 1606; Meillet, 2016)
	horta!			
	Estas velhas são pecados, Santa Maria vale com a praga! Quanto as homem mais afaga, tanto são mais <i>endiabradas</i> .	<i>Endemoniadas</i>	Deformação	Ofensa/intolerância
	Isso é o <i>demo</i> que eu brado,	<i>Demônio</i>	Deformação	Ofensa/ intolerância
Velha para o velho	Quem vos pôs i essa rosa? <i>Má forca que vos enforque!</i>	<i>Morra!</i>	Rima	Maldição/Ódio
	Agora co'as ervas novas vos tornastes <i>granhão</i> .	<i>libidinoso</i>	Deformação	Ofensa/Ódio
	Que <i>peçonha!</i>	Que <i>veneno!</i>	Metáfora	Ofensa/Ódio
	Havei, má hora, vergonha a cabo de sessenta anos, que sondes já <i>carantonha</i> .	<i>Cara feia</i>	Deformação	Ofensa/insultar
	Já vós estais <i>em idade de mudardes os costumes</i> .	Você é <i>velho</i> , não tem mais idade para isso	Ironia	Ofensa/insultar
	Mas que vos tome inda o <i>demo</i> , se vos já não tem tomado.	<i>Que o diabo o leve</i>	Deformação	Maldição/Ódio
	Hui amara! Aqui sou morta, ou <i>espancada</i> .	<i>Vou morrer de uma forma ou de outra</i>	Deformação	Medo/alertar
Alcoviteira para o velho	Nam curedes vós de riso que se faz tão improviso como o <i>demo</i>	<i>Demônio</i>	Deformação	Maldição/Enganar
Alcaide para a alcoviteira	Levantai-vos d'i senhora; dai ao <i>demo</i> esse rezar: quem vos fez tão rezadora?	<i>Vai rezar para o diabo</i>	Deformação/Ironia	Agressividade/amedrontar
Mocinha para o velho	Não choreis. Mais <i>malfadada</i> vay aquella	<i>Destino ruim</i>	Prefixação negativa	Sanção/Ironizar
	Com <i>cent' açoutes no lombo</i>	<i>Açoutada</i>	Hipérbole	Sanção/Ironizar
	Agora má hora é vossa,	Vosso é o <i>inferno</i>	Metáfora/Ironia	Maldição/Ironizar

Quem usou	Presença (Genette, 1966) Adjunção (Dubois <i>et al.</i> , 1974)	Ausência (Genette, 1966) Supressão (Dubois <i>et al.</i> , 1974)	Mecanismos de construção – campo semântico (Dubois <i>et al.</i> 1974; Fiorin, 1988; Correia, 1927)	Categoria semântica Motivação (Leão Nunes, 1606; Meillet, 2016)
	vossa é a <i>treva</i> .			
	Oh, velho, <i>siso enleado</i>	Oh, velho <i>sem juízo</i>	Ironia	Ofensa/Menosprezar
	quem te meteu, <i>desastrado</i> , em tal contenda?	Quem te meteu <i>doido</i> , em tal contenda?	Prefixação negativa	Ofensa/ironizar

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro 42 mostra os disfemismos encontrados na peça *O velho da horta* (1512) e especifica os falantes (quem usou, com quem), a fórmula, conforme a classificação de Genette (1966), presença/ausência, Dubois *et al.* (1974), supressão/ adjunção, o processo de formação de disfemismos proposto por Correia (1927), a categorização semântica, a alma da figura (Genette, 1966) e a motivação (Leão Nunes, 1606; Meillet, 2016), no caso do disfemismo, depreciar, ironizar, desmerecer o outro.

Baseando-nos na Sociolinguística Histórica, nesta segunda parte do estudo, procedemos à análise e descrição dos disfemismos encontrados em *O velho da horta* (1512). Seleccionamos três variáveis linguísticas: (i) *disfemismos*, (ii) *processos disfemísticos* e (iii) campo *semântico/motivação*. Na próxima subsecção, 6.5, traremos os resultados e discutiremos as variáveis linguísticas seleccionadas.

6.5 O Velho da Horta (1512): disfemismos e as variáveis linguísticas

Encontramos vinte e oito expressões disfemísticas em *O velho da horta* (1512). Em treze, o termo base é um substantivo⁸⁰ (*siso*, *sobreposse*, *miolo*, *demo*, *anticristo*, *garanhão*, *peçonha*, *dona*, *torta*, *aventurada*, *malfadada*, *gulosa* e *treva*). Quatro das ocorrências recaem sobre verbos (*despedir*, *açoutar*, *enforçar* e *espancar*) e oito sobre adjetivos⁸¹ (*desastrada*, *guloso*, *garanhão*, *peçonha*, *carantonha*, *mal-aventurado*, *endiabradas*, *malfadada*, *enleado*). A presença expressiva do adjetivo na formação dos disfemismos já nos revela um pouco sobre a natureza peculiar desses recursos.

Os primeiros disfemismos encontrados são proferidos pela moça no diálogo com o velho. Eles têm início em um contexto linguístico de tom irônico *Vistes vós! segundo isso e,*

⁸⁰ Desses, também funcionam como adjetivo: (*garanhão*, *peçonha*, *carantonha*, *torta*, *aventurada*, *malfadada*, *desastrada* e *gulosa*).

⁸¹ Todos os adjetivos mencionados podem funcionar como substantivo.

de maneira gradativa, vão de uma frase mais amena (15), passam por perguntas e provocações (*Vossa alma não é lembrada/E essa tosse/Qual será*), trechos (16), (17) e (18), até chegarem ao totalmente depreciativo (19).

(15) *Nenhum velho não tem siso natural.*

(16) *Vossa alma não é lembrada que vos despede esta vida?*

(17) *E essa tosse, amores de sobreposse serão os da vossa idade.*

(18) *Qual será a desastrada que atente em vosso amor?*

(19) *Oh! Miolo de coelho mal assado.*

Na peça, os contextos de difemismos relacionados à ofensa são fortemente associados a derivação, do que pode decorrer mudança na classe gramatical ou alteração de sentido. Eis as representações:

(I) Adjetivos derivados de substantivos

Ação		
<i>En</i>	<i>diabra</i>	<i>ada</i>

(II) Adjetivos derivados de substantivos (prefixação negativa)

Privação		Derivação
<i>Des</i>	<i>astr</i>	<i>ada</i>
	<i>Temper</i>	
<i>Mal</i>	<i>ventur</i>	
	<i>fad</i>	

(III) Adjetivo/substantivo

Aumento		Derivação verbo
<i>Es</i>	<i>panc</i>	<i>ada</i>

(IV) Substantivos + adjetivos

Substantivo		Derivação verbo
<i>Siso</i>	<i>enle</i>	<i>ado</i>
<i>Dona</i>	<i>torta</i>	

(V) Substantivo/adjetivo + *-onha/sobre/-osa*

	Aumento	
<i>Carat</i>	<i>onha</i>	
	<i>sobre</i>	<i>posse</i>
<i>Gul</i>	<i>osa</i>	

(VI) Substantivo + oposição

Oposição	
<i>Anti</i>	<i>Christo</i>

(VII) Deformação fonética: *demo*

No contexto de *maldição*, existe um padrão com xingamentos que se concentram em torno de palavras isoladas (I a VII) e disfemismos formados por frases inteiras, rimadas, conforme (17) e (20).

(20) *Má força que vos enforque!*

O controle da segunda variável analisada nesta segunda parte, *processos disfemísticos*, mostrou-nos resultados variados: *ironia*, quatro registros; *personificação*, um; *prefixação negativa*, seis; *metáfora*, quatro; *deformação*, onze; *rima*, um; *hipérbole*, um. Apesar da presença de outras figuras como *ironia*, *personificação*, *metáfora* e *hipérbole* nos diálogos, a possibilidade de os disfemismos aparecerem constituídos principalmente de outras figuras de linguagem, conforme sugerimos, também de acordo com Dubois *et al.* (1974), Fiorin (1988) e Correia (1927), não se concretizou.

Na análise do *campo semântico/motivação*, terceira variável controlada, encontramos os seguintes temas: *ofensa*, dezoito registros; *maldição*, quatro; *agressividade*, dois; *sanção*, dois; *zombaria*, um; *medo*, um. Na subseção 6.6, discutiremos as variáveis extralinguísticas controladas nesta análise *faixa etária*, *classe social* e *sexo*.

6.6 O Velho da Horta (1512): disfemismos e as variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas selecionadas para a análise foram *faixa etária*, *classe social* e *sexo*. Um número maior de personagens participou desse segundo momento do estudo (parte referente aos disfemismos). Os diálogos ocorreram entre: o velho e a moça (parte 2); o velho e o parvo; o velho e a alcoviteira; o velho e a velha; o alcaide e a alcoviteira; o velho e a mocinha (parte 2). Se as personagens se diversificaram, as falas tornaram-se

campo rico para análise. Nessa, mais do que em nenhuma outra parte da peça, foi possível observar melhor as implicações das relações sociais estabelecidas.

Na correlação da variável *disfemismos* com a *faixa etária*, temos: *faixa I*, onze ocorrências; *faixa II*, uma; *faixa III*, dezesseis registros. Apesar de expressivos nas falas das personagens mais jovens, os disfemismos predominam entre as personagens da *faixa III*. Esse fato contradiz a nossa hipótese de que os mais velhos empregam expressões eufemísticas com maior frequência, mas confirma a proposição de Correia (1927) de que eles são mais liberais com a linguagem.

A relação da variável *disfemismos* com o fator *classe social* apontou: classe *média*, vinte e seis ocorrências; *subalterna*, uma ocorrência e *escrava*, uma. Esse resultado, por um lado, diverge da tese formulada por Bueno (1965) e Abaurre *et al.* (2010), segundo a qual, as expressões mais grosseiras são características da linguagem dos falantes pertencentes às camadas sociais mais baixas. Por outro, acompanha tanto a opinião de Correia (1927), que é taxativo ao dizer que as classes mais cultas são as que mais empregam os disfemismos, quanto reforça a nossa hipótese de que as classes privilegiadas socialmente também utilizam formas consideradas disfêmicas, a depender do contexto, do interlocutor.

Correlacionada a *sexo*, a variável *disfemismos* obteve o seguinte resultado: entre as *mulheres*, dezoito ocorrências, entre os *homens*, dez. Controlamos essas variáveis com o intuito de investigar se são os homens que utilizam os disfemismos com maior frequência. Nossa hipótese não se confirmou, as *mulheres* produzem mais disfemismos que os *homens*. Esse dado contraria também a proposição de Correia (1927), que afirma ser a mulher mais delicada e prudente com vocabulário, os estudos de Silva Neto (1986), cuja constatação é de que a mulher é mais conservadora com a linguagem.

Correlacionados ao fator extralinguístico *faixa etária*, os *processos disfemísticos* resultaram, na *faixa I*: *ironia*, três ocorrências; *personificação*, duas; *prefixação negativa*, três; *metáfora*, duas; *hipérbole*, uma; *deformação*, uma. *Faixa II*, *deformação*, uma. *Faixa III*, *deformação*, nove ocorrências; *prefixação negativa*, três; *metáfora*, duas; *rima*, uma; *ironia*, uma.

Ao relacionarmos os *processos disfemísticos* com a variável *sexo*, encontramos, entre as *mulheres*: *ironia*, quatro ocorrências; *personificação*, duas; *prefixação negativa*, três; *metáfora*, três; *deformação*, cinco; *hipérbole*, uma; *rima*, uma. Entre os *homens*: *deformação*, seis registros, *prefixação negativa*, três; *metáfora*, um.

A correlação dos *processos disfemísticos* com a variável *classe social* apontou, na classe *média*: *ironia*, quatro ocorrências; *personificação*, duas; *prefixação negativa*, seis;

metáfora, quatro; *deformação*, nove; *hipérbole*, uma; *rima*, uma. Na classe *subalterna*: *deformação*, uma. Na classe *escrava*: *deformação*, uma ocorrência.

Na análise do fator *campo semântico/motivação*, encontramos os seguintes temas: *ofensa*, dezoito registros; *maldição*, quatro; *agressividade*, dois; *sanção*, dois; *zombaria*, um; *medo*, um; *ameaça*, um. A correlação da categoria *campo semântico/motivação* com a *faixa etária* aponta, na *faixa I*: sete ocorrências relacionadas à *ofensa*; duas, *sanção*; uma, *maldição* e uma *zombaria*. *Faixa II*: uma referente à *agressividade*. *Faixa III*: *agressividade*, uma; *ofensa*, onze; *maldição*, duas; *medo*, uma; *ameaça*, uma.

A correspondência da categoria *campo semântico/motivação* com a *faixa etária* permitiu-nos observar a relação direta entre as gerações dos mais velhos e a dos mais jovens com as ofensas. A intenção parece ser convencer o velho da sua condição (velhice), possivelmente, para que o mundo não precise fazê-lo. O fator *idade* pôde garantir à moça a ação de disparar ofensas ao velho.

A variável *campo semântico/motivação* correlacionada à *classe social* mostra, no fator *classe social*: *classe média*, *ofensa*, dezoito ocorrências; *agressividade*, duas; *maldição*, quatro; *medo*, uma; *sanção*, duas. Na classe *subalterna*, uma *ameaça*. Na classe *escrava*, uma *zombaria*. A *classe social* das personagens é outro fator extralinguístico que diferencia o tom das conversas. Ao se dirigir ao parvo que veio chamá-lo para voltar para casa, o velho, nervoso, intimida-o: *Vai-te daí, não t'áçoute/Oh! Dou ao decho a chaçona*. Fica evidente a diferença no tratamento do velho dirigido à moça e ao parvo. Ganha expressão o *status social*, motivado pelo poder do velho sobre o parvo, seu escravo.

A concepção do parvo sobre a sua relação com o velho é de possuído/possuidor, de forma que ele não se dirige diretamente e refere-se ao seu “dono” na terceira pessoa, *meu dono está danado/Viu ele o demo no ramo!* Nesse caso, visto que o parvo representa uma personagem de baixo estrato, um criado jovem, encarregado de transmitir mensagens, a nossa hipótese de que o fator *classe social* credencia o surgimento de disfemismos se confirmou.

Na análise da variável *campo semântico/motivação*, correlacionada ao fator *sexo*, temos: entre os homens, *agressividade*, duas ocorrências; *ofensa*, sete; *zombaria*, uma. Entre as mulheres, *ofensa*, onze ocorrências; *maldição*, quatro; *medo*, uma; *ameaça*, uma; *sanção*, duas. O diálogo entre o velho (*faixa III*) e a velha (também *faixa III*) é o momento mais explosivo da peça.

Outro objetivo do estudo consistiu em verificar se as personagens de baixo estrato são as que mais empregam disfemismos. A hipótese de que classes mais privilegiadas socialmente também empregam formas disfêmicas se confirmou. Na peça, em um total de vinte e oito

disfemismos, vinte e seis se concentraram entre as personagens da *classe média*. Dezoito expressões disfemísticas consistem em *ofensas*, mas, apesar de grosseiras, não se incluem nos denominados termos obscenos nem fazem parte do rol dos tidos como palavrões. Desse fato, deduz-se que o disfemismo não é apenas xingamento ou palavra obscena, chula, calão etc.

6.7 Da cordialidade à agressividade: eufemismos versus disfemismos em *O Velho da Horta* (1512)

Conforme dissemos anteriormente, ficamos impossibilitados de apresentar os pressupostos teóricos do eufemismo e do disfemismo conjuntamente na seção fundamentação teórica. Nosso objetivo inicial foi colocar um recurso em confronto com o outro e discutir as características de cada um com base em semelhanças e/ou diferenças que, por acaso, eles tenham. Naquele momento não foi possível, e pela ordem regular das coisas, a análise de cada um no contexto da peça ocorreu, da mesma forma, separadamente. Chegou o momento de fazer um paralelo entre os dois fenômenos.

Na peça *O velho da horta* (1512), encontramos quatorze eufemismos e vinte e oito disfemismos. O processo de construção apresenta-se de modo específico em cada um desses recursos. O eufemismo caracteriza-se principalmente pela sequência (longa) de palavras: *O tempo vos tirou a posse/ Porque são de vos tratado como pássaro em mão dado de um menino/Prática tão avessa da razão*. O disfemismo também funciona em torno de uma quantidade maior de termos *Miolo de coelho mal assado/E essa tosse, amores de sobreposse serão os da vossa idade*, mas, na maioria das vezes, ocorre em torno de um (*endiabradado/desastrado/antichristo/malfadada/peçonha*) ou dois termos (*dona torta/ mal aventurada*), todos com função predicativa.

Nas fórmulas mais longas, o disfemismo aparece, ainda, como maldição. O conjunto de palavras que remetem à injúria confirma as observações de Preti (1983) de que a expressão é mais emotiva e, em geral, não diz respeito à comunicação, e as de Correia (1927), segundo as quais, a cólera conduz à injúria, ao insulto. Os trechos *vossa é a treva* (mocinha para o velho) e *má força que vos enforque/mas que vos tome inda o demo*, estas últimas da velha para o velho, são injúrias e, de fato, não comunicam uma mensagem, não estabelecem um diálogo, apenas revelam a vontade (subjativa, da mocinha e da velha) de que algo negativo aconteça com o velho.

No uso da linguagem eufemística são empregados diferentes operadores argumentativos *Quando estais mais de partida/de quanta riqueza e haver fui sem razão*

dispender mal gastada. Mais (no sentido de proximidade, *com a morte, junto à morte*) e *sem* (no sentido de *privação de juízo*), ambos elementos meramente relacionais (preposições), nesse contexto, referindo-se ao velho, mas atuando em função da retórica. Da mesma forma, *Que cousa é essa?*, pergunta em expressão de valor interjetivo, produz emoção e caracteriza a fala da moça como alguém que não se sente bem naquele ambiente diante das investidas do velho. *Como pássaro em mão dado de um menino* e *O tempo vos tirou a posse* são também recursos que podem ser considerados exemplos de argumentação e de retórica, já que funcionam como uma máxima.

Os disfemismos *Nenhum velho não tem siso natural* e *Vossa alma não é lembrada que vos despede esta vida?* empregados pela moça, são formados por enunciados negativos (no caso do primeiro, uma negativa dupla) e pressupõem outros enunciados afirmativos por parte do velho (*velho é doido/você está morrendo*). Trata-se do uso retórico da negação para veicular aquilo que é de conhecimento público ou deve ser conhecido pelo menos por parte do velho. Por meio da ironia, a moça também faz alusão a elementos ausentes, *loucura* e *morte*.

Na conversa entre o velho e a moça/mocinha predominam os eufemismos e todos são empregados de modo a transmitir serenidade de espírito, cordialidade, confirmando o que diz Correia (1927, p. 758) sobre esse recurso “é o sedativo diante das reações sentimentais das ideias, das coisas feias e desgraçadas”. O velho enaltece as moças porque o que está em jogo é o olhar dele sobre ele mesmo, existe o interesse da conquista. Vemos, pois, a argumentação como estratégia de uso do eufemismo, um recurso retórico empregado pelas personagens para atenuar os fatos e preservar-se perante o outro. As frases do velho para as moças são argumentativas (*Vereis minha sepultura... Porque são de vós tratado...*), já que não se quer assumir responsabilidades que, porventura, recaiam sobre ele. A definição de Caldas Aulete (1965) talvez seja a que melhor define essa condição. ***Eu*** (*bem*, grifo nosso) *phemia* (*falar*).

O diálogo entre o velho e a velha se instaura, por seu turno, em torno de disfemismos. ***Dis*** (oposição, discordar, disjunção, aumento, dissimulação, distenso). Nesse caso, a definição de Azeredo (2010) classifica bem esse recurso “uso de palavra ou expressão considerada grosseira, grotesca, nauseante ou simplesmente desagradável em lugar de outra mais branda ou neutra”. Na discussão, as formas são compostas por prefixos *anti*-(contra, *antichristo*), *des*-(negação ou falta, *desastrada*, *destemperada*) ou pelo sufixos intensificadores *-oso*, *-ão* (*glutão*, *gulosa*, *garanhão*), relacionadas a *-ice* (excesso, *gulodice*), todas ofensas progressivas umas em relação às outras e se referem a comportamentos imoderados, desregrados. Vemos, pois, que existe uma estratégia argumentativa na formação das palavras, nesses últimos trechos, pendendo para o negativo. Existe a intenção de acentuar um sentimento negativo de

modo a provocar tensão e mal-estar, já que não há mais o interesse da conquista. Mais, uma vez, confirma-se o que afirmou Correia (1927, p. 758), o disfemismo é o estimulante, que manifesta crueza, mas tem uma simpatia: “encher de alacridade e de pitoresco as próprias coisas enxabidas e tristonhas”.

O funcionamento do eufemismo e do disfemismo caracteriza-se pelo processo de substituição da expressão e se institui em torno de um fazer retórico que consiste na duplicidade da linguagem. Da mesma maneira que na forma eufêmica *triste velho, em fim dos dias* é equivalente, em termos semânticos, a *triste velho, está morrendo*, na forma disfêmica, *miolo de coelho mal assado* quer dizer *velho doido, sem juízo*. A primeira diferença é que, no eufemismo, não se toma para si a responsabilidade sobre o enunciado, postura que não acontece no disfemismo em que há um enfrentamento, o objetivo é empregar ser agressivo ou irônico.

Outro ponto de interseção entre o eufemismo e o disfemismo: ambos substituem termos tabus. Entre os autores consultados, essa função é um lugar comum para o eufemismo, para o disfemismo não. A possibilidade de o disfemismo representar tabus está expressa em Guérios (1956) e Stumpf (2020). Na análise do texto, encontramos eufemismos substituindo temas como morte (*Vereis a minha sepultura ser chegada/Quando amo mais a vida, m’a tirais*), rejeição à velhice (*O tempo vos tirou a posse*), perdas financeiras (*Eu as pus em pobre sorte*). Encontramos disfemismos em lugar do evento morte (*Vossa alma não é lembrada que vos despede está vida*), mas, principalmente, de nomes de entidades sobrenaturais, nas variações de *demônio*, por exemplo (*Viu ele o demo no ramo/Tanto são mais endiabradas*).

Mais uma diferença entre os dois recursos, a organização linguística interna. No eufemismo, existe um desvio e as formas vão fornecendo pistas do que está escondido (*como pássaro em mãos dado de um menino*), em função, inclusive da intenção argumentativa/retórica; no disfemismo, não existe desvio, já que a intenção é pôr deliberadamente à vista a expressão grosseira (*dona torta/destemperada/garanhão, malfadada*) e a agressividade não está associada ao tamanho da expressão, como bem comprova *Má força que vos enforque*. O quadro 43 resume as características de cada um com base nas semelhanças e/ou diferenças encontradas.

Quadro 43 – Eufemismos *versus* disfemismos

Características	Eufemismos	Disfemismos
Duplicidade da linguagem	<i>Vereis minha sepultura ser chegada.</i>	<i>Miolo de coelho mal assado.</i>
Sequência de palavras	Longa: <i>O tempo vos tirou a posse.</i>	Longa: <i>Vossa é a treva! Má força que vos enforque!</i>
		Curta (injúrias): <i>Endiabradas/desastrado/antichristo/ malfadada/peçonha/garanhão/dona torta/ mal aventurada.</i>
Operadores argumentativos/ Retórica	<i>Quando estais mais de partida.</i>	<i>Nenhum velho não tem siso natural.</i>
Atenção do interlocutor	Eu	O outro
Substituição de termos-tabus	Morte: <i>Vereis a minha sepultura ser chegada.</i>	Morte: <i>Vossa alma não é lembrada que vos despede esta vida.</i> Demônio: <i>Viu ele o demo no ramo/Tanto são mais endiabradas.</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

A análise comprovou outras diferenças e/ou semelhanças entre eufemismos e disfemismos, as quais dizem respeito às marcas de uso nas definições das palavras nos dicionários. Uma vez que eles compõem o segundo *corpus* da nossa pesquisa, consideramos importante tratar separadamente dessa questão. Faremos isso na próxima subseção.

6.8 Dicionários: *há homens tão avessos, que se accendem com o que se devião apagar, apagam-se com o que se devião de acender*

Para este estudo, utilizamos dois *corpora*, a farsa *O velho da horta* (1512) e dicionários monolíngues, do século XVIII ao XXI. Ao longo da apresentação dos eufemismos e disfemismos, mostramos a etimologia, as entradas, o sentido prototípico, a classificação gramatical e os significados de cada verbete. Nesta subseção, trataremos das marcas de uso que acompanham as palavras pesquisadas e que podem sinalizar mudanças no sentido dos verbetes em razão de fatores históricos e sociais. Eis um resumo.

Marca			
Diacrônica	Antiquado	<i>Dona</i>	Silva (1789); Pinto (1832)
Diatópica	Brasileirismo Regionalismo		Caldas Aulete (1965); Ferreira (2009); Houaiss e Villar (2009)
Diastrática	Chulo	<i>Garanhão</i>	Caldas Aulete (1965)

	Familiar	<i>Miolo</i>	Bluteau (1712-1728)
Diaevaluativa	Eufemismo	<i>Demo</i>	Nascentes (1966)
Figurado	Por extensão	<i>Demo</i>	Silva (1789); Pinto (1832); Caldas Aulete (1965); Jucá Filho
		<i>Enforçar</i>	Caldas Aulete (1965)
		<i>Averso</i>	Caldas Aulete (1965)
		<i>Tirar</i>	Caldas Aulete (1965)
		<i>Sepultura</i>	Caldas Aulete (1965); Ferreira (2009); Houaiss e Villar (2009)
		<i>Pássaro</i>	Houaiss e Villar (2009)
		<i>Miolo</i>	Silva (1789); Ferreira (2009)
		<i>Açoutar</i>	Silva (1789); Pinto (1832); Caldas Aulete (1965)
		<i>Destemperado</i>	Silva (1789)
		<i>Guloso</i>	Silva (1789)
		<i>Enforçar</i>	Caldas Aulete (1965)
		<i>Peçonha</i>	Silva (1789); Caldas Aulete (1965); Ferreira (2009); Houaiss e Villar (2009)
		<i>Endiabrado</i>	Silva (1789); Caldas Aulete (1965); Houaiss e Villar (2009)
		<i>Treva</i>	Caldas Aulete (1965); Ferreira (2009); Houaiss e Villar (2009)
		<i>Enleado</i>	Silva (1789); Ferreira (2009); Houaiss e Villar (2009)

Ao analisarmos as marcas, observamos diferenças significativas de um dicionário para o outro, as quais estão relacionadas com mudanças históricas e sociais que afetam a caracterização das palavras. *Dona*, por exemplo, que vai do *antiquado* ao *brasileirismo/regionalismo*, é um indicador dessas diferenças. A marcação *figurado* em termos que formaram eufemismos e os disfemismos, principalmente, é bastante numerosa e importante para o nosso estudo porque mostra que em algum momento histórico a palavra foi empregada com sentidos mais abstratos.

Se tomarmos o Vocabulário Português e Latino, observamos que, já em Bluteau, *conselho*, *sepultura*, *pássaro*, *torta*, *demo* são formadoras de adágios. Embora não esteja

explícita a caracterização *figurado* nessas palavras, a elas se acrescentam acepções que se distanciam do sentido comum. *Miolo* aparece nesse dicionário como *familiar*, um indício de que se trata também de termo figurado. *Miolo* também é figurado em Silva e Ferreira. *Açoutar* é figurado em Silva, Pinto e Caldas Aulete e metáfora em Houaiss e Villar. *Garanhão* é figurado em Bluteau, Silva e Ferreira e chulo em Caldas Aulete. *Demo* é eufemismo em Nascentes (1966), figurado em Silva e Houaiss e Villar e familiar em Silva, Pinto, Caldas Aulete e Jucá Filho.

Outra observação são as acepções *miolo* de *coelho* mal assado, *peçonha* e *garanhão* (analogia com cavalo). Nessas designações, aparecem sentidos que relacionam o homem ao animal, para caracterizá-lo no campo psicológico, condição que envolve uma avaliação das emoções, das qualidades físicas e morais. Algumas palavras podem ter criado embaraços para alguns autores. *Garanhão*, por exemplo, que está registrado em Bluteau (*homem luxurioso*), é mantido em Silva (*putanheiro*), aparece caracterizado *chulo* em Caldas Aulete (1965), que traz equivalentes semânticos mais agressivos (femeiro, homem libidinoso), e mantido em Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009).

Jucá Filho (1966), que raramente apresenta abonações em seu dicionário, parece ter enfrentado dificuldades com algumas palavras. O sentido de *demo* vem acompanhado não apenas de uma, mas de duas abonações: Alencar, *Que o leve o demo*, e Camões, *Sinal lhe mostra o demo verdadeiro*. Bluteau (1712-1728), que demonstra não ter qualquer dificuldade com o seu Vocabulário, cita Vieira para explicar o sentido de *partida* *Nos homens a hora da partida é o fim do amor*, mas recorre a Plauto e o inclui na definição de *guloso*, *Chama Plauto a uma mulher golosa (sic) e amiga de bons bocados*.

Diante disso, uma reflexão, palavras como *garanhão* e *peçonha*, por terem se tornado usuais, talvez, hoje, não tenham mais o status de figura de linguagem, já que perderam em novidade quanto à associação de ideias que despertavam. Tal constatação comprova a defesa de Kröll (1984, p. 12), que afirma “o que hoje é um eufemismo, amanhã já pode ser um disfemismo” e de Fiorin (2019), que cita *falecer* para mostrar que essa palavra não causa nos dias atuais nenhuma ampliação de sentido, portanto, não é mais um eufemismo.

Por último, se, como argumenta Fiorin (1988), os metalogismos (as figuras de linguagem) não estão registrados em dicionários e são criados no “aqui e agora”, é a construção do sentido da palavra que vai determinar os seus efeitos. Isso nos mostra que, além da construção gramatical, além da derivação, existem na língua relações particulares entre as palavras, devido a associações subjetivas e figuradas. Passemos às considerações finais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo neste estudo foi estudar eufemismos e disfemismos à luz da Sociolinguística Histórica. Para tanto, utilizamos dois *corpora*, a farsa *O velho da horta*, de Gil Vicente, texto representativo do século XVI, e dicionários monolíngues da língua portuguesa, do século XVIII ao XXI. A análise pautou-se na perspectiva da mudança linguística por meio dos processos eufemísticos e disfemísticos.

Na análise dos eufemismos, selecionamos três variáveis linguísticas: *eufemismos*, *processos eufemísticos* e campo *semântico/motivação*. Encontramos um total de quatorze expressões eufemísticas. Os eufemismos, a primeira variável linguística analisada, são formados com base em substantivos, verbos e locuções. Nos resultados, observamos que os processos de construção são frequentemente os mesmos e têm uma constante comum: indicar circunstância de tempo e modo.

A segunda variável linguística analisada foi *processos eufemísticos*. Os resultados mostram a realização de eufemismos nos campos lexical, estilístico e sematológico. Observamos que o eufemismo se realiza principalmente por meio de outras figuras de linguagem, dado que nos mostra uma constante nos processos de construção dos eufemismos na farsa de Gil Vicente. A nossa hipótese sobre essa variável linguística se confirmou, já que predominou nos mecanismos o campo *sematológico*.

A análise da terceira variável linguística, *campo semântico/motivação*, mostra um resultado diferente da nossa hipótese. Nossa proposição inicial foi que o evento *morte* predominaria entre os eufemismos. *Rejeição à velhice/delicadeza* é a categoria semântica predominante na farsa, seguida de *morte/tabu*, *perdas financeiras* e *tristeza diante da velhice*.

As variáveis extralinguísticas controladas na análise dos eufemismos foram *faixa etária*, *classe social* e *sexo*. O confronto da variável linguística *eufemismo* com a extralinguística *faixa etária* mostrou-nos que as personagens homens, faixa III são as que mais empregam eufemismos. Da mesma forma, a variável *eufemismo* comparada à variável *sexo* indicou que, entre os homens, o número de ocorrências de eufemismos é maior, contrariando a nossa hipótese de que as mulheres e a faixa III usariam um vocabulário mais eufêmico.

Os resultados sobre a correlação dos *processos eufemísticos* com os fatores extralinguísticos *faixa etária* e *sexo* mostram que o campo estilístico predomina entre os homens, faixa III. A observação da correspondência entre o fator *campo semântico/motivação* e a *faixa etária* mostrou que *rejeição à velhice* é um tema que prevalece nas personagens da

faixa I. A análise da variável *campo semântico versus sexo* traz o mesmo resultado, as personagens mulheres, mais do que os homens, concentram-se na categoria *rejeição à velhice*.

Na análise dos eufemismos, uma vez que o diálogo se concentrou entre três personagens, duas da *faixa I*, mulheres, e o velho, *faixa III*, não existem dados sobre as variáveis extralinguísticas na faixa II. A correlação das variáveis *eufemismo/classe social*, *processos eufemizantes/classe social* e *campo semântico/classe social* também foi improdutivo porque as três personagens pertencem à mesma classe social.

A segunda parte da análise concentrou-se na identificação dos disfemismos. Encontramos vinte e oito expressões disfemísticas em *O velho da horta* (1512). Contribuíram para a formação desses recursos linguísticos, substantivos, verbos e adjetivos. Conforme mostramos ao longo deste estudo, a construção dos disfemismos envolve outros mecanismos, trata-se de um processo diferente do que ocorre com os eufemismos.

O controle da segunda variável linguística, *processos disfemísticos*, mostrou-nos que a deformação é o mecanismo responsável pela maior parte dos disfemismos. A nossa hipótese de que prevaleceriam os disfemismos constituídos de outras figuras de linguagem não se concretizou. Na análise do *campo semântico/motivação*, terceira variável linguística observada, o tema *ofensa* lidera entre os disfemismos.

As variáveis extralinguísticas selecionadas para a análise dos disfemismos foram *faixa etária*, *classe social* e *sexo*. Na correlação da variável *disfemismos* com a *faixa etária*, encontramos um resultado que mostra que a *faixa III* é a que mais emprega disfemismos. Esse dado contradiz a nossa hipótese de que as personagens mais velhas empregam expressões eufemísticas com maior frequência.

A relação da variável *disfemismos* com o fator *classe social* mostrou que a classe *média* é a que mais emprega expressões disfêmicas. Esse resultado reforça a nossa hipótese de que as classes privilegiadas socialmente também utilizam formas consideradas disfêmicas, a depender do contexto, do interlocutor.

Comparada à variável *sexo*, a variável *disfemismos* lidera entre as *mulheres*. Controlamos essas variáveis com o intuito de investigar se são os homens que utilizam os disfemismos com maior frequência. Nossa hipótese não se confirmou, as *mulheres* produzem mais disfemismos que os *homens*.

Correlacionados ao fator extralinguístico *faixa etária*, o *processo disfemístico* por meio do recurso da deformação lidera na *faixa III*. Ao relacionarmos os *processos disfemísticos* com a variável *sexo*, encontramos a liderança da deformação também entre os

homens. A correlação dos *processos disfemísticos* com a variável *classe social* apontou a ascendência do recurso da deformação na classe *média*.

A análise do fator *campo semântico/motivação* mostra que a *ofensa* é o tema predominante na realização dos eufemismos. A correlação da categoria *campo semântico/motivação* com a *faixa etária* evidencia o mesmo resultado, a liderança da *ofensa* na faixa III. A variável *campo semântico/motivação*, correlacionada à *classe social*, demonstra que a *ofensa lidera na classe média*. A nossa hipótese de que o fator *classe social* credencia um número maior de ocorrências de disfemismos se confirmou.

Na análise da variável *campo semântico/motivação*, correlacionada ao fator *sexo*, verificamos que a *ofensa* lidera entre as personagens mulheres. Outro objetivo do estudo consistiu em verificar se as personagens da classe média são as que mais empregam disfemismos. A hipótese de que as classes mais privilegiadas socialmente na peça empregam formas disfêmicas se confirmou. Uma importante observação é a influência do contexto nas falas das personagens. O velho tem posturas diferentes em relação às moças (zelo) e à velha (agressividade). Vemos que a circunstância influencia o diálogo e não se trata de “sala ou cozinha”, mas com quem se dialoga. A situação contribuiu para uma avaliação mais eficaz das palavras.

Em *O velho da horta* (1512), Gil Vicente traz um tema antigo e atual, um velho que se apaixona por uma jovem, uma temática que se desenvolve em torno da velhice, uma rede de sentidos criada já no título, com a oposição entre *velho* (antigo, idoso, senil, caduco, decrepito, vetusto; usado, gasto; antiquado, obsoleto) e *horta* (jardim destinado às hortaliças e legumes, representa o verde, o frescor). De um lado, a juventude (representada pelas figuras da moça e da mocinha), de outro, o desespero diante da velhice (representado pelas figuras do velho), a sensação de abandono (representada pela figura da velha) e os estigmas: a vontade de agarrar-se à vida, o medo da morte, perdas financeiras.

Podemos tecer algumas conclusões a respeito do conjunto das categorias/campos semânticos analisados. O estudo dos eufemismos e disfemismos em *O velho da horta* mostrou-nos que a vida das palavras se torna um reflexo da vida social. Na peça, os temas *morte*, *velhice* e *perdas financeiras* são tabus linguísticos, por isso, proibidos. Outra constatação foi a realização de disfemismos por meio de palavras injuriosas. O contexto da peça em que o velho e a velha discutem favoreceu o emprego de palavras que expressam sentimento brusco e violento, a impaciência é uma reação à intensidade das circunstâncias. A situação emocional das personagens determinou o emprego de um número maior de expressões disfemísticas.

O estudo dos dicionários, nosso segundo *corpus* de análise serviu para verificarmos etimologia, entradas, sentido prototípico, estrutura, classificação gramatical e significados de cada verbete, além das marcas de uso. Serviu ainda para comprovarmos que, aparentemente “isoladas” nos dicionários, no texto, as palavras podem evocar a subjetividade, o figurativo. Partimos da análise dos recortes dos diálogos e, com base na leitura desse material, encontramos o primeiro significado das expressões, abonações, observamos as mudanças na língua no decorrer do tempo e fizemos inferências sobre crenças, valores e atitudes dos autores. Verificamos que os eufemismos e disfemismos não estão prontos em dicionários, são construídos no “aqui e agora”, em tempo real, em função de escolhas lexicais e gramaticais.

Na realização dos eufemismos e disfemismos, são utilizados operadores argumentativos que funcionam como mecanismos retóricos. Por meio da seleção gramatical e lexical estabelecem-se, ora a atenuação, o desvio (eufemismos), ora o enfrentamento, a agressividade (disfemismos). Com a intenção de argumentar, as palavras são colocadas no texto de forma estratégica e mudam de forma, de sentidos, para criar efeitos e adquirir valores determinados pela relação sociedade/língua. A escolha dos termos sempre tem uma carga argumentativa. É a sociedade que vai determinar essas escolhas, por questões culturais, religiosas, sociais, tabus etc.

A análise das variáveis linguísticas dos eufemismos e disfemismos nos mostra que existem relações de significado, morfológicas, sintáticas e de derivação entre as palavras, mas que elas não estão ali gratuitamente, já que são estabelecidas outras relações (subjetivas, figurativas) que nós leitores, dado o “contrato enunciativo”, podemos perceber, na peça em questão, podemos identificar a sensação, “a alma da figura”, seja para evitar ideias, sentimentos incômodos, seja para o enfrentamento, o desejo de agredir, de querer ser violento com o outro por meio das palavras.

Na análise da peça *O velho da horta* (1512), observamos que existe uma preferência por formas eufemísticas que remetem à *morte*. Esse tema reaparece com muita frequência na fala de algumas personagens. Verificamos também que não existe um corte abrupto dentro do que denominamos eufemismo/disfemismo, já que o contexto e os falantes definirão a presença de um ou de outro recurso. Mostram ainda que o tema *morte* escamoteia outro, a *velhice*. Conforme pudemos observar, são muitas as estratégias no texto para (não) nomeá-la. *O velho da horta* (1512) apresenta-nos, ainda que de forma caricaturada, um contexto que demonstra o que pode ser o estado de idade avançada na nossa sociedade e de que maneira lidamos com ela.

A importância desta pesquisa reside em vários fatores: i) reunir uma discussão que mostra que a realização de eufemismos e disfemismos é um fator de mudança linguística; ii) possibilitar a análise de processos de construção, efeitos de sentidos e intenções dos eufemismos e disfemismos, fenômenos cada vez mais comuns nas relações sociais; iii) divulgar a produção literária de Gil Vicente, uma documentação representativa do século XVI que pode nos ajudar a entender diferentes fenômenos linguísticos no português ao longo do tempo; iv) destacar a importância dos dicionários de línguas nas pesquisas de maneira geral. Por fim, temas como eufemismos e disfemismos, associados a atitudes como polidez, cortesia, ou, na perspectiva da competência social, sociolinguística interacional e contexto, são sugestões para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza *et al.* **Gramática – texto: análise e construção de sentido**. São Paulo: Moderna, 2010.
- ABRAHAM, Werner. **Diccionario de Terminologia Lingüística Actual**. Madrid: Gráficas Córdor, 1981.
- AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de. C.R. 1676-1749. **Regras da Lingua Portuguesa, Espelho da Lingua Latina, ou disposição para facilitar o ensino da lingua Latina pelas regras da Portuguesa...** Clerigo Regular, e Academico da Academia Real da Historia Portuguesa. Muyto accrecentada, e correcta. Segunda impressão. Lisboa Occidental: na Officina da Musica, 1725. [24], 356, [4] p. ; 8º (15 cm). Disponível em: <https://purl.pt/10>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BARROS, João. **Grammatica da lingua portuguesa**. Olyssipone *apud* Lodouicum Rotorigiu [m], Typographum, 1546. Disponível em: https://purl.pt/12148/6/res-5658-1-p_PDF/res-5658-1-p_PDF_24-C-R0150/res-5658-1-p_0000_capa-60v_t24-C-R0150.pdf. Acesso em: ago. 2021.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981. Originalmente publicado sob o pseudônimo de Valentin Nikolaïevitch Volochinov.
- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes: Universidade de Campinas, 1988.
- BERLINCK, Rosane de Andrade; BARBOSA, Juliana Bertucci; MARINE, Talita de Cássia. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico a língua. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 2, 2017. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/995>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- BLIKSTEIN, Izidoro. **Dictionnaire de Linguistique**. São Paulo: Larousse, 1973.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 8 v. Versão digital disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>. <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/1/euphonia>. Acesso em: 3 set. 2022.

BORGES, Paulo Ricardo Silveira; KELLER, Tatiana. Proposta metodológica de descrição e análise de fenômenos variáveis em textos históricos na perspectiva da Sociolinguística Histórica. **Revista Letras**, n. 60, jun.2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/1609>. Acesso em: 3 set. 2022.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BUENO, Francisco da Silveira. **Estudos de Filologia Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1954.

BUENO, Francisco da Silveira. **Tratado de semântica brasileira**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1965.

BUENO, Francisco da Silveira. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva & Cia, 1968.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Edições Fortaleza, 1972.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática reflexiva**: texto, semântica e interação. 3. ed. São Paulo: Atual Editora, 2013.

CHAMIZO DOMÍNGUEZ, Pedro J. La función social y cognitiva del eufemismo y del disfemismo. **Panace@**, v. 5, n. 15, p. 45-51, 2004.

CHORRO, Bartolomeu Rodrigues. **Cvriosas advertencias da boa grammatica no compendio & exposição da Arte do Padre Manoel Alvarez em lingua Portuguesa**: o que mais contem este livro se verá na volta desta folha. Lisboa: Del Rey N. Senhor, 1643. Disponível em: https://purl.pt/22249/4/1-331-p_PDF/1-331-p_PDF_24-C-R0150/1-331-p_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf. Acesso em: 15 jan. 2023.

COELHO, Francisco Adolpho. **A lingua portugueza**: phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe. Coimbra, 1868.

COELHO, Francisco Adolpho. **Noções elementares de grammatica portuguesa**. Porto:Lemos e Cia, 1891.

CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo. **Sociolinguística histórica**. Madrid: Gredos, 2007.

CORREIA, João da Silva. **O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa**. Lisboa: Arquivo da Universidade de Lisboa, 1927.

COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

DUBOIS, Jean. *et al.* **Retórica Geral**. Tradução de Carlos Felipe Moisés, Duílio Colombini e Elenir de Barros. São Paulo: Cultrix: Editora da USP, 1974.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (Coleção Na Ponta da Língua, v. 12).

FARACO, Carlos Alberto. MOURA, Francisco Marto de. **Gramática**. São Paulo: Ática, 1997.

FERREIRA, Antonio Celso. A classificação das lições no cotejo da edição de 1586 da Compilação de todas as obras de Gil Vicente: a diferenciação entre erros de cópia e as emendas do censor. **Revista da ABRALIN**, v. 16, n. 3, 2017. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/440>. Acesso em: 06 março 2024.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura – a fonte fecunda. *In*: LUCA, T. R.; PINSKY, C. B. (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-92.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FIGUEIREDO, Manuel de Andrade de. 1670-1735. **Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar**. Offerecida á Augusta Magestade do Senhor Dom João V. Rey de Portugal. Primeira parte. Mestre desta Arte nas cidades de Lisboa Occidental, e Oriental. Lisboa Occidental: na Officina de Bernardo da Costa de Carvalho, Impressor do Serenissimo Senhor Infante, 1722. [18], 156 p., 44 f. grav. a buril : il., ; 2º (31 cm). Disponível em: <https://purl.pt/107>. Acesso em: 15 jan. 2023.

FIORIN, José Luiz. As figuras de pensamento: estratégia do enunciador para persuadir o enunciatário. **Alfa**, São Paulo, v. 32, p. 53-67, 1988.

FIORIN, José Luiz. A linguagem politicamente correta. **Linguasagem**, São Carlos, v. 1, p. 1-4, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2019.

GANDAVO, Pêro de Magalhães. **Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa**: com o diálogo que adiante se segue em defesa da

mesma língua. Introd. Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981. Disponível em: <https://purl.pt/324>. Acesso em: 15 jan. 2023.

GENETTE, Gérard. **Figures**, Éditions du Seuil. São Paulo: Perspectiva, 1966.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

GÓES, Carlos. **Diccionario de affixos e desinências**. Rio de Janeiro: Briguiet e C&a Editores, 1913.

GUÉRIOS, Mansur. **Tabus linguísticos**. Rio de Janeiro: Edição da “Organização Simões”, 1956. (Coleção “Rex”).

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

HALLIDAY, Tereza Lúcia. **O que é Retórica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

JUCÁ FILHO, Cândido. **Dicionário escolar das dificuldades da Língua Portuguesa**. 2. ed. Brasília: MEC, 1965.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

KRÖLL, Heinz. **O eufemismo e o disfemismo no português moderno**. Portugal: Biblioteca Breve, 1984.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de retórica literária**. Trad. R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2004.

LEÃO, Duarte Nunes de. **Orthographia da Lingva Portvgvesa**. Lisboa: João de Barreira, 1576. Disponível em: <https://purl.pt/15>. Acesso em: 20 fev. 2021.

LEÃO, Duarte Nunes de. **Origem da lingoa portvgvesa**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1606. Disponível em: <http://purl.pt/50>. Acesso em: 20 fev. 2021.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Editorial Confluência, 1967. v. 2.

MARTIN, Robert. Linguística histórica. In: MARTIN, Robert. **Para entender a linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 135-160.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da Linguística Histórica**: “ouvir o inaudível”. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEILLET, Antoine. **Como as palavras mudam de sentido**. (Edição bilíngue e crítica). São Paulo: EDUSP, 2016. Org.: Rafael Faraco Benthien e Marcos Soares Palmeira.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à Filologia Portuguesa**. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1951.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura portuguesa**. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 1960. 1ª edição.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 2. ed. rev. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico resumido** — Instituto Nacional do Livro — Ministério da Educação e Cultura, 1966.

OBRAS de Gil Vicente. Porto: Edição de Lello, 1965.

OLIVEIRA, Bento José de. **Nova Grammatica Portuguesa**. 13. ed. Coimbra: Livraria de J. Augusto Orgel, 1862.

OLIVEIRA, Fernão de. **Grammatica da lingoagem portuguesa**. Lixboa: e[m] casa d'Germão Galharde, 27 Ianeyro 1536. Disponível em: https://purl.pt/120/4/res-274-v_PDF/res-274-v_PDF_24-C-R0150/res-274-v_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf. Acesso em: 24 mar. 2021.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Linguística Histórica. In: PFEIFFER, Claudia; NUNES, José Horta. (org.). **Introdução às Ciências das Linguagem**: Língua, Sociedade e Conhecimento. Campinas: Pontes, 2006. v. 3, p. 11-48. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4468844/mod_resource/content/1/PAIXAOdeSOUSA_LinguisticaHistorica.pdf. Acesso em: 24 mar. 2021.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Linguística Histórica do português**: a Língua Portuguesa em textos fundamentais do século XVIII e da transição para o XIX. São Paulo: USP, 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/240169/mod_resource/content/2/LH_2014_Tema_II_XVIII_XIX.pdf. Acesso em: 24 mar. 2021.

PASCHOALIN, Maria Aparecida; SPADOTO, Neusa Terezinha. **Gramática**: teoria e exercícios. São Paulo: Editora FTD, 2014. Edição renovada.

PEREIRA, Bento. **Regras geraes, breves, e comprehensivas da melhor ortografia, com que se podem evitar erros no escrever da Lingua Latina, e Portugueza, para se ajunta à Prosódia**. Lisboa: Domingos Carneiro, 1666. Disponível em: https://purl.pt/29112/4/res-6515-p_PDF/res-6515-p_PDF_24-C-R0150/res-6515-p_0000_1-120_t24-C-R0150.pdf. Acesso em: 24 mar. 2021.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica expositiva**. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1919.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-Tyteca, Lucie. **Tratado de Argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da língua brasileira**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

POSSENTI, Sírio. A linguagem politicamente correta e a análise do **discurso**. *Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 125-142, jul./dez. 1995.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1982.

PRETI, Dino. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

RAJAGOPALAN, K. Sobre o porquê de tanto ódio contra a linguagem “politicamente correta”. In: SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo (org.). **O direito à fala: a questão do preconceito linguístico**. Florianópolis: Ed. Insular, 2002. p. 93-102.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. **Serões grammaticaes**. 3. ed. Salvador: Livreiro Editor Bahia, 1919.

RIBEIRO, Júlio. **Grammatica Portuguesa**. São Paulo: Teixeira & Irmão Editores, 1881. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstreams/2f21ce43-6e99-4ad6-97a7-cf31bc14a825/download>. Acesso em: 24 mar. 2021.

ROCHA, Carlos A. de Macedo; ROCHA, Carlos E. Penna. **Dicionários de locuções e expressões da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1962.

ROMAINE, Suzanne. **Socio-historical linguistics: its status and methodology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

ROSA, Eliane da. Sociolinguística histórica. **Revista de Letras**, Curitiba: UTFPR, v. 17, n. 21, jul./dez. 2015.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da Língua Portuguesa**. Porto Editora, 17. ed. 2000.

SARMENTO, Leila Lauar. **Gramática em textos**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

SILVA, Antonio Moraes. **Diccionario da lingua portuguesa: recompiledo dos vocabulários impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA**. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789. Versão digital disponível em: <https://www.bbm.usp.br/en/dicionarios/>. Acesso em: ago. 2021.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. A concordância na “língua de preto” em Gil Vicente. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo: USP, v. 13, n. 1, p. 136-138, 2003. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1818>. Acesso em: 18 jan. 2019.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da filologia portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

STUMPF, Elisa Marchioro. **No limite do diálogo: eufemismo e enunciação em Émile Benveniste**. 2017. 118 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

STUMPF, Elisa Marchioro. Eufemismo: um fenômeno multifacetado no cruzamento entre língua e cultura. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 1-12, abr./jun. 2020.

TEYSSIER, Paul. **A língua de Gil Vicente**. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2005.

ULLMANN, Stephen. **Semantica: Introduccion a la ciência del significado**. Madrid: Aguilar, 1970.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2017.

VICENTE, G. **Obras-primas do teatro vicentino**. Introdução, organização e comentários de Segismundo Spina. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de, O. F. M. 1744-1822. **Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram**: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam. Publicado em benefício da litteratura portugueza por Fr. Joaquim de Santa Rosa Viterbo. 2. ed. revista, correcta e copiosamente addicionada de novos vocábulos, observações e notas críticas com um índice remissivo. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865. 2 v. Disponível em: <https://purl.pt/13944>. Acesso em: agosto de 2022.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William.; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-187.